



ANO 2006

VOL. 191

ANAIS
DA
ACADEMIA BRASILEIRA
DE
LETRAS



JANEIRO A JUNHO DE 2006
RIO DE JANEIRO

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS

DIRETORIA DE 2006

Presidente: *Marcos Vinícios Vilaça*
Secretário-Geral: *Cícero Sandroni*
Primeira-Secretária: *Ana Maria Machado*
Segundo-Secretário: *José Murilo de Carvalho*
Tesoureiro: *Antonio Carlos Secchin*
Diretor das Bibliotecas: *Murilo Melo Filho*
Diretor do Arquivo: *Sergio Paulo Rouanet*
Diretor dos *Anais da ABL*: *Eduardo Portella*
Diretor da *Revista Brasileira*: *João de Scantimburgo*
Diretor das Publicações: *Antonio Carlos Secchin*

Monique Mendes – Produção editorial / Organização dos *Anais da ABL*
Revisão – *Paulo Teixeira*

Sede da ABL: Av. Presidente Wilson, 203 – 4º andar
Castelo – 20030-021 – Rio de Janeiro – RJ – Brasil
Tel.: (0xx21) 3974-2500 / Fax: (0xx21) 2220-6695
Correio eletrônico: publicacoes@academia.org.br

(Este volume foi editado no 2º semestre de 2007)

ISSN 1677-7255

A Academia Brasileira de Letras não é responsável pelas opiniões manifestadas nos trabalhos assinados em suas publicações.

Capa
Victor Burton

Editores eletrônicos
Maanaim Informática Ltda.

SUMÁRIO

ANO 06	VOL. 191
Iº Semestre	Págs.
– Sessão do dia 9 de março de 2006.....	9
Termo de comodato entre a ABL e a Prefeitura do Rio de Janeiro....	16
– Sessão do dia 21 de março de 2006.....	21
Discurso de adeus a Josué Montello – <i>Palavras do Presidente Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça</i>	24
Sessão de saudade dedicada à memória de Josué Montello	26
– Sessão do dia 23 de março de 2006.....	71
Rodolfo Alonso e as Palmas Acadêmicas – <i>Palavras do Acadêmico Lêdo Ivo</i>	77
– Sessão do dia 30 de março de 2006.....	81
A arte desinibida de ler – <i>Artigo de Sergio Martins</i>	91
Medalha João Ribeiro ao Sr. Geraldo Jordão Pereira – <i>Proposta do Acadêmico Murilo Melo Filho</i>	95
Prêmio ABL de Literatura Infanto-Juvenil – 2006 – <i>Parecer da Comissão</i>	97
Alcântara Machado – <i>Estudo do Acadêmico Ivan Junqueira</i>	99

– Sessão do dia 6 de abril de 2006	103
A arte do romance – Apresentação ao livro <i>Tambores de São Luís</i> de Josué Montello, na edição comemorativa da Nova Fronteira, no ano de 2005.....	113
Josué Montello – <i>Artigo de Wilson Martins</i>	116
Um pensador original – <i>Estudo apresentado pelo Acadêmico Helio Jaguaribe</i>	120
Prêmio Machado de Assis – 2006 – <i>Parecer da Comissão</i>	123
Manuel Bandeira – <i>Estudo do Acadêmico Antonio Carlos Secchin</i> ..	124
– Sessão do dia 12 de abril de 2006	127
Prêmio Senador José Ermírio de Moraes – <i>Parecer da Comissão</i>	131
Joaquim Manuel de Macedo – <i>Estudo apresentado pelo Acadêmico Murilo Melo Filho</i>	133
– Sessão do dia 20 de abril de 2006.....	139
Sessão de saudade dedicada à memória de Miguel Reale	141
– Sessão do dia 27 de abril de 2006.....	173
Prêmio ABL de História e Ciências Sociais – 2006 – <i>Parecer da Comissão</i>	185
Prêmio ABL de Poesia – 2006 – <i>Parecer da Comissão</i>	187
Centenário de nascimento de João Lyra Filho – <i>Palavras do Acadêmico Murilo Melo Filho</i>	189
Afrânio Coutinho – <i>Estudo apresentado pelo Acadêmico Evanildo Cavalcante Bechara</i>	190
– Sessão do dia 4 de maio de 2006	193
Biblioteca Rodolfo Garcia e o patrocínio Petrobras – <i>Palavras do Acadêmico Murilo Melo Filho</i>	198
Observações sobre o capítulo “Na Academia” do livro <i>Machado de Assis um Gênio Brasileiro</i> de Daniel Piza – <i>Palavras do Acadêmico Alberto Venancio Filho</i>	200
O Iluminismo no Brasil – <i>Palavras do Acadêmico José Murilo de Carvalho</i>	203

– Sessão Extraordinária do dia 4 de maio de 2006.....	205
Visita do Ministro da Cultura Gilberto Gil.....	207
– Sessão do dia 11 de maio de 2006.....	245
Olavo Drummond – <i>Palavras do Acadêmico Murilo Melo Filho</i>	251
Centenário de morte de Machado de Assis – Ata da Reunião – <i>Palavras do Acadêmico Antonio Olinto</i>	253
Presença de Zora – <i>Artigo de Antonio Olinto</i>	255
Raimundo Correia – <i>Estudo apresentado pelo Acadêmico Lêdo Ivo.</i>	258
– Sessão do dia 18 de maio de 2006.....	263
Marques Rabelo – <i>Estudo apresentado pelo Acadêmico Alberto Venancio Filho</i>	266
– Sessão do dia 25 de maio de 2006.....	275
Prêmio ABL de Ensaio, Crítica e História Literária – 2006 – <i>Pare- cer da Comissão</i>	283
Vida e Obra de Rodolfo Garcia – <i>Estudo apresentado pelo Acadêmico Antonio Olinto</i>	286
– Sessão do dia 1.º de junho de 2006	291
Concessão da Medalha João Ribeiro a Janete Costa – <i>Proposta do Acadêmico Cícero Sandroni</i>	297
Decreto n.º 25558 – <i>Lido pelo Acadêmico Antonio Olinto</i>	299
América Latina – <i>Palavras do Acadêmico José Murilo de Carvalho</i> ..	301
Luís Viana Filho – <i>Estudo do Acadêmico Murilo Melo Filho</i>	303
Prêmio ABL de Ficção – 2006 – <i>Parecer da Comissão</i>	310
– Sessão do dia 8 de junho de 2006.....	311
Prêmio ABL de Tradução – 2006 – <i>Parecer da Comissão</i>	317
<i>Machado de Assis em Mato Grosso, Homenagem na Assembléia Legislativa do Mato Grosso – Palavras do Acadêmico Murilo Melo Filho</i>	318
– Sessão do dia 14 de junho de 2006	319
Machado de Assis: Reflexões avulsas – <i>Estudo do Acadêmico Sergio Paulo Rouanet</i>	324

Carta do Sr. Mauro Sales – <i>Cancelamento de inscrição para a Cadeira n.º 29</i>	333
– Sessão do dia 20 de junho de 2006	335
– Sessão do dia 29 de junho de 2006	339
Caminhos abertos pela crítica textual – <i>Artigo de Evanildo Bechara</i> ..	347
Vida e obra de Américo Lacombe – <i>Estudo de Antonio Carlos Secchin</i>	350
BOLETINS DE INFORMAÇÃO.....	353

SESSÃO DO DIA 9 DE MARÇO DE 2006

Sob a presidência do Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça, estiveram presentes os Acadêmicos: Cícero Sandroni, Secretário-Geral; Ana Maria Machado, Primeira-Secretária; José Murilo de Carvalho, Segundo-Secretário; Antonio Carlos Secchin, Diretor-Tesoureiro; Murilo Melo Filho, Diretor da Biblioteca; Sergio Paulo Rouanet, Diretor do Arquivo; Eduardo Portella, Diretor dos *Anais da Academia Brasileira de Letras*; Affonso Arinos de Mello Franco, Alberto da Costa e Silva, Alberto Venancio Filho, Antonio Olinto, Arnaldo Niskier, Candido Mendes de Almeida, Carlos Nejar, Evanildo Cavalcante Bechara, Pe. Fernando Bastos de Ávila, Helio Jaguaribe, Ivan Junqueira, Lêdo Ivo, Moacyr Scliar, Sábato Magaldi e Tarcísio Padilha.

- O Presidente Marcos Vinícios Vilaça declarou aberta a primeira sessão ordinária do ano de 2006. Disse que foi extremamente gratificante assumir a Presidência da Academia e ter encontrado a Casa em ordem. Sentar na Cadeira da presidência exige uma extrema responsabilidade, mas é uma honra muito grande que passa como patrimônio único aos filhos. Sobre tudo a memória do filho que perdeu. Disse que não pleiteou a presidência para ser presidente, mas para atender a uma angústia de procurar um meio qualquer que pudesse, dentro dos limites que lhe são impostos pela inteligência, servir à Academia. A história desta Casa é de competência e respeito. Disse que essa fala inicial é apenas uma fala de comunicações. O que tinha para dizer do que entende como papel de presidente da

Academia, o fez no discurso de Posse. Tem por hábito fazer as comunicações e deixar o tempo o mais aberto possível, para o desempenho dos acadêmicos daquilo que é precípua na vida da Academia: a discussão da vida cultural. As questões administrativas são, em sua grande maioria, de competência da Diretoria, e a Diretoria decidiu que vai cumprir esse dispositivo regimental e usar o maior tempo possível para as questões culturais. Comunicou que o Supremo Tribunal Federal realiza, na segunda-feira, pela primeira vez na sua história, uma sessão em homenagem a uma Entidade brasileira. O Supremo abre o seu plenário para receber a Academia, e a motivação é a homenagem aos acadêmicos que lá foram ministros. Falará pela Academia o Acadêmico Alberto Venancio Filho e pelo Supremo Tribunal Federal o Ministro Eros Grau. Alguns acadêmicos, por iniciativa pessoal, estarão presentes. Disse que fará um brevíssimo discurso e o Ministro Nelson Jobim encerrará a sessão. Prosseguindo, falou que esteve em Portugal em viagem de natureza particular. Visitou o presidente eleito Aníbal Cavaco Silva e dessa conversa trouxe as preocupações dele a respeito da questão do Acordo Ortográfico. Empenhou-se muito por isso, mas sente que ainda não teve a densidade desejável a despeito de estar referendado pelos parlamentos brasileiro, português e de Cabo Verde. Teve a satisfação de ouvir do Presidente Cavaco Silva belas palavras a respeito dos Acadêmicos José Sarney e Alberto da Costa e Silva. O Presidente Cavaco Silva visitará a Academia Brasileira de Letras, cumprindo uma tradição dos presidentes portugueses em viagem ao Brasil. Lembrou, também, que esteve na Academia de Ciências de Lisboa, onde acertou a realização de uma sessão conjunta da Academia das Ciências de Lisboa e da Academia Brasileira de Letras, em 19 de outubro. Esse encontro constaria de uma sessão solene, nos termos da que foi feita com a Academia Francesa, e, no dia seguinte, de um seminário na sede da Academia de Ciências de Lisboa. Discutiu-se que os custos da ida dos acadêmicos brasileiros a Portugal ficariam por conta do Brasil e, no ano 2007, quando dos 110 anos da ABL, viriam eles para repetir essa mesma proposta de trabalho. O presidente adiantou que já tratou, em Portugal, de patrocínio para tais eventos. No mesmo sentido, disse que esteve na Fundação Calouste Gulbenkian, que tem, na direção da área de relações

internacionais, a professora Tereza Gouveia, pessoa da mais alta qualificação intelectual e com experiência administrativa. A Fundação, que completa cinquenta anos este ano, viria ao Brasil para fazer o registro deste cinquentenário na sede da Academia, sem ônus para a Casa. Esteve também no Instituto Camões com o objetivo de receber a experiência daquele Instituto para repassar ao Acadêmico Evanildo Cavalcante Bechara que foi designado representante da ABL na Comissão que está criando o Instituto Machado de Assis. Mandou distribuir um convite para que a Academia indicasse candidatas ao Prêmio Rainha Sofia. Pediu aos acadêmicos que transmitam à Academia suas indicações para que esta apresente formalmente uma candidatura, a partir das sugestões apresentadas. Informou que o Prefeito Cesar Maia o procurou pessoalmente para dizer que a Prefeitura do Rio de Janeiro deseja realizar ação substantiva na comemoração do Centenário de Machado de Assis, e solicitou que a ABL indicasse um nome para compor essa comissão maior que vai começar a estruturar as comemorações. Convidou para essa comissão o Acadêmico Sergio Paulo Rouanet. Declarou, tendo a aquiescência do plenário, entregar a Medalha Machado de Assis ao Senhor Edson Nery da Fonseca, na seqüência dos grandes serviços que ele prestou a Academia na questão das bibliotecas, com um trabalho que ainda mais endossa o seu curriculum de grande especialista no assunto. A propósito do festival literário em Porto de Galinhas, que é o Festival Literário de Pernambuco, a Academia, convidada, estará presente na pessoa do presidente e do Acadêmico Antonio Carlos Secchin. Nessa ocasião, fará, junto com o Acadêmico Antonio Carlos Secchin, uma exposição sobre Mauro Mota. No dia seguinte participará de uma sessão da Academia Pernambucana de Letras em honra da Academia Brasileira de Letras para a qual todos os senhores acadêmicos estão convidados. De acordo com o artigo 77 do Regimento Interno da ABL, propôs a aposição do retrato, na Academia Brasileira de Letras, do Acadêmico Mauro Motta feito pelo fotógrafo Edmond Dansot. Comunicou ao plenário que viajou para a cidade de Oliveira, em Minas Gerais, terra de Carlos Chagas, pai, para a entrega da digitalização do grande jornal *A Gazeta*, que foi um dos jornais mais importantes do começo do século passado. Esse Centro Cultural tem o nome de Carlos Chagas. Um

dos documentos que eles mais admiram é uma linda carta do Acadêmico Carlos Chagas Filho contando como chegou, menino, em Oliveira. Entregou aos acadêmicos, para colher a autorização devida na próxima sessão, o Termo de Comodato entre a Academia Brasileira de Letras e o Município do Rio de Janeiro, em que a Prefeitura assume a responsabilidade pelo galpão e destina cinquenta por cento da sua área para fins educativos e culturais. A outra parte será usada pela Prefeitura porque vai assumir uma responsabilidade grande. Por cautela, confiou ao serviço jurídico da Casa o exame do comodato que o endossou e aplaudiu. Também obteve manifestação formal do Acadêmico Alberto Venancio Filho, em aprovação.

- O Acadêmico Cícero Sandroni, a pedido do Presidente Marcos Vinícios Vilaça, comunicou os contatos feitos com o presidente junto à instituições privadas e oficiais, durante o recesso acadêmico, visando a obter apoio às atividades culturais. Sugeriu que se fizesse no galpão da Rua Luiz de Camões, onde seria instalada a reserva técnica da Academia, uma pequena Biblioteca Popular que poderia chamar-se Biblioteca Francisco Alves. Finalizando, anunciou as comissões permanentes: Prêmio Machado de Assis para Conjunto de Obras: Acadêmicos Eduardo Portella, Alfredo Bosi, Carlos Nejar, Affonso Arinos e Tarcísio Padilha; Prêmio ABL – Poesia: Acadêmicos Lêdo Ivo, Ivan Junqueira e Antonio Carlos Secchin; Prêmio ABL – Ficção, Romance, Teatro e Conto: Acadêmicas Nélida Piñon, Ana Maria Machado e o Acadêmico Moacyr Scliar; Prêmio ABL – Ensaio, Crítica e História Literária: Acadêmicos Evaristo de Moraes Filho, Candido Mendes de Almeida e Sergio Paulo Rouanet; Prêmio ABL – Literatura Infanto-Juvenil: Acadêmicos Arnaldo Niskier, Murilo Melo Filho e a Acadêmica Zélia Gattai; Prêmio ABL – Tradução: Acadêmicos João Ubaldo Ribeiro, Sábato Magaldi e Antonio Olinto; Prêmio ABL – de História e Ciências Sociais: Acadêmicos José Murilo de Carvalho, Alberto Venancio Filho e Helio Jaguaribe; Prêmio Senador José Ermírio de Moraes: Acadêmicos João de Scantimburgo, Alberto da Costa e Silva, Marco Maciel, Evanildo Bechara e José Sarney.
- O Presidente Marcos Vinícios Vilaça, antes de dar início à eleição para a Cadeira n.º 7 do Quadro dos Membros Efetivos, lembrou a todos da

conferência do Acadêmico Ariano Suassuna “As raízes populares da cultura brasileira”, terça-feira, dia 14 de março, às 17h 30m, abrindo o Ano Cultural da Academia Brasileira de Letras.

- O Acadêmico Eduardo Portella apoiou a idéia do Acadêmico Cícero Sandroni que lhe parece fundamental: reservar um espaço para o que seria a Biblioteca Popular Francisco Alves, no coração da Cidade. É uma sugestão extremamente oportuna e necessária. Congratulou-se com a nova Direção da Casa pelo conjunto de realizações que já foi possível executar nesse recesso.
- O Acadêmico Candido Mendes de Almeida reforçou o agradecimento do que já está sendo realizado pela nova Direção. Lembrou a todos os acadêmicos o convite para jantar com o Príncipe Hassan bin Talal, no dia 14, às 21h, no restaurante Saint Honoré. O Príncipe vai receber o Título de Doutor *Honoris Causa* da Universidade Candido Mendes. Trata-se de uma personalidade internacional da maior importância, presidente de várias entidades de direitos humanos de contato entre as civilizações.
- O Acadêmico Carlos Nejar congratulou-se com as felizes iniciativas tanto do presidente como do secretário-geral, que abrem um leque de possibilidades e de participação da ABL. Acompanhou também a fala do Acadêmico Eduardo Portella, no que tange à Biblioteca Popular, de importância fundamental. Quanto ao comodato, acredita que não se precisa desse prazo de uma semana. Poderia ser imediatamente votado, por ser algo visivelmente importante para a Academia.
- O Acadêmico Moacyr Scliar manifestou o seu assombro diante do verdadeiro frenesi de trabalho que se realizou nesta Casa durante as férias. Dentro das metas preconizadas pelo nosso presidente, considera uma particularmente, que é a questão da descentralização, que é a ida da ABL aos Estados. Nesse sentido, comunicou que, também durante o período de férias, fez alguns contatos no Rio Grande do Sul. Com o apoio da Câmara Rio-grandense do Livro, da Secretaria Estadual de Cultura e da Secretaria Municipal de Cultura de Porto Alegre serão realizados dois ciclos que abordarão autores do Rio Grande do Sul e serão realizados no Rio de Janeiro e em Porto Alegre. Comunicou que, por determinação do

Senhor Presidente da República, passou a integrar uma Comissão criada junto ao Ministério da Saúde designada Comissão de Determinantes Sociais da Saúde. Na verdade é uma iniciativa da Organização Mundial de Saúde. Ressaltou que para esta Comissão foram convidados dezessete representantes de várias áreas do pensamento e da cultura em nosso país. Na condição de médico, de escritor e de Membro da Academia Brasileira de Letras que foi convidado.

- O Presidente Marcos Vinícios Vilaça disse que a Diretoria agradece as manifestações dos acadêmicos, mas prefere, no caso da sugestão do Acadêmico Carlos Nejar, deixar a manifestação do plenário, sobre o Termo Comodato com o Município, para a próxima semana.
- O Acadêmico Carlos Nejar lembrou a audiência que foi pedida pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos), de São Leopoldo, RS, ao presidente e ao secretário-geral desta Casa, para o dia 14, terça-feira, às 14 horas. Informou que para essa audiência virão o Pró-reitor e uma comissão para expor o Curso que pretendem fazer naquela Universidade sobre literatura brasileira, e querem a participação da Academia Brasileira de Letras.
- O Presidente Marcos Vinícios Vilaça disse que o Acadêmico Cícero Sandroni, Secretário-Geral, irá receber os representantes da Unisinos.
- O Presidente Marcos Vinícios Vilaça pediu uma salva de palmas para o Acadêmico Carlos Heitor Cony, que aniversaria no próximo dia 14 do corrente.
- Passando ao segundo item da Ordem do Dia, eleição para a Cadeira n.º 7, o Presidente Marcos Vinícios Vilaça comunicou que recebeu carta do Embaixador Dário Castro Alves, desistindo da sua candidatura à eleição que se realiza nesta data, e do escritor Oliveiros Litrento, também desistindo da sua candidatura à eleição da próxima quinta-feira, dia 16, na vaga do saudoso Acadêmico Oscar Dias Corrêa. Deu início ao processo eleitoral para o preenchimento da Cadeira n.º 7, vaga com o falecimento do Acadêmico Sergio Corrêa da Costa. Comunicou que se encontravam inscritos os Senhores Nelson Pereira dos Santos, Paulo Hirano, Waldemar Cláudio dos Santos, Jorge Tannuri e Ronaldo Cunha Lima. Infor-

mou que o quórum para a eleição será de 20 votos. Convidou para escrutinadores os Acadêmicos Affonso Arinos de Mello Franco e Alberto da Costa e Silva. Encontravam-se presentes 23 acadêmicos, dos quais 13 votaram pessoalmente. Por carta votaram 21 acadêmicos. Dos 38 acadêmicos que compõem o quadro dos Membros Efetivos da Academia, 4 abstiveram-se de votar. Eram, portanto, 34 os votantes. Procedeu-se a votação, que teve como resultado:

Nelson Pereira dos Santos.....	27 votos
Ronaldo Cunha Lima.....	5 votos
Anulados.....	2 votos

- O Presidente Marcos Vinícios Vilaça agradeceu aos escrutinadores, Acadêmicos Affonso Arinos de Mello Franco e Alberto da Costa e Silva, e declarou eleito para a Cadeira n.º 7 do Quadro dos Membros Efetivos o Sr. Nelson Pereira dos Santos. Comunicou que essa Cadeira tem como patrono Castro Alves, teve como fundador Valentim Magalhães, como sucessores Euclides da Cunha, Afrânio Peixoto, Afonso Pena Júnior, Hermes Lima, Pontes de Miranda, Dinah Silveira de Queiroz e Sérgio Corrêa da Costa. Nada mais havendo a declarar deu por encerrada a sessão.

TERMO DE COMODATO ENTRE A ABL E A PREFEITURA DO RJ

ANEXOS:

TERMO N.º ____ /2005 – F/SPA

TERMO DE COMODATO, LAVRADO ENTRE 1) MUNICÍPIO DO RIO DE JANEIRO 2) ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS COM A INTERVENIÊNCIA DA SECRETARIA MUNICIPAL DE ASSISTÊNCIA SOCIAL

Aos ____ dias do mês de _____ do ano de 2006, na Superintendência de Patrimônio Imobiliário da Secretaria Municipal da Fazenda, situada na Rua Afonso Cavalcanti, n.º 455 – Bloco II – 7.º andar presentes: I) Município do Rio de Janeiro, doravante designado simplesmente Município, neste ato representado pelo Sr. Marcelo Braga Moléri, Superintendente de Patrimônio Imobiliário 2) Academia Brasileira de Letras pessoa Jurídica de direito _____, inscrito no CNPJ sob o n.º _____, com sede nesta cidade, na Rua _____, representada por seu Presidente, Sr. _____, portador da carteira de Identidade n.º _____ expedida pelo _____ e do CPF de n.º _____, doravante designado simplesmente COMODANTE, com interveniência da SECRETARIA MUNICIPAL DE ASSISTÊNCIA SOCIAL, neste ato representada por seu Secretário, Sr. Marcelo Garcia Vargens doravante designada INTERVENIENTE, tendo em vista o despacho do Exm.º Prefeito da Cidade do Rio de Janeiro, exarado em _____ às fls. _____, do processo n.º _____

_____, é assinado perante as testemunhas abaixo mencionadas o presente TERMO DE COMODATO, com as seguintes cláusulas e condições.

CLÁUSULA PRIMEIRA – (NORMAS APLICÁVEIS) – O presente termo reger-se-á por toda a legislação aplicável à espécie, em especial a Lei n.º 207/80 e seu Regulamento (RGCAF aprovado pelo Decreto n.º 3221/81, com as alterações trazidas pelo Decreto n.º 15350/96) além das normas da Lei 8666/93, e suas alterações, e ainda pelas disposições que as complementarem ou alterarem, cujas normas, desde já, entendem-se como integrante deste, e que o COMODANTE se obriga a respeitar, ainda que não transcritas neste instrumento.

CLÁUSULA SEGUNDA – (OBJETO) – Constitui objeto do presente COMODATO o imóvel situado na Rua General Sampaio n.º 74 – Caju – RJ.

CLÁUSULA TERCEIRA – (FINALIDADE) – O imóvel destina-se a utilização por parte do Município no que se fizer necessário, sendo obrigatório que ao menos metade de sua área seja destinada para fins socioeducativo-culturais.

CLÁUSULA QUARTA – (OBRIGAÇÕES DO MUNICÍPIO) – O MUNICÍPIO deve responsabilizar-se:

I – manter o imóvel em perfeitas condições de uso e asseio, zelando por sua integridade e funcionamento;

II – responsabilizar-se pelo pagamento das contas de água e luz referentes ao mesmo, como devida inclusão em Programa de Trabalho e Código de Despesa respectivo, sob a responsabilidade da Secretaria Municipal de Assistência Social.

PARÁGRAFO ÚNICO – Nos termos dos artigos 6I, XIII, c/c 2.º do CTM e Art. 5.º, II da Lei 2687/98, fica repassado ao MUNICÍPIO o ônus tributário relativo ao imóvel objeto do presente comodato.

CLÁUSULA QUINTA – (OBRIGAÇÕES DA COMODANTE) A COMODANTE se obriga a:

I – ceder o imóvel para utilização que se fizer necessário ao Município, nos termos da Cláusula Terceira deste Termo.

II – não cobrar, seja a que título for, qualquer importância pelo presente COMODATO.

CLÁUSULA SEXTA – (OBRIGAÇÕES DIVERSAS) – O MUNICÍPIO não se responsabiliza por eventuais compromissos assumidos pela COMODANTE com terceiros, nem por multas relativas a exercícios anteriores ao da vigência deste Termo.

CLÁUSULA SÉTIMA – (PRAZO) – O presente COMODATO é gratuito e pelo período de 2005 a 2045, podendo ser prorrogado mediante Termo Aditivo.

CLÁUSULA OITAVA – (DA RESCISÃO) – No descumprimento das cláusulas acordadas neste Termo implicará na rescisão imediata deste, reintegrando-se a COMODANTE na posse do imóvel.

CLÁUSULA NONA – Ao término do COMODATO, o imóvel em questão deverá ser devolvido nas condições em que foi recebido, ressalvado o desgaste natural pelo uso.

CLÁUSULA DÉCIMA – (DA RESCISÃO IMOTIVADA) – Fica assegurado a qualquer das partes o direito de rescindir o presente Termo, mediante simples manifestação de vontade, através de notificação com 90 (noventa) dias de antecedência.

CLÁUSULA DÉCIMA PRIMEIRA – (DA REMOÇÃO DE BENS) – Terminado o COMODATO, o MUNICÍPIO promoverá a remoção de seus bens e equipamentos deixando incorporadas ao imóvel as benfeitorias estruturais, bem como aquelas relativas aos sistemas elétricos e hidráulico do prédio.

CLÁUSULA DÉCIMA SEGUNDA – (DA PUBLICAÇÃO) – Até o quinto dia útil do mês seguinte ao de sua assinatura, deverá ser providenciada a publicação do presente instrumento, para esta ocorrer no prazo máximo de 20 (vinte) dias daquela data, em extrato, no Diário Oficial do Município do Rio de Janeiro, à conta do Município.

CLÁUSULA DÉCIMA TERCEIRA – (DISPOSIÇÕES GERAIS) – As obrigações ora assumidas reger-se-ão pelo Código de Administração Financeira e Contabilidade Pública do Município. Em 05 (cinco) dias da

mencionada assinatura e em 10 (dez) dias contados da publicação, o MUNICÍPIO remeterá cópias do mesmo. Respectivamente, à Auditoria competente e ao Tribunal de Contas.

CLÁUSULA DÉCIMA QUARTA – (DO FORO) – Fica eleito como foro do presente Termo o da Comarca da Capital do Estado do Rio de Janeiro, renunciando desde já o COMODANTE a qualquer outro que porventura venha a ter, por mais privilegiado que seja.

Pelas partes foi dito que aceitam o presente instrumento, tal como se acha redigido, o qual é assinado em 05 (cinco) vias para um só efeito, na presença de testemunhas.

E para constar, foi o presente termo lavrado às fls. _____ a _____ do livro n.º _____, série “B” da Superintendência do Patrimônio por mim _____, matrícula n.º _____.

Rio de Janeiro, _____ de _____ de 2006.

SESSÃO DO DIA 21 DE MARÇO DE 2006

Sob a presidência do Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça, estiveram presentes os Acadêmicos: Cícero Sandroni, Secretário-Geral; Ana Maria Machado, Primeira-Secretária; José Murilo de Carvalho, Segundo-Secretário; Antonio Carlos Secchin, Diretor-Tesoureiro; Murilo Melo Filho, Diretor da Biblioteca; Sergio Paulo Rouanet, Diretor do Arquivo; Eduardo Portella, Diretor dos *Anais da Academia Brasileira de Letras*; Affonso Arinos de Mello Franco, Alberto da Costa e Silva, Alberto Venancio Filho, Antonio Olinto, Arnaldo Niskier, Candido Mendes de Almeida, Carlos Nejar, Evanildo Cavalcante Bechara, Pe. Fernando Bastos de Ávila, Ivan Junqueira, João Ubaldo Ribeiro, Lêdo Ivo, Nélida Piñon, Tarcísio Padilha e Zélia Gattai Amado.

- O Presidente Marcos Vinícios Vilaça declarou aberta à sessão dedicada a homenagear a memória do Acadêmico Josué Montello, falecido no dia 15 de março de 2006, no Rio de Janeiro. Saudou, em nome da Diretoria, a família e amigos do Acadêmico Josué Montello. Passou à família inúmeras manifestações de solidariedade de instituições e personalidades brasileiras. Deu como exemplo desses gestos de apoio o telegrama do ex-presidente Itamar Franco. Disse que todas as mensagens dos acadêmicos que vieram por escrito constarão da Ata e dos *Anais da ABL* e serão distribuídas aos acadêmicos, mas não serão lidas nesta sessão pelo fato dos horários das atividades Acadêmicas de hoje estarem quase sobrepostos.

Comunicou à mesa que o Acadêmico José Sarney pediu para que constasse como manifestação sua, na sessão de hoje, o artigo que fez publicar na imprensa logo após a perda do Acadêmico Josué Montello.

- O Presidente Marcos Vinícios Vilaça, cumprindo a praxe da instituição, na ausência do decano da Casa, Acadêmico Miguel Reale, iniciou a homenagem ao Acadêmico Josué Montello passando a palavra ao Acadêmico Eduardo Portella. Falou a seguir o Acadêmico Arnaldo Niskier. A seguir, o presidente registrou a presença da Sra. Hileda de Moraes representando o Acadêmico Evaristo de Moraes Filho e, segundo o que anunciou no início da sessão, comunicou que as suas palavras de saudade serão incorporadas à Ata da sessão, aos *Anais da ABL* e enviadas a todos os acadêmicos. Prosseguindo, falaram o Acadêmico Lêdo Ivo, a Acadêmica Nélide Piñon e os Acadêmicos Candido Mendes de Almeida e Alberto Venancio Filho. As manifestações de pesar enviadas pelos Acadêmicos João de Scantimburgo e Sábato Magaldi serão também incorporadas à Ata da sessão, aos *Anais da ABL* e enviadas a todos os acadêmicos. Falaram, a seguir, os Acadêmicos Sergio Paulo Rouanet, João Ubaldo Ribeiro, Tarcísio Padilha, Ivan Junqueira, Antonio Olinto, Pe. Fernando Bastos de Ávila, Murilo Melo Filho, Affonso Arinos de Mello Franco, Ivan Junqueira, Alberto da Costa e Silva, Evanildo Cavalcante Bechara e a Acadêmica Zélia Gattai Amado. O presidente comunicou que a Acadêmica Ana Maria Machado precisou se ausentar, mas deixou o texto que, juntamente com os textos enviados pelos Acadêmicos Alfredo Bosi e Marco Maciel, serão incorporados à Ata da sessão, aos *Anais da ABL* e enviados a todos os acadêmicos. A seguir, falaram os Acadêmicos Cícero Sandroni, Antonio Carlos Secchin e José Murilo de Carvalho. (Todos os discursos serão incorporados aos *Anais da Academia Brasileira de Letras*.)
- O Presidente Marcos Vinícios Vilaça pediu autorização ao plenário para fazer constar da Ata o seu discurso de despedida ao Acadêmico Josué Montello. Trouxe três testemunhos, que são, na singeleza e na qualidade dos mesmos, mais uma homenagem a Josué Montello, a D. Yvonne e a sua família. O primeiro, de João Cabral de Mello Neto que disse “A medida do homem não é a morte, mas a vida”; de Carlos Drummond de Andrade: “Qualquer tempo é tempo. A hora mesmo da morte é hora de

renascer”; de Balzac: “A glória é o sol dos mortos.” Concedeu a palavra a Daniela Montello que falou em nome da família.

- A Sra. Daniela Montello leu o texto escrito por D. Ivonne Montello, agradecendo, em seu nome e da família, tudo que foi dito nesta sessão de saudade. (O texto lido será incorporado aos *Anais da Academia Brasileira de Letras*.)
- O Presidente Marcos Vinícios Vilaça, ao encerrar a sessão de saudade do Acadêmico Josué Montello, declarou vaga a Cadeira n.º 29 e abertas as inscrições para a mesma. Disse que esta Cadeira tem como patrono Martins Pena, teve como fundador Artur Azevedo, como sucessores Vicente de Carvalho, Cláudio de Sousa e Josué Montello. Comunicou que as inscrições estão abertas até 20 de abril e a eleição marcada para a quinta-feira, 21 de junho de 2006.

DISCURSO DE ADEUS A JOSUÉ MONTELLO

Palavras do Presidente Marcos Vinícios Vilaça

ADEUS A JOSUÉ MONTELLO

Contemplo Josué e recuso-me a aceitar sua finitude. Diante do inevitável, depois de tanto sofrimento, o adentar de Josué na terra desconhecida ainda parece, tudo, incompreensível para nós, os seus companheiros. Não nos acostumamos à idéia da ausência do grande escritor devotado desde a juventude ao ofício das letras com ardor de um crente. O enorme talento, suficiente para consagrá-lo como um dos maiores romancistas do nosso tempo, multiplicava-se e se enriquecia, por servir a um tenaz trabalhador literário, homem íntegro, inteiro, incansável, diuturno. Um homem de caráter.

Lembro Montaigne, num dos seus prediletos, em *Filosofia é aprender a morrer*. Montaigne, dizendo que toda a filosofia é aprender a morrer, advertindo-nos de que pouco a pouco vamos percebendo que a aventura da vida não termina na morte. A vida daqueles que cuidamos e que desaparecem, se prolonga em nossas vidas. Levamos até o fim as recordações dos que conosco morreram e, deste modo, continuam vivos.

Todos os dias, às cinco da manhã, quando a madrugada exige ainda luzes acesas no interior do escritório, Josué se encontrava diante de uma escrivaninha com seus instrumentos de trabalho a criar as urdiduras dos seus romances, contos e novelas, ou então a preparar, com a erudição haurida nas leituras dos clássicos, tomos de história literária, biografias, ensaios e artigos para jornal. Duas horas depois, os manuscritos prontos eram passados à sua querida e devotada Yvonne, e ela se ocupava de datilografá-los; só depois de terminada a primeira tarefa do dia, o casal tomava o seu café da manhã.

Às oito horas, Josué iniciava a segunda fase dos seus trabalhos, as leituras, os estudos, as pesquisas sempre à procura do ainda ignorado para as devidas incorporações. Depois do almoço, um terceiro tempo dedicado às atividades de administrador cultural em várias esferas do governo: Conselho Federal de Cultura, Biblioteca Nacional, Museus, Universidade, cátedra, reitoria, deveres diplomáticos. E, acima de tudo, a dedicação a esta Academia, aonde chegou com o divino calibre de moço e com a qual manteve espécie de relação orgânica – seu corpo, sua pele, se alongando no corpo da Casa.

O vigoroso coração de Josué insistiu o quanto pôde no objetivo de torná-lo, assim como é sua vasta obra literária, fisicamente imortal, busca de imortalidade. Sei, sabemos os que acreditam na permanência do espírito, que seu repouso final não representa a vitória da morte. Poderíamos perguntar até neste momento, diante de Josué, repetindo Paulo na Epístola aos Coríntios: “Onde está, ó morte, a tua vitória? Onde está, ó morte, o teu aguilão?”

Seus livros de repercussão internacional, uma verdadeira brasileira escrita por um só homem, jamais escondem a influência das suas raízes maranhenses. Ele destacava com carinho especial os romances, alguns deles a exemplo de *Tambores de São Luís* ou *Noite sobre Alcântara* – dos mais belos escritos em língua portuguesa – como, nestes livros, está o ensinamento de que ninguém será grande sem negar suas raízes.

Na Escritura está muito claro que *Vita mutatur, non tollitur*, a vida é mudada, mas não tolhida.

É num claustro de paz que Josué se encontra agora e donde virá sempre para junto dos seus confrades, pois é verdade o que ele me ensinou, vinte anos atrás: a nossa vida são os nossos mortos.

Enquanto não nos convertermos em verdades, Josué, sentiremos saudade de você.

SESSÃO DE SAUDADE DEDICADA À MEMÓRIA
DO ACADÊMICO JOSUÉ MONTELLO*Sessão do dia 21 de março de 2006*

ARTIGO DO ACADÊMICO JOSÉ SARNEY

JOSUÉ MONTELLO

Morreu com Josué Montello o último escritor de uma geração que, na expressão de Oswald de Andrade, era os “búfalos do Norte”, que invadiram a Semana de Arte Moderna, deixando-a de lado para sustentar todo um período brilhante, talvez o mais fecundo, da ficção brasileira que se chamou o romance nordestino. Embora a sua temática fosse diferente daquela trabalhada por Franklin Távora, Rachel de Queiroz, Jorge Amado, Graciliano Ramos, José Lins do Rego, José Américo de Almeida, mais voltada para os problemas sociais e para a denúncia da seca e da miséria, Josué Montello seguiu a continuidade do romance citadino machadiano, e aqueles de seu tempo como Joaquim Manuel de Macedo, Manuel Antônio de Almeida, Lima Barreto e tantos outros. Josué iria agregar uma temática nova, da reconstrução do tempo, vinculada à vida cotidiana do Maranhão, com livros extraordinários, o maior deles *Os Tambores de São Luís*, que, com um século de atraso, é o magistral romance sobre a escravidão.

Josué Montello, dentro dessa linha, situa-se entre os maiores nomes da literatura brasileira de todos os tempos. Foi um operário da cultura, um trabalhador indormido da arte de escrever. Publicou mais de cem livros, abordando todos os gêneros literários, como poeta, teatrólogo, romancista, contista, jornalista, conferencista, memorialista, ensaísta, historiador. Seus estudos sobre Quixote e Machado são trabalhos memoráveis. Machado era sua devoção maior, e sobre ele escreveu e estudou tudo.

Em sua dedicação à cultura, foi um ativo militante. Fundou o Conselho Federal de Cultura, dirigiu durante muito tempo a Biblioteca Nacional, onde foi autor de seu projeto de reforma, fundou o Museu da República, foi embaixador na Unesco e presidente da Academia Brasileira, um dos mais jovens que ali tiveram assento e onde permaneceu durante 52 anos, dos 37 aos 88 anos, sendo o decano da Casa.

Josué Montello também aliou à sua tarefa de escritor a de ter dedicado sua vida à causa da educação. Foi sempre professor e muito escreveu, viveu e participou da modernização do ensino e reformas educacionais.

Sua longa vida e obra criaram a aura de uma figura legendária e iconográfica da cultura brasileira de nosso tempo.

Tinha um saber enciclopédico e uma memória fotográfica. Eu sempre lhe dizia que ele sabia tudo e de tudo. Como historiador, conhecia como ninguém também nossa história literária. Bravo, tinha o gosto pela polêmica e não recusava quando atingiam as coisas em que acreditava. Vinha de palmatória na mão, mas sempre pronto para o terreno das pazes.

Homens como Josué Montello são obra do tempo. É preciso um trabalho secular, e por isso mesmo poucos aconteceram.

Mas o traço marcante e indelével de sua personalidade era o seu amor ao Maranhão, seu encanto, sua fascinação pela sua terra, que nunca deixou de ter um lugar de reverência em tudo o que escreveu.

Josué era uma convivência admirável. Meu amigo da vida inteira tinha o gosto da conversa viva, brilhante, erudita e afetuosa.

O Brasil perdeu um pedaço de sua paisagem cultural, e o Maranhão ficou menor com a sua morte. Eu, um amigo, parte da vida.

PRESIDENTE MARCOS VINÍCIOS VILAÇA

Neste dia 21 de março estamos reunidos neste plenário para a sessão de saudade do Acadêmico Josué Montello. A Diretoria quer saudar a família de Josué Montello e os seus amigos com o carinho que todos merecem. A Diretoria quer também dar conta ao plenário de que recebeu inúmeras mani-

feições de solidariedade de instituições e de personalidades brasileiras. Estamos repassando essas manifestações à Família de Josué Montello. Para significar com um exemplo desse gesto de apoio à Academia e à Família, refiro o telegrama que hoje recebi do Presidente Itamar Franco.

Reitero o sentido desta sessão de hoje, me permitindo observar aos acadêmicos que, tendo presente o fato de que teremos logo a seguir outras atividades acadêmicas, todas as mensagens que vieram por escrito serão constantes da ata, serão distribuídas aos acadêmicos, mas não serão lidas nesta sessão, tendo presente o fato de que os horários de atividades estão sobrepostos. Neste sentido, comunico à Mesa que o Acadêmico José Sarney pediu para que constasse como manifestação sua nesta sessão de hoje o artigo que fez publicar na imprensa no dia seguinte à perda de Josué Montello. Tem a palavra o Acadêmico Eduardo Portella.

ACADÊMICO EDUARDO PORTELLA

Senhor Presidente, hoje, ao ingressar nesta Casa, e como costuma acontecer, deparei-me com a estátua de Machado de Assis. Ela já faz parte da vida da Casa. É uma referência maior que todos temos conosco. Por um instante, parei e pensei naquele outro que tanto contribuiu para o conhecimento da língua e do exemplo de Machado de Assis. Lembrei-me de Josué Montello, da falta que ele nos faz. Tenho uma dificuldade enorme de imaginar esta Academia sem Josué Montello. É quase como se retirassem violentamente, inesperadamente, a estátua de Machado de Assis. Josué provavelmente foi o acadêmico que mais conheceu esta Casa. Além de conhecer, vivia visceralmente a vida desta Casa. Deixou uma obra de ficcionista importante, sobretudo na sua reconstituição da vida e do imaginário de São Luís do Maranhão. Existem escritores que de tal maneira retratam a sua terra, que se confundem com ela. É a Bahia de Jorge Amado, é o Rio Grande do Sul de Érico Veríssimo, é o Maranhão de Josué Montello.

Não apenas a sua obra de ficção é digna de respeito, mas também os seus ensaios, a sua ensaística. Tenho um apreço muito especial pelas suas investigações, sobretudo duas delas, que é *Tobias Barreto* e a *Polêmica dos Padres do Maranhão*, e também a revelação dele para a inscrição do polêmico Graça

Aranha no espólio do Modernismo. Depois dele, passamos a entender melhor uma vertente básica do Modernismo brasileiro, que é a vertente Graça Aranha. A polêmica dos padres é uma polêmica antiga, que ressurgue sempre, com um início favorável à Companhia e um período iluminista de quase expulsão dos padres. Ele descobriu documentos novos, fez uma pesquisa criteriosa e ilustrou essa contribuição importante.

Eu, particularmente, que convivi com ele desde os idos do Palácio do Catete, no Governo Juscelino Kubitschek, vou sentir uma saudade muito grande e permanente. Tenho certeza de que poderei telefonar para Yvonne quando a saudade apertar demais. Yvonne foi também uma companheira exemplar, em todos os sentidos, na constância e na qualidade da convivência. Sei que Yvonne sofre, mas nós também sofremos com ela. Não é um consolo, mas é uma forma de dizer a ela que estamos ao seu lado.

ACADÊMICO ARNALDO NISKIER

Senhor Presidente, senhores Acadêmicos, querida Yvonne, Família.

Fiz as contas — esse é o hábito de quem começa a vida estudando matemática — e concluí que o conhecimento que tenho com Josué Montello nunca se extinguirá. Já passa dos 50 anos. Começou dos meus primeiros tempos na revista *Manchete*, que ele freqüentava semanalmente, e depois se espraiou em manifestações de carinho, de apreço, de respeito, de amizade, de aconselhamento. Yvonne é testemunha disso, porque eu talvez tenha sido, juntamente com minha mulher, um dos primeiros a visitar Josué como *attaché* cultural na embaixada do Brasil na França. Tivemos um almoço simpaticíssimo, como depois houve jantares, no plural, quando ele assumiu, em nome do governo brasileiro, a embaixada do Brasil na UNESCO, onde era muito respeitado. E deu para perceber isso nas visitas feitas na presença ou na ausência dele.

Sei que ele completou 51 anos de presença na Academia, atingiu uma das glórias que elevam, honram e consolam em nossa Casa, que é o decanato. Devagarinho nós fomos prestigiando o decanato. A liderança de Austregésilo de Athayde era tão grande, que ninguém o chamava de decano. Ele era o presidente, e está acabado. Já Josué, com um sentido bem moderno de adminis-

tração, trabalhou em equipe, abrindo as portas da Academia para outros acadêmicos e fazendo uma bela gestão de recuperação e de resgate da Academia em termos materiais, de renovação da Biblioteca, e tantas outras coisas que eu penso que não cabe, agora, numa oração curta e emocionada, estar revivendo.

Só posso dizer que sempre admirei Josué, não só pela excepcionalíssima memória – não havia uma dúvida que ele não soubesse esclarecer, em relação à memória com que Deus o abençoou – mas pelo conselheiro, o homem que telefonava quase que diariamente para dizer: você caminha por aqui, caminha por ali; cuidado com isso, cuidado com aquilo. O interesse dele maior não era somente a felicidade de cada um de nós, circunstancialmente, servindo à Diretoria; o interesse dele era o profundo amor, a seu modo, que ele sempre teve pela Academia Brasileira de Letras. E, a nosso modo, a recíproca também se fez. O respeito, como o Portella falou muito bem, que nós devemos ao escritor, ao romancista, no meu caso particularizando com a educação. Ele chegou ao Rio de Janeiro, na década de 30, para fazer um concurso no Ministério da Educação e Cultura, assim chamado na época, e passou no concurso; era titular de um cargo público conquistado, como é devido, em concurso público de títulos e provas. Uma figura admirável, é o que eu posso dizer, sem precisar acrescentar loas à sua obra, que fica para sempre.

Josué tinha uma preocupação – e vou concluir. Meio brincando, meio sério, dizia assim: Arnaldo, um dia eu vou; tenho muito medo de que a minha obra possa ser alvo de críticas descabidas. Confio muito em você, como em um filho – Yvonne é testemunha disso. E outro dia me repetiu: confio em você como um filho, para que isso jamais aconteça.

É evidente que a promessa feita será cumprida, se houver algum dia necessidade, se algum dia, por algum percalço, algum de nós possa observar algum equívoco na impecável obra de Josué Montello e na grande figura humana que foi, no cidadão solidário, cidadão amante da sua terra. Todas as suas obras têm São Luís como *leit motiv*, porque ele amava profundamente a sua terra, aonde ia todos os anos e onde comemorou, aos 70 anos, o pleno funcionamento da Casa de Cultura Josué Montello. Muitos de nós estivemos lá naquela ocasião, e outra vez dez anos depois. Não sei por que inspiração, mas ele distribuiu uma pena branca para cada acadêmico, aos 80 anos, e isso já há

quase dez anos. Guardei aquela pena comigo, no meu quarto, na minha mesinha-de-cabeceira, porque ela foi uma companheira, até aqui, que me inspirou. Quando pedi a Deus pela saúde de Josué, foi diante da pena que ele me havia me dado, porque é uma simbologia muito grande. Uma pessoa que acredita em Deus, como eu acredito, me fixei nesta pena que me foi dada por Josué, em São Luís, na sua Casa de Cultura, e prometo solenemente à Família, aos acadêmicos, aos amigos, que vou continuar a mantê-la como se fosse um amuleto, que é uma forma que tenho também de estar com Josué Montello mais perto do meu coração. Muito obrigado.

ACADÊMICO EVARISTO DE MORAES FILHO (*Palavras enviadas por escrito*. O Presidente Marcos Vinícios Vilaça registrou, em nome da Diretoria, a presença de D. Hileda de Moraes, que conforta a família de Josué Montello e os acadêmicos com a delicadeza da sua presença, que honra naturalmente a memória de Josué Montello.)

JOSUÉ MONTELLO, GRANDE HOMEM DE LETRAS

Quando Machado de Assis morreu em 1908, meu pai ia completar 37 anos de idade. Noticiava-se que havia falecido Machado de Assis, “o maior homem de letras brasileiro”. Ainda não se usava normalmente “escritor”, excessivamente genérico. Em 1924, no seu livro *A Campanha Abolicionista*, Evaristo de Moraes, preso à tradição, intitula seu último capítulo de “a escravidão nas belas letras”.

A morte de Josué no último dia 15 me trouxe ao espírito essas expressões, hoje quase em desuso. Como Machado, Montello foi um grande homem de letras. Toda a sua vida, desde a adolescência, nascido em 1917 em São Luís do Maranhão, foi dedicada às letras. Dormia pouco, e só então interrompia o seu processo de criação literária. Todo o seu tempo era preenchido pela elaboração de sua obra, em quase todos os gêneros literários e intelectuais: romance, conto, teatro, crônica, história, memória, ensaios de toda espécie. Com mais de uma centena de livros publicados, grandes ou pequenos, seu cérebro não teve descanso tal a sua ânsia de deixar uma obra sem paralelo na história literária brasileira. Para usar uma imagem de Nietzsche: viveu queimando-se na própria chama, como uma bailarina na ponta dos pés. Foi este o

beletrista que perdemos e por ele choramos em 15 de março deste ano, com 88 anos completos.

Convivi com Montello desde 1937, quando colaborávamos para o *Dom Casmurro*, jornal de Brício de Abreu, dirigido por Álvaro Moreyra e Jorge Amado. Em fins de 1936 chegavam ao Rio, vindos de Belém do Pará, três jovens escritores, que começavam suas carreiras: Josué Montello, Nélío Reis e Dante Costa. Cada qual seguiu o seu destino, todos dedicados à vida intelectual. Nélío e Dante diplomaram-se, respectivamente, em Direito e Medicina. O único que não cursou universidade foi Josué, passando em 2.º lugar num concurso para técnico de educação, cujo 1.º lugar fora alcançado por Helder Câmara. Autodidata, voltou-se para a sua obra e começou a acumular sucessos ininterruptamente até que a doença final lhe viesse interromper. Aos 30 anos já era Diretor-Geral da Biblioteca Nacional. Dirigiu e criou instituições públicas e culturais de toda ordem. Aos 37 anos ingressou nesta Academia. Quando eleito em 1954, encontrava-se no Peru, ministrando curso de literatura brasileira na Universidad Mayor de São Marcos, da qual recebeu o título de Catedrático Honorário.

Falar de todos os títulos e honrarias conferidos a Josué Montello levaria a numerosas páginas este desabafo de tristeza e saudade. Basta consultar qualquer edição do Anuário da Academia. Tudo que empreendia era de pleno coração, empenhava-se por inteiro, como se a própria vida da instituição dependesse dele. Nada fazia pela metade. Nunca foi medíocre. Em tudo que tocasse deixava a sua marca. Dos 27 romances que escreveu, dois eram os seus prediletos, respectivamente, traduzidos para o francês e sueco: *Os Tambores de São Luís* (1975) e *A Noite Sobre Alcântara* (1976).

Pai, avô e bisavô, foi um chefe de família exemplar. Marido excepcional viveu com Yvonne um afeto calmo e de todas as horas. Nela teve sempre sua primeira admiradora e colaboradora. Por lhe freqüentar a casa, por longos anos, sou disso testemunha. Hilleda e eu nunca faltamos a *reveillons* em seu apartamento na Avenida Atlântica.

Se muitos foram os eleitores quando do meu ingresso nesta Casa, devo a Montello o primeiro telefonema convidando para me inscrever em 1983 e 1984. Fui eleito a 15 de março de 1984. Por infeliz coincidência, a sua morte

se deu quando se completavam 22 anos. Fui recebido por Josué a 4 de outubro do mesmo ano, dia de São Francisco de Assis, o Santo que mais se aproximava de Cristo, no dizer de Afrânio Peixoto.

Eleito presidente em dezembro de 1993, Josué convidou-me para Secretário-Geral, quando muitos eram os candidatos. Elaboramos juntos a reforma geral do Regimento Interno, com anteprojeto originário de minha autoria. Nele, só permitia uma reeleição de toda a Diretoria. Ao lê-lo, alterou o seu final, proibindo-se mais de uma reeleição somente ao presidente, como se encontra em vigor ainda hoje. Argumentou ele que seria difícil encontrar quadros novos para toda a Diretoria.

Embora já tenha me referido ao fato quando do meu discurso de posse, quero, mais uma vez, declarar de público o seu gesto de coragem e desprendimento. Quando fui preso e aposentado em 1969, dele recebi uma longa carta manuscrita de Paris, onde era embaixador junto a Unesco. Grande eram os riscos que ele corria solidarizando-se com um subversivo da ditadura militar... Guardo-a com carinho e gratidão.

Josué Montello constitui um tema inesgotável. Dele ou se diz de mais ou de menos. Não mais se encontra entre nós este grande homem de letras, este grande escritor, este grande homem de ação, grande administrador, grande exemplar humano, que nos deixou a todos de luto, tão tristes como se fôssemos de sua família, com a qual nos solidarizamos na dor e na saudade.

ACADÊMICO LÊDO IVO

O OPERÁRIO JOSUÉ MONTELLO

Josué Montello vivia para escrever. Era um escritor compulsivo. Mas a sua compulsividade não era guiada por uma mão automática. Muito pelo contrário, regia-a a consciência artística alerta e vigilante. A elaboração, a composição, o apuro e o acabamento estavam sempre presentes em sua prosa, fosse uma crônica de jornal, um episódio do diário em que recolheu as suas impressões da vida e literatura, ou a cena de um de seus romances, entre os quais avulta, pelo frêmito épico, *Os Tambores de São Luís*.

Foi um escritor que, ao longo de sua vida, se preparou de forma calculada e tenaz para ser uma figura imponente e perdurável da nossa literatura. A sua história não é apenas a história da mão infatigável que legou ao Brasil uma obra vastíssima. É também a história de seus olhos – de seus olhos de leitor, desde a adolescência voltados não só para os grandes clássicos, que o marcaram indelevelmente, mas ainda para a produção contemporânea. A circunstância de ter sido diretor da Biblioteca Nacional há de complementar-lhe a feição de homem que só sabia respirar rodeado de livros.

Esse escritor copioso, que durante dois anos se recusou a morrer, deixou-nos uma lição exemplar de fidelidade à literatura. Desde a juventude soube sustentar o estandarte da criação literária. Lembrando uma observação de Henry James, Josué Motello pertencia à linhagem daqueles para os quais nada é perdido.

Sua obra principal paisagem, personagens e enredos quase sempre plantados no Maranhão, sua terra natal e estuário de inspiração, constitui um provido armazém de observação dos costumes e dos labirintos da condição humana.

O seu amor pela academia só foi superado pelo amor por Yvonne, sua companheira e êmula da Carolina de Machado de Assis. Revelo aqui uma confidência por ele feita a seu amigo Antonio Olinto. Ao desembarcar no Rio, aos 20 anos, originário da ilustre província que nos deu Gonçalves Dias, João Francisco Lisboa, Sotero dos Reis e Odorico Mendes, e ainda os Acadêmicos Coelho Neto, Raymundo Corrêa, Aluizio Azevedo, Humberto de Campos e Viriato Corrêa, desceu a pé a Avenida Rio Branco, carregando uma mala juncada de manuscritos e sonhos ambiciosos. Seguido pelo burburinho urbano, alcançou o Obelisco e dobrou à esquerda, na Avenida Presidente Wilson, a fachada da Academia Brasileira de Letras. Assíduo leitor de Balzac, Josué Montello era, também, uma personagem balzaquiana, um cruzamento de Restingnac com Lucian de Rubempré. Só após uma contemplação demorada à casa que seria o seu porto e destino apenas 18 anos mais tarde, rumou para a Cinelândia, tomou um bonde e foi procurar, entre as pensões do Catete, um lugar de partida para a provida e segura escalada literária e pública que o tornou uma figura principal de nossas letras e embaixador do Brasil na Unesco.

Escritor compulsivo e prolífico, Josué Montello se regulava por hábitos extremamente matinais. Poucas horas de sono bastavam à economia de sua vida morigerada e metódica. Assim, em Paris durante o inverno, a luz de seu escritório se acendia às 4 horas de uma manhã que era ainda noite cerrada. E ele, obedecendo ao chamamento imperioso da página em branco, se abancava escrever no mesmo instante em que os operários saem de suas casas para serem engolidos pelas bocas do metrô que os leva às fábricas.

Josué Montello, um dos escritores mais consideráveis que a nossa Pátria já produziu, era um operário, um operário de pena.

ACADÊMICA NÉLIDA PIÑON

O MESTRE JOSUÉ

Foi acima de tudo um mestre. O mestre de todos que souberam amá-lo, admirá-lo, que o elegeram um brasileiro exemplar, aquela voz que, excedendo de muito a história privada de cada um de nós, ingressou no panteão brasileiro, no nosso imaginário coletivo.

Josué Montello foi um ser raro e ardoroso, sempre pronto a defender as próprias crenças, as suas utopias privadas, o seu Brasil. Como grande escritor, embora nos tenha apenas deixado, continua vivo entre nós, a narrar histórias melancólicas, eloqüentes, de seus livros. Sua figura, ampla e universal, era a de um intelectual cujo saber abarcava surpreendentes instâncias do conhecimento, enquanto a sua prodigiosa memória, a serviço da literatura, empenhava-se em ressuscitar, em dar vida, ao que fora negligenciado ao longo da civilização brasileira. Tudo, nele, ostentava os signos da cultura e da criação literária, que são marcas de uma personalidade cintilante. E embora, por temperamento, lidasse com sentimentos intensos, perfilhava as idéias com rigorosa clareza, perfeita concatenação, jamais abandonando, ou perdendo de vista, no percurso das suas enunciações, o que impulsionara a primeira oração. Ele não errava, não tergiversava, simplesmente prosseguia enérgico e indomável, jamais indiferente às causas humanas, às intrigas do cotidiano, sobretudo aquelas embutidas necessariamente na arte de narrar. Uma arte que lhe dava gosto antecipar junto aos amigos, convidando-os a participar de uma criação ainda em pro-

gresso e que logo ganharia formato de um esplêndido romance, como *Os Tambores de São Luís*. Um mister que lograva eletrizar seus leitores graças ao engenho com que expunha a trama narrativa, a crença depositada na força e no desespero da palavra criadora.

De esplêndida natureza narrativa, ele conferia aos personagens amplitude enigmática e histórica. Com fina percepção, rastreava a genealogia da grei maranhense, assegurando ao seu mundo novelesco um tempo histórico, uma geografia entre mítica e real, uma intensidade inerente a personagens tão secretos quanto pungentes. Sem deixar, por isso, de submeter à magnífica habilidade verbal aos seus rigorosos estatutos narrativos.

Cingido à paixão literária, Josué Montello serviu à criação literária com a convicção de ser senhor de um dom eterno e de uma pena imortal. Com um espírito jovem, sonhador. Seu cérebro, no entanto, no afã de dar curso a qualquer projeto literário, pareceu-me sempre assaltado pela angústia da exiguidade do tempo, dos dias que ainda lhe faltavam para erigir a obra tão sonhada. Nem por isso esmoreceu, agia simplesmente como se o mundo obedecesse a sua vontade. Assim, ele criou até o fim, jamais renunciando às pompas da narrativa, ao dever de prosseguir com as histórias que Homero e precursores nos deixaram.

Além de grande ficcionista, Josué Montello foi impecável servidor público. Empreendedor e destemido, aceitava os desafios enquanto os subjugava. Frente a novas tarefas, organizava, comandava, dava simetria ao caos do cotidiano.

Nesta Casa, em especial, postulou como sábio, mentor, guia. Por onde andasse, com passos lentos e o olhar de águia, tudo lhe era familiar. Tinha a bússola no coração, dominava a nossa gênese. Sabia aonde chegar, na defesa da Academia Brasileira de Letras. Nunca aceitou que se extraísse da instituição uma seiva que não lhe fosse devolvida em dobro. Mas se era intransigente no que se referia à nossa honra, tanto nos amou.

Sobre este notável brasileiro, Josué Montello, muito se dirá no futuro. A voz coletiva da nação em uníssono há de reverenciá-lo, homenageá-lo. Quanto a mim, expresso, nesta hora compungida, a falta que já nos faz. E confesso, entre meus pares, e próxima a Yvonne, companheira amada, mulher

fina e rainha, que conviver com Josué foi uma permanente lição de vida, de história, de percepção das coisas. Sempre foi emocionante vê-lo chegar ao *Petit Trianon* e pondo-se, às vezes ao meu lado, distinguindo-me com sua presença. Nestas ocasiões, quase sussurando, falava-me ao acaso das suas narrativas ainda sendo forjadas. Cada palavra sua, então, reverberava, iluminava-me a imaginação. Como que por milagre cada palavra que dizia ia convertendo-se, à minha frente, em livro, no livro que eu logo leria grata e feliz com a existência do escritor e do amigo. Que inesquecível legado.

Obrigada por tudo, Mestre Josué.

ACADÊMICO CANDIDO MENDES DE ALMEIDA

Presidente, num discurso do maior rigor V. Exa. usou, diante do caixão de Josué Montello, a palavra “polifacetado”, múltiplo e radiante em todos esses seus aspectos nos 135 livros. Dentro deles, e é interessante que se veja isso, a repetida marca de *Os Tambores de São Luís*. Entre tantas obras-primas, todo o primeiro *ricordo* do grande brasileiro está em volta deste romance. Nélida nos deu há instantes um pouco do seu segredo, a capacidade de vincular a trama narrativa, tão da linha machadiana, com a construção, como José Sarney tão bem salientou, de uma das primeiras tentativas de um epos brasileiro, enquanto se deve a *Os Tambores de São Luís* uma primeira tentativa de se construir realmente um grande epos romance da escravidão brasileira.

Não preciso falar do político da cultura, no melhor sentido da palavra. Quem, meu presidente, conseguiu conjugar – e como Eduardo Portella sabe disso – a ponta da biblioteca com a ponta do museu? O que vai dever o Brasil ao Museu da República, o que vai dever o Brasil a Josué, na noção, na capacidade e na criação do espaço cultural brasileiro em toda a sua inovação. O Ministério da Educação, a política educacional, a educação para a universidade que ele nos deu como membro do Conselho Federal de Educação (1962-1967), tantas vezes elogiado por Alceu Amoroso Lima.

A seguir, uma característica tão de Josué, o ter começado uma iniciativa que começa a se desdobrar: a do intelectual que vai às câmaras do poder, vai

às casas civis, e não abandona a sua característica crítica. São muito poucos os brasileiros que fizeram isso: Álvaro Lins o fez com Juscelino; Ronaldo de Carvalho o fez no começo do período Vargas.

Josué Montello, passando pelos protocolos de poder, não abandonou a fidelidade literária, a independência, a criação.

Saliento entre essas multifaces outro aspecto tão significativo do homem da UNESCO. Venancio salienta muito bem que isto é um pouco um veio, presidente, da nossa tradição. Paulo Carneiro esteve lá, e tão profundamente, mas nessa sua seqüência, quem irá esquecer Carlos Chagas, trabalhando na mesma dimensão dentro da sua área científica? Quem vai esquecer José Guilherme Merquior, a seguir também, dentro dessa mesma embaixada?

Quero dizer, diante de D. Yvonne, que o que me fascinou nesta vida parisiense de Josué Montello não foram os *boulevards*, ao lado efetivamente do que fosse, ali perto dos *Champs Elisées*, a grande embaixada, mas sim o diuturno desta vigília de Josué numa das capitais mais perversas para que se possa sentir o estar em conjunto, o viver e o fruir. E ali, a dedicação a Juscelino Kubitschek, a vigília por Juscelino. Em um momento que guardo da minha vida Josué, no seu apartamento, ali em *Saint-Germain*, ao lado da Rue des Dragons, onde efetivamente ainda existia o restaurante Royal, onde se podia ver de que forma Josué chegava àquela difícil convivência de um pensamento internacional reconhecido.

O meu presidente foi muito feliz no seu discurso quando tratou – e Lêdo ressaltou de novo aqui – o ofício dos dias, das horas, das madrugadas em que, ao lado de Yvonne, era toda uma disciplina da cabeça que se fazia de maneira quase monacal. O trabalho, a leitura, o café, a abertura progressiva à sociabilidade, até chegar aos grandes da mundanidade, das academias, dos ministérios, dos gabinetes.

Lembro-me aqui, presidente, de uma frase importante que me vem da primeira marca que Josué nos deixa nesta tradição, que é a marca de Montaigne: *S'il y a doupe, qu'elle soit à la tête que la porte et que la tante, du mot et de la parole*. Era essa madrugada de Josué, em que ele estava na vigília da palavra e no que era a abertura mesma da criação, na hora certa em que Montaigne sabia o que era a sua criação.

Há mais: o que há de extraordinário em Josué Montello é como, ao mesmo tempo, ele combina esta tradição com outra tão intensamente latina, e esta Fumarolli pôde desdobrar muito bem. Quem conseguiu se comportar com a *exance* necessária e com o protocolo no salão da vida da cultura, como efetivamente Josué Montello? O salão é uma atividade delicadíssima, complexa e mortal. Evidentemente que dentro dela a conversação sai não como um dom, sai como necessariamente uma enorme disciplina. Esta do *causeur*, esta do a propósito, esta da doce vigília, do *par tour* e do *pour tour* e do *encore*, em que Josué nos dá esta especialíssima convivência, onde está em causa uma maturação da cultura brasileira.

O seu dom e o seu resultado estão nisso que é a última tarefa, a última conquista da disciplina, da ascese, do método, que ele nos deu bem a face do inimigo, se assim pudesse dizer, isto é, a extraordinária capacidade com que ele pôde nos dar este à vontade, com o pensamento, a procura e a interrogação do seu tempo.

ACADÊMICO ALBERTO VENANCIO FILHO

Ao examinarmos a história da Academia, podemos apontar algumas figuras emblemáticas.

Em primeiro lugar Lúcio de Mendonça, o fundador, que desejou criar uma entidade oficial; denegado o pedido envidou esforços e venceu resistências, para em 15 de novembro de 1896 iniciar os trabalhos preparatórios da instituição.

Segue-se o maior deles todos, Machado de Assis, primeiro presidente ocupando o cargo até falecer, vivendo entre a repartição, a Garnier e a casa do Cosme Velho, mas sempre pensando na instituição.

Em seguida Afrânio Peixoto, o grande presidente de 1923 que obteve o *Petit Trianon* por doação do governo francês, iniciou a série de publicações e sempre atuante em tudo que se referia à Academia.

Vem depois Austregésilo de Athayde, presidente por trinta e quatro anos, a quem devemos, entre tantas iniciativas, a garantia de uma situação financeira sólida.

Sucedeu-lhe Josué Montello, acadêmico que ao término de trinta e oito anos de Academia, teve a oportunidade de dirigir os trabalhos da Casa.

Registro bastante semelhança na vida acadêmica nas figuras de Afrânio Peixoto e Josué Montello.

Afrânio Peixoto iniciou seu discurso de posse dizendo que “minha primeira ambição foi ser acadêmico”. Creio que Josué Montello não manifestou essa intenção, mas nos relata que já no curso secundário, através da leitura de uma antologia, apreciava os retratos dos acadêmicos incluídos no livro.

Ambos foram grandes autores de romances, muitos deles no ambiente da terra natal, com importante obra de ensaística, excelentes conversadores e, sobretudo dedicados participantes da vida acadêmica.

Afrânio Peixoto percebeu o talento do jovem escritor e aos vinte e dois anos, em 1939, o convida para proferir conferência no centenário de Machado de Assis e quatro anos depois edita nas publicações da Casa o volume sobre Gonçalves Dias. Tornaram-se grandes amigos.

Ingressando na Academia aos trinta e cinco anos, justificava Josué a idade no discurso de recepção, citando o apólogo de Patrônio sobre os monges de duas irmandades que desejavam tocar o sino. O Cardeal resolveu a querela sentenciando que tocaria o sino quem acordasse mais cedo. Josué Montello afirmaria que acordou mais cedo em todas as atividades e assim justificava a sua eleição. Pode afirmar Viriato Corrêa no discurso de resposta para justificar esta precocidade, pois ele calçava a bota de sete léguas.

A precocidade cedo se revelou quando aos dezesseis anos deixa São Luís para Belém em time de futebol como orador da equipe. Escreve um livro com Nélcio Reis, *História dos Homens de Nossa História*, o primeiro de tantos outros, ingressa no Instituto Histórico do Pará. Mas esse ambiente era restrito para o seu talento e logo se dirige ao Rio de Janeiro.

Há de louvar a adoção do sistema de mérito na administração pública, que possibilitou a um jovem de vinte anos, vindo da província, sem apoio de qualquer espécie, ingressar no serviço público.

Abriu-se o concurso de técnico de educação, assenhorou-se do programa, preparou o roteiro dos vários pontos e com os conhecimentos literários escreve a tese “O Sentido Educativo da Arte Dramática”. Não tinha título nenhum de habilitação, mas diante de uma bancada de ilustres educadores, Lourenço Filho, Almeida Júnior, Fernando Rodrigues da Silveira e o nosso confrade Fernando de Azevedo, defendeu com brilho a tese, ouvindo ao final do salão as palmas de sua professora primária, D. Celina Nina, que viera assistir a arguição.

Antes de ingressar na Academia, já apresentava uma trajetória literária de mérito, e se destacara como organizador dos Cursos de Biblioteconomia da Biblioteca Nacional, Diretor da Biblioteca Nacional e do Museu Histórico Nacional, e no estado natal Secretário de governo e responsável pelas reformas educacionais.

Eleito, foi sempre membro atuante, por ela se interessando mesmo quando em missões no exterior. Mal empossado foi responsável, juntamente com o confrade Levi Carneiro, pela edição do decreto que regulamentou a lei 762, permitindo a publicação das obras da Academia pela Imprensa Nacional, inclusive o Dicionário elaborado por Antenor Nascentes e muitas outras iniciativas.

Na Presidência, um dos primeiros atos foi promover a reforma do Regimento para possibilitar que outros acadêmicos tivessem a honra de presidir a instituição. As tarefas de direção nem sempre são conhecidas, e nos dois anos de sua gestão reorganizou os serviços administrativos, estabeleceu critérios no controle financeiro e contratou a auditoria independente.

Reformulou a administração dos prédios da herança de Francisco Alves, e obteve para estes prédios, na posse da Academia há mais de quarenta anos, o registro no Registro de Imóveis. Promoveu a reforma do *Petit Trianon* das partes que destoavam do conjunto e com o apoio da Fundação Roberto Marinho empreendeu a reforma dos jardins.

Encontrou solução na época para o problema do Solar da Baronesa com o comodato com a Universidade Norte Fluminense, com o apoio do futuro acadêmico Darcy Ribeiro. Encontrou inadimplência de duas firmas, cujos dirigentes se mostraram incorretos, e procurou dar solução ao problema. Assim, Josué Montello se revelava ao contrário do padrão habitual do intelectual, junto com um grande escritor e um grande administrador.

Seis acadêmicos foram por ele recebidos nesta Casa: de Cândido Motta Filho em 1958 a Evandro Lins e Silva em 1998, incluindo José Sarney, José Guilherme Merquior, Evaristo de Moraes Filho e Roberto Marinho. Em todos esses discursos mostrou-se acadêmico perfeito, fiel às tradições desta Casa e exato no elogio ao novo colega.

Josué Montello não chegou a escrever a história da Academia, mas com os volumes sobre Machado de Assis, as duas obras do anedotário, os capítulos do livro do Centenário, as *Primeiras Notícias sobre Lúcio de Mendonça*, os textos sobre o Modernismo, e numerosos artigos na *Revista Brasileira* o historiador do futuro poderá escrever esta história.

Ao final do mandato, quando ameaçavam surgir dissensões, transcrevo do Diário “no sentido de suplantar agravos, visando a conciliação da Academia, estou a supor que a taça de champanhe que Alberto Venancio Filho nos serviu (a mim e a Antônio Houaiss), compôs a unidade de vistas para composição da chapa definitiva”.

Os meus antecessores já se referiram à sua importante obra romanesca, mas permito destacar, entre as menos conhecidas, três de meu particular interesse: *Antes que os Pássaros Acordem*, uma descrição fiel da França ocupada, *O Baile da Despedida*, inspirado no quadro do baile da Ilha Fiscal, e *Enquanto o Tempo não Passa*, pois a “Alberto Venancio Filho este livro é dedicado”.

Da obra crítica apontaria o trabalho pioneiro de reconstituição *Tobias Barreto e a Polêmica dos Padres do Maranhão*, e trabalho ainda mais original *Um Maître Oublié de Stendhal*, esforço de pesquisa de vinte anos, desde quando encontrou num sebo do Rio as obras completas de Saint Real, estudo que surpreendeu até os estudiosos franceses da obra do autor da *A Cartuxa de Parma*. E não se poderia esquecer os Diários, compondo a experiência do

completo homem de letras que ele foi, e um painel da vida literária de nossos dias.

Não é possível me estender mais sobre tudo que seria necessário dizer sobre Josué Montello e sobre o estreito convívio que na Academia nos aproximou durante quinze anos.

Este relato é assim, também uma manifestação de gratidão pelo muito que lhe devo e pelo muito que dele recebi.

ACADÊMICO JOÃO DE SCANTIMBURGO (*Mensagem enviada por escrito.*)

A morte de Josué Montello não me surpreendeu, mas muito me comoveu. Depois de minha eleição para a ilustre companhia eu e Josué tornamo-nos muito amigos, falávamos quase que diariamente pelo telefone, sendo a Academia um dos assuntos que ele mais conhecia. Josué foi um grande acadêmico, tinha a Academia na alma e na sua paixão. Como intelectual Josué foi um dos mais operosos no Brasil, um dos maiores romancistas da Língua Portuguesa deixa obras já clássicas como *Os Tambores de São Luís*, *Noite sobre Alcântara*, *O Baile da Despedida* e tantas outras obras-primas.

Como ensaísta Josué deixa obras notáveis, como *O Presidente Machado de Assis*, *Memórias Póstumas de Machado de Assis* e outras que estão na memória dos que o conheceram, admiraram e estimaram. Era dono de um estilo literário cristalino, límpido, destes que tomam o leitor e o arrastam para todas as páginas até o fim. Esse era um dos seus segredos literários. Josué, por sua projeção como escritor, por seus estudos, romances, artigos de jornais e ensaios, estará presente em todas as estantes dos que cultivam a grande literatura, na qual ele foi um mestre. Minhas sentidas condolências.

ACADÊMICO SÁBATO MAGALDI (*Mensagem enviada por escrito.*)

Ao tomar posse na Academia, em 1955, quando contava apenas 37 anos, Viriato Correia, que o recebeu, já assinalava a precocidade espantosa de Josué Montello que, ao morrer neste mês, aos 88 anos, deixou mais de 120 livros, de abrangência extraordinária. Creio que todos nós, que o conhecemos, temos

o sentimento de que Josué foi por excelência uma natureza literária incomum, cuja falta representa uma perda imensa para o país. Posso acrescentar que, além do mérito intelectual, Josué, ao lado de sua esposa Yvonne, tinha o dom da hospitalidade. Quando residi em Paris, com Edla, e ele era embaixador na Unesco, tivemos a satisfação de freqüentar o seu apartamento, sempre aberto para os amigos. Só boas lembranças ficaram de Josué Montello.

ACADÊMICO SERGIO PAULO ROUANET

Senhor Presidente, Yvonne, demais integrantes da família Josué Montello.

Tive um contato pessoal inicial com Josué Montello, do qual me recordo com enorme alegria, gratificação. Foi por volta de 1990, em que fiz uma visita a Josué, Yvonne estava presente. Tive uma reação imediata de encantamento, quase deslumbramento, diante da inteligência de Josué, que eu conhecia há muito, mas conhecia à distância, como leitor. Naquele momento tive oportunidade de conhecê-lo, de conversar com ele face a face. A conversa foi das mais amenas, das mais interessantes. Não lembro mais exatamente que temas foram tratados. Lembro-me de que distingui na estante que estava à minha frente livros como o *Diário dos Goncourts*; conversamos sobre os Goncourts e realmente foi uma das conversas mais amenas de que eu me recordo. Depois Josué teve a amabilidade extrema de escrever um artigo, extremamente lisonjeiro, a meu respeito no *Jornal do Brasil*, do qual me recordarei sempre.

Fez-se referência aqui ao caráter multifacetado de Josué Montello. Efetivamente, foi um homem de tantas realizações, desempenhou tantas atividades, assumiu tantos papéis. Foi romancista, admirado por todos, autor desta obra-prima que é *Os Tambores de São Luís* e de livros fantásticos como *Noite sobre Alcântara*. Venancio referiu-se ao *Baile da Despedida*, inspirado no episódio do baile da Ilha Fiscal, e de tantos romances inesquecíveis, que lemos e admiramos e que certamente hão de ficar na história das letras no Brasil.

Historiador foi, sobretudo, um historiador das letras, autor de um livro que considero admirável, *O Presidente Machado de Assis*, sobre as atividades

de Machado de Assis como presidente da Academia. Há também o ensaio sobre Saint-Real. Mantivemos também grandes conversas sobre esse *Maître oublié de Stendhal* — creio que este é o título da tradução francesa desse livro admirável. Conversei com alguns especialistas franceses de Stendhal, que me disseram que tinham ouvido falar pela primeira vez nesse *Maître oublié* a partir dessa contribuição pioneira de Josué Montello.

Entre as suas múltiplas atividades eu gostaria de salientar uma em que ele me parece um mestre, que foi a sua atividade como diarista. Autor de um *Diário*, seguindo a trilha de tantos outros autores que deixaram seu nome associado a diários admiráveis. Penso em Gide, que Josué cita freqüentemente, penso em Amiel e penso nos Goncourts — comecei minha intervenção falando do diário dos irmãos Goncourt. Nos seus diários Josué se revela inteiro. Basicamente são anotações sobre o cotidiano das letras no Brasil, sobre os encontros na Academia, encontros com colegas. Neste momento, ao folhar o último volume, na edição Aguilar dos *Diários*, relativo aos anos 80, há pelo menos dois membros aqui presentes na Academia que são mencionados: um deles é o Murilo Melo Filho, a propósito de um necrológio que teria sido encomendado por ele, então editor da revista *Manchete*, sobre um escritor que estava gravemente doente, previa-se que esse escritor morreria breve, e Murilo Melo Filho pediu então a Josué para já escrever antecipadamente um necrológio, mas felizmente o escritor não morreu naquele momento, recuperou a saúde e ainda viveu mais quatro anos. Aí, no dia em que efetivamente esse escritor morreu, a revista *Manchete* estampava o necrológio escrito quatro anos antes por Josué Montello. E o Murilo lhe disse: “Esse foi o artigo seu que mais tempo demorou a sair.”

Há também uma referência ao meu vizinho da direita, o Eduardo Portella. Josué se refere a um artigo crítico admirável que Eduardo tinha escrito sobre *O Largo do Desterro*, com aquela capacidade de síntese, de concisão e de percepção imediata do fato relevante, da notação exata. Ele descreve em quatro ou cinco linhas as características principais do crítico Eduardo Portella como crítico e como conhecedor das letras.

O que mais encontramos nesses *Diários*? Encontramos o humor, um senso de humor que já conhecíamos. Pelo contato diário sabíamos quem era o

autor. Era um esteta da anedota bem contada, e isso ele fazia freqüentemente ao tomar a palavra na Academia. Lembro-me de uma coisa, que me parece muito curiosa: ele contava que estava passeando em São Luís juntamente com um colega acadêmico e encontra um popular numa feira livre, e esse popular se refere ao ‘machiavelismo’ das pessoas que estavam ali. Josué sabia o que queria dizer ‘machiavelismo’; o outro era um gaúcho, portanto uma pessoa completamente ignorante em matéria de assuntos maranhenses, não sabia o que era ‘machiavelismo’. E Josué, homem da terra que conhecia o linguajar do seu povo, pacientemente explicou a essa pessoa ignorante que ‘machiavelismo’ vem de Maquiavel, mas as pessoas pronunciavam a palavra com *ch*. Então, desde meados do século XIX fazia parte do dialeto maranhense a palavra ‘machiavelismo’ designando algo ligado à malícia e esperteza. O feirante dizia a essa pessoa que tinha ido comprar, que estava barganhando para obter preço mais vantajoso, que ele era um ‘machiavelista’. Então, essa era a capacidade de Josué, de descobrir o detalhe importante, revelador, no caso, de caráter quase antropológico: ele estava se referindo à história de uma mentalidade, uma mentalidade estadual, uma mentalidade municipal, de São Luís, e que mostra outra das facetas, essa capacidade de Josué da percepção da minúcia, do detalhe relevante, do fato revelador.

Há algo de importante na obra de Josué Montello, como autor desse *Diário* monumental, que se estende durante décadas, cada um com um título mais imaginativo que o outro: *Diário da Manhã*, *Diário da Tarde*, *Diário da Noite*, *Diário da Noite Iluminada*, *Diário das Minhas Vigílias*. Ele tem algo do moralista, no sentido que a palavra moralista tem quando queremos usar a palavra para designar autores como La Rochefoucauld ou La Bruyère. Era moralista no sentido de que ele percebe os *mores*, de que é capaz, através de uma anedota expressiva, de pintar um *portrait* literário. Folheando seus diários, há inúmeras referências a tipos de caráter que poderiam ter sido escritos pelo grande moralista francês do século XVII. Lembro-me, por exemplo, de referências tipológicas que ele faz ao invejoso, ao ambicioso. Quanto ao invejoso ele diz que é um ser bilioso, é doente e sofre com esse caráter bilioso que lhe abrevia a vida. Portanto, ele tem um mal, um pecado. É uma transgressão que tem em si mesmo o seu castigo, na medida em que o invejoso é bilioso, e por ser bilioso terá uma vida curta. Uma referência que Josué faz às pessoas

que têm dificuldades em elogiarem a obra alheia. Diz que elas o fazem violentando-se a si mesmas, são pessoas tão incapazes de elogiar o próximo, que falam baixo, falam de uma maneira inaudível, resmungando, como se estivessem dizendo segredos que nem eles próprios quisessem ouvir.

Eu gostaria de acrescentar a todas essas facetas desse homem tão poliédrico – o humanista, o historiador da literatura e o diarista – o que me parece também transparecer na sua obra: o homem profundamente humano, capaz de ter uma compaixão por seu semelhante. Esse é um lado que eu não pude conhecer muito diretamente por não ter podido privar diretamente e de maneira muito prolongada da amizade de Josué, mas também se notam em seus *Diários* manifestações pinceladas disso, por exemplo: um telefonema que Josué recebeu numa noite de Natal. Era uma voz desconhecida, uma senhora anônima, que diz: “Estou desesperada; vou fazer um ato insensato daqui a pouco. Estou me sentindo muito solitária.” E o Josué responde: “Minha senhora, hoje não é um dia para fazer coisas desesperadas. Não é uma noite de violência, é uma noite de paz. Se a senhora está se sentindo solitária, vou lhe dizer uma coisa: que existe uma relação entre solidão e solidariedade. Se a senhora, em vez de se sentir solitária, tendo piedade de si mesma, se sentir solidária diante das pessoas que estão sofrendo neste momento, solidária com uma criança doente, solidária com um homem caído na rua, solidária com um homem que necessita de ajuda, nesse momento a solidariedade vencerá a solidão.”

Então, gostaria de terminar esta evocação tão rápida de Josué Montello aludindo a esse lado de Josué, não somente como conselheiro, não somente como moralista, não somente como romancista, mas também como um ser humano caloroso, que ele evidentemente era. É com isso que eu gostaria de terminar esta intervenção.

ACADÊMICO JOÃO UBALDO RIBEIRO

Meus companheiros de Academia, Família de Josué, demais pessoas aqui presentes.

Sempre digo que sou baiano e não sei fazer discurso. Ainda mais em circunstâncias emocionalmente difíceis para mim, como é falar sobre a morte de Josué Montello.

Josué Montello, em minha opinião, representava uma espécie que talvez esteja em extinção, com as novidades tecnológicas que presenciamos a cada dia. Era o mais completo e talvez o último grande homem de letras que eu conheci. Josué, como já se disse aqui, vivia para as letras, pensava nas letras a cada hora do dia, dos dias que lhe eram longos, por causa da sua insônia.

Em segundo lugar, Josué se identificava, em minha opinião, com a própria Academia. Jamais vi alguém tão apaixonado por uma instituição a que pertencia como ele.

De resto, tenho a acrescentar minha experiência pessoal com ele. Vindo da Bahia, ainda sem ingresso nas editoras, ainda relativamente desconhecido inclusive nos meios literários, Josué me tratou como um velho companheiro. Imediatamente me incorporou ao seu círculo de amigos e sempre me festejou e me apoiou. Quando saiu o meu primeiro livro, nessa nova fase, Josué esteve na editora e disse que fazia questão de ser ele a escrever sobre esse livro, “porque este rapaz – repito isto com a necessária modéstia – não pode ficar despercebido”.

Então, eu me despeço de uma das figuras que já está inscrita na maior literatura brasileira, e me despeço pesaroso, muito pesaroso, da figura no fim já pequenininha e franzina de Josué, ali sentado em seu lugar perto de mim. Perdi um orientador e um amigo. E agora, o fato de o Brasil ter perdido Josué Montello me parece, diante do meu sentimento, até menor do que a dor que estou experimentando.

ACADÊMICO TARCÍSIO PADILHA

JOSUÉ MONTELLO: 50 ANOS NA ACADEMIA

O dia apenas se insinua no horizonte. Misturam-se as luzes da cidade aos primeiros sinais da aurora. Dorme a urbs. Seus habitantes nem de longe imaginam que as letras já despertaram para a criação estética. Do alto, o escritor

contempla a bela paisagem da mais linda praia do mundo. E a pena bem inspirada começa a faina diária de dar corpo à imaginação que teima em se impor ao prolífico romancista. É toda uma vida marcada pelo ritmo de um estilo que ganhou força e personalidade, por maneira a reconhecê-lo tão logo pousamos nossos olhos nas folhas densas e arquetadas com requintes de perfeição estilística. A língua portuguesa é tratada como uma amante a quem se dedica o afeto e o carinho, expressões da sensibilidade plena que habita as dobras mais fundas da alma.

Ele veio lá do Maranhão, tradicional, pelo cultivo da língua na qual Camões pôs todas as suas complacências e à qual Machado fixou fronteiras estéticas duradouras.

Ainda menino alongou o olhar para a palavra escrita e já aos treze anos se lançava confiante na redação do romance – gênero em que pontifica há décadas nos fastos de nossa literatura.

A doença cedo lhe apontou o árduo caminho do sofrimento e os versos retrataram uma angústia nada pardacenta:

“sou árvore de folhas estioladas
no mais alto esplendor da primavera”

O filho do pastor protestante pôs a ombros uma tarefa gigantesca. A fragilidade física se viu compensada por uma vontade inaciana, de que dão diuturno testemunho os romances que se sucedem, os repositórios literários dos diários, os milhares de artigos com que presenteia os seus numerosos leitores que formam legiões.

Nos idos de 1936, o escritor, que passara um período em Belém, desce a serra da geografia pátria, e se instala naquela que viria a ser a sua morada definitiva, conquanto a saudade maranhense nunca o abandonará. E o que atestam suas freqüentes idas ao solo natal para sorver o oxigênio mais puro da fonte original e volver à cidade grande, tão diferente na acolhida daquela que a província sempre reserva aos que lhe são fiéis. Mas é aqui que irá plantar as sementes que hoje se mostram na majestade das árvores frondosas, cujos galhos vincam um itinerário feito de árduo trabalho e de fino trato da língua.

O lançamento de *Janelas Fechadas* foi saudado por Álvaro Lins, que captou a riqueza do estilo do jovem escritor neo-realista. Daí por diante é uma sucessão de romances que a crítica receberá com aplausos, dada a beleza do estilo e a urdidura das tramas em que mais e mais avulta a universalidade em seu confronto com o regionalismo donde partiu o romancista. Mas o escritor nos adverte: “o universo sempre coube na minha cidade natal”.

Quando a imaginação impele o artista, a geografia se esvai. Ao conceber o romance *Cais da Sagração* o escritor fixara seu endereço no Boulevard Saint-Germain. Este salto transoceânico revela a capacidade de viver a própria criação, dando-lhe as asas necessárias ao seu encontro com a arte. E foi esta obra que deu alento aos dias derradeiros de conhecida parlamentar. É a arte que se encontra com o seu desdobramento na terra dos homens, e permite a simbiose da ficção com a realidade neste contúbio captado apenas pelos que se deixam levar pela sensibilidade estrutural do ser humano.

Em *Aleluia* o autor maranhense revela o segredo de sua fé religiosa. Respeitosamente se adentra no mistério do Cristo e em poucas e belas páginas atinge a plenitude de seu estilo, propiciando uma nova revelação a convidar os homens ao grande encontro.

Nem é preciso dizer que estamos a saudar aquele que hoje pranteamos, após haver alcançado o patamar dos 52 anos de Academia, o insigne romancista Josué Montello. Com quase uma centena e meia de livros publicados, o escritor que o Rio acolheu em seu regaço tem sempre algo a dizer e, ao falar, se faz personagem de sua narrativa. Segue no particular o que a respeito sentenciou Unamuno ao falar de si mesmo: “É nosso dever. Eu não faço outra coisa. Se falo dos outros, é por distração, ou por crise de modéstia.”

Se no romance Josué firmou uma reputação inigualável, seus Diários muito dizem do seu papel de expectador arguto da planície dos homens. E o próprio escritor reconhece a significação dos diários no âmbito da criação estética: “Sempre me pareceu que o diário e um escritor, não obstante o seu cuidado em reter o efêmero, há de ser também uma obra de arte literária.”

Muito já se escreveu sobre Josué Montello. Cuidamos que há um lugar especial para um trecho de Alceu sobre o grande romancista:

“Entre os nossos romancistas será, hoje, um dos que, de modo mais completo e magistral, sabem traçar o plano de um romance.”

Eleito para a Academia Brasileira de Letras em 1954, Josué Montello dela se tomou o maior conhecedor. De resto, quando se fala de literatura, há que ouvi-lo discorrer. Dela conhece as obras e os autores, com a familiaridade com que transitamos pelas ruas de nossa cidade. É quando o escritor reserva um lugar especial para a ironia. Não no sentido socrático, mas no de uma verve rica a revelar os escaninhos da alma dos nossos maiores que transitaram pela Casa de Machado de Assis.

Cingimo-nos a umas poucas linhas, pois o mestre maranhense daria ensejo a muitos livros para que sua obra fosse adequadamente analisada. Hoje, fica apenas este pequeno registro, a atestar o reconhecimento de sua singular nomeada no cenário literário nacional, e a certeza de que a cada dia patrícios nossos estão a ler obras de Josué Montello, aprendendo a amar a língua que a todos nos irmana nesta comunidade cultural de que o escritor maranhense é figura exponencial.

ACADÊMICO ANTONIO OLINTO

Senhor Presidente, meus confrades, Yvonne.

A primeira frase em meu artigo de hoje, na *Tribuna da Imprensa*, sobre Josué Montello é esta: “A morte de Josué Montello deixa-o cada vez mais vivo entre nós.” Esta é a pura verdade. Este jovem que saiu do Maranhão, preocupado exclusivamente em escrever desde cedo, querendo dominar a palavra, querendo fazer da palavra a sua linguagem permanente, que de lá saiu e aqui chegou, contou-me uma anedota uma vez: ele chegou à Praça Mauá, com a sua maleta, perguntou a alguém: “Onde fica a Academia Brasileira de Letras?” A pessoa disse-lhe: “O senhor segue pela Avenida Rio Branco, lá no fim o senhor vira à esquerda, em frente ao palácio Monroe...” Ele vinha a pé pela Rio Branco, chegou até o Monroe, virou à esquerda, chegou em frente à Academia, olhou e disse: “É aqui.”

Ele já saíra do Maranhão pensando em entrar para a Academia Brasileira de Letras. E para isto, daí para frente, ele cultivou a sua língua, cultivou o seu

romance. E chegou a ser, afinal, um homem de uma linhagem completa. A linhagem de narrador que vem de Manuel Antônio de Almeida, José de Alencar, Aluísio Azevedo e Machado de Assis. Sabia usar as palavras para contar uma história, para desenvolver um personagem, para mostrar uma situação dramática, para mostrar uma situação cômica, porque era isso que ele queria fazer: ser escritor.

Eu o conheci quando ele dirigia a Biblioteca Nacional e fazia umas conferências maravilhosas sobre livros. Foi professor também de biblioteconomia na época, antes de 1954, quando ainda não era da Academia. Eu ia à Biblioteca Nacional, e conversávamos muito. Ele só tinha uma conversa: literatura. Como eu também só tinha a mesma conversa, tínhamos o que falar. Assim o acompanhei, porque houve uma época em que Zora e eu passávamos todas as noites de Ano-Novo no apartamento de Yvonne e Josué. Depois fui ser adido cultural em Londres e ele adido cultural em Paris. Então, trocávamos visitas um ao outro. Mais tarde, ele embaixador do Brasil na UNESCO, assim ficou realmente dentro daquilo que ele tinha que fazer e queria fazer, que era lutar pela cultura brasileira.

De todos os seus romances, sua obra-prima, *Os Tambores de São Luís*, para mim, eram também os tambores do Opo Afonjá da Bahia. Eu que morava na África, há três anos, eram os tambores de Ioio, terra de Xangô; eram os tambores de Keto, terra de Oxossi. Era toda aquela linguagem, aquela força que vinha da África e veio para a Bahia, foi para o Maranhão, veio para o Rio de Janeiro, e que nos deu uma nova dimensão, uma nova linguagem, um novo modo de entender a vida. Uma vez, discutindo com ele, disse-lhe: – Josué, o africano é o homem que mais pensa na Natureza. É quem mais defende a Natureza. Sabe por quê? Um dia eu estava em Lagos e, conversando com um amigo meu de Lagos, disse-lhe: “Você vai ter que destruir aquela árvore ali, porque está acabando com a sua casa, está entrando na parede.” Ele disse: “Derrubar aquela árvore? Não posso derrubá-la. Um deus mora nela.” Não há melhor concepção de defesa da Natureza. Como derrubar qualquer coisa da Natureza se há um deus que mora ali dentro? E Josué me disse: – É precisamente esta a posição das pessoas que conheci na Amazônia e em Belém, quando fui para lá, e do meu pessoal no Maranhão. Temos a concepção de

que a Natureza é sagrada. Pode não ter nenhum deus morando ali, ainda assim é sagrada. E foi essa concepção que ele acompanhou até agora.

Depois, lembremo-nos de que ninguém foi mais acadêmico do que ele. Era o protótipo do acadêmico, sentado ali onde está a nossa Zélia. Quando presidente, dirigia a Casa não só com a sua experiência, mas com o seu amor pela Casa. Ele era contra imediatamente a qualquer coisa que pudesse arrancar a Casa de Machado de Assis, e sabia ser contra. Foi assim que ele nos legou esse espírito, porque todos os que aqui estamos podemos não ter o espírito muito acendrado, mas nos lembramos daquele Josué lutando pela Casa. Estamos aqui, até hoje, agradecendo a ele. Obrigado. Continuaremos lutando pela sua Casa, que é também a nossa.

ACADÊMICO BASTOS DE ÁVILA

Nas sessões das quintas-feiras, na ABL, ele vinha sempre. Quando eu passava junto dele, sempre lhe dizia: “meu caro decano”. Ele me saudava cordialmente.

E um dia, veio o mal. Todos os recursos médicos foram mobilizados, nos 18 meses de luta contra a morte.

Só uma força o sustentava: a presença de Yvonne, o amor de toda vida, que ficava ali a seu lado, segurando sua mão, presentindo todas as suas reações.

É de uma irresistível emoção a beleza deste amor silencioso, que terá como desfecho jubiloso na plenitude instantânea da glória da ressurreição.

Do admirador deslumbrado e do amigo cordial.

ACADÊMICO MURILO MELO FILHO

SENHOR PRESIDENTE MARCOS VILAÇA,
SENHORES ACADÊMICOS,

MINHA QUERIDA YVONNE, FAMILIARES DE JOSUÉ MONTELLO.

Aquele jovem maranhense tinha apenas 19 anos de idade quando, certo dia, desembarcou no Cais do Porto, passageiro de um ita do Norte, procedente de Belém do Pará, como na toada do sanfoneiro Luiz Gonzaga.

Estava na companhia dos amigos Nélio Reis e Dante Costa, trazendo na mala uma fatiota branca, seus livros, muitos sonhos e projetos.

Assim chegava ao Rio Josué Montello, mais um personagem no extenso fabulário daquela nossa geração de jovens nordestinos nômades, que emigravam de suas terras secas para virem batalhar por um lugar ao sol nesta selva das grandes cidades.

Hospedou-se numa pensão em Botafogo, que se anunciava muito silenciosa. Mas quando abriu a janela dos fundos, facilmente entendeu aquela promessa de silêncio: é que se estendia, logo abaixo, o Cemitério de São João Batista, justamente onde ele foi enterrado há cinco dias.

Já era então um leitor de Gide, Balzac, Stendhal, Proust e Victor Hugo, tão calado e tão recluso quanto o *Dom Casmurro*, do nosso Machado. E era, logo em seguida, um freqüentador da Livraria José Olympio, onde se envolvia com Graciliano Ramos, José Lins do Rêgo, Peregrino Júnior, Múcio Leão, Otávio Tarquínio e Lúcia Miguel-Pereira.

Através de Guimarães Rosa, recebeu um convite do Chanceler João Neves da Fontoura para ser Professor de Estudos Brasileiros na Universidade peruana de São Marcos. Já lá estava quando foi convidado por Viriato Correia para candidatar-se a esta Academia, elegendo-se no dia 4 de novembro de 1954, para a Cadeira n.º 29, com 19 votos e como um dos seus membros mais jovens, de 37 anos de idade, e que permaneceu como acadêmico, durante mais de meio século, até quinta-feira da semana passada.

Empossou-se oito meses depois e foi saudado por Viriato Correia:

– Aqui estais chegando, meu prezado conterrâneo, pelos vossos próprios méritos e sem dever nada a ninguém. Nosso comum Maranhão está hoje muito feliz com a vitória deste seu filho, muito amado e muito querido.

Josué foi técnico de educação e professor do DASP – aprovado em dois concursos públicos severíssimos – Diretor da Biblioteca Nacional e do Serviço Nacional do Teatro, subchefe do Gabinete Civil do Presidente Juscelino Kubitschek, seu grande amigo e confidente; colaborador do *Jornal do Brasil* e da *Manchete*; professor de Literatura Brasileira nas Universidades de Lisboa e de Madri, fundador e presidente do Conselho Federal de Cultura,

conselheiro cultural da embaixada do Brasil na França, embaixador do Brasil na UNESCO, fundador e diretor do Museu da República e finalmente, presidente desta Academia Brasileira de Letras, no biênio 94/95, sucedendo a Austregésilo de Athayde e realizando uma administração simplesmente inesquecível.

Nesse mesmo tempo, Josué realizava uma das mais brilhantes e completas carreiras literárias no Brasil, que começou com o romance *Janelas Fechadas*, em 1941, prosseguiu com *A Luz da Estrela Morta*, *Labirinto de Espelhos*, *A Décima Noite*, escrito em Portugal, *Os Degraus do Paraíso*, *Cais da Sagração*, *Os Tambores de São Luís*, *Noite sobre Alcântara* e *Largo do Desterro*, (estes quatro últimos do *Ciclo Maranhense*), *A Coroa de Areia*, *Um Beiral para os Bem-Te-Vis* e *O Camarote Vazio*, até *O Baile da Despedida* e *Sempre Serás Lembrada*, além de ensaios sobre o *Hamlet*, sobre o português António Nobre, o espanhol Cervantes, o francês Stendhal, os brasileiros Machado de Assis, Pedro I, Tobias Barreto e Aluísio Azevedo; os anedotários da Academia, os *Diários da Manhã*, *da Tarde*, *do Entardecer*, *da Noite* e *da Noite Iluminada*, com traduções para o inglês, o francês, o castelhano e o sueco, num total de 131 títulos publicados – dos quais 27 romances – afora os discursos, conferências, entrevistas, aulas, palestras, prefácios e artigos para jornais e revistas, que o transformaram num trabalhador braçal da inteligência e no maior operário-produtor da nossa literatura, como professor, biógrafo, jornalista, administrador, orador, romancista, historiador, cronista, teatrólogo, ensaísta e memorialista, com uma abrangência sobre todo o espectro e o universo literários, numa produção erudita e enciclopédica, que rivalizava com a fecundidade do seu conterrâneo Coelho Neto.

Acordava diariamente às 3 horas da manhã e escrevia de madrugada – tudo manuscrito – que a sua mulher, Yvonne, depois datilografava.

Dizia-se que redigia à mão mais rápido do que a nossa capacidade de lê-lo.

Senhor Presidente, senhoras e senhores Acadêmicos.

Concluo dizendo que não era à toa nem por acaso que Josué se definia como um escritor pela graça de Deus, não seduzido por outro título ou recompensa. Seu nome, como chefe dos judeus, é uma homenagem ao suces-

sor de Moisés e denomina um livro da Bíblia que descreve a conquista de Canaã.

Certa vez, declarou-me ele numa entrevista à *Manchete*:

“– Já estou descendo a outra encosta da vida e nada mais aspiro do que a este meu canto, a esta folha de papel, a esta caneta e a estes livros, enquanto ouço os passos de Yvonne, a companheira perfeita, que Deus me deu.”

Na peça de Goethe – minhas senhoras e meus senhores – Mefistófeles aconselha ao Dr. Fausto:

“– Confie em ti próprio e lute para viver.”

É justamente isto o que fez Josué Montello, antes e ao longo destes últimos dezenove meses de tanto sofrimento, durante os quais, num estóico amor à vida, lutou desesperadamente para sobreviver.

E viveu de bem com o seu Deus, com Yvonne, sua admirável mulher e sua inigualável heroína; com Lenka e Lília, suas filhas; com Roberto e Horácio, seus genros; com Mauro, Ricardo, Renata, Roberta e Daniela, suas netas; além de quatro bisnetos, Gustavo, Rodrigo, Miguel e Lucas, todos unidos e coesos em torno do seu grandioso exemplo de patriarca: como marido, pai, sogro, avô e bisavô.

Ele viveu cinqüenta anos como membro desta Academia e como o Príncipe do nosso romance, numa atmosfera de respeito, de admiração e de carinho pelas suas lições de vida digna e de intelectual competente, através dos inestimáveis serviços que, com dedicação e trabalho, prestou à Cultura e à Inteligência brasileiras.

ACADÊMICO AFFONSO ARINOS DE MELLO FRANCO

Senhor Presidente, senhoras e senhores Acadêmicos. Família Montello.

V. Ex.^a e Rouanet mencionaram bem o homem poliédrico. E nós estamos aqui para recordar, relembrar e homenagear a memória de um homem que passou mais de cinqüenta anos nesta Casa, que foi um escritor fecundo, foi um educador eminente, foi um museólogo operoso. Foi, como diria Murilo,

um operário incansável das letras nacionais, dessa nossa literatura que tanto lhe deve.

Nesse caso estamos nós aqui, digamos, num território espiritualmente maranhense ao estarmos homenageando Josué Montello. E nesse caso, aproveito a oportunidade e gostaria de tomar a liberdade com a memória dele o que fez José Sarney com a memória de Afonso Arinos. Quando José Sarney me honrou ao me receber nesta Casa, ele disse que me recebia simbolicamente ao lado de Afonso Arinos. É isso que eu quero fazer: despedindo-me simbolicamente de Josué Montello – que sentava aqui onde está Zélia – em nome do seu fraterno amigo Afonso Arinos – que sentava ali onde está Eduardo. Eles estavam sempre juntos. Lembro-me bem de uma vez em que Afonso me disse da importância que teve um convite que ele recebeu de Josué. Afonso estava frágil de saúde naquele tempo e Josué o convidou a falar no Maranhão, numa circunstância que muito apoiou e muito estimulou o orador naquele momento.

Lembro-me de Josué aqui – eu já acadêmico – levantar-se, com a sua bengalinha, e vir insistir comigo, já após o falecimento de Afonso Arinos, para que eu não deixasse de organizar a antologia com ensaios do seu amigo fraterno. Isso me animou, essa idéia, essa fraternidade me sensibilizou muito. Comecei a fazê-la quando Lêdo Ivo propôs aqui, em homenagem ao centenário de Afonso Arinos, que a Academia fizesse um livro de ensaios em torno dele. Organizei esse livro, *O Espírito e a Ação*, que Alberto Venancio quando diretor das publicações publicou. Estou fazendo agora, também pensando no que me aconselhava Josué Montello, uma coletânea de ensaios de Afonso Arinos, em torno do último projeto literário, que ele deixou inacabado, que se chamará *Rosa de Ouro*, em torno da qual procurei ajuntar todos os ensaios importantes, significativos, que Afonso escreveu ao longo da vida sobre aquela explosão cultural, artística, poética, literária, política que representou a febre do ouro eclodida em Minas Gerais no século XVIII.

Ao me despedir aqui não só em meu nome próprio, mas também em nome do seu amigo, o segundo Afonso Arinos, eu queria lembrar que não estamos apenas nos despedindo do nosso decano. Ele foi um eminente decano, um decano ilustre; mas o decano se sucede automaticamente: uma o fez falecido, vê-se quem é o mais antigo no *Anuário da Academia* e está ali o

novo decano. O problema é mais grave, porque durante esse meio século de Academia em que Josué foi aprofundando esse conhecimento, no decorrer desse tempo todo, ele encarnava de fato a memória da Academia Brasileira de Letras. E uma memória é muito mais difícil de recuperar.

ACADÊMICO IVAN JUNQUEIRA

Senhor Presidente, senhores Acadêmicos, familiares de Josué Montello: Yvonne, Lenka, Daniela.

A um só tempo é muito fácil e muito difícil falar de Josué Montello. É fácil no sentido de que convivíamos aqui, eu pelo menos, há cinco anos, com um homem que era um símbolo desta Casa. É fácil também na medida em que Josué Montello era muito assíduo na Academia. De maneira que esse último período de ausência de Josué, esse período de dezoito meses durante os quais ele lutou pela vida, foi muito doloroso para cada um de nós, que já estávamos acostumados à sua amabilidade, à sua terna liderança e à sua participação, sempre muito freqüente, neste plenário.

Mas estamos hoje aqui nos despedindo de um homem que permaneceu nesta Casa 52 anos. Até onde eu me lembro somente o Acadêmico Magalhães de Azeredo ficou mais tempo em sua Cadeira, mais do que Josué Montello. Já se disse aqui, e com toda razão, que Josué era a própria história da Academia. Não porque ficou mais de meio século numa Cadeira, a de número 29, mas porque era a própria memória viva da Academia. Sempre que se pensava em algum esclarecimento, em alguma história que se precisasse contar para iluminar algo que gostaríamos de saber da Casa de Machado de Assis, tínhamos que recorrer a Josué Montello. E continuaremos a fazê-lo, sem dúvida alguma, através desses I3I títulos que ele nos legou, a nós e à literatura brasileira.

Eu disse que também era difícil falar de Josué Montello. Difícil porque como é que se vai avaliar corretamente a obra de um polígrafo? Que área da literatura Josué não freqüentou? Até onde eu me lembro também, apenas a poesia, porque Josué foi romancista, foi cronista, foi contista, foi ensaísta, foi crítico literário, foi historiador da literatura, foi dramaturgo. Enfim, não houve uma vertente da literatura que ele não tivesse freqüentado.

Disso resulta inclusive esta obra vastíssima de 131 livros, como acabo de referir. E nem seria preciso que tivesse Josué escrito tanto, porque livros como *Os Tambores de São Luís*, *Noite sobre Alcântara*, *Largo do Desterro*, ou *Cais da Sagração* valem por toda uma obra. Mas Josué, realmente, nunca se contentou com pouco. Talvez por isso dormisse tão pouco, talvez por isso acordasse tão cedo, para se consagrar exatamente àquilo que era, eu não diria o seu ofício, mas a sua destinação nesta terra: a condição de escritor.

Não tenho dúvida que todos nós vamos sentir, e já estamos sentindo, uma falta enorme de Josué Montello.

ACADÊMICO ALBERTO DA COSTA E SILVA

Diante do corpo de Josué Montello, a lembrança que me veio foi a de um meninote de 19 anos a subir a escadaria da Biblioteca Nacional em julho de 1950, a dobrar no alto da escadaria para a direita, entrar no escritório coberto de lambris onde se encontrava um senhor jovem, de rosto redondo, moreno, cabelos e bigodes muito negros, que me recebeu com um sorriso e me perguntou como ia o meu irmão, seu velho companheiro de cadeira no Ginásio Maranhense, em São Luís do Maranhão.

Foi Josué Montello quem nesta ocasião me deu o meu primeiro emprego na Seção de Manuscritos da Biblioteca Nacional, faz 56 anos. E esteve sempre ligado a todos os momentos de mudança essencial em minha vida.

Conversávamos muito sobre literatura, mas conversávamos muito mais sobre São Luís do Maranhão, sobre as marcas que havia nos seus romances, na casa de muitas janelas que minha tia Sinhá, na Praça da Alegria, que também era a da Força Velha, e sobre a sombra que meu tio padre, Monsenhor Eurípedes da Costa e Silva, projetava no seu romance *O Largo do Desterro*, porque esse meu tio pregou e rezou missa naquela mesma igreja. E falávamos de tudo aquilo que constituía uma memória que era comum a ele e a mim: a ele porque a viveu, e a mim porque dela ouvi dos meus maiores.

Junto a ele se foi, é assim para mim, não apenas o grande escritor, mas o grande companheiro, o grande amigo e um grande irmão mais velho. É dele que tenho saudade.

ACADÊMICO EVANILDO CAVALCANTE BECHARA

Uma figura múltipla como o nosso já saudoso Josué Montello pode ser revisitada e admirada por ângulos variados de seu longo percurso e rica atividade. Muitos confrades se referiram ao vitorioso estudante do início de vida fadigosa; ao chefe de família amoroso; ao funcionário público exemplar; ao professor diligente, nas pesquisas do seu Machado de Assis; ao romancista excelso; ao amigo fiel das horas difíceis, ao confrade de amena convivência; ao acadêmico assíduo e zeloso do destino da Casa de Machado de Assis, entre outras facetas da sua prodigiosa biografia intelectual e humana.

Desejo ressaltar, nesta hora de reverente saudade, o administrador e promotor de ações e iniciativas em prol da Cultura. Fora desta Academia, será presença permanente no Maranhão, de que nunca se desgarrou, o legado à mocidade estudiosa corporificado na Casa de Cultura Josué Montello que guarda o rico acervo de parte de sua biblioteca particular, além do trabalho em favor das atividades de excelência da Universidade Federal do Maranhão, hoje à margem esquerda do rio Bacanga.

Aqui, na instituição, além de melhorias materiais e de sua biblioteca devidas à sua iniciativa de secretário-geral e presidente, com apoio e conselho de seus pares, foi responsável pela redação do decreto do Poder Executivo regulamentador da lei n.º 726 de 8 de dezembro de 1900, assinada pelo Presidente Campos Sales e pelo Ministro Epiácio Pessoa, que autorizava a Imprensa Nacional a fazer as publicações da nossa instituição. Quase sessenta anos para este primeiro passo importante!

Com a regulamentação as milhares de fichas que dormiam empoeiradas desde 1943, em estantes da Casa de Machado de Assis, fruto de dois anos de trabalho do notável filólogo brasileiro Antenor Nascentes, puderam ser impressos na década de 60, em quatro volumes esmeradamente preparados. A Academia Brasileira de Letras tinha o seu dicionário muito antes da Academia das Ciências de Lisboa.

No Prefácio, o então Presidente Austregésilo de Athayde diz da obra com a humildade que deve presidir toda criação do homem e numa convocação a seus pares e aos estudiosos especialistas:

“Temos consciência de que não se trata de obra acabada, com caráter definitivo e sim de um ensaio, embora de grandes proporções, destinado a receber da crítica a ajuda imprescindível para que se torne, com os anos e subsequentes edições, um padrão no gênero.”

É nesta linha que trabalha o setor de Lexicologia e Lexicografia na esperança de poder honrar o compromisso que deve à competência de Antenor Nascentes, Aurélio Buarque de Holanda e Antônio Houaiss e em memória de Josué Montello.

ACADÊMICA ZÉLIA GATTAI AMADO

Por mais de quarenta anos, fomos Jorge Amado e eu amigos de Josué Montello e de Yvonne. Chegando aqui pela primeira vez depois de eleita, ao entrar nesta sala, encontrei Josué e ele, sem saber que Eduardo Portella já havia me convidado para ser sua vizinha – então a disposição de cadeiras era a seguinte: aqui sentava Josué Montello, esta cadeira vaga, e Portella onde hoje está Sergio Rouanet. – Aceitei imediatamente: ficaria entre dois velhos amigos, seria ótimo.

Com Josué e Portella compartilhei de muitas sessões especiais e sessões de eleições, de prêmios. Josué, inteligente, vivo – e Portella também – costumava tecer comentários em voz baixa, à meia-voz, fazendo-me rir quando não devia.

Josué vai fazer falta à nossa Casa, deixará saudades.

ACADÊMICA ANA MARIA MACHADO (*teve que se retirar da sessão e deixou texto escrito para ser distribuído e constar da Ata da Sessão.*)

Do incansável operário das letras que foi Josué Montello, intelectual que dedicou toda vida a trabalhar pela literatura e pela cultura, muito já se falou e continuará falando. Bem como de seu entranhado amor pelo Maranhão, que irrigou sua obra de romancista – em cuja vastidão títulos como *Os Tambores de São Luís* e *Noite Sobre Alcântara* com certeza resistirão ao duro teste do tempo e continuarão a encantar leitores por este Brasil afora.

Nós, aqui nesta Casa, já estamos sentindo sua falta, seu saber todo de experiência feito, sua presença atenta aos detalhes e conhecedora de meandros, seus conselhos antecipadores de obstáculos ocultos. Pessoalmente, recordo com carinho nossos encontros freqüentes na Nova Fronteira, nossa editora comum, quando eu ouvia deliciada os tantos casos interessantes que ele sempre tinha para contar, muito antes de nosso convívio nesta Academia. Parafrazeando o próprio Josué Montello em um de seus textos, nada mais natural que agora haja a sua volta um halo de reconhecimento afetuoso que correspondeu a mais pura recompensa de tudo quanto empreendeu e realizou.

ACADÊMICO ALFREDO BOSI (*Mensagem enviada por escrito.*)

Senhor Presidente, caros confrades:

Se há uma palavra que define com plena justeza a figura de Josué Montello, essa palavra é fidelidade.

Ao longo de uma vida excepcionalmente operosa (lembro o seu cotidiano de trabalho evocado, por ocasião das exéquias, pelo Presidente Marcos Vinícios Vilaça), Josué Montello logrou um tento, que é sempre difícil: harmonizar uma notável multiplicidade de pesquisas e leituras com uma forte concentração nos seus ideais mais caros de ficcionista, estudioso e homem público.

Fiel mostrou-se ele a cada uma dessas três dimensões de seu labor intelectual.

A cada uma deu o máximo de si mesmo. De cada uma oxalá possamos ser seus herdeiros. E não haverá maneira mais justa de honrar o seu legado do que sermos nós mesmos também fiéis a seus valores.

No romance foi Josué Montello espelho puro da sua cidade e da sua província, a São Luís e o Maranhão ao mesmo tempo míticos e reais, que a sua memória evocou em prosa límpida, digna do conterrâneo de escritores impecáveis, elos da tradição maranhense que sabe traduzir a emoção em estilo nobremente simples, um estilo clássico.

No ensaio, não obstante a aparente dispersão de interesses a que o conduzia sua intensa curiosidade intelectual, ressalta a constância de uma figura nuclear que inspirou toda a sua carreira de estudioso, Machado de Assis. Não

haveria mãos a medir se quiséssemos colher na vasta machadiana de Josué Montello os textos que iluminaram aspectos biográficos, alguns recônditos e até então ignorados, do nume que preside a esta Casa.

Fiel aos seus lares maranhenses, fiel à memória de Machado de Assis, ele foi também fidelíssimo à Academia Brasileira de Letras, à qual dedicou grande parte da sua existência. E nesse ponto só me cumpre invocar o testemunho de meus confrades, que, mais e melhor do que eu, o conheceram de perto, tiveram o privilégio de conviver com ele, e dele receber provas de um mestre, conselheiro e amigo leal.

Deixo, por fim, um voto, que certamente já está no coração de todos os acadêmicos. Que doravante, a partir desta sessão de saudade, a Casa de Machado de Assis possa também ser chamada Casa de Josué Montello.

ACADÊMICO MARCO MACIEL (*Mensagem enviada por escrito.*)

“Aqueles que morreram”, disse João XXIII, “estão apenas invisíveis aos nossos olhos, mas não estão, de modo algum, ausentes de nossas vidas”.

A sentença pontifícia aplica-se integralmente a Josué Montello, cujo falecimento pranteamos, pois, como ele mesmo mencionou em seu discurso de posse nesta Casa, a “imortalidade das Academias, não colidindo com a do reino dos céus, desta se diferencia dos valores de sua contingência humana e no sentido terreno de sua perenidade”.

Maranhense de São Luís, onde moldou sua rica personalidade, concluiu seus estudos secundários em Belém do Pará e fixou, em 1936, residência no Rio de Janeiro para exercer o mister de Técnico de Educação, conquistado por concurso público. Com o mesmo devotamento que dedicou às causas da educação, Josué se entregou à maior vocação de sua vida: o ofício de escrever. Josué, escritor ninguém mais o foi. Dono de uma disciplina rara escrevia diária e metodicamente, fazendo fluir de sua invenção obras extraordinárias que densificaram a literatura brasileira. Foi romancista, historiador, memorialista, dramaturgo, ensaísta, enfim, polígrafo. Josué, portanto, foi um ser uniplural.

O estilo é o homem, como assim definiu, há mais de duzentos anos, o Conde Buffon, por constituir, a meu ver, o indesvendável segredo de quem escreve, algo integrante do seu próprio código genético. Por isso, observou Josué em entrevista ao jornal *O Globo* no início de 1993, “é preciso ter consciência artesanal das letras, da sonoridade das vogais, a intuição de realização estilística do texto, coisas que ninguém ensina... Para escrever, disponho de vocabulário, ritmo e tema”. No seu *Diário do Entardecer*, explicitou que a “vocação é o gosto de fazer aquilo para que supomos ter nascido. Não vem só; há de ter trazido consigo a companheira que se chama aptidão. Esta ensina como fazer. As duas, juntas, harmônicas, solidárias, dão sentido à vida que Deus nos deu”. E mais: “o que se faz por vocação não cansa”.

No romance, a presença do seu Maranhão é constante e tomo como exemplo *Os Tambores de São Luís*, que confere a sua obra a marca de seu sentimento de *maranhensidade*. Consegue juntar força telúrica e cosmopolitismo. A curiosidade intelectual e o caminhar de sua vida o conduziram a essa síntese brilhante.

Poderia ainda lembrar muitos outros livros de sua autoria: *A Décima Noite*, *Os Degraus do Paraíso*, *Cais da Sagração*, *A Luz da Estrela Morta*, que caracterizam sua vasta e diversificada produção intelectual. Foram 27 romances e mais de 100 livros publicados.

À alma do escritor somava-se um grande talento para a política e a Administração Pública. Foi Subchefe da Casa Civil no Governo Juscelino Kubitschek, dirigiu o Museu Histórico Nacional, o Serviço Nacional do Teatro, a Biblioteca Nacional, fundou o Museu da República e inspirou, no final do Governo Castello Branco, a criação do Conselho Federal da Cultura. Exerceu também as funções de Reitor da Universidade Federal do Maranhão e de embaixador do Brasil na UNESCO, em Paris, no governo de seu amigo e conterrâneo José Sarney. Em todos esses cargos, se houve com “instinto de nacionalidade”, para usar expressão de Machado de Assis, e elevada provisão de espírito público. Temperamento ameno e conciliador portava uma enorme sensibilidade para o entendimento, que o levou a adotar conduta preconizada por Joubert: “Não devemos cortar o nó que podemos desatar. E logo

me adianto: se eu fosse político, não teria outro conselho diante dos meus olhos.” (*Diário do Entardecer*, pág. 12, Nova Fronteira).

Senhor Presidente,

Esta Academia, a Casa de Machado de Assis, de Austregésilo de Athayde, é também, em sua mais que centenária existência, de todos que a presidiram, como Josué Montello, que nela ingressou com escassos 37 anos e permaneceu, mais de meio século, inclusive nos últimos tempos na condição de seu decano. Cedo igualmente reconheceu Josué, — “pelo tirocínio que é bom ser bom, no sentido da amenidade, da convivência e da solidariedade natural” —, ao repetir a frase de João Neves da Fontoura: “A Academia, ao contrário do que se pensa aqui fora, é, sobretudo convívio.”

Josué Montello teve em toda a sua vida um grande amor — a sua esposa e companheira durante tantos anos, a querida Yvonne, a quem — e às filhas — transmitimos, Anna Maria e eu, nosso respeito, admiração e solidariedade. Ele continua conosco a inspirar-nos, pela conduta, pelo exemplo e também por haver enriquecido culturalmente nosso País, garantia da sua permanência na memória da Pátria.

ACADÊMICO CÍCERO SANDRONI

Contemplo o esquife de Josué e recuso-me a aceitar sua finitude. Diante do inevitável, depois de tanto sofrimento, o adentrar de Josué na terra desconhecida, ainda parece incompreensível para nós, seus companheiros de jornada. Não nos acostumamos à idéia da ausência do grande escritor devotado desde a juventude ao ofício das letras com ardor quase religioso. Seu enorme talento, suficiente para consagrá-lo como um dos maiores romancistas do nosso tempo, multiplicava-se e se enriquecia, por servir a um tenaz trabalhador literário, homem íntegro, inteiro, incansável, diuturno. Um homem de caráter.

Todos os dias, às cinco da manhã, quando a penumbra da madrugada exigia luzes acesas no interior do escritório, Josué se encontrava diante da escrivaninha com seus instrumentos de trabalho, pena e papel, a criar, em estilo perfeito e imaginação incomensurável, as tramas e urdiduras dos seus romances, contos e novelas, ou então a preparar, com a erudição haurida na leitura

dos clássicos, tomos de história literária, biografias, ensaios e artigos para jornais. Duas horas depois os manuscritos eram passados à sua querida e devotada Yvonne, nossa amiga há mais de meio século, e ela, mais tarde, se ocupava de datilografá-los; e só depois de terminada a primeira tarefa do dia o casal tomava o seu café da manhã. Às oito horas, quando muitos ainda estão acordando, o incansável Josué iniciava a segunda fase dos seus trabalhos, as leituras, os estudos, as pesquisas sempre à procura do ainda ignorado para incorporá-lo ao seu vasto saber. Depois do almoço frugal, um terceiro tempo dedicado as atividades de efficientíssimo administrador cultural em várias esferas do governo, em especial no Conselho Federal de Cultura, do qual foi seu primeiro presidente, na direção da Biblioteca Nacional, na universidade, na cátedra ou na reitoria, nas atividades diplomáticas, na qualidade de Conselheiro Cultural, na embaixada do Brasil na França ou como embaixador junto à UNESCO. É com especial dedicação nesta Academia, onde por dois anos dirigiu seus destinos, realizando notável obra, na qual se destaca a reforma e embelezamento do *Petit Trianon*. E ainda sobrava fôlego e tempo para um quarto expediente, a vida social, da qual jamais abdicou, intensificada nos anos de presidência, quando, com gosto e orgulho, representava oficialmente a Academia.

Este homem ativo durante dezoito horas a cada jornada de sol a sol, ao fim da vida foi submetido aos sofrimentos das doenças às quais resistiu tenazmente por quase dois anos, amparado por Yvonne, filhas e netos a cuja dedicação permanente..... Seu forte coração batia compassado como se o pulsar o informasse todos os instantes da recusa de receber a visita da indesejada das gentes. O vigoroso coração de Josué insistia no objetivo de torná-lo, assim como já era sua vasta obra literária, fisicamente imortal. Sei, sabemos os que acreditam na permanência do espírito, que seu repouso final não representa a vitória da morte. Poderíamos perguntar neste momento, diante de Josué, repetindo Paulo na epístola aos Coríntios, *Onde está, ó morte, a tua vitória? Onde está ó morte, o teu aguilhão?*

Na condição de um dos mais recentes integrantes desta Academia, um irmão menor nesta fraternidade de grandes nomes, quis o destino entregar-me a difícil tarefa de pronunciar as palavras de despedida ao mais antigo deles, o nosso decano, desde a morte de Barbosa Lima Sobrinho. Ao lado de Magalhães Azevedo, do próprio Dr. Barbosa, Josué Montello formou, até

hoje, a tríade de decanos que mais tempo de vida passaram nesta Academia: Magalhães Azevedo com tanto, Barbosa Lima com tanto e Josué Montelo com tanto os meus dois anos e alguns meses de permanência nesta Casa, comparados com mais de meio século de labor acadêmico de Josué, um labor diurno e devotado à instituição de que ele, de alguma forma nos últimos anos era símbolo e legenda, não me habilitam para a honrosa e ao mesmo tempo dolorosa tarefa da despedida, que cumpro em obediência ao regimento, na ausência, por motivo de viagem, do presidente Marcos Vinícios Vilaça.

Nesta situação para cumprir o ritual da homenagem, que precede a sessão saudade, recorro às relações cordiais que com ele mantive desde meado dos anos cinquenta do século passado, quando Josué, jovem romancista, mas já com expressiva bagagem, ingressara na casa. Acompanhei com notícias sempre cordiais que recebia de ambos, o estado da amizade de Josué com Athayde, que por sua duração no tempo e pela colaboração íntima que chegava aos meandros e aos escaninhos dos segredos da Academia, certamente dariam um alentado capítulo da história da instituição na segunda metade do século XX. Nem sempre essa relação navegava num mar de rosas, mais foi sempre lastreada, até o último momento, no discurso de adeus pronunciado por Josué diante do esquife de Athayde, por doses cada vez maiores de respeito, admiração e afeto.

Amizade que mais tarde, depois da minha eleição, com o seu voto, tão importante para mim, passou uma relação quase fraterna, nos dois encontros semanais na academia havia sempre, fora das sessões, tempo para conversar e ouvir dele os conselhos e lições do irmão mais velho e muitíssimo mais experiente, em assuntos da vida e da Academia, conselhos e lições que muito me têm valido nesse tempo acadêmico.

Alguns dias antes de ser internado no nosso último encontro na Biblioteca Lúcio de Mendonça Josué me mostrou, com justificado orgulho e brilho nos olhos, as várias estantes com seus livros, quase duzentos títulos, uma pequena brasileira escrita por um só homem no correr de sua vida dedicada às letras. Entre eles destacava com carinho especial os romances, alguns deles a exemplo de *Tambores de São Luís* ou *Noite sobre Alcântara* mais belos escritos em língua portuguesa.

Pensar que seu primeiro romance, *Janelas Fechadas*, lançado em 1941, completa este ano sessenta e cinco anos de existência, dá a medida da imortalidade da obra literária.

Hoje pranteamos o encerrar de sua vida terrena, mas sua obra continuará perene para os leitores que no correr do tempo serão contados aos milhões. Para nós, seus companheiros, fica o exemplo de dedicação permanente à Casa que nos abriga.

E para terminar este breve adeus, invoco os versos de Casimiro de Abreu, “*Que tem a morte de feia? / Branca virgem dos amores / tocada de murchas flores / um longo sono nos traz: / e o triste que em dor anseia / – talvez morto de cansaço / vai dormir no teu regaço / como num claustro de paz/.*”

Depois de tanto sofrimento.

Com toda a certeza e num claustro de paz que Josué se encontra agora.

ACADÊMICO ANTONIO CARLOS SECCHIN

Cessaram de soar os tambores de São Luís. Cai a noite sobre Alcântara. Um homem miúdo dá adeus a Yvonne e embarca no cais da consagração. Caminha lentamente, trazendo na mala mais de cem livros e trazendo nas retinas milhares de outros. A última convidada, a Indesejada das Gentes, compareceu ao baile de despedida. Janelas fechadas, o camarote vazio, numa viagem sem regresso. Mas eis que subitamente renasce a luz da estrela morta, saudando Josué, que galga os degraus do paraíso. Sua história, agora, se confunde, e para sempre, com a voz límpida que ecoa em cada uma das páginas que escreveu. Criador e criaturas, autor e personagens, se encontram, irmanados num tempo além do tempo, porque alimentado pela seiva inesgotável da memória futura de todos os seus leitores. Voltam a soar os tambores de São Luís.

ACADÊMICO JOSÉ MURILO DE CARVALHO

Senhor Presidente,

Novato nesta Casa tive poucas oportunidades de convivência com Josué Montello. Quando comecei a freqüentar as sessões, já era ele vítima da longa

enfermidade que por fim o tirou de nosso convívio. Nosso contato pessoal resumiu-se à visita que lhe fiz no apartamento da Avenida Atlântica para pedir apoio a minha pretensão de entrar na Academia. A visita foi curta, mas dela guardo lembrança indelével. Não falo da gentileza com que fui recebido por ele e Yvonne, por ser ela marca conhecida do casal. Falo de duas outras coisas. A primeira foi o justificado orgulho com que apontava para as estantes da sala, repletas de livros, a maior parte dos quais de sua autoria. Naquele gesto percebi o sentimento de plenitude que tomava conta daquele artesão da escrita. Mas o que mais me impressionou foi o tipo de preocupação que Josué Montello alimentava em relação ao candidato. Não me perguntou por minhas qualificações profissionais ou literárias, essas inexistentes. Mais de uma vez, no entanto, perguntou por minha motivação ao me candidatar. Queria saber qual seria meu grau de comprometimento com a Academia. Preocupava-se visivelmente em verificar se estava diante de alguém que queria viver do prestígio da Academia ou para a Academia. Esse comprometimento radical com a Casa impressionou-me. Candidato não vota. Mas, se votasse, escolheria Josué Montello como o melhor eleitor de candidatos à Academia.

Obrigado.

PRESIDENTE MARCOS VINÍCIOS VILAÇA

Senhores acadêmicos, vou pedir autorização para que faça constar da Ata o meu discurso de despedida a Josué Montello como o meu testemunho nesta sessão de hoje. E para recordar com Yvonne e com a família Josué Montello, vou aqui trazer três testemunhos que são, na sua singeleza e na sua qualidade, mais uma homenagem a Josué Montello e sua família.

De João Cabral de Melo Neto: “A medida do homem não é a morte, mas a vida.”

De Carlos Drummond de Andrade: “Qualquer tempo é tempo. A hora mesmo da morte é hora de renascer.”

De Balzac: “A glória é o sol dos mortos.”

Por ter solicitado a palavra, em nome da família, concedo a palavra a Daniela Montello, para ler as palavras escritas por D. Yvonne Montello.

D. YVONNE MONTELLO (*Mensagem lida por Daniela Montello.*)

A emoção não me permite falar. Quero deixar aqui expresso meu profundo agradecimento e o de toda a família pelas palavras carinhosas e justas, por tudo o que aqui foi proferido por todos os seus confrades. Foi homenageado o amigo, o companheiro, o escritor que tanto serviu e amou esta Casa desde o ano de 1955, ano de sua posse na Academia Brasileira de Letras.

Daí em diante criou-se um vínculo indissolúvel, não só de amor como também de dedicação e zelo pela instituição.

Por suas mãos passei a freqüentar a Academia e a aglutinar, juntamente com ele, as boas amizades que iriam perdurar para sempre.

Agradeço a Deus a oportunidade de ter convivido por 52 anos ao lado de Josué Montello, o grande amor da minha vida.

Muito obrigada.

PRESIDENTE MARCOS VINÍCIOS VILAÇA

Peço licença para lembrar aos senhores acadêmicos a agenda de trabalho da Casa na próxima quinta-feira.

Ao encerrar a sessão de saudade ao Acadêmico Josué Montello, declaro vaga a Cadeira n.º 29, que teve como patrono Martins Pena; fundador, Artur Azevedo; e sucessores: Vicente de Carvalho, Cláudio de Sousa e Josué Montello.

As inscrições para a eleição, a 22 de junho de 2006, se encerrarão a 20 de abril próximo. A eleição é na primeira quinta-feira dia seguinte do prazo regimental. Está encerrada a sessão.

SESSÃO DO DIA 23 DE MARÇO DE 2006

Sob a presidência do Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça, estiveram presentes os Acadêmicos: Cícero Sandroni, Secretário-Geral; Ana Maria Machado, Primeira-Secretária; José Murilo de Carvalho, Segundo-Secretário; Antonio Carlos Secchin, Diretor-Tesoureiro; Murilo Melo Filho, Diretor da Biblioteca; Sergio Paulo Rouanet, Diretor do Arquivo; Eduardo Portella, Diretor dos *Anais da Academia Brasileira de Letras*; Affonso Arinos de Mello Franco, Alberto da Costa e Silva, Alberto Venancio Filho, Antonio Olinto, Arnaldo Niskier, Candido Mendes de Almeida, Carlos Nejar, Evanildo Cavalcante Bechara, Pe. Fernando Bastos de Ávila, Ivan Junqueira, Lêdo Ivo, Moacyr Scliar, Nélida Piñon, Nelson Pereira dos Santos, Tarcísio Padilha e Zélia Gattai Amado.

- O Presidente Marcos Vinícios Vilaça designou a Acadêmica Nélida Piñon e os Acadêmicos Carlos Nejar e Antonio Carlos Secchin para introduzir no plenário o poeta Rodolfo Alonso, que foi recebido com uma salva de palmas. Declarou, a seguir, aberta a sessão para a entrega das Palmas Acadêmicas ao poeta argentino Rodolfo Alonso. Observou que, à presença do poeta, acrescenta-se uma alegria adicional pelo fato de se encontrar neste plenário, pela primeira vez, o acadêmico recém-eleito Nelson Pereira dos Santos, que foi saudado por uma salva de palmas. Disse ser esta a vigésima vez que a Academia Brasileira de Letras entrega Palmas Acadêmicas em sessenta e cinco anos de sua criação, e que Rodol-

fo Alonso é o segundo argentino a recebê-las. O primeiro foi o Presidente da República Augusto Justos, de onde se conclui a relevância do gesto acadêmico. Falou das relações Brasil-Argentina e lembrou que foi de um dos atuais acadêmicos o grande desbloqueio das relações tensas, em certo momento, entre brasileiros e argentinos, no âmbito governamental. Foi o Acadêmico José Sarney com o Presidente Raul Alfonsín que destravaram essas relações. Recordou o que significou aqui o papel do Embaixador Ramón J. Cárcano ou, mais recentemente, do grande intelectual e cientista político Mário Amadeo, e também de outros, que serão aqui lembrados pelo Acadêmico Lêdo Ivo, o orador oficial da Casa nesta solenidade e a quem passou a palavra.

- O Acadêmico Lêdo Ivo saudou a Senhora Rachel Alonso e o poeta Rodolfo Alonso e discursou, em nome da Academia Brasileira de Letras, neste momento solene em que são conferidas as Palmas Acadêmicas ao poeta argentino. Ao concluir, disse ser o poeta Rodolfo Alonso um fabricante de encantos, e foi nessa condição que a Academia lhe conferiu as Palmas Acadêmicas. (O discurso do Acadêmico Lêdo Ivo será encaminhado ao Centro de Memória da Academia.)
- O Presidente Marcos Vinícios Vilaça solicitou ao Acadêmico Lêdo Ivo que, em nome da Academia Brasileira de Letras, fizesse a imposição das Palmas Acadêmicas no poeta Rodolfo Alonso. O Acadêmico Lêdo Ivo sugeriu a Acadêmica Nélide Piñon e o Presidente pediu que os dois o fizessem.
- O poeta Rodolfo Alonso discursou agradecendo a homenagem que a Academia Brasileira de Letras lhe prestava nesta tarde ao outorgar-lhe as Palmas Acadêmicas. (O texto do discurso do poeta Rodolfo Alonso será encaminhado ao Centro de Memória da Academia.)
- O Presidente Marcos Vinícios Vilaça disse da honra desta Casa ao conferir ao poeta Rodolfo Alonso estas Palmas Acadêmicas que, de certa forma, homenageia toda a nação Argentina. Em seu nome e de seus colegas desta Casa disse da alegria de ter a presença nesta sessão da Sra. Rachel Alonso e registrou, ainda, a presença do Cônsul da Argentina, Sr.

Luis Eugênio Bellando. Declarou encerrada esta sessão e convocada outra, exclusivamente de acadêmicos, dentro de quinze minutos.

- O Presidente Marcos Vinícios Vilaça, ao reiniciar a sessão, pediu uma salva de palmas aos Acadêmicos Pe. Fernando Bastos de Ávila, que aniversariou no dia 17, e Moacyr Scliar, que aniversariava naquele dia. Pediu também, fora do Regimento, mas por um imperativo do coração de todos os acadêmicos, uma salva de palmas pelo aniversário da Senhora Maria Carmen de Oliveira. Pediu desculpas aos acadêmicos pela distribuição, por engano, da cópia da minuta do telegrama enviado para a Senhora Bárbara Freitag Rouanet, saudando-a pela obtenção do título de Professora Honorária da Universidade de Brasília. Lembrou que, como no dia 22 de junho o Brasil joga com o Japão, teria assim que transferir para o dia 21 de junho, quarta-feira, a eleição da Cadeira n.º 29. A sessão do dia 15 de junho, Corpus Christi, será antecipada para o dia 12. Disse que foi muito honroso para a Academia a solenidade realizada pelo Supremo Tribunal Federal quando, pela primeira vez, a Côrte maior do País abriu seu plenário para homenagear uma instituição. Ressaltou o discurso primoroso feito pelo Acadêmico Alberto Venancio Filho, que muito dignificou a Academia pela vertente da história e do saber jurídico. Anotou também a inauguração do Museu da Língua Portuguesa, em São Paulo, onde a Academia foi honrada e destacada. Uma obra monumental em divulgação, preservação e respeito à língua portuguesa. A Academia foi representada pelos Acadêmicos Evanildo Cavalcante Bechara, Alfredo Bosi, Arnaldo Niskier, Marco Maciel e as Acadêmicas Ana Maria Machado e Lygia Fagundes Telles. Disse que o Prof. Guilherme de Oliveira Martins, sobrinho neto de Oliveira Martins, grande intelectual português no campo do Direito e da Administração, solicitou à Academia a cooperação dos acadêmicos no livro comemorativo dos oitenta anos do sócio correspondente António Alçada Batista. Falou, em Brasília, com o Acadêmico José Sarney que aceitou participar do livro e pediu que os acadêmicos correspondessem a esse convite. Pediu que os acadêmicos entregassem os artigos, uma vez pronto, ao Acadêmico Antonio Carlos Secchin, até o dia trinta de outubro.

- O Acadêmico Alberto Venancio Filho comunicou ao plenário que o Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro inaugura hoje, na sua sede, um busto do Acadêmico Evandro Lins e Silva, que tanto honrou a Academia Brasileira de Letras.
- O Presidente Marcos Vinícios Vilaça agradeceu a lembrança do Acadêmico Alberto Venancio Filho e pediu que a informação constasse nos *Anais da Academia Brasileira de Letras* e que o Centro de Memória da Academia fosse notificado. Comunicou ao plenário que, diante do clima de violência atual, a Diretoria sentiu a necessidade de reforçar a segurança do *Petit Trianon*, aumentando o número de guardas. Deu notícias de que já começou os trabalhos de análise administrativa da Academia por parte da Fundação Getúlio Vargas. Essa análise e a oferta de modernização administrativa da ABL são gratuitas. O setor de Internet também está sendo renovado e proximamente dará notícias mais completas e detalhadas. Disse que o Acadêmico José Sarney, na sua condição de Senador, está elaborando um projeto de lei para obter isenção para a Academia nas contribuições, nos impostos indiretos e nas diversas formas de pagamento tributário que a Academia tem que fazer. Acredita que no Senado terá uma tramitação rápida. Comunicou também que a Diretoria conseguiu o apoio da INFRAERO para edição de cinco livros por ano. Lembrou aos acadêmicos o prazo da entrega das sugestões de nomes para o Prêmio Reina Sofia que termina no dia trinta de março.
- A Acadêmica Ana Maria Machado esclareceu que a carta enviada ao Presidente Marcos Vinícios Vilaça sobre o Prêmio Reina Sofia apenas pedia que fossem enviadas sugestões de nomes para o Prêmio de Poesia Reina Sofia e as indicações acabaram convergindo para dois nomes: Manoel de Barros e Ferreira Gullar.
- O Presidente Marcos Vinícios Vilaça disse que os nomes serão listados pelo Acadêmico Antonio Carlos Secchin, que se encarregará de colher as indicações do Prêmio Reina Sofia para serem votados na próxima quinta-feira, dia 30 de março.
- O Acadêmico Carlos Nejar ponderou que a Academia deve pensar dentro dela. Acha que Manoel de Barros e Ferreira Gullar são nomes dignos de

receberem o Prêmio Reina Sofia, mas a Academia Brasileira de Letras deve indicar nomes de acadêmicos.

- O Acadêmico Antonio Carlos Secchin pediu que os Acadêmicos encaminhassem as sugestões de nomes para serem votados, na próxima quinta-feira, dia 30 de março.
- O Presidente Marcos Vinícios Vilaça, finalizando, lembrou aos acadêmicos que o Termo de Comodato com a Prefeitura do Rio de Janeiro seria submetido à aprovação nesta sessão. O plenário o aprovou por unanimidade. Convidou a todos os acadêmicos para o lançamento do livro *A Magia da Educação*, do Acadêmico Arnaldo Niskier, e também para a homenagem que se faria ao Acadêmico Antonio Olinto, que recebe uma alta distinção da Assembléia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro. Antes de encerrar a sessão, concedeu a palavra ao Acadêmico Moacyr Scliar.
- O Acadêmico Moacyr Scliar disse que participou, na última quarta-feira, na qualidade de médico e membro da Academia Brasileira de Letras, designado pelo Presidente da República e funcionando junto ao Ministério da Cultura, da Comissão Nacional de Determinantes Sociais de Saúde, que se propõe a examinar a questão das iniquidades em saúde no nosso País e de sugerir soluções que mobilizem os setores culturais e sociais deste País.
- Ordem do Dia, eleição para a Cadeira n.º 8 vaga com o falecimento do Acadêmico Oscar Dias Corrêa. O Presidente Marcos Vinícios Vilaça deu início ao processo eleitoral. Comunicou que se encontravam inscritos os Senhores Célio Borja, Domício Proença Filho e Wagner Fonseca Lima. Informou que o quórum para a eleição seria de 19 votos. Convidou para escrutinadores os Acadêmicos Affonso Arinos de Mello Franco e Alberto da Costa e Silva. Encontravam-se presentes 25 acadêmicos, dos quais 11 votaram pessoalmente. Por carta votaram 26 acadêmicos, num total de 37 votantes. Procedeu-se a votação, que teve como resultado:

Domício Proença Filho.....21 votos
 Célio Borja.....16 votos

- O Presidente Marcos Vinícios Vilaça agradeceu aos escrutinadores Acadêmicos Affonso Arinos de Mello Franco e Alberto da Costa e Silva e declarou eleito para a Cadeira n.º 28 do Quadro dos Membros Efetivos o Sr. Domício Proença Filho. Comunicou que essa Cadeira tem como patrono Manuel Antonio de Almeida, teve como fundador Inglês de Sousa, como sucessores Xavier Marques, Menotti Del Picchia e Oscar Dias Corrêa. Nada mais havendo a declarar deu por encerrada a sessão.

RODOLFO ALONSO E AS PALMAS ACADÊMICAS

*Palavras do Acadêmico Lêdo Ivo**

É esta a segunda vez que a Academia Brasileira de Letras outorga as Palmas Acadêmicas a uma personalidade argentina.

A primeira vez ocorreu em 1943, e se destinou a uma das mais altas glórias do vosso país, o Presidente Augustin Justo. Foi, aliás, o primeiro expoente a recebê-las, elas haviam sido instituídas no ano anterior.

As Palmas Acadêmicas são a mais alta das distinções que esta Casa reserva às Personalidades estrangeiras. Estatutariamente contemplam Chefes de Estado e expoentes intelectuais, por serviços prestados ao Brasil e a nossa cultura.

No vosso caso, a atribuição não se deveu à aura cívica ou à projeção política. É o poder poético, real ou imaginário, que justifica a nossa homenagem.

Sois, Senhor Rodolfo Alonso, um grande poeta e uma das mais destacadas figuras literárias da Argentina. A irradiação de vossa obra no universo cultural latino-americano nos autoriza a considerá-lo uma das mais qualificadas vozes poéticas da língua espanhola. Sois ainda um tradutor emérito; e não seria exagero considerar-vos o Príncipe dos tradutores.

No vosso principado ressoam nomes universais, Baudelaire, Mallarmé, Valéry, Apollinaire, Ungaretti, Montale. E grandes poetas brasileiros, como Olavo Bilac, Manuel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade e Murilo Mendes. É ainda, em lugar de excepcional relevo, a circunstância de terdes

* Proferidas na sessão do dia 23 de março de 2006.

sido em 1961, o primeiro tradutor de Fernando Pessoa em espanhol, numa ação pioneira de excepcional poder de irradiação e contágio.

Assim as Palmas Acadêmicas com que esta Academia ora vos distingue não são uma recompensa, mas o reconhecimento de vossa competência e dedicação à língua portuguesa, da qual o Brasil é hoje, com a sua continentalidade e população próxima dos 190 milhões de habitantes, o reservatório criativo e inesgotável e o guardião vigilante.

O nosso reconhecimento envolve o poeta e o tradutor, ambos visceralmente inseparáveis. E constitui ainda um novo tributo que prestamos ao vosso belo país.

Em 1898, um ano após a sua fundação, esta Academia criou a classe dos sócios correspondentes, em número de 20. Entre os primeiros eleitos estavam dois argentinos, o Presidente e estadista Bartolomeu Mitre e Garcia Mérou. Ao longo do tempo, outras notáveis expressões da vida e da cultura argentinas foram sufragadas por esta Casa, em condição idêntica: entre Larreta, o glorioso clássico *de La gloria de Don Ramiro*: Ricardo Saenz Hayes, Mario Amoedo, Rodolfo Rivarola, Ricardo Rojas, ensaísta e autor de uma perdurável *Historia de la literatura Argentina*: Miguel Angel Cárcano, o poeta Rafael Ubligado, Ramón J. Cárcano e Gregório Aréoz Alfaro.

Acidentes de percurso não têm permitido a esta instituição, desde o ano remoto de 1947, engastar personalidades argentinas em seu quadro de sócios correspondentes. Mas a vossa presença nesta Casa há de constituir a garantia de que, o mais cedo possível, a imperdoável negligência da Academia Brasileira de Letras será reparada.

Senhor Rodolfo Alonso,

Cabe-me agora, fazer o vosso louvor.

Poesia, a arte de fazer versos e poemas, a linguagem em seu uso supremo; uma celebração do universo; um espelho da condição humana; uma visão do mundo; uma operação pelo qual se cria um objeto verbal de natureza encantatória; um documento e memória da vida e do mundo; a realidade do imaginário.

Diante de vossa obra, Senhor Rodolfo Alonso, o leitor ou amador de poemas, na fruição de um prazer — o prazer poético, que só a poesia tem condições de proporcionar — é estimulado ao reconhecimento da função da poesia, seja através de ambiciosas definições que lhe conferem um selo de totalidade, seja na aceitação de conceitos parciais.

Produzistes uma obra a que não falta a cintilação do esplendor.

O vosso trajeto nos conduz a estabelecer uma abolição do cenário histórico e cronológico para que o trabalho poético possa deixar-se ver em toda a sua nitidez e em todo o seu mistério.

O pano de fundo de vosso desempenho aponta para uma era de emergências e turbilhões: o século XX, com a sucessividade dos mais variados movimentos poéticos, desde o pós-simbolismos mallarmeano e valéryano ao surrealismo, ao imagismo, ao dadaísmo, ao cubismo, ao creacionismo, ao ultraísmo, ao letrismo, aos modernismos autocráticos, autofágicos ou irradiadores, à busca do novo quase sempre escondido em domínios obscuros ou despercebidos. As mutações estéticas de um tempo dividido e dilacerado entre a ruptura e a tradição, a aventura e a ordem, o avanço e a regressão, regem o vosso espólio poético de meio século. Homem de hoje, aberto à informação estética, não apenas convives com os grandes legados ostensivos ou esquivos. Em vossa condição de tradutor — ou melhor, de Príncipe dos Tradutores, que promoveu a travessia lingüística de tantos poemas contundentes ou preclaros — participais, como co-autor ou co-criador, de um processo em que a transplantação de textos estrangeiros para a vossa língua corresponde a uma verdadeira recriação. Aos poemas por vós traduzidos conferistes uma nova existência, uma nova roupagem, um novo segredo; mesmo um novo espanto. Transferistes para eles a respiração viva e alentadora que sustenta as vossas próprias criações.

Em vossos poemas, o leitor escuta, nas palavras e nos versos, uma voz nítida e inconfundível. O lastro subjetivo, depósito de experiências estéticas e vivenciais acumuladas ao fluir do tempo, busca a expressão inarredável. O canto das profundezas, do que o homem tem de mais ambíguo e obscuro, alça-se ao território da elaboração afortunada e da composição acabada, para tornar-se objetividade. Isto é, torna-se dádiva e partilha, associação com esse

outro que é o leitor – esse outro aparelhado para conferir ao poema, numa leitura criadora, a interpretação que polariza e plurissignifica.

São poemas acabados os vossos, autônomos e completos em si mesmos. Sabeis que a poesia é um exercício de concentração, mesmo quando ela ostente a sua face transbordante. Vossos poemas se exibem sempre em sua nitidez e concretude, e rigorosa feição imagística. Caracteriza a vossa poética uma espécie de desnudamento: um lirismo de palavras nuas, de céus desnudos, de pés nus, de mulheres desnudas e resplandecentes. A luminosidade e a solaridade dos vossos versos, em sua maioria lacônicos e elípticos, ávidos de sua própria economia, não se exaurem na claridade. Ocorre-me lembrar aqui um verso do grande poeta mexicano Carlos Pellicer: “El día tiene algo de la noche.” O vosso dia – o dia de Rodolfo Alonso – tem algo da noite: da grande e estrelada noite argentina, da brumosa geografia do Sul, dos ventos que sopram nas planícies infindáveis, do mistério dos seres silenciosos, de um assombro insular. A dicção visível abriga a voz vinda do outro lado, o canto imemorial das profundezas.

Poesia, canto, poema, carme, *charme* valeryano. Com a vossa poesia de deslumbramento, sustentada pelo esplendor do instante, sois, Senhor Rodolfo Alonso, um fabricante de encantos. E é nessa condição que a Academia Brasileira de Letras vos confere as suas Palmas Acadêmicas.

SESSÃO DO DIA 30 DE MARÇO DE 2006

Sob a presidência do Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça, estiveram presentes os Acadêmicos: José Murilo de Carvalho, Segundo-Secretário; Antonio Carlos Secchin, Diretor-Tesoureiro; Murilo Melo Filho, Diretor da Biblioteca; Sergio Paulo Rouanet, Diretor do Arquivo; Eduardo Portella, Diretor dos *Anais da Academia Brasileira de Letras*; Affonso Arinos de Mello Franco, Alberto da Costa e Silva, Alberto Venancio Filho, Antonio Olinto, Candido Mendes de Almeida, Carlos Heitor Cony, Carlos Nejar, Domício Proença Filho, Evanildo Cavalcante Bechara, Pe. Fernando Bastos de Ávila, Ivan Junqueira, Lêdo Ivo, Moacyr Scliar, Nélida Piñon, Nelson Pereira dos Santos, Tarcísio Padilha e Zélia Gattai Amado.

- Ao dar início à sessão, o Presidente Marcos Vinícios Vilaça colocou em discussão a ata da sessão do dia 23 de março de 2006. Não havendo nenhuma manifestação do plenário, a ata foi aprovada.
- O Presidente Marcos Vinícios Vilaça saudou com uma salva de palmas a presença do acadêmico eleito Domício Proença Filho. A seguir, comunicou com muita alegria, a presença nesta sessão do confrade da Academia das Ciências de Lisboa, Acadêmico Fernando Guedes. Anunciou que a relevância dessa presença será manifestada pela Academia Brasileira de Letras através do Acadêmico Eduardo Portella, a quem concedeu a palavra.

- O Acadêmico Eduardo Portella considerou um motivo de grande satisfação e honra para esta Casa o fato de receber o Acadêmico Fernando Guedes, Membro da Academia das Ciências de Lisboa e da Academia Portuguesa da História, que veio ao Brasil para tomar posse no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Disse ser ele, fundamentalmente, um historiador da cultura que transformou o livro numa espécie de personagem principal da história da cultura. Falou também do escritor e do poeta. Relembrou algumas de suas obras poéticas, entre as quais *O Vôo de Ícaro* e *As Três Estações*. Disse ter também a satisfação de conviver com ele no Comitê Internacional para a Promoção da Cultura em Paris, do qual ele é membro ativo, conseguindo até redirecionar as finanças do Fundo, graças a sua competência. Afirmou que este homem que acumula este conjunto de qualidades intelectuais e práticas, dono da Editora Verbo, que edita a famosa Enciclopédia Verbo, visita a Academia Brasileira de Letras como se visitasse a própria casa, porque ele aqui tem grandes amigos. Foi, portanto, com grande satisfação pessoal que o saudou esperando que se possa repetir, com certa frequência e até com rodízio dos acadêmicos, recepções a Fernando Guedes.
- O Acadêmico Alberto Venancio Filho acrescentou que a sessão do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, recebendo o Acadêmico Fernando Guedes, comportou um bonito estudo sobre o Professor Gama Caieiro, grande adepto da cultura luso-brasileira. Foi saudado, brilhantemente, pelo Acadêmico Alberto da Costa e Silva.
- O Acadêmico Ivan Junqueira disse ter a impressão de que o Acadêmico Eduardo Portella resumiu muito bem o que significa a presença de Fernando Guedes no plenário da Academia Brasileira de Letras. Acrescentou que o conhecia apenas de carta e de poesia, pois não estava absolutamente inteirado, como seria desejável, das atividades de Fernando Guedes no campo da História. Sobre a sua *Poesia Reunida*, da qual recebeu um volume, considerou-o um poeta extremamente severo, elegante e, de fato, um grande artífice e cultor da palavra. Tem certeza de que é com imensa alegria que o plenário recebe o poeta, o historiador, o amigo do Brasil e também o editor, porque toda a trajetória de Fernando Guedes está visceralmente ligada à feitura e à divulgação do livro. Lamentou e expôs os moti-

vos que o fizeram não aceitar o convite para colaborar no volume da *Anuália*, onde se resenham os acontecimentos dos últimos dois anos. Disse que talvez em outra oportunidade possa falar sobre *As Flores do Mal*, de Baudelaire.

- O Acadêmico Lêdo Ivo, a propósito da comemoração dos noventa anos da Acadêmica Zélia Gattai Amado, que transcorre este ano, propôs que, além da mesa-redonda já programada, se faça também no segundo semestre uma exposição dos seus livros, da história da sua vida. Uma exposição ao mesmo tempo biográfica, bibliográfica e iconográfica.
- O Acadêmico Candido Mendes de Almeida registrou o falecimento do Embaixador Mário Vieira de Mello. Pediu vênias para falar sobre ele na próxima sessão, junto ao Acadêmico Helio Jaguaribe, pois ambos se dedicaram muito a essa amizade e a essa presença, um marco para a inteligência brasileira.
- O Acadêmico Affonso Arinos de Mello Franco, a propósito das palavras do Acadêmico Candido Mendes de Almeida, disse que Mário Vieira de Mello foi um velho amigo, companheiro e colega. Era um embaixador de carreira, foi um escritor brilhante, teve sempre uma atuação impecável do ponto de vista profissional e ético no seu ministério. Também do ponto de vista intelectual foi um dos mais brilhantes, mais fecundos e mais estudiosos diplomatas que a carreira diplomática brasileira produziu. Apresentou o seu voto de pesar pelo falecimento desse grande diplomata e ilustre escritor, que foi Mário Vieira de Mello.
- Com a palavra, o Acadêmico Fernando Guedes, membro da Academia das Ciências de Lisboa. Agradeceu ao Presidente e a todos os membros da Academia Brasileira de Letras por tê-lo recebido nesta Casa, onde de fato se sente honrado e entre amigos. Alguns amigos de quase meio século, amigos de dez a quinze anos e a todos agradece a acolhida que lhe deram. Fez um agradecimento especial ao Acadêmico Eduardo Portella pela gentileza das suas considerações, muito ditadas pela amizade e pelo convívio que têm periodicamente em Paris, e acredita que os exageros também acontecem nestas situações. Agradeceu também ao Acadêmico Ivan Junqueira as palavras muito simpáticas que lhe dirigiu e disse-lhe que

compreende muito perfeitamente, embora lamente, não ter a sua colaboração a propósito do centenário de *As Flores do Mal*.

- O Presidente Marcos Vinícios Vilaça reiterou o quanto esta Casa está distinguida com presença do Acadêmico Fernando Guedes. Pediu que ele fosse o embaixador plenipotenciário da Academia Brasileira de Letras junto à Academia das Ciências de Lisboa.
- No capítulo das comunicações, fez o registro para que conste de Ata dos vinte e cinco anos do admirável *Jornal de Letras*, editado em Portugal, sob a dedicação e a competência de José Carlos Vasconcelos. Se o plenário estiver de acordo, a Academia se dirigirá àquele intelectual manifestando o regozijo de toda a Academia. Ainda como motivo de comemorações, o Presidente comunicou que a Sra. Laura Sandroni recebeu o Título Honorário de Membro do International Board on Books for Young People. Laura é esposa do Acadêmico Cícero Sandroni e filha de Austregésilo de Athayde, mas é, sobretudo uma grande escritora da Literatura infanto-juvenil, com uma obra respeitável e um trabalho notável como articuladora de todo esse projeto, que está sendo executado, de prestigiar a literatura infanto-juvenil. Agradeceu ao Acadêmico Alberto Venancio Filho a participação na homenagem a Evandro Lins e Silva, quando ele representou a Academia em ato no Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro. Comunicou que amanhã, dia 31 de março, se inicia o programa Literatura e Música de Câmara, com um recital onde estão associados Mozart, Bach, Sócrates, Leibniz. Atividades deste porte ligadas à música, que a Academia Brasileira de Letras vem desenvolvendo, já há algum tempo.
- O Acadêmico Affonso Arinos de Mello Franco, sobre esta última comunicação, disse que recebeu o convite, que considera uma grande iniciativa da Casa. Constam do programa Mozart, Bach e Beethoven, mas não há nenhuma explicação, no convite, sobre quem vai falar sobre filosofia. Disse que, em geral, estas reuniões têm sido sempre de música e literatura, a filosofia nunca foi objeto da programação.
- O Presidente Marcos Vinícios Vilaça pediu ao Acadêmico Antonio Carlos Secchin que fizesse essa anotação junto à assessoria cultural para corri-

gir essa omissão e evitar que se repita. Comunicou que visitará a Academia no dia 4 de maio o Ministro Gilberto Gil, que virá aqui fazer uma exposição sobre suas ações no Ministério da Cultura. Recebeu, com satisfação, esse agendamento, pois há pouca explicação para que o Ministro da Cultura tenha tardado tanto a vir à Academia. Na seqüência, comunicou que a Academia Brasileira de Letras recebeu uma homenagem consagrada, segunda-feira passada, em São Paulo, numa reunião promovida pela Presidente do Itaú Cultural, a Sra. Milu Vilella, à qual estavam presentes os mais expressivos nomes do meio cultural, artístico, empresarial, político e administrativo de São Paulo. O Governador, o Presidente da FIESP, presidentes de Bancos, jornalistas, médicos de nomeada internacional, enfim, uma reunião muito bonita, que prestigiou a Academia significativamente. Estavam presentes ele próprio, as Acadêmicas Lygia Fagundes Telles, Nélida Piñon e os Acadêmicos Arnaldo Niskier e Sábado Magaldi. O jornal *O Estado de S. Paulo* de ontem registra, em quase página inteira, esse encontro. Também anuncia, com satisfação, que as Academias de Letras do Nordeste se reúnem na sede da Academia Pernambucana de Letras para homenagear a Academia Brasileira de Letras. Estará presente e diligencia, também, para que ocorra a presença do Acadêmico Marco Maciel. Deu notícias de que o Acadêmico Arnaldo Niskier foi nomeado hoje Secretário de Educação do Estado do Rio de Janeiro, ele deixa a Secretaria da Cultura e se transfere para a Secretaria de Educação. Lembrou aos confrades que a sessão do dia 13 de abril, Quinta-feira Santa, será antecipada para quarta-feira, dia 12 de abril. Lamentando muito, deu a notícia do falecimento do filho da Acadêmica Lygia Fagundes Telles. Uma dor que só quem perde um filho é capaz de compreender. Quem não teve esse infortúnio, imagina, mas não sabe como é. Disse saber o quê essa querida amiga e mãe está sofrendo. Anunciou que, com a autorização de todos, vai fazer um testemunho coletivo da Casa, de quanto isso abala a todos os confrades em conjunto. Informou que o acadêmico eleito Nelson Pereira dos Santos, presente à sessão, como também o acadêmico eleito Domício Proença Filho, mas impedidos de falar, por determinação regimental, pediu-lhes que convidasse os acadêmicos para a sessão de apresentação do filme *Brasília, 18%*. Vai ser no dia quatro de abril, às

10h 30min, no conjunto Arteplex de Botafogo, e também depois no dia 18 de abril, às 20h 30min, no Cine Odeon, na Cinelândia. Lembrou aos acadêmicos que apresentem sugestões ao Acadêmico Alberto da Costa e Silva, coordenador das comemorações dos 110 anos da Academia Brasileira de Letras, no próximo ano. Disse insistir nessa lembrança, porque é necessário que se faça essa programação, que carece de preparo para que esteja à altura da data e da importância da Casa. Pretende, na próxima semana, dar notícias, com um detalhamento breve, da reformulação intensa que está sendo feita para aumentar o potencial de difusão da Academia Brasileira de Letras através do núcleo de informática. Finalizando, comunicou que a Casa teve condições de aumentar, hoje, em R\$ 50.000,00 (cinquenta mil reais), com doação do setor privado, o orçamento do programa editorial da ABL e, ainda, que a Diretoria resolveu que a distribuição de livros vai ser marcada de certo aparato. A Diretoria pretende fazer lançamentos trimestrais com certa liturgia, dando a volumetria própria a esse setor da Academia, que vem há muito tempo trabalhando muito bem. Por inscrição já feita, deu a palavra ao Acadêmico Murilo Melo Filho. — O Acadêmico Murilo Melo Filho propôs a concessão da Medalha João Ribeiro ao Senhor Geraldo Jordão Pereira. Para tanto, encaminhou a proposta à mesa para ser submetida ao parecer da Comissão designada e a votação do plenário. De acordo com a exigência regimental, o Senhor Geraldo Jordão Pereira se tem notabilizado no âmbito editorial do País. (O texto lido será encaminhado aos *Anais da Academia Brasileira de Letras*.)

- O Presidente encaminhará a proposta do Acadêmico Murilo Melo Filho à Comissão que futuramente deliberará sobre o assunto.
- O Acadêmico Candido Mendes de Almeida trouxe a manifestação do Príncipe Hassan Bin Talal, profundamente agradecido do encontro que teve com a Academia Brasileira de Letras. Transmitiu a proposta formal de que ele, como presidente do Parlamento das Culturas e interessado na divulgação dos trabalhos da Academia, ofereceu à Diretoria e aos acadêmicos uma proposta de tradução em árabe dos livros da Academia. O Príncipe Hassan Bin Talal considera que faltam na Biblioteca Canônica Árabe livros brasileiros. Pediu que a Diretoria indicasse uma comissão de três acadêmicos para se investir dessa tarefa de modo que, até o fim do

mês de maio, tivesse a indicação de cinco trabalhos que seriam editados pela organização do Parlamento das Culturas. Disse que a idéia é de que esses livros traduzidos possam se integrar à Biblioteca Jordaniana de universidades e de centros de cultura. Teve a alegria de distribuir entre os acadêmicos um memorando da última reunião de Doha, feita há quinze dias, para a aliança das culturas. Nele dá conta do primeiro encontro de Mallorca e sobre isso traz a matéria que deve ser decidida em Nova York, envolvendo diversas personalidades do mundo árabe. Essa reunião se dará no Rio de Janeiro do dia 28 ao dia 30 de maio. Gostaria que no programa oficial desse encontro pudesse estar previsto uma visita à Academia, num desdobramento desse trabalho. Sobre esse encontro, manterá o Presidente avisado.

- O Presidente Marcos Vinícios Vilaça saudou as notícias que trouxe o Acadêmico Candido Mendes de Almeida e designou o Acadêmico José Murilo de Carvalho para as articulações necessárias tanto para a indicação de obras para tradução para o árabe quanto para a articulação da presença e do envolvimento da Academia. O Acadêmico José Murilo de Carvalho trará à Direção, para que seja deliberado pelos diretores e não isoladamente indicados pelo presidente, os nomes que constituirão essa comissão selecionadora dos livros que merecerão a tradução para o árabe.
- O Acadêmico Moacyr Scliar registrou o centenário do escritor Herbert Caro, que marcou a intelectualidade gaúcha e a cultura do país de uma maneira geral. Grande tradutor e responsável pela introdução, junto ao público brasileiro, da obra de Thomas Mann. Não era brasileiro, mas um refugiado da Alemanha nazista, que encontrou no Rio Grande do Sul uma acolhida muito grande. Participou ativamente nos círculos intelectuais, era muito amigo de Érico Veríssimo e Mário Quintana, e foi diretor cultural do Instituto Goethe, de Porto Alegre.
- O Acadêmico Antonio Carlos Secchin disse que, no âmbito das atividades envolvendo os acadêmicos, não poderia deixar de citar o registro da conferência do Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça, sexta-feira, em Porto de Galinhas, sobre a vida e a obra do poeta Mauro Mota. Um belo festi-

val literário do Nordeste, que pretende ser uma espécie de contraponto do festival literário de Paraty.

- O Presidente Marcos Vinícios Vilaça agradeceu a lembrança do Acadêmico Antonio Carlos Secchin. Pela Ordem do Dia, na ausência do relator da Comissão do Prêmio ABL de Literatura Infanto-Juvenil, Acadêmico Arnaldo Niskier, deu a palavra ao Acadêmico Murilo Melo Filho para ler o parecer da Comissão.
- O Acadêmico Murilo Melo Filho fez a leitura do parecer da Comissão do Prêmio ABL de Literatura Infanto-Juvenil. (O texto lido será incorporado aos *Anais da Academia Brasileira de Letras*.) O plenário aprovou o parecer da Comissão, que concedeu o Prêmio ABL de Literatura Infanto-Juvenil ao escritor Rui de Oliveira, com o livro *Cartas Lunares*.
- O Presidente Marcos Vinícios Vilaça deu a palavra ao Acadêmico Antonio Carlos Secchin, para a indicação dos nomes escolhidos para o Prêmio Reina Sofia.
- O Acadêmico Antonio Carlos Secchin disse que na semana passada houve dois nomes sugeridos, de poetas alheios ao quadro da Academia, de Manoel de Barros e Ferreira Gullar. Depois, concedeu-se o prazo de uma semana para que outros nomes pudessem se agregar a estas sugestões iniciais. Nesse período, recebeu a comunicação de dois acadêmicos sugerindo o nome do Acadêmico Lêdo Ivo e perguntou como o plenário pretende dirimir essa questão, efetuando a sua escolha.
- O Presidente Marcos Vinícios Vilaça disse que a Presidência entende que os nomes estão apresentados.
- O Acadêmico Affonso Arinos de Mello Franco, sobre o assunto, disse que é a primeira vez que se faz esse tipo de votação e gostaria de saber qual o procedimento regimental para a escolha.
- O Acadêmico Alberto da Costa e Silva disse que não se trata de decidir um prêmio, é apenas para sugerir um nome ao prêmio que é dado pelo governo espanhol, coisa que a Academia faz desde que nela entrou, sem qualquer audiência do governo espanhol, sem que ninguém jamais acusasse que recebeu a nossa carta, sem que dessem a mínima satisfação sobre o

encaminhamento dos nomes apresentados no passado. Acha que será uma perda de tempo apresentar nomes, que não serão sequer considerados.

- O Presidente Marcos Vinícios Vilaça consultou o plenário se a escolha será feita de forma secreta ou se o plenário aceita deliberar abertamente.
- O Acadêmico Eduardo Portella associou-se às palavras do Acadêmico Alberto da Costa e Silva. Disse que também teve uma experiência assim, porque pertencia a uma instituição que votava para este Prêmio Reina Sofia. O destino das votações era exatamente esse a que se referiu o Acadêmico Alberto da Costa e Silva. É um auditório amplo, onde se consultam entidades de toda a América Latina e se acumulam nomes sem critério, sem uma seleção, e os nomes vão se perdendo. Parece uma homenagem à Academia essa consulta, mas a ausência de resposta elimina essa homenagem.
- O Acadêmico Ivan Junqueira endossou as observações dos Acadêmicos Alberto da Costa e Silva e Eduardo Portella. Quando foi Presidente da Academia também fez as indicações e o retorno foi rigorosamente nulo, não apenas com relação ao Prêmio Reina Sofia, mas também com relação ao Nobel e a outros prêmios cujas consultas são dirigidas também a esta Casa. Nunca se sabe qual é a destinação de algo que a Diretoria da Casa indicou ou sugeriu para o caso de qualquer um desses prêmios.
- O Acadêmico Alberto Venancio Filho, em seqüência aos pronunciamentos, sugeriu que a Academia mande uma carta amável e educada, dizendo que não tem nenhum nome a indicar.
- O Presidente Marcos Vinícios Vilaça, por questão de ordem, pediu aos acadêmicos que concordam em não apresentar nomes que permanecessem sentados. Por deliberação unânime a Academia não apresentará nomes ao Prêmio Reina Sofia. No capítulo das Efemérides, deu a palavra ao Acadêmico Ivan Junqueira para falar sobre Alcântara Machado.
- O Acadêmico Ivan Junqueira fez uma bela apresentação sobre o Acadêmico Alcântara Machado. (O texto lido será incorporado aos *Anais da Academia Brasileira de Letras*.)

- O Acadêmico Affonso Arinos de Mello Franco fez uma observação sobre a admirável efeméride e a referência que o Acadêmico Ivan Junqueira celebrou sobre *Brás, Bexiga e Barra Funda* e dedicou-a a Acadêmica Zélia Gattai, porque *Brás, Bexiga e Barra Funda* foi re-editada pela embaixada do Brasil em Roma e o Embaixador Rubens Ricupero foi encarregado de fazer o prefácio. É o melhor ensaio que conhece sobre a juventude, sobre a mocidade, sobre como foi criado um menino pobre no Brás e que terminou como um grande diplomata, um admirável escritor, que é Rubens Ricupero. Com o prefácio de *Brás, Bexiga e Barra Funda* por indicação do Acadêmico Alberto da Costa e Silva, Rubens Ricupero fez este belo ensaio sobre os jovens imigrantes italianos no Brasil.
- O Presidente Marcos Vilaça exaltou a extraordinária comunicação do Acadêmico Ivan Junqueira. Disse que não consegue evitar o desejo de anotar como ele realçou, na figura de Alcântara Machado, uma das coisas que mais o entusiasma na vida, que é o sentimento de regar as raízes. Nada mais havendo a tratar, deu por encerrada a sessão.

A ARTE DESINIBIDA DE LER

Sergio Martins*

Uma das principais incentivadoras da publicação de livros infantis e juvenis no Brasil, Laura Sandroni tem seu trabalho reconhecido durante a Feira de Livros da Bolonha, na Itália.

As bandeiras de Laura Sandroni são muitas, mas uma, especificamente, levou-a ao lugar mais alto do pódio (se existe um para pessoas que lutam toda a vida, os chamados imprescindíveis, com licença de Bertolt Brecht). Desinibida desde a infância, quando subia ao palco para cantar sem qualquer receio, ela desempenhou um papel importante no desenvolvimento da literatura infantil no Brasil.

E é exatamente esse trabalho que a está levando a receber, terça-feira que vem, o título de membro honorário da International Board on Books for Young People (YBBI) – organização internacional não-governamental que incentiva a publicação de livros infantis em todo o mundo –, durante a Feira de Livros Infantis de Bolonha, na Itália. Ela receberá um diploma de reconhecimento por seu trabalho no Brasil e esta é a primeira vez que o título é concebido a uma pessoa nascida na América Latina.

Laura Sandroni recebeu a reportagem do *JB* em sua casa, no Cosme Velho, onde nasceu, em 1934, e se criou. Filha de Maria José, a Jujuca, como sua mãe sempre gostou de ser chamada, e do acadêmico Austregésilo de Athayde (1898-1993), presidente da Academia Brasileira de Letras por 35

* Artigo publicado no *Jornal do Brasil*, 24 de março de 2006.

anos, estudou no Colégio Sion, no mesmo bairro do Rio. Fazendo jus à característica marcante de sua personalidade, a desinibição, vai falando com desenvoltura sobre sua vida, o casamento com o jornalista e escritor Cícero Sandroni, também acadêmico, e a atuação à frente da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ) – entidade não-governamental afilhada à IBBY.

– Fiz dois anos do curso de jornalismo na antiga Faculdade Nacional de Filosofia, da Universidade do Brasil. Mais tarde me formei em administração pela Escola de Administração Pública, da Fundação Getúlio Vargas. Foi quando comecei a namorar o Cícero e nos casamos. Passei a me dedicar à família e tive cinco filhos (Carlos, Clara, Dudu, Luciana e Paula), que nasceram entre os anos 58 e 68. Somente depois, quando o mais velho estava com 10 anos, retomei os estudos e fiz o mestrado em Literatura Brasileira na Universidade Federal do Rio de Janeiro, quando ainda era na Avenida Chile, no Centro. Naquela época, não havia um curso de literatura infantil. E até hoje não existe – conta Laura Sandroni, numa rapidez impressionante.

A dissertação defendida por ela no curso de mestrado, em 1985, foi exatamente sobre literatura infantil, transformada depois no livro *De Lobato a Bojunga – As Reinvenções Renovadas*, publicado pela Editora Agir, em 1987. Laura Sandroni (o nome completo é Laura Constância Austregésilo de Athayde Sandroni) defende a tese de que a obra da autora de livros infantis da gaúcha Lygia Bojunga Nunes – detentora do Prêmio Hans Christian Andersen, considerado o Nobel da literatura infantil – utilizou a mesma linguagem coloquial introduzida por Monteiro Lobato nos anos 40.

– A Lygia pegou o estilo do Lobato e foi mais adiante. Sua obra deixa evidente que não existem diferenças, do ponto de vista estético, entre a obra literária destinada a adultos e aquela escrita para crianças. Hoje há um número cada vez mais significativo de textos cuja função lúdica está aliada a uma visão questionadora de falsos valores e comportamentos característicos da sociedade contemporânea. E é exatamente nessa vertente que se encontra a sua obra – afirma.

Mas a afinidade de Laura Sandroni com a literatura infantil vem de bem antes, mesmo sem nunca ter escrito um único livro infantil — tarefa que acabou sendo de sua filha Luciana, ganhadora de um Prêmio Jabuti e dois prêmios da FNLIJ. Em 1968, juntamente com um grupo de pessoas também interessadas por essa área, Laura organizou a FNLIJ, onde exerceu o cargo de diretora-executiva durante 16 anos, fase que coincidiu com o desenvolvimento da literatura infantil e juvenil no Brasil.

— Foi difícil, uma verdadeira pedreira. Uma luta para convencer os editores a publicarem livros infantis de qualidade e de autores brasileiros. Mas compenhou ver o surgimento de novos talentos e de ilustradores de excelente qualidade. E ver, acima de tudo, o livro infantil e juvenil ocupar um espaço digno no mercado editorial.

O currículo de Laura Sandroni vai além. Atualmente integra o conselho diretor da FNLIJ, onde trabalha como voluntária. Foi colunista do jornal *O Globo*, onde assinava resenhas de livros destinados a crianças e jovens. Foi coordenadora também dos seguintes projetos: *Ciranda de Livros* (de 1982 a 1985); *Viagem da Leitura* (1986 a 1987); e *Nossa Biblioteca* (1989 a 1992). O conjunto de sua obra inclui os títulos *A Criança e o Livro*, da Editora Ática; *Ao Longo do Caminho*, da Moderna; e *O Século de um Liberal*, da Agir, biografia de Austregésilo.

Outra paixão antiga de Laura, além dos livros, é o canto. Aprendeu violão e assumiu ser uma fã ardorosa da música francesa quando morou em Paris por três meses, tempo em que Austregésilo lá esteve para participar da reunião da ONU que redigiu, em 1948, a Declaração Universal dos Direitos Humanos. Essa paixão a levou, mais tarde, a participar da criação do grupo Cantores do Chuveiro.

— Reunimos pessoas que, como eu, gostavam de cantar. Tudo começou como uma brincadeira e nos apresentamos na Casa de Cultura Laura Alvim, em 1999. Ensaíamos com o Boal (*Augusto Boal*, criador do *Teatro do Oprimido*). Foi um sucesso. Depois, o Boal nos levou a Paris, para cantar no Théâtre L'Épée de Bois, na Cartoucherie de Vincennes. Cada um de nós arcou com as despesas de passagem e estada. Novo sucesso. Depois fomos

dirigidos pelo Ricardo Cravo Albin e nos apresentamos no circuito Sesc. Finalmente, no mais produzido dos shows, fomos dirigidos pelo Eduardo Dussek. Não acabou, não. Este ano tem mais – avisa.

MEDALHA JOÃO RIBEIRO AO
SR. GERALDO JORDÃO PEREIRA

*Palavras do Acadêmico Murilo Melo Filho**

Senhor Presidente Marcos Vilaça, senhora e senhores Acadêmicos.

Esta Casa sempre manteve as melhores relações com os nossos Editores e Livreiros.

Assim aconteceu no passado, entre outros, com José Olympio, José de Barros Martins, José Bertazo, Carlos Ribeiro, Alfredo Machado, Ênio Silveira e Alberto Abreu.

Assim acontece no presente com todos os editores brasileiros, entre os quais sobressai o nome de um filho e herdeiro das melhores tradições de honradez e dignidade do seu pai, que foi o grande Editor José Olympio, um dos responsáveis pelo lançamento dos livros de quase todos os nossos antigos acadêmicos: José Lins do Rego, Manuel Bandeira, Guimarães Rosa, Afonso Arinos, Marques Rebelo, Genolino Amado e Rachel de Queiroz.

Refiro-me a Geraldo Jordão Pereira, filho de José Olympio e de Vera Pacheco Jordão, que durante mais de 20 anos foi diretor da Editora José Olympio, ao lado dos seus tios Antônio Olavo, Athos e Daniel.

Com sua Editora Salamandra, lançou autores importantes, como Pablo Neruda, Gore Vidal, os nossos confrades Marques Rebelo e Carlos Nejar,

* Proferidas na sessão do dia 30 de março de 2006.

além dos livros infanto-juvenis de Sylvia Orthof, Ruth Rocha, Cora Rónai e da nossa Acadêmica Ana Maria Machado.

Ainda recentemente, com a sua Editora Sextante, ele é o vitorioso editor brasileiro de *O Código da Vinci*, atual *best-seller* de Dan Brown, com mais de I milhão de exemplares já vendidos, além de três outros *best-sellers*.

Senhor Presidente.

Nos termos do Art. 65 e seu Parágrafo Único do nosso Regimento, requieiro a V.Ex.^a a concessão a Geraldo Jordão Pereira da Medalha João Ribeiro (para ser submetida ao parecer da Comissão designada e à votação deste plenário) a fim de distinguir uma pessoa que, segundo a exigência regimental, “se tem notabilizado no âmbito editorial do País”.

PREMIO ABL DE LITERATURA INFANTO-JUVENIL

*Parecer lido pelo Acadêmico Murilo Melo Filho**

Exmo. Sr.

Acadêmico Marcos Vilaça

DD. Presidente da Academia Brasileira de Letras

Em cumprimento às determinações regimentais, reunimos a Comissão de Literatura Infantil e Juvenil para a premiação relativa ao ano de 2005. Eis o voto aprovado por unanimidade:

*PREMIO ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS LITERATURA
INFANTIL E JUVENIL*

Indicação: RUI DE OLIVEIRA

A Academia Brasileira de Letras apresentou, em 2005, uma exposição dos trabalhos de Rui de Oliveira, desde as vinhetas que preparou para a primeira edição do Sítio do Picapau Amarelo, na TV Educativa, até os mais recentes, como o desenho animado voltado para a cultura latino-americana (“América Morena”), reunindo lendas e contos do continente, realizado no Laboratório de Animação da UERJ.

Mestre e doutor em Comunicação e Estética do Audiovisual pela Escola de Comunicação e Artes da USP, Rui é professor, há 22 anos, do Curso de Desenho Industrial da Escola de Belas-Artes da UFRJ.

* Na sessão do dia 30 de março de 2006.

Após criar inúmeras capas e embelezar textos de consagrados autores, Rui de Oliveira decidiu criar seus próprios textos, unindo a exuberância de seus desenhos à sensibilidade de suas histórias.

Cartas Lunares reúne quatro pequenas histórias. A primeira, que dá nome ao livro, traz a procura e o encontro do amor; “A Tecla Perdida” apresenta o respeito pelo desejo do outro e a capacidade de auxiliar o próprio; “A Chuva, o Raio e o Trovão” é uma bela história de amizade e de amor à Natureza; e “Eclipse Lunar” é cheia de esperança, apesar da dor da ausência. Texto e ilustração se entrelaçam, emocionando o leitor.

Rui de Oliveira é o mágico que transforma traços em beleza, letras em poesia. Sua mãe dizia que ele fora tocado por um dom do Espírito Santo. Um dom especial que modificou a vida daquele menino de origem humilde, mas tão rico e poderoso na sua criação.

Por todos esses motivos, plenamente justificados pela excelência do trabalho de Rui de Oliveira, indicamos o livro *Cartas Lunares*, publicado em 2005 pela Editora Record, ao Prêmio de Literatura Infantil e Juvenil 2006, da Academia Brasileira de Letras.

ARNALDO NISKIER – *Relator*
ZÉLIA GATTAI
ANTONIO OLINTO

ALCÂNTARA MACHADO

*Acadêmico Ivan Junqueira**

Segundo ocupante da Cadeira n.º 37, que tem como patrono Tomás Antônio Gonzaga e fundador José Júlio da Silva Ramos, José de Alcântara Machado nasceu em Piracicaba, São Paulo, em 1875, e faleceu na capital paulista em 1941. Eleito para esta Casa em 1931, participou da Revolução Constitucionalista de 1932 e foi deputado à Assembléia Constituinte. Redator do projeto do Código Penal Brasileiro, seus trabalhos no campo da medicina legal tornaram-se clássicos, sendo ainda muito estimados os ensaios que escreveu sobre *Brasília Machado* e *Gonçalves de Magalhães* ou *O Romântico Arrependido*, ambos publicados em 1938. Mas foi no âmbito da historiografia e da sociologia que Alcântara Machado nos deixou sua mais notável e duradoura contribuição.

Refiro-me aqui, muito particularmente, à sua esplêndida *Vida e Morte do Bandeirante*, cujo estilo e cujos pressupostos são antes cautelosos e tradicionalistas do que propriamente revolucionários. E, não obstante, pode-se dele dizer que foi, até certo ponto e em certo sentido, exatamente isto: revolucionário. Provam-no, de forma cabal, dois textos distanciados no tempo: os das introduções que lhe escreveram Sérgio Milliet e, mais recentemente, Laura de Mello e Souza. O primeiro observa: “Numa época em que mergulhávamos nas preocupações eruditas, numa época em que os estudos de sociologia não passaram de divagações filosófico-literárias, sobretudo na parte que diz respeito ao condicionamento pelo grupo, à influência determinante dos fatores

* Estudo apresentado na sessão do dia 30 de março de 2006.

econômicos e sociais, Alcântara Machado teve a noção muito clara de que o indivíduo é, em última análise, apenas um aspecto subjetivo da cultura.” E em sua obra diz o próprio Alcântara Machado: “Não é frívola a curiosidade que nos leva a inquirir onde moravam os nossos maiores, a maneira por que se alimentavam e vestiam, de que tiravam os meios de subsistência, a concepção que tinham do destino humano. Tudo isso facilita o entendimento do que fizeram ou deixaram de fazer. Só depois de freqüentá-los na intimidade e situá-los no cenário em que se moveram, estaremos habilitados a compreender-lhes as atitudes.” É bem de ver que outra não seria a orientação triunfante de Gilberto Freyre em *Casa Grande e Senzala*, quatro anos mais tarde. Pode-se dizer que, com a publicação de *Vida e Morte do Bandeirante*, em 1929, iniciava-se o estudo da história social do Brasil graças à análise direta e objetiva dos documentos de ordem cultural, no sentido mais amplo e sociológico da palavra, relativos a um dos períodos mais apaixonantes de nossa história: o bandeirismo.

Se já é agudo e premonitório o texto de Sérgio Milliet, mais fundo ainda mergulha o estudo introdutório de Laura de Mello e Souza, que nos pergunta logo às primeiras páginas de sua sagaz abordagem: “Fomos nós, historiadores dos anos 80 e 90, que inventamos *Vida e Morte do Bandeirante*, ou foi esta obra que nos inventou?” O que mais intriga no livrinho de Alcântara Machado, que lhe trouxe imediato prestígio nacional e levou-o a esta Academia, é sua atualidade e seu caráter inovador, já que o autor é um intelectual à moda antiga e figura afinada com a oligarquia de seu estado. Mas esse apego aos valores tradicionais não comprometeu a obra de Alcântara Machado, servindo-lhe antes de estímulo e nutriente, pois seu intuito não é “louvar as elites, às quais pertence, mas compreender a história de São Paulo para melhor compreender a história do Brasil – e, nisto, reside sua feição inequívoca de historiador”. Quase nada em *Vida e Morte do Bandeirante*, pondera Laura de Mello e Souza, lembra o “bandeirismo monumental”, mas sim o cotidiano, “carregado de sustos e incertezas”; não se vê ali a história paulista como um “rosário contínuo de epopéias maravilhosas”, mas, ao contrário, os aspectos mais pedestres da vida no sertão; e a São Paulo de Alcântara Machado “não é opulenta, mas pobre e acanhada, pois as referências sobre o cotidiano, que

colhe nos documentos, destroem pragmaticamente as mistificações ideológicas inauguradas pelos linhagistas”.

Assim como Sérgio Milliet, também Laura de Mello e Souza sublinha a precedência do método historiográfico de Alcântara Machado, afirmando que sem ele, além de Capistrano de Abreu e Paulo Prado, seria difícil conceber *Casa Grande e Senzala*, *Sobrados e Mucambos* ou *Açúcar*. É que o autor de *Vida e Morte do Bandeirante* inaugura entre nós “o uso pioneiro e inovador dos inventários e testamentos paulistas”, da mesma forma que Gilberto Freyre o faria com relação aos anúncios de jornais, livros de receitas, diários familiares e toda sorte de documentos menores. Outra particularidade crucial da obra de Alcântara Machado é que nela não pretendeu o autor “explicar o Brasil, mas uma de suas capitanias, aliás uma das mais afastadas dos centros de poder colonial: São Paulo”. E, ao fazê-lo – quem no-lo diz é ainda Laura de Mello e Souza –, “acabou trazendo novos elementos para se compreender o país: como quase sempre acontece com as análises particularizantes bem-sucedidas, elas acabam sendo básicas para a compreensão dos aspectos mais gerais”. Diz em seguida a autora que o que nos surpreende em *Vida e Morte do Bandeirante* “é a modernidade na escolha do objeto e das fontes, a dissolução das personagens no destino comum da capitania, a valorização de temas até então desconsiderados, uma sensibilidade histórica que, apesar de certos preconceitos, é nossa contemporânea, e que vasculha o nexos das estruturas por detrás de fenômenos aparentemente insignificantes”. E chega mesmo a vaticinar: “Vejo *Vida e Morte do Bandeirante* como a primeira obra da historiografia contemporânea.” Lamente-se aqui, portanto, que, publicado em 1929, o livro de Alcântara Machado, apesar da imediata repercussão nacional que alcançou, foi logo depois mergulhando numa espécie de semi-esquecimento, sendo poucos, ou muito poucos, os que dele ainda hoje se lembram.

Jurista, político, historiador e autêntico homem de letras, pai do ficcionista Antônio de Alcântara Machado, prematuramente falecido e muito celebrado pelos modernistas graças aos volumes de contos *Brás*, *Bexiga* e *Barra Funda* e *Laranja da China*, Alcântara Machado nos deixou uma obra solitária e pioneira a propósito da qual sublinha Sérgio Milliet: “Estilo e linguagem que se podem rotular de clássicos pelo funcionamento da expressão, pela simplicidade da imagem e o pudor da eloquência. E pelas mesmas razões anti-

românticas, antibarrocas, modernas integralmente. Ao contrário dos que imaginam escrever bem porque imitam a sintaxe quinhentista e enchem sua literatura de arcaísmos, Alcântara Machado despe a dele de toda indumentária inútil.” Ao meditarmos sobre esse estilo, nunca será demais repetir aqui a antiga lição do velho Boileau, como o faz Millet ao final de seu estudo: “*Ce que l’on pense bien s’enonce clairement. / Et les mots pour le dire arrivent aisement.*” Como também nunca será demais, em se tratando de alguém que nasceu em Piracicaba, relembrar aqui sua inesquecível e emocionada profissão de fé paulista no discurso de posse em que fez o elogio de Silva Ramos:

“Paulista sou, há quatrocentos anos. Prendem-me no chão de Piratininga todas as fibras do coração, todos os imperativos raciais. A mesa em que trabalho, a tribuna que ocupo nas escolas, nos tribunais, nas assembléias políticas deitam raízes, como o leito de Ulisses, nas camadas mais profundas do solo, em que dormem para sempre os mortos de que venho. A fala provinciana que, me embalou no berço, descansada e cantada, espero ouvi-la ao despedir-me do mundo, nas orações de agonia. Só em minha terra, de minha terra, para minha terra tenho vivido; e, incapaz de servi-la quanto devo, prezo-me de amá-la quanto posso.”

SESSÃO DO DIA 6 DE ABRIL DE 2006

Sob a presidência do Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça, estiveram presentes os Acadêmicos: Ana Maria Machado, Primeira-Secretária, José Murilo de Carvalho, Segundo-Secretário; Antonio Carlos Secchin, Diretor-Tesoureiro; Murilo Melo Filho, Diretor da Biblioteca; Sergio Paulo Rouanet, Diretor do Arquivo; Eduardo Portella, Diretor dos *Anais da Academia Brasileira de Letras*; Affonso Arinos de Mello Franco, Alberto da Costa e Silva, Alberto Venancio Filho, Antonio Olinto, Arnaldo Niskier, Candido Mendes de Almeida, Carlos Heitor Cony, Carlos Nejar, Domício Proença Filho, Evanildo Cavalcante Bechara, Pe. Fernando Bastos de Ávila, Helio Jaguaribe, Ivan Junqueira, Ivo Pitanguy, Lêdo Ivo e Tarcísio Padilha.

- Ao dar início à sessão, o Presidente Marcos Vinícios Vilaça colocou em discussão a ata da sessão do dia 30 de março de 2006. Não havendo nenhuma manifestação do plenário, a ata foi aprovada.
- O Presidente Marcos Vinícios Vilaça, iniciando as comunicações ao plenário, disse que a Sala Afonso Arinos, criada pelo Presidente Austregésilo de Athayde, está sofrendo a devida ambientação por parte da área de museologia da Casa e, com a concordância do Acadêmico Affonso Arinos de Mello Franco, deseja abrir esta Sala à visita no dia 27 de abril, às 15 horas.

- O Acadêmico Affonso Arinos de Mello Franco agradeceu a profunda generosidade do Presidente Marcos Vinícios Vilaça ao complementar algo que tinha sido iniciado logo após o falecimento de Afonso Arinos, mas que ficou praticamente interrompido. Lembrou que o Presidente Austregésilo de Athayde pediu a ele e a seu irmão que dessem à Academia o que achassem de melhor de Afonso Arinos para colocar na Sala. Deram então a mesa de trabalho e a cadeira, onde ele escreveu boa parte da sua obra. Depois da exposição feita nesta Casa, no ano passado, ele e o irmão resolveram doar o resto do que tinha constado da exposição. Acredita que seja com esse material que a Sala Afonso Arinos esteja sendo ambientada. Agradeceu, mais uma vez, ao Presidente e recordou que seu pai nasceu num dia 27 e morreu num dia 27, de diferentes meses. Portanto, a escolha do dia 27 de abril é oportuna.
- O Presidente Marcos Vinícios Vilaça disse que o respeito que a Casa tem à memória de Afonso Arinos foi que o levou a fixar essa data e dar prazo improrrogável à museologia. Disse aos Acadêmicos que, na oportunidade, verão que o gesto da família Afonso Arinos merece um profundo agradecimento da Academia, porque são objetos valiosíssimos. Salientou ainda, que tudo o que foi doado tem quase uma relação orgânica com Afonso Arinos. Espera contar com a presença de todos no dia 27 de abril, às 15 horas, para a abertura dessa sala. Convidou, também, os acadêmicos, em nome do Prefeito da Cidade do Rio de Janeiro, Senhor César Maia, para que todos estivessem presentes à assinatura do Comodato através do qual a Academia transfere à Prefeitura, temporariamente, a posse do galpão do Caju, que estava aumentando em vão as despesas da Academia. Nessa ocasião, o Prefeito César Maia pretende, também, dar notícias do que está concebendo para a comemoração do centenário de Machado de Assis, em 2008. Ele criou uma alta comissão para coordenar essas comemorações e pediu que Academia indicasse um nome. A Diretoria indicou o Acadêmico Sergio Paulo Rouanet. A reunião ocorrerá no dia 24 de abril, às 15 horas, no Palácio da Cidade, na Rua São Clemente. Comunicou, ainda, que terá início na próxima semana a Feira Internacional do Livro de Turim, cujo tema é Lusofonia. A Fundação Biblioteca Nacional, que coordena a presença brasileira nesse evento, está pedindo à Academia con-

siderar a hipótese, por iniciativa dos seus acadêmicos, de enviar livros, por intermédio de suas editoras ou simplesmente expor esses livros no stand brasileiro. A remessa dos livros deve ser feita por intermédio da Dra. Myrian Jacobson, 2.º andar do Centro Cultural da ABL, para que ela se encarregue de enviá-los a Turim. Disse, ainda, que se festeja o fato de que o acadêmico eleito Nelson Pereira dos Santos tenha recebido o título de Professor Honorário da Universidade da Bahia e, também, a indicação do livro *O Dono do Mar*, do Acadêmico José Sarney, pela Editora Aliforme Publishing, dos Estados Unidos, para que, com mais quatro ou cinco autores do mundo inteiro, publicados naquele país, concorra ao Prêmio Livro do Ano. Comunicou que o Acadêmico Antonio Carlos Secchin, na condição de acadêmico, foi convidado pela Coordenação do Programa de Pós-graduação em Letras da Cátedra Extraordinária João Guimarães Rosa, da Universidade Nacional Autônoma do México, para proferir conferências sobre Manuel Bandeira, Cecília Meireles e Carlos Drummond de Andrade, num seminário de altíssima importância e que indica muito visivelmente a qualificação do convidado e por extensão a da Academia Brasileira de Letras. Acredita que a Academia, certamente, a 30 de junho terá, de uma vez por todas, a entrada em operação do novo sistema de informática, tanto da intranet como da internet. Um portal com capacidade de diálogo, bastante vivo, dinâmico e colorido. A Academia necessitava muito desta iniciativa. Isso foi feito com um reajuste de responsabilidade de técnicos especializados em informática e vai custar à Academia a metade do que era gasto no sistema anterior. Disse que a Diretoria tem se empenhado não só para obter recursos extra-orçamentários, mas também para poupar recursos orçamentários. A Casa está trabalhando nos dois sentidos.

- O Acadêmico Antonio Carlos Secchin comunicou ter dois informes: um de natureza financeira e o outro de natureza bibliográfica. Comunicou que, pela primeira vez, em muitos anos, no mês de fevereiro a Academia atingiu cem por cento de ocupação do Palácio Austregésilo de Athayde. O bibliográfico é que, dentre a seleção de obras comemorativas dos quarenta anos da Nova Fronteira, foi publicada a obra-prima de Josué Montello *Os Tambores de São Luís*, que passa à Biblioteca da Academia com

um amável cartão de D. Yvonne Montello. Disse, ainda, que acompanha este livro uma apresentação de Wilson Martins que gostaria fosse transcrita bem como um balanço da obra de Josué Montello que o mesmo crítico publicou no suplemento *Idéias*, do *Jornal do Brasil*, de 25 de março de 2006. Como ambos dão idéia da grandeza ficcional da obra de Josué Montello, acredita que são matérias que devem ser transcritas nos *Anais da Academia Brasileira de Letras*.

- O Acadêmico Helio Jaguaribe comunicou que deverá se afastar do Brasil no próximo dia 11, para cumprir um programa pessoal na Europa, e estará retornando no dia 4 de maio. A seguir, se propôs a pronunciar algumas palavras sobre Mario Vieira de Mello, o que fez por escrito. (O texto lido será incorporado aos *Anais da Academia Brasileira de Letras*.)
- O Acadêmico Candido Mendes de Almeida disse que o Acadêmico Helio Jaguaribe já colocou muito bem o que está na referência de todos sobre Mario Vieira de Mello. Aludiu também às palavras do Acadêmico Pe. Fernando Bastos de Ávila na Missa de 7.º Dia, mostrando o que a presença de Mario Vieira de Mello representou no nosso país. Falou do humanista, do filósofo, fez uma análise da obra de Vieira de Mello e associou-se a tudo que foi dito pelo Acadêmico Helio Jaguaribe.
- O Acadêmico Alberto Venancio Filho, sobre Mario Vieira de Mello, com quem conviveu muito tempo, fez um adendo às palavras proferidas pelos Acadêmicos Helio Jaguaribe e Candido Mendes de Almeida, e disse que a influência de Mário Vieira de Mello, na sua juventude, não foi apenas a de San Thiago Dantas. Integrava o famoso Clube do Caju, onde estavam figuras das mais representativas, que depois se dissociaram. San Thiago Dantas foi para o Direito, Vinicius de Moraes para a poesia, Américo Jacobina Lacombe para a história e Octávio de Faria para o romance, e ele exerceu uma influência fundamental em Mario Vieira de Mello. Lembrou que esse grupo se reunia no sítio de Octávio de Farias, em Itatiaia, para cogitações sobre Filosofia. Com a possibilidade da carreira diplomática, Mário Vieira de Mello pôde então desenvolver os seus estudos, de uma forma mais sistemática. Chamou a atenção para um ponto, que foi apenas aventado pelo Acadêmico Helio Jaguaribe, de que

Mario Vieira de Mello, pelo fato de ter sido diplomata, afastado tanto tempo, ficou uma figura marginal. Suas obras não eram conhecidas no Brasil. O Acadêmico Alberto Venancio Filho disse que o livro sobre Nietzsche ficou sem editor nas mãos de Mario durante vários anos. Ele teve a possibilidade de encaminhá-lo, por intermédio do Prof. Celso Lafer, à EDUSP e o escritor Antonio Candido fez um parecer magnífico. Referiu-se, também, ao prefácio desse livro, do Prof. Dr. Almir de Castro, que perguntado, certa vez, se conhecia Nietzsche, disse que não, mas que conhecia Mario Vieira de Mello. Lembrou um belo trabalho, que não está em livro: um folheto com um debate na Universidade de Brasília sobre Democracia Grega, em que Mário desenvolveu um belo estudo sobre o pensamento grego. Inclui também um debate muito interessante com o Acadêmico José Guilherme Merquior.

- O Acadêmico Arnaldo Niskier disse que teve uma surpresa agradabilíssima porque estava a seu lado o confrade Ivo Pitanguy, em plena forma. Passou recentemente por uma inversão da ordem natural das coisas. Normalmente ele vai às salas de cirurgia como o maior cirurgião plástico do mundo, na condição de comandante da operação que se vai realizar. Dessa vez foi o paciente, que durante algumas horas foi submetido a delicada intervenção. Pôde acompanhar de perto, junto com D. Ruth Niskier, e hoje o vê, completamente bem, inteiro como sempre, com uma disposição juvenil para o trabalho e cheio de idéias. Em dez minutos pôde apreender isso tudo em uma lição de vida notável que nos dá esse jovem Acadêmico Ivo Pitanguy. Teve uma felicidade enorme de rever o Acadêmico Ivo Pitanguy e pediu que esse júbilo fosse compartilhado por todo o plenário.
- O Acadêmico Ivo Pitanguy agradeceu ao Acadêmico Arnaldo Niskier e disse que ele trouxe mais alegria ao dizer uma coisa que estava sentindo: esse bem-estar que todos temos depois de passar por um momento em que sentimos que estamos melhorando e recuperando a alegria de viver. A alegria física não seria o suficiente, teria que enriquecer o espírito e é por isso que está aqui.

- O Acadêmico Carlos Heitor Cony disse que participa da alegria do Acadêmico Arnaldo Niskier em ver o Acadêmico Ivo Pitanguy entre todos. Teve o privilégio de assistir ao Acadêmico Ivo Pitanguy operar, não como paciente, mas a convite dele. Um dia o Acadêmico Ivo Pitanguy o convidou para assistir a uma operação. Vestiu a parafernália toda e o assistiu operando. Lembrou-se de Miguel Ângelo e se comoveu porque à medida que ele operava admirava-se da Natureza, não do que ele estava fazendo, mas daquilo que a Natureza podia fazer. Finalizando, disse que um dos momentos profissionais, como jornalista, mais importante da sua vida foi ver um cirurgião do nível, da importância e do carisma do Acadêmico Ivo Pitanguy operar.
- O Acadêmico Ivo Pitanguy agradeceu ao Acadêmico Carlos Heitor Cony e disse que quando Miguel Ângelo tinha um material para trabalhar, como escultor ou pintor com o cinzel e a sua tinta, não tinha limite na sua criatividade e os cirurgiões têm um limite muito grande, pois são escravos da anatomia. Trabalham numa pessoa que pensa e vai julgar aquilo que puderam ou não fazer.
- O Acadêmico Alberto da Costa e Silva disse que no plenário o único paciente da Clínica Ivo Pitanguy foi ele. Agradeceu ao Acadêmico Ivo Pitanguy o seu lado direito, que foi devidamente recuperado depois de um acidente de automóvel sofrido há cerca de quinze anos. Deu um depoimento de paciente que foi submetido a uma intervenção extremamente dolorosa, e que só a grande vaidade dos homens permite que aceitemos.
- O Acadêmico Murilo Melo Filho formulou uma palavra de agradecimento ao profissional Paulo Martins Rodrigues, o cirurgião que operou o Acadêmico Ivo Pitanguy, o Acadêmico Carlos Heitor Cony e a ele mesmo. Ao cirurgião Paulo Martins Rodrigues dedica a sua mais profunda gratidão.
- O Presidente Marcos Vinícios Vilaça disse que a mesa associa-se muito categoricamente às homenagens prestadas ao Doutor Mário Vieira de Melo. Em nome dos colegas da Diretoria fez um pequeno adendo a tudo que foi merecidamente dito ao Acadêmico Ivo Pitanguy. Há algo no seu

exercício profissional que o comove profundamente: é o trabalho na Santa Casa de Misericórdia. Ouve de sua mulher, Maria do Carmo Vilaça, que lida muito com a questão social, comentários constantes sobre esse tipo de ação solidária. Sabe o que isso representa como re-inserção de pessoas na sociedade. Esse é um tipo de bolsa-vida que o Acadêmico Ivo Pitanguy pratica silenciosamente. É uma homenagem da Diretoria da Casa ao confrade tão estimado.

- Na Ordem do Dia, o Presidente deu a palavra ao Acadêmico José Murilo de Carvalho, para que anuncie os nomes indicados para a Comissão que vai selecionar obras para tradução em árabe.
- O Acadêmico José Murilo de Carvalho, levando em conta os vários campos de atividades da Casa, sugeriu compor a Comissão com os Acadêmicos Eduardo Portella, Candido Mendes de Almeida, e Alberto da Costa e Silva.
- O Presidente Marcos Vinícios Vilaça disse que a Diretora da Academia Brasileira de Letras acaba de proclamar, através do Segundo Secretário, Acadêmico José Murilo de Carvalho, a Comissão que selecionará obras para tradução em árabe. Quem desejar fazer sugestão à Comissão dirija-se a qualquer um dos nomeados.
- O Acadêmico Eduardo Portella aceita essa nomeação porque terá a seu lado os Acadêmicos Candido Mendes de Almeida e José Murilo de Carvalho. Não tem nenhuma condição específica de fazer uma avaliação. Disse que saíram dois ensaios seus em árabe e um amigo, por solidariedade, disse que o texto é muito melhor em árabe do que em português. Considerando que terá esses dois guias, o trabalho fica mais fácil. Cumprimentou o Acadêmico Arnaldo Niskier por ter sido nomeado Secretário de Educação do Estado do Rio de Janeiro. Vinha fazendo uma brilhante administração na área da cultura e volta, alguns anos depois, à Secretaria de Educação. Está certo de que vai repetir, com os acréscimos naturais do tempo, a gestão que fez anteriormente. Lembrou do autor de *A Bagaceira*, que as suas superstições baianas não lhe permitem pronunciar o nome com total desinibição, e que abriu o caminho do grande romance regionalista. Quando voltou certa vez ao governo da Paraíba iniciou o discurso dizendo o seguinte: “voltar é uma forma de renascer, e

ninguém se perde no caminho da volta”. Está certo de que isso acontecerá com o Acadêmico Arnaldo Niskier.

- O Acadêmico Arnaldo Niskier agradeceu ao Acadêmico Eduardo Portella não só pela amizade que os une, mas pela parceria no assunto educação, que é também de grande agrado dele. De todos, foi quem atingiu o posto mais alto, tendo sido Ministro de Estado da Educação. Vai ter menos de um ano de mandato, ninguém faz milagres em tão pouco tempo. Vai se debruçar sobre o currículo como prioridade absoluta. Quer muito a colaboração da Academia para que se faça alguma coisa em termos de aperfeiçoamento do trato da língua portuguesa, inclusive o retorno da literatura brasileira ao currículo, após a exclusão do Ministério da Educação, na gestão do Ministro Paulo Renato Souza. Pediu a ajuda da Academia para cuidar também da Língua Portuguesa, que na verdade, é a nossa preocupação *mater*. Vai procurar trabalhar com a educação científica. O Rio de Janeiro está se industrializando, precisa de técnicos em nível intermediário em profissões que não são tão comuns assim, como técnico em polímeros. Temos um pólo gás químico em pleno funcionamento em Caxias, como a Refinaria, que vai suscitar mais de duzentos e cinquenta mil empregos entre Itaboraí e São Gonçalo. Tantas profissões que hoje estão aflorando e que não estão tendo o devido respaldo na política de recursos humanos. Tem a sensação de que se voltarem a renascer terá novas idéias para que se possa assistir à evolução social e econômica do estado que abriga a nossa Academia, o Rio de Janeiro.
- O Presidente Marcos Vinícios Vilaça disse que a Diretoria fez ao Acadêmico Arnaldo Niskier, na sessão passada, o registro de sua nomeação. A Academia toda festejou o fato de que o Acadêmico Arnaldo Niskier tem admiráveis condições de fazer a interação entre a educação e os diferentes contextos culturais, que são facilmente localizados no Rio de Janeiro como um estado muito síntese do país.
- O Acadêmico José Murilo de Carvalho esclareceu ao Acadêmico Eduardo Portella que a sua companhia na Comissão será melhor do que imagina, porque o terceiro membro é o Acadêmico Alberto da Costa e Silva e não ele próprio.

- O Acadêmico Candido Mendes de Almeida manifesta o profundo regozijo de todo ensino superior do Rio de Janeiro pela nomeação do Acadêmico Arnaldo Niskier ao cargo de Secretário Estadual de Educação. Tem diante de si uma tarefa fundamental, o fortalecimento do tecido universitário do Estado com as iniciativas pioneiras que estão no Grande Rio de Janeiro. Salientou a capacidade que teve na gestão da cultura de deixar um marco criador com tão poucos recursos, que torna o seu sucessor prisioneiro da área, da criação e da riqueza do que foi o percurso do antecessor. Completando o que o Acadêmico José Murilo de Carvalho acaba de dizer, falou que a Comissão estará com o príncipe Hassan Bin Talal, no próximo dia 19 de abril. A partir daí, a Comissão terá uma visão mais adequada do que pode ser essa proposta, porque está se inclinando, num primeiro momento, mais pela fome crítica que o mundo árabe está tendo de compreender a cultura e a realidade brasileira.
- O Acadêmico Ivan Junqueira deu a dolorosa notícia do falecimento da poeta Dora Ferreira da Silva. Eduardo Portella haverá de se lembrar de que em 1998 o incumbiu de preparar para a Biblioteca Nacional um conjunto de co-edições com as diversas regiões brasileiras. Um dos livros que a Academia publicou em co-edição com a Universidade de Mogi das Cruzes foi exatamente a *Poesia Reunida* de Dora Ferreira da Silva. Lembrou que Dora Ferreira da Silva era viúva do notável filósofo Vicente Ferreira da Silva cujas idéias defendeu em diversas de suas peças ensaísticas e também as relembra em muitos de seus poemas. Recebeu duas vezes o Prêmio Jabuti e o Prêmio de Poesia da Academia Brasileira de Letras. Sobre a poesia de Dora Ferreira da Silva escreveu algumas vezes. Essa poesia talvez seja um último esplendor do pensamento grego na poesia brasileira.
- O Acadêmico Affonso Arinos de Mello Franco associou-se às palavras do Acadêmico Ivan Junqueira. Não se lembra se foi na gestão do Acadêmico Ivan Junqueira ou na do Acadêmico Alberto da Costa e Silva que foi designado como um dos membros da Comissão Julgadora do Prêmio de Poesia. Disse que nunca tinha lido a poesia de Dora Ferreira da Silva. Leu a sua obra completa para poder fazer um julgamento adequado. Viu em Dora Ferreira da Silva uma das mais extraordinárias poetisas da língua, na nossa geração. Lembrou também que seu marido e filósofo Vicente

Ferreira da Silva foi companheiro do filósofo tcheco Willem Flüster, que chegou a exercer uma grande influência no Brasil. Com o Prêmio da ABL, Dora Ferreira da Silva inscreveu-se indelevelmente como um dos grandes nomes que essa Academia soube reconhecer.

- O Presidente Marcos Vinícios Vilaça disse que a Diretoria se junta ao que foi dito com tanta precisão e sentimento pelos Acadêmicos Ivan Junqueira e Affonso Arinos de Mello Franco.
- O Acadêmico Antonio Carlos Secchin leu o parecer do Prêmio Machado de Assis para o ano de 2006, em que foi sugerido o nome do poeta e crítico César Leal. (O texto lido será incorporado aos *Anais da Academia Brasileira de Letras*.)
- O Presidente Marcos Vinícios Vilaça, pelo número de palmas, declarou concedido ao poeta César Leal o Prêmio Machado de Assis 2006.
- O Presidente Marcos Vinícios Vilaça, disse que a Academia Brasileira de Letras recebe, segunda-feira, do Governo do Estado e da Academia Cearense de Letras, uma homenagem especial em Fortaleza. O presidente estará presente para testemunhar o agradecimento da Casa a esse gesto de simpatia da Academia Cearense de Letras. Lembrou que no dia quatro de maio visita a Casa o Senhor Ministro de Estado da Cultura Gilberto Gil, que será saudado pelo Acadêmico Arnaldo Niskier. No capítulo das Efemérides deu a palavra ao Acadêmico Antonio Carlos Secchin para falar dos cento e vinte anos de nascimento do poeta Manuel Bandeira.
- O Acadêmico Antonio Carlos Secchin, no capítulo das Efemérides, fez uma belíssima apresentação sobre o poeta Manuel Bandeira. (O texto lido será incorporado aos *Anais da Academia Brasileira de Letras*.)
- O Presidente Marcos Vilaça exaltou a extraordinária comunicação do Acadêmico Antonio Carlos Secchin. Disse que não consegue evitar o desejo de anotar que ele realçou, na figura de Manuel Bandeira, uma das coisas que mais o entusiasmam na vida, o sentimento de regar as raízes. Nada mais havendo a tratar, deu por encerrada a sessão.

A ARTE DO ROMANCE

Wilson Martins*

Os Tambores de São Luís é, sem dúvida, a obra-prima romanesca de Josué Montello, num conjunto em que, aliás, não faltam romances de alta qualidade literária. É o momento histórico da escravidão na segunda metade do século 19, momento em que, por definição, o sistema iniciava o seu processo de declínio, e, sendo romance histórico, é também romance de costumes da sociedade escravocrata, no Maranhão e no Brasil. E, sendo romance de costumes é, também, necessariamente, romance psicológico, tanto dos personagens especificamente considerados, quanto das diversas coletividades a que pertenciam – proprietários e escravos, comerciantes e homens do mar, profissionais liberais e eclesiásticos, políticos e libertos, todos condicionados pela mentalidade da época ao mesmo tempo em que a condicionavam.

Evitemos, desde logo, as polarizações simplistas, pois todos respondiam à consciência possível do momento, vertente por assim dizer passiva da idade sociológica. Na vertente ativa estava o poder público, deputados e senadores, conservadores e liberais, por uma vez unidos na causa comum de manter a escravidão, procurando imobilizar a história a pretexto de discipliná-la; não queriam aboli-la, queriam, ao contrário, perpetuá-la, na esperança de que se extinguisse por exaustão 50 anos depois, quando eles próprios tivessem desaparecido. Ignoraram sistematicamente os numerosos projetos que se multiplicaram entre os tratadistas desde o século 18 e, nomeadamente, o de José

* Crítico literário. Artigo publicado no *Jornal do Brasil*, Suplemento *Idéias*, de 31 de dezembro de 2005 e como apresentação ao livro *Os Tambores de São Luís* de Josué Montello, na edição comemorativa da Nova Fronteira, 2005.

Bonifácio, propondo a abolição gradativa que prevenisse o trauma mais que previsível de 1888.

Conhece-se a astuta relutância com que as classes políticas dos 1800 acabaram por aceitar a proibição do tráfico, assim como as duas leis supostamente humanitárias (como tal ensinadas nas escolas): a do *Ventre Livre* e a dos *Sexagenários*, destinadas, não a extinguir, mas a perpetuar a escravidão pelo maior tempo possível. Embustes desde logo percebidos pelos escravos personagens deste romance. Não eram apenas embustes: eram embustes carregados de crueldade.

Tudo isso se passava no mundo social em que a escravidão pertencia à ordem natural das coisas, monstruosidade, dizia Joaquim Nabuco, de que os brasileiros tinham tanta consciência quanto da lei da gravidade. Acrescentem-se as práticas desumanas do dia-a-dia – a que correspondem, no outro extremo, os fatos que hoje podem parecer pitorescos. É o lado do romance de costumes neste romance histórico: “Mesmo as questões de nonada, que se resolveriam com um breve diálogo, serviram de pretexto aos velhos prelados para trocas de desaforos, prisões, excomunhões, queixas ao rei e ao papa, intrigas, despeitas públicas, e até agressões e emboscadas.” Um bispo e um governador envolveram-se em grave crise política porque ambos tinham interesses no comércio de cravo. Outro bispo conheceu dificuldades por haver denunciado “o mau costume, corrente entre os maiores da terra, de terem estes as suas concubinas”. Crise política ainda mais séria ocorreu quando um capitão-general entendeu que tinha direito a três ductos de incenso nas cerimônias religiosas, enquanto o bispo, com quem se desentendera, ordenou ao coroinha que o distinguisse com apenas dois...

Esse é o painel em que podemos ler *Os Tambores de São Luís* como romance histórico, partindo do geral para o particular, panorama de uma época estruturada em círculos concêntricos dos quais os mais largos continham sucessivamente os de menor diâmetro, envolvendo a matéria real pela imaginativa, tudo sem sacrificar a homogeneidade entre a verdade e a verossimilhança. Para isso, é preciso que o romancista trate os personagens reais como fictícios e os fictícios como reais, conferindo-lhes a verdade romanesca, para além da factual. Nessas perspectivas, Josué Montello utiliza-se da realidade histórica para conferir veracidade à verossimilhança romanesca. Na lição

aristotélica, a história é o que realmente ocorreu, e a verossimilhança o que poderia ter ocorrido. Como todo grande romancista, Montello inverte, de certa forma, o ângulo de observação: seus personagens tirados da vida real tornam-se verossímeis como se fossem inventados, e estes últimos tornam-se reais na trama do romance. Mencione-se, entre tantos outros, Donana Jansen, perfeita encarnação do sadismo desumano (no que não se distinguia dos demais proprietários): ela só nos aparece verossímil por ter sido real. É também a figura da aristocrata Ana Rosa Ribeiro, denunciada por crimes de morte pelo jovem promotor Celso Magalhães, prematuramente falecido, precursor de Sílvio Romero nas pesquisas folclóricas. Há também a causa célebre do desembargador Pontes Vergueiro, retrato gravado em água-forte pelo romancista, sem esquecer a tragédia pessoal de Gonçalves Dias e seus amores desgraçados.

Tudo isso nos induz a ler *Os Tambores de São Luís* como romance psicológico, partindo do particular para o geral, caso em que a narrativa se desenvolve em espiral, tendo no negro Damião o centro dinâmico de convergência e irradiação. Josué Montello pertence à família espiritual de Balzac e Dostoiévski; de Joyce e Thomas Mann; de Tolstói e Faulkner; de George Eliot e Giovanni Verga; de Cervantes e John Dos Passos; de Conrad e Flaubert; de Eça de Queirós e Machado de Assis – todos semelhantes nas suas diferenças e diferentes nas suas semelhanças, exatamente como nas famílias naturais. Damião é a figura emblemática da condição humana num determinado momento histórico, simbolizado, aos olhos do Eterno, pelos tambores da Casa-Grande das Minas, vibrando como memória da raça através do romance inteiro. Eles marcam a sucessão dos episódios na sua vida, acompanhando-lhe as metamorfoses existenciais. São o relógio cósmico que, começando a ouvir logo à sua chegada a São Luís, continuará a marcar-lhe todas as horas, pelos anos afora, até à noite cheia de presságios em que o romance começa e termina. Já velho, caminhando na madrugada ao som dos tambores, dominado pela expectativa do trineto que vai nascer, ele os ouve como mensagem enigmática do destino, conforme só virá a saber na última página do romance: “Tinha sido escravo, era um homem livre ... viera de muito baixo, e ali se achava, com a sua casa, o seu nome e a sua família. Lutara pela liberdade de sua raça [...]” – deixando em nossa memória a figura de um grande entre os grandes do romance universal.

JOSUÉ MONTELLO

Ele reconheceu ter a “pena loquaz”, o que nem de longe se confunde com a pena prolixa de tantos outros.

Wilson Martins*

Josué Montello foi em nossas letras a figura paradigmática do escritor. O serviço diplomático, os grandes cargos do Estado, as missões universitárias e administrativas foram derivações paralelas e ocasionais, assim como o homem Josué Montello era apenas o suporte físico para que o escritor pudesse existir enquanto primeira e verdadeira natureza. É o que ele mesmo registra numa página do Diário: “A circunstância de ter vivido várias vidas, nos postos que exerci, nas cidades em que morei, nas mudanças de caminho, com novas experiências importantes, novos amigos e companheiros, como escritor, como jornalista, como professor, como diplomata, escrevendo artigos, peças de teatro, teses, monografias, e publicando romances, contos, novelas, ensaios, estudos históricos, polêmicas, sempre pude permanecer fiel a mim mesmo [...]” – fiel, palavra a sublinhar fortemente em nome da crítica, à sua condição de escritor. É, de fato, a matéria escrituária que predomina nessa visão autobiográfica – escritor e jornalista, autor de romances e ensaios, polêmicas e estudos históricos, tudo sob o signo e os imperativos da palavra escrita.

Suas mais remotas reminiscências de infância já são, como prodigiosa semente, a premonição do futuro escritor que nele germinava: “Como deixar de emocionar-me, na praça Saldanha Marinho, ao ver ao fundo o prédio do ginásio Paes de Carvalho. Deve ter um ar de sonâmbulo caminhando ao seu encontro. Que pena! Hoje o ginásio está fechado. Debalde procuro alguém

* Artigo publicado no *Jornal do Brasil*, Suplemento *Idéias*, 25 de março de 2006.

que me descerre a porta por onde eu passava, na minha farda cinzenta, sobraçando os meus livros. Não importa. A saudade é mágica, e eu atravesso a entrada do prédio, e subo-lhe a escada, e vou entrando alegremente por minha sala de aula, embora permaneça aqui fora, de braços cruzados, a olhar as janelas, a fachada do casarão silencioso. Só eu lhe ouço agora as vozes retroativas.”

Fechada para quem já não era mais o menino Josué, a porta do ginásio Paes de Carvalho tinha sido a porta estreita do aperfeiçoamento que o preparava para atravessar outra porta estreita, a da Academia Brasileira de Letras, que o acolheu ainda jovem, cenáculo privilegiado que lhe consagrou, por assim dizer, a condição de escritor, reservando-lhe a missão histórica de presidi-la e reformá-la, não apenas em coroamento simbólico. Nesse percurso, a biblioteca foi o lugar em que mais freqüentemente era visto, a começar pela própria, simples extensão orgânica das funções vitais. É natural que haja recebido com dádiva do destino a direção da Biblioteca Nacional, biblioteca das bibliotecas, onde encontraria a memória viva do passado: “Voltei hoje à Biblioteca Nacional para uma consulta na seção de periódicos. [...] Antes de passar à sala dos periódicos, olho o vestibulo imponente, e é com saudade de mim mesmo que me revejo quando ali entrei, com meus saldos de juventude, como seu novo diretor-geral. Foi isso em 1948.”

Em outro instantâneo tipicamente montelliano, era fácil encontrá-lo a caminho de livrarias e alfarrabistas, e lá dentro, em atmosfera geralmente desaconselhada pelos especialistas das vias respiratórias. Assim, ainda adolescente, atravessa o largo do Carmo, para ir ver uns velhos livros portugueses que a Tipografia Teixeira andava liquidando, quando recebeu o chamado do futuro: “Não queres ir a Belém? [...] Eu nunca tinha deixado minha cidade, minha família, meus amigos. De repente, tomei uma decisão: iria para ficar. Já era tempo. Tinha de abrir caminho no mundo [...]” — caminho, bem entendido, que passaria através de livrarias, no Brasil e no exterior.

Na família dos escritores que lêem, Josué Montello pertence ao ramo dos moralistas, analistas da condição humana, temática de sua extraordinária arte romanesca, para nada dizer, é evidente, do incomparável monumento memorialístico que é o Diário completo, sempre fiel, não só à literatura, mas à “idéia de literatura”, a literatura como entidade. Nesse conjunto, há numero-

sas obras-primas do romance brasileiro, nomeadamente *Os Tambores de São Luís*, aqui singularizado como representante do conjunto. Ele mesmo reconheceu ter a “pena loquaz”, o que nem de longe se confunde com a pena prolixa de tantos outros. Loquacidade tornada possível pelo espírito inventivo e, em termos práticos, por ter sabido fazer uso da insônia, como Pascal recomendava que devemos fazer bom uso das enfermidades. Suas vigílias nos têm impedido de dormir, ao contrário dos que, logo às primeiras páginas, nos mergulham em sono cataléptico. De fato, foi um surto de hemoptises e conseqüente resguardo que o conflitou num regime de leituras, com o que voltamos às bibliotecas, às livrarias e à Academia Brasileira de Letras.

Por isso, o Diário completo é o seu livro epônimo, repositório de juízos críticos importantes, inclusive nos domínios da crítica literária. Ele se refere, por exemplo, ao romancista superestimado depois de morto que é Lima Barreto e também a um autor como Marques Rebelo, que, ao contrário, gozou em vida enorme popularidade, já agora reduzido às notas de rodapé nas histórias literárias. Eis o que escreveu sobre o primeiro: “Releio saltadamente as Recordações do escrivão Isaías Caminha. Volto a reconhecer que Lima Barreto, dado por alguns críticos como o maior romancista brasileiro, chegou perto, mas não alcançou esse patamar. Há algo tosco no seu livro. Certo desequilíbrio narrativo. Por vezes, levado pelo instinto polêmico, acentua o traço caricatural, para ferir confrades e companheiros, como Coelho Neto e Viriato Correia.”

E, a propósito de outro ficcionista emblemático do Rio: “Rebelo cometeu erro insanável quando deu ao seu diário o tom de um romance em vários volumes. O romance não chegou a ser romance. O diário deixou de ser diário. Este, bem escrito como é, com os nomes verdadeiros no seu lugar, teria a força de um testemunho. Como romance, não alcançou a harmonia que Machado de Assis soube imprimir ao seu *Memorial de Aires*, em que talvez se tenha inspirado.” Tendo compilado o anedotário ameno da Academia, sem cometer indiscrições comprometedoras, deixou esparsas numerosas anotações sobre alguns dos nossos grandes nomes. Assim, Jackson de Figueiredo: “muito mais importante do que tudo quanto lhe saiu da pena, quer como crítico e polemista, quer como pensador católico”. Oswald de Andrade parecia-lhe “deixar mais

uma biografia do que uma obra literária. [...] A notícia de sua morte deu-me certeza de que, morto, ele continua a ser notícia, como foi em vida”.

Quanto ao próprio Josué Montello, desde 1941, com *Janelas Fechadas*, a 1966, com *Enquanto o Tempo Não Passa*, além de *Os Tambores de São Luís*, em 1975, e *O Baile da Despedida*, em 1992, deixou uma obra que engrandeceu a literatura brasileira com modelos de narrativa, finura psicológica e inesgotável imaginação, enquanto suas obras no campo do pensamento constituem outra biblioteca de grandeza semelhante. Nele, como em Mallarmé, tudo existia para se transformar em livro.

UM PENSADOR ORIGINAL

*Acadêmico Helio Jaguaribe**

Com o falecimento, em 27 de Março do corrente, do embaixador Mario Vieira de Mello, o Brasil perdeu um de seus mais originais pensadores. Nascido em 26 de Maio de 1912, em New Castle, quando seu pai se achava em missão oficial, Mario Vieira de Mello foi diplomata de carreira. Seu posto na Finlândia, quando jovem secretário, deu-lhe um acesso ao pensamento nórdico, tão pouco conhecido no Brasil, que se revelaria importante na sua formação intelectual. Foi lá também que conheceu Baby, linda finlandesa com quem veio a se casar e que, quando de seu regresso ao Brasil, causou certo alvoroço entre os colegas do Itamaraty. Dela mais tarde se divorciaria.

Homem de hábitos severos e disciplinados, exímio cidadão e servidor público, Mario Vieira de Mello teve um duplo percurso, como diplomata e como filósofo. Como diplomata, depois da Finlândia foi, nos diversos postos da carreira, nosso representante na Itália, na Noruega, na França, onde foi cônsul em Bordeaux e ministro junto à UNESCO e embaixador em Gana, Guatemala e Hungria, seu último posto. O que dele fez uma personalidade de mais alta relevância foi seu pensamento filosófico e a obra que produziu.

A principal característica do pensamento de Vieira de Mello é a originalidade. Uma originalidade que se manifesta tanto pelos temas que aborda como, sobretudo, pela forma como os aborda. Dotado de ampla cultura humanista, sua investigação se orientou em duas principais direções: a filosófica e a da problemática brasileira, abordada a partir de uma perspectiva filo-

* Estudo apresentado na sessão do dia 6 de abril de 2006.

sófica. Como filósofo, Mario Vieira de Mello se alicerça no pensamento socrático-platônico. A esse núcleo central se agregaram três principais influências: Lutero, Kierkegaard e Nietzsche. O pensamento platônico configura o eixo central de suas idéias, não tanto, propriamente, em termos gnoseológicos, mas, fundamentalmente, no sentido de considerar a cidadania como um compromisso ético. Distintamente de Platão, entretanto, a “república de Vieira de Mello” nem é autoritária nem comunitarista, mas individualista e libertária.

A influência de Lutero se faz sentir no individualismo libertário que lhe é característico. O agnosticismo de Mario não lhe dava nenhuma inclinação religiosa para o protestantismo, mas, a partir do *sola scriptura* e *sola fide*, o levou à exigência, para todas as pessoas, de um relacionamento direto com o objeto de suas respectivas convicções.

O eticismo socrático-platônico, por outro lado, sob a influência de Kierkegaard, conduziu Vieira de Mello a sustentar uma forte oposição entre o sentimento estético e o sentimento ético, oposição que constituirá a linha central de seu principal livro, *Desenvolvimento e Cultura*, com uma primeira edição de 1964 e segunda de 1970. Somente um profundo sentimento ético, por parte da cidadania, permite a formação de sociedades e países exitosos. Segundo Vieira de Mello as deficiências do Brasil e, em última análise, seu subdesenvolvimento, se devem à predominância, em nossa cultura, do sentimento estético sobre o ético. Essa oposição se faz sentir na educação, como salienta em *O Conceito de uma Educação da Cultura, de 1986*.

É em *Nietzsche, o Sócrates de nosso Tempo*, de 1993, que mais se faz sentir a originalidade de Vieira de Mello. Com efeito, Nietzsche, exigindo uma transmutação de todos os valores e preconizando uma ética do super-homem, assim entendido o homem que compreende que a vontade de poder é o princípio regulador da vida e da sociedade, era hostil à moral da boa conduta de Sócrates, assim como, mais ainda, à piedosa moral cristã. Vieira de Mello, entretanto, é concomitantemente socrático e nietzscheano. Para esse efeito, o Nietzsche de Mario é socrático, na medida em que preconiza uma ética da *arété*. Essa ética heróica que leva Sócrates, ante as acusações de Miletus, em vez de se defender, a proclamar a superioridade de sua moral e de

seus ensinamentos e, finalmente, a recusar as facilidades de fuga que lhe são oferecidas para, serenamente, beber a cicuta a que fora condenado.

O Humanista, penúltimo livro de Vieira de Mello, de 1996, se alicerça expressamente em Platão ao sustentar, em abstrato e com vistas ao caso do Brasil, na medida em que a ordem da sociedade e a ordem na alma dos indivíduos formam um conjunto indissolúvel. *O Homem Curioso*, último livro, de 2001, é um estudo da curiosidade aristotélica, que leva à ciência e a uma ontologia do real. Mario pensava escrever mais um livro, sobre o processo de Sócrates, quando já atingido pela enfermidade que o vitimou.

Mario deixa, com sua viúva, Elizabeth Gallotti Vieira de Mello, uma encantadora filha, Maria Elvira. Homem extraordinário e absolutamente singular, no quadro brasileiro, provavelmente por causa da extrema originalidade de seu pensamento não teve, em vida, o reconhecimento a que faz jus.

PRÊMIO MACHADO DE ASSIS 2006

Parecer lido pelo Acadêmico Antonio Carlos Secchin

A publicação do livro – *DIMENSÕES TEMPORAIS NA POESIA E OUTROS ENSAIOS*, de César Leal, em dois volumes, reunindo crítica e poesia, através da Editora Imago, do Rio de Janeiro, em 2005, é um acontecimento entre nós. Porque no seu regimento classicizante não falta a raiz. Ao discurso culto não faltam pés na terra. Do mesmo modo a construção elaborada jamais se esquece da cotidianeidade. A poesia e o ensaio de César Leal sabem operar esse equilíbrio nervoso, ao qual se une a severidade do olhar crítico. Por isso, o trabalho de César Leal, o trabalho encantado da linguagem, é das construções mais convincentes da nossa literatura contemporânea. Motivo pelo qual achamos por bem de conceder o Prêmio Machado de Assis deste ano ao Poeta e Crítico César Leal.

Rio de Janeiro, 5 de abril de 2006

Eduardo Portella – *Presidente da Comissão Julgadora*

Carlos Nejar

Paulo Sérgio Rouanet

Tarcísio Padilha

Alfredo Bosi

MANUEL BANDEIRA

*Acadêmico Antonio Carlos Secchin**

O cidadão Manuel Carneiro de Souza Bandeira Filho nasceu no Recife, em 19 de abril de 1886. O poeta Manuel Bandeira nasceu 31 anos depois, nas gráficas do *Jornal do Commercio*, que imprimiu os 200 exemplares de sua obra de estréia, *A Cinza das Horas*, ao custo de 300 mil-réis. Sobre este livro, assim manifestou-se, no calor da hora do lançamento, o escritor João Ribeiro: “o [...] título tão admiravelmente escolhido, arranca das horas que se foram o perfume, que é, como agora, a sombra rediviva e alongada das coisas que passam”. E, adiante: “Com *A Cinza das Horas*, Manuel Bandeira criou um nome que, dentro em pouco, será popular na sua pátria.” Do livro seguinte, *Carnaval*, de 1919, custeado pelo pai do escritor, diria João Ribeiro: “Enfim, é a melancolia a fonte do *humour*, e é possível que as lágrimas, por eterização, se transformem em risos.”

O poeta Manuel Bandeira renasce em 1930 com *Libertinagem*, obra em consonância com os ideais modernistas, e que contém muitos dos textos que se tornariam clássicos do autor: “Poética”, “Andorinha”, “Irene no céu”, “Profundamente”. A partir daí, surge a primeira estrela – a da manhã – a nortear os títulos de sua trajetória poética, numa edição de 47 exemplares, em 1936, a que se seguiriam a *Estrela da Tarde*, de 1960 e a *Estrela da Vida Inteira*, de 1966.

Ingressou na Academia Brasileira de Letras em 1940, sucedendo Luís Guimarães Filho e sendo recebido por Ribeiro Couto. Foi eleito com 21

* Estudo apresentado na sessão do dia 6 de abril de 2006.

votos, apesar de haver citado apenas 14 dos acadêmicos em suas *Noções de História das Literaturas*, lançadas no início do mesmo ano. Morreu em 13 de outubro de 1960, deixando vaga a Cadeira 24, ocupada a seguir por Cyro dos Anjos e atualmente por Sábato Magaldi.

Manuel Bandeira é um escritor que consegue dar ao leitor a falsa impressão de que a poesia é algo espantosamente simples. Nele, todavia, a simplicidade não é sinônimo de simplificação, sendo, antes, uma árdua conquista que atravessou a desaprendizagem da rigidez parnasiana que estiolou tantas promessas poéticas de vários de seus colegas de geração. Saber para superar o que se sabe, e não para perpetuar-se no júbilo ostentatório do próprio conhecimento parece ter sido o lema e o leme de Manuel Bandeira. Poucos autores de nossa literatura conheciam, como ele, os meandros da arte versificatória, e poucos, como ele, eram movidos pela sede de adentrar os discursos alheios, antigos e contemporâneos, para além das fronteiras de língua e nacionalidade, permanecendo, ao mesmo tempo, fiel às ressonâncias da infância recifense. Tanta erudição — patente nas inúmeras antologias, traduções, crônicas, edições comentadas e panoramas literários que produziu — tanta erudição ocultava-se, sub-reptícia, sob a leveza e a fluência de uma dicção que perfilhava generosamente a sintaxe e as palavras da fala comum, subitamente transfiguradas pela porção de alumbramento que o poeta colhia nos dados mais prosaicos da realidade: “O meu porquinho-da-índia foi a minha primeira namorada.”

Assediado desde cedo pela perspectiva da morte prematura, a poesia de Bandeira, de certo modo, é uma sucessão de adeuses prévios, de despedidas e do sentimento do irrealizável frente à vida, passada à toa, à toa, conforme disse em “Andorinha”. Nesse particular, o topos do *ubi sunt?*, com sua iniludível sombra elegíaca, ergue um território de fronteiras ambíguas, onde a impregnação da morte, paradoxalmente, alimenta a necessidade de exorcizá-la, através de uma palavra que celebra eternamente no texto aquilo que a história seqüestrou inexoravelmente na vida. Por isso, como observei noutra ocasião, em Bandeira a infância é um refúgio idílico, onde a imagem do menino se preserva, inteiriça, da contaminação do adulto, compondo a nostalgia de uma plenitude sem fraturas: “O menino que não quer morrer,/ Que não morrerá senão comigo,/ O menino que todos os anos na visita do Natal/ Pensa ainda em pôr os seus chinelos na porta.” Bandeira reelabora a perda em alegria e por

isso ele é, sempre, o irmão mais novo de sua própria infância. E, se as marcas das perdas e da dor futura acabam vincando o adulto, mesmo diante da morte das poetisas aciona o compasso da desdramatização: “Quando a Indesejada das Gentes chegar/.../Encontrará lavrado o campo/ a casa limpa,/ A mesa posta/ Com cada coisa em seu lugar.”

Hoje, nesta sessão, lembramos os 120 anos de seu nascimento. Se, com aquela melancolia fonte de *humour* já detectada por João Ribeiro em 1919, o poeta se queixava da vida que poderia ter sido e que não foi, nós poderíamos retrucar que, nele, a poesia que poderia ter sido foi.

SESSÃO DO DIA 12 DE ABRIL DE 2006

Sob a presidência do Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça, estiveram presentes os Acadêmicos: Ana Maria Machado, Primeira-Secretária; José Murilo de Carvalho, Segundo-Secretário; Antonio Carlos Secchin, Diretor-Tesoureiro; Murilo Melo Filho, Diretor da Biblioteca; Eduardo Portella, Diretor dos *Anais da Academia Brasileira de Letras*; Affonso Arinos de Mello Franco, Alberto da Costa e Silva, Alberto Venancio Filho, Antonio Olinto, Arnaldo Niskier, Candido Mendes de Almeida, Carlos Heitor Cony, Carlos Nejar, Evanildo Cavalcante Bechara, Domício Proença, Pe. Fernando Bastos de Ávila, Ivan Junqueira, Lêdo Ivo, Moacyr Scliar e Tarcísio Padilha.

- O Presidente Marcos Vinícios Vilaça declarou aberta a sessão. Submeteu ao plenário a Ata do dia 6 de abril. Observou que foi feita a complementação da notícia sobre o livro *O Dono do Mar*, do Acadêmico José Sarney, que concorre a uma premiação nos Estados Unidos. Com muita satisfação pediu uma salva de palmas para o Acadêmico Tarcísio Padilha que aniversaria no dia 17 de abril e para a Acadêmica Lygia Fagundes Telles, aniversariante do dia 19 de abril. Pediu aos acadêmicos que anotem no dia 20 de abril, às 17h 30min, o início do Seminário *Brasil, brasis*. O tema da próxima quinta-feira será “Literatura e Culinária” onde participam acadêmicos, sociólogos e cozinheiros. Convidou os acadêmicos para o ato de assinatura do Termo de Comodato entre a Academia Brasileira de Letras e a Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro. Será no

dia vinte e quatro, às 15h. Por sugestão do Acadêmico João de Scantimburgo, a Diretoria indicou o Acadêmico Lêdo Ivo para integrar o conselho editorial da *Revista Brasileira*. Disse que a Fundação Getúlio Vargas inicia formalmente seu programa de diagnóstico e modernização do funcionamento da Academia Brasileira de Letras no dia vinte e quatro de abril em reunião com os funcionários da Academia. Espera que dela resulte uma efetiva modernização da rotina administrativa da Casa. Pediu aos acadêmicos que coordenam a Comissão Seletiva de Livros para a tradução em árabe que diligenciassem, junto ao Acadêmico Candido Mendes de Almeida, a fim de que a Academia formalize esse convênio e acha conveniente também que a Academia dê ciência desse convênio ao Itamaraty. Finalizando, fez distribuir entre os confrades o temário que a Academia das Ciências de Lisboa sugeriu para a reunião, em outubro. Disse que será adequado que os acadêmicos reflitam sobre a escolha dos temas oferecidos pela Academia Portuguesa, porque, no próximo ano, eles escolherão temas oferecidos pela ABL.

- O Acadêmico Alberto da Costa e Silva disse que a Comissão Julgadora do Prêmio Senador José Ermírio de Moraes, de 2006, atribuiu o Prêmio ao livro de Maria Lúcia Garcia Pallares-Burke, intitulado *Gilberto Freyre, um Vitoriano dos Trópicos*, publicado em 2005 pela editora da Universidade do Estado de São Paulo. Acentuou tratar-se de admirável obra de história cultural, das melhores já escritas no Brasil. Nela se descreve a formação intelectual de Gilberto Freyre, com ênfase no fascínio que sobre ele exerceu a Grã-Bretanha, notadamente por meio dos escritores vitorianos e, entre estes, dos vitorianos antivitorianos, como John Ruskin, Walter Pater, William Morris, George Gissing, Lafcadio Hearn, G.K. Chesterton e W. B. Yeats. Foi com eles que o jovem Gilberto Freyre aprendeu a observar, a pensar e, sobretudo, a escrever.
- O Presidente Marcos Vinícios Vilaça colocou em votação o parecer do Prêmio Senador José Ermírio de Moraes 2006, que foi aprovado por unanimidade.
- O Acadêmico José Murilo de Carvalho congratulou-se com a Comissão do Prêmio Senador José Ermírio de Moraes pela escolha do livro. Um

livro extraordinário onde Maria Lúcia Garcia Pallares-Burke inovou ao estudar a obra de Gilberto Freyre. Disse que o prêmio está muito bem dado.

- O Acadêmico Murilo Mello Filho, no capítulo das Efemérides, fez uma bela recordação sobre a vida e a obra do Acadêmico Joaquim Manuel de Macedo. (O texto lido será incorporado aos *Anais da Academia Brasileira de Letras*.)
- O Acadêmico Candido Mendes de Almeida congratulou-se com o Presidente Marcos Vinícios Vilaça pela marca de sua administração. Disse que viajará para Baku, onde encontrará os Acadêmicos Sergio Paulo Rouanet e Helio Jaguaribe na nova conferência da Latinidade sobre Multiculturalismo Eurasiano. Na volta estará em Lisboa reiterando o convite para que o Presidente da Comissão da União Européia, Senhor Durão Barroso, possa oficialmente visitar a Academia no dia 11 de maio. É a ocasião para discutir com o Presidente Marcos Vinícios Vilaça um projeto para desenvolver centros de cultura européia onde a noção da latinidade terá o seu papel e a sua importância numa articulação entre a Academia Francesa e a Academia Brasileira de Letras.
- O Presidente Marcos Vinícios Vilaça, agradeceu a iniciativa do Acadêmico Candido Mendes de Almeida e disse que será formalizada a visita do Presidente do Conselho da União Européia, Senhor Durão Barroso, no melhor dos estilos.
- O Acadêmico Moacyr Scliar lembrou que este ano ocorre o centenário de morte de Nina Rodrigues, uma das integrantes da Escola Médico-Antropológica da Bahia, que marcou a cultura brasileira pelo seu conceito em relação à questão da miscigenação. Disse que a obra de Nina Rodrigues merece ser discutida e propôs que a Academia Brasileira de Letras faça um evento lembrando Nina Rodrigues e também o livro *Tenda dos Milagres*, do Acadêmico Jorge Amado, que muito se associa a essa efeméride.
- O Acadêmico Alberto Venancio Filho lembrou à Casa que um grande discípulo de Nina Rodrigues foi o Acadêmico Afrânio Peixoto que iniciou seus trabalhos na Bahia e no Rio de Janeiro. Foi também um grande mestre da Medicina Legal e da Criminologia, com estudos sobre raça,

medicina e saúde. Associou o nome do Acadêmico Afrânio Peixoto para se juntar à figura de Nina Rodrigues.

- O Acadêmico Lêdo Ivo, sobre o assunto, propôs que o nome do Acadêmico Arthur Ramos fosse inserido nesta homenagem a Nina Rodrigues. Disse também que não se pode estudar Nina Rodrigues sem se lembrar do Acadêmico Jorge Amado, o grande ficcionista da negritude baiana, e o Acadêmico Afrânio Peixoto.
- O Acadêmico Ivan Junqueira congratulou-se com a Casa pela densa programação cultural que foi organizada para este ano, à semelhança do que a Casa vem fazendo nestas últimas administrações. Confessou certo espanto porque não há nenhuma iniciativa comemorativa que contemple o sesquicentenário de nascimento do grande poeta Alberto de Oliveira. Acha que nos seus cento e cinquenta anos pelo menos uma mesa-redonda deveria lembrá-lo.
- O Presidente Marcos Vinícios Vilaça disse que já determinou à Professora Leila Longo que fizesse incluir no calendário deste ano um registro a Alberto de Oliveira, exatamente nos termos que nos fez o Acadêmico Ivan Junqueira.
- O Acadêmico Antonio Olinto deu conta das últimas bibliotecas populares que a Prefeitura fez nesta Cidade e que a Prefeitura do Rio de Janeiro pretende chegar a inaugurar cinquenta bibliotecas populares até o fim do ano.
- O Presidente Marcos Vinícios Vilaça, ao encerrar a sessão, lembrou que na terça-feira, dia 18 de abril, terá início o Ciclo *Fundadores da ABL*. O conferencista será o Acadêmico José Sarney que falará sobre Joaquim Nabuco. A seguir informou sobre a solenidade realizada pela Academia Cearense de Letras em Fortaleza, em homenagem ao Presidente da Academia Brasileira de Letras a qual esteve presente o Governador do Estado, Dr. Lúcio Alcântara. Destacou a simpatia com que foi acolhido tanto pelo Governador quanto por parte dos acadêmicos cearenses. Os oradores ressaltaram a importância da ABL e o seu significado na história do País e festejou-se, do lado cearense, em particular, o fato de, na semana passada, a Academia ter agraciado o poeta e ensaísta César Leal, que é cearense, com o Prêmio Machado de Assis.

PRÊMIO SENADOR JOSÉ ERMÍRIO DE MORAES

Parecer lido pelo Acadêmico Alberto da Costa e Silva

A Comissão Julgadora do Prêmio Senador José Ermírio de Moraes de 2006 resolveu atribuí-lo ao livro de Maria Lúcia Garcia Pallares-Burke, *Gilberto Freyre, um Vitoriano dos Trópicos*, publicado em 2005 pela Editora da UNESP. Trata-se de uma admirável obra de história cultural, das melhores já escritas no Brasil. Nela se descreve a formação intelectual de Gilberto Freyre, com ênfase no fascínio que sobre ele exerceu a Grã-Bretanha, notadamente por meio dos escritores vitorianos e, entre estes, dos vitorianos antivitorianos, como John Ruskin, Walter Pater, William Morris, George Gissing, Lafcadio Hearn, G. K. Chesterton e W. B. Yeats. Seria com eles que o jovem Gilberto aprendeu a observar, a pensar e, sobretudo, a escrever.

O livro, muitíssimo bem fundamentado, é a mais percuciente análise que já se escreveu sobre a trajetória intelectual de Gilberto Freyre. Modifica boa parte do que sobre ele se tinha por assentado. Como, por exemplo, a história de sua adesão às idéias de Franz Boas. Ao contrário do que se pensa — e tantas vezes afirmou Gilberto —, Maria Lúcia Pallares-Burke nos mostra, apoiada nos próprios textos gilbertianos da época, como só lentamente, e já distante de seus dias na Universidade de Columbia, foi ele convertido das idéias eugenistas e do racismo vestido de ciência, que predominavam nos Estados Unidos e na Europa nas primeiras décadas do século XX, para o pensamento de Boas. Em seu livro, Maria Lúcia Pallares-Burke destaca o papel, reconhecido mais de uma vez pelo próprio Gilberto Freyre, de Edgar Roquette-Pinto, no processo de revelação intelectual que o levaria a valorizar a mestiçagem e a presença do índio e do negro na formação e na vida brasileira. E revela-nos o quanto, nesse processo, Gilberto ficou devendo a Lafcadio Hearn, autor que

jamais deixou de ler com encantamento – sobretudo ao Lafcadio Hearn de *Three Years in the Frech West Indies* – no qual beleza e mulatice se equivalem. Ressalta também Maria Lúcia Pallares-Burke a fecunda troca de idéias que manteve Gilberto com um colega de Columbia, o alemão Rüdiger Bilden, cujos dois trabalhos publicados, “Brasil, Laboratory of Civilization”, de 1929, e “Race Relations in Latin América with special referente to development of Indigenous Culuture”, de 1931, acompanham, a revelar a fecundidade do diálogo entre duas robustas inteligências jovens, o mesmo jeito de refletir sobre o Brasil que caracterizaria *Casa Grande & Senzala*. O primeiro desses ensaios anteciparia as linhas mestras de *Interpretação do Brasil*.

Gilberto sempre considerou os dias que viveu em Oxford como dos mais felizes de sua vida. À esses dias dedica Maria Lúcia algumas das melhores páginas de seu livro, tratando inconfidências do próprio Gilberto, que se poderiam ter por embaraçosas, com uma naturalidade e delicadeza fora do comum.

Relato da formação de um grande espírito, *Gilberto Freyre, um Vitoriano dos Trópicos*, de Maria Lúcia Garcia Pallares-Burke, é dos mais importantes estudos, se não o mais importante, que já se escreveram sobre o Mestre de Apicucos e bem merece o Prêmio Senador José Ermírio de Morais.

Rio de Janeiro, em 8 de abril de 2006

José Sarney
João de Scantimburgo
Alberto da Costa e Silva
Evanildo Bechara
Marco Maciel

JOAQUIM MANUEL DE MACEDO

*Acadêmico Murilo Melo Filho**

Senhor Presidente Marcos Vilaça, senhora e senhores Acadêmicos.

Para cumprir a designação de V. Ex.^a e ser hoje o Orador destas Efemérides, começo dizendo que Joaquim Manuel de Macedo nasceu aqui bem perto no município fluminense de Itaboraí a 24 de junho de 1820, dois anos antes da nossa Independência e morreu aqui no Rio de Janeiro a 11 de abril de 1882, há 124 anos, portanto, justamente no dia de ontem. Daí esta efeméride de hoje.

E também já havia morrido quando esta Academia foi fundada quinze anos depois, em 1897, escolhendo para patronos de suas Cadeiras escritores e poetas já mortos, entre os quais: Álvares de Azevedo, Casimiro de Abreu, Castro Alves, Raul Pompéia, José de Alencar, Tobias Barreto, Fagundes Varela, Gonçalves Dias e Joaquim Manuel de Macedo.

Vários deles, inclusive, morreram muito moços, antes dos 40 anos de idade, ceifados pela tuberculose, que era uma doença fatal, numa época em que ainda não havia os antibióticos. Era a própria mocidade, paraninfando a imortalidade.

A pequena Itaboraí, onde Macedo nasceu e onde a Petrobras, nos próximos meses, vai construir um grande complexo petroquímico, era a mesma cidade do nascimento de Salvador de Mendonça, irmão de Lúcio e fundador desta sua e desta nossa comum Cadeira número 20.

* Estudo apresentado na sessão do dia 12 de abril de 2006.

Macedo – como gostava de ser chamado – formou-se pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro e chegou a clinicar em algumas cidades no interior do Estado. Mas, vindo para o Rio, abandonou a Medicina, fez um concurso e passou a ensinar Geografia e História no Colégio Pedro II.

Logo no primeiro ano, depois de sua chegada ao Rio, em 1844, com apenas 24 anos de idade, já publicava o seu romance *A Moreninha*, ambientado na Ilha de Paquetá e que, de saída, lhe granjeou vasto prestígio, justamente por ser o nosso primeiro romance urbano. (Informa-se que, em *A Moreninha*, Carolina, a heroína e protagonista da história desse romance, está retratada a sua própria namorada, pela qual se apaixonara, filha de um rico usineiro da sua Itaboraí, que durante 10 anos se opôs ao namoro, que só concordou com o casamento quando a filha já estava quase morrendo e que se submeteu a uma cruel opção: “Ou você deixa sua filha casar ou ela vai morrer de amor.” Macedo, representado pelo personagem Augusto, casa-se então com sua amada moreninha – a Srta. Maria Catéria Abreu Sodré – prima legítima do poeta Álvares de Azevedo, depois patrono da nossa Cadeira n.º 2).

Macedo entrou, então, na política e elegeu-se deputado provincial do Rio de Janeiro, entre 1850 e 1859, elegendendo-se e reelegendo-se depois deputado geral entre 1864 e 1881, ao longo de várias legislaturas. Foi escolhido para Senador do Império e recusou um posto de ministro que lhe ofereceram no Gabinete de 31 de agosto de 1864.

Pertencia ao Partido Liberal, ao qual foi sempre muito leal e muito fiel, atuante e participante, a julgar pelos seus discursos parlamentares, a alguns dos quais consegui ter acesso.

Joaquim Manuel de Macedo foi depois vice-presidente, secretário e orador oficial do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.

Na companhia de Gonçalves Dias e Araújo Porto-Alegre – dois outros poetas e patronos das Cadeiras números 15 e 32 desta Academia – fundou a revista *Guanabara*, órgão e porta-voz do Romantismo do qual Macedo já era, então, um dos seus maiores líderes.

Ele foi também um pioneiro na luta contra a Escravidão, ao lado de José do Patrocínio, Joaquim Nabuco, Castro Alves, André Rebouças, Luís Gama, José Mariano e Joaquim Serra.

Já em 1868 – vinte anos antes da abolição da escravatura, decretada no dia 13 de maio de 1888 – publicara um romance *As Vítimas Algozes*, com três dolorosas e pungentes histórias sobre o estado de miséria e degradação morais das masmorras e das senzalas brasileiras.

Sua pregação abolicionista não conhecia fronteiras.

Mesmo sem possuir o talento dos grandes oradores, era, na pregação em favor dos escravos, um lutador incansável e corajoso.

Já desfrutava então de enorme popularidade e prestígio.

Assistira à coroação do jovem Imperador Pedro II, estivera presente ao seu casamento com a Princesa Dona Teresa Cristina de Bourbon e transformara-se num amigo íntimo do trono imperial, cujo ocupante real era um assíduo leitor dos seus livros e o escolheu como preceptor das princesas Isabel e Leopoldina.

A sua intimidade com a família imperial – que chegou a rotulá-lo como “o romancista da Corte” – não o impediu de escrever uma dura carta ao Conde D’Eu, genro do Imperador, casado com a Princesa Isabel, na qual se declarava com muita honra “um liberal, da boa escola, inimigo da escravatura”.

Macedo passeava o seu sucesso nos salões elegantes, no quartel-general da aristocracia e nos saraus literários, onde se tornara figura obrigatória.

Até então, sua vida era tranqüila, embora trabalhosa.

Mas, certo dia, assumiu uma dívida de honra, com o protesto de uma letra promissória, por ele endossada para o proprietário da revista *Semana Ilustrada*, que não a resgatou e que o levou a sobrecarregar-se de trabalho para honrá-la. Mesmo assim, viu seus bens serem penhorados.

Senhora e senhores Acadêmicos.

Mas aí já era um literato completo, após 36 anos de uma intensa produção intelectual, não raro usando, como era de hábito na época, dois pseudônimos: “O Velho” e “Menino Severo”.

Como poeta, escreveu o poema “Nebulosa”, publicado em grande parte na sua revista *Guanabara* e que foi saudado como uma obra-prima fundadora do nosso Romantismo.

Como ensaísta, publicou três livros: *Memórias da Rua do Ouvidor*, *Um passeio pela Cidade do Rio de Janeiro* e o *Ano Biográfico Brasileiro*.

Como historiador, produziu talvez a primeira “História do Brasil”, que abrangeu o período de 1581 a 1823, com forte influência sobre a formação dos jovens brasileiros de então.

E como teatrólogo, foi autor de 16 peças, de fundo romântico, entre as quais: *O Cego*, *O Sacrifício de Isaac*, *O Fantasma Branco*, *Luxo e Vaidade*, *Amor à Pátria*, *O Novo Otelo*, *O Forasteiro*, *Teatro de Macedo*, *Antonica da Silva* e *Lusbelá*, quase todas de grande sucesso, encenadas e assistidas por ele ainda em vida.

Os críticos teatrais do século 19 foram unânimes em considerar estas suas peças como a parte mais importante de sua literatura, mas a verdade é que ele se consagrou mesmo foi nos seus 17 romances, entre outros: *A Moreninha*, *As Vítimas Algozes*, *O Moço Loiro*, *Os Dois Amores*, *As Mulheres de Mantilha*, *Vicentina*, *A Luneta Mágica*, *Nina*, *Rosa*, *Amores de um Médico*, *Romances da Semana*, *Um Noivo* e *Duas Noivas* e *Moça Namorada*. Tudo romantismo. Mais do que isto, impossível.

Vários desses livros, durante estes últimos 150 anos, foram muito republicados e *A Moreninha* chegou a ser transposta para o cinema com a artista Sônia Braga e para a televisão com a atriz Nívea Maria.

Senhora e senhores Acadêmicos.

Tanto nas suas peças teatrais como nos seus romances populares, ele foi um precursor de um estilo romanesco, sentimentalóide e televisivo, hoje tão do gosto popular.

Em suas obras, Macedo retratou a vida da Corte Imperial, com as suas paixões, os seus amores, suas futricas, as etiquetas, as mucamas e comadres alcoviteiras, as rivalidades, as brigas, a moda no trajar, seus espartilhos, seus vestidos longos e bordados.

Ele foi um admirável cronista do Rio de Janeiro, no seu bucolismo ao longo de todo o Segundo Império, quando teve a intuição de perceber que o público brasileiro estava ansioso por enredos de ficção, à moda de Victor Hugo e de Balzac.

E à semelhança de Alexandre Dumas, o pai, que, por coincidência, também como ele havia nascido num dia 24 de junho, Macedo foi um seguidor do grande romancista francês, quando muito escreveu sem se preocupar com a forma ou a pureza do estilo.

Fizeram-se depois muitas restrições ao caráter um tanto ou quanto pueril das suas narrativas, acusadas de moralistas, prolixas, convencionais e sentimentais.

Mas até mesmo esses críticos jamais lhe negaram as características, eminentemente brasileiras dos seus romances, fiéis na descrição da vida familiar, singelos na redação e autênticos na reprodução de uma sociedade burguesa, fútil e ociosa, da qual ele foi um retratista perfeito. Tinha um jeito e um talento especiais para contar histórias e narrar episódios.

Ele tinha uma prosa fácil, correntia e clara, sem nenhum estilo pomposo e sem pretensões psicológicas. Sabia dizer com graça natural o que bem queria, sem obrigar o leitor a pensar, mas mantendo a sua atenção presa ao ritmo da narrativa, não raro pitoresca e humana.

Até na ingenuidade dos seus diálogos, percebe-se a insistência em traduzir a linguagem daqueles tempos, sem muitas preocupações gramaticais, léxicas ou sintáticas.

Abominava os modismos vernaculares, preferindo adotar a fala das pessoas modestas, com naturalidade e até mesmo com erros, sem recorrer aos artifícios e aos retoques.

Houve uma época em que ele foi o escritor brasileiro mais popular e mais lido em quase todos os níveis de instrução e idade. Tinha uma fórmula e um esquema muito inteligentes na composição dos seus romances.

Atendia à expectativa do leitor, descrevendo seus costumes, num texto simples e acessível. Eram tramas fáceis e pequenas intrigas amorosas, quase sempre com finais felizes.

A moça apaixonada, o estudante conquistador e o galã irresistível eram os seus personagens preferidos, com os quais o público mais se identificava.

Macedo costumava dizer: “Meus romances não são escritos, mas sim, falados.”

Era um romântico imaginativo e um folhetinista jovial e ameno.

A obra macediana tem um pouco de documental e de memorialística, na medida em que, com malícia, descreve os costumes do seu tempo, os atributos da vaidade e as fraquezas alheias.

Na sua fase de pleno sucesso, Macedo chegou a disputar com Machado, José de Alencar e Manuel Antônio de Almeida, as preferências de um público ávido e sedento por aqueles romances maravilhosos e inesquecíveis.

Senhor Presidente Marcos Vilaça, senhora e senhores Acadêmicos.

Devo concluir, dizendo-lhes que Joaquim Manuel de Macedo viu aqueles anos de êxito sendo pouco a pouco substituídos por uma atmosfera de cansaço, de saturação, de abandono, de pobreza e de esquecimento.

Nos derradeiros anos de vida – talvez porque ele tenha oscilado do seu tom romântico e ameno para um estilo mais realista e naturalista – seus dois últimos livros encalharam, relegando-o ao ostracismo e depondo-o do pedestal em que, antes, o tinham entronizado.

Seu cérebro e seus nervos foram atingidos pela sobrecarga de trabalhos e compromissos profissionais, que teve de cumprir, para enfrentar a desordem financeira, provocada pelo protesto daquela letra promissória.

Vários dos seus mais ardorosos admiradores trocavam pouco a pouco os rasgados elogios por uma onda de desprezo, que muito o amargurou, colaborando para um processo de senilidade e de loucura, no qual teve uma morte muito sofrida e muito penosa.

E assim, com a falência da sua saúde mental, morria Joaquim Manuel de Macedo, um dos primeiros e um dos grandes romancistas brasileiros.

SESSÃO DO DIA 20 DE ABRIL DE 2006

Sob a presidência do Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça, estiveram presentes os Acadêmicos: Cícero Sandroni, Secretário-Geral; José Murilo de Carvalho, Segundo-Secretário; Murilo Melo Filho, Diretor da Biblioteca; Eduardo Portella, Diretor dos *Anais da Academia Brasileira de Letras*; Alberto da Costa e Silva, Alberto Venancio Filho, Antonio Olinto, Arnaldo Niskier, Carlos Heitor Cony, Carlos Nejar, Domício Proença Filho, Evanildo Cavalcante Bechara, Pe. Fernando Bastos de Ávila, Ivan Junqueira, Lêdo Ivo, Marco Maciel, Nelson Pereira dos Santos, Sábado Magaldi e Tarcísio Padilha.

- O Presidente Marcos Vinícios Vilaça declarou aberta a sessão dedicada a homenagear a memória do Acadêmico Miguel Reale, que faleceu na madrugada de sexta-feira, dia 14 de abril de 2006, em sua residência, em São Paulo. Comunicou que os Acadêmicos José Sarney, Evaristo de Moraes Filho, Cândido Mendes de Almeida, João de Scantimburgo, Zélia Gattai Amado e Antonio Carlos Secchin enviaram mensagens por escrito que constarão de Ata e dos *Anais da ABL*. Não serão lidas nesta sessão pelo fato dos horários das atividades acadêmicas de hoje estarem quase sobrepostos.
- O Presidente Marcos Vinícios Vilaça, cumprindo a praxe da instituição, na ausência do decano da Casa, Acadêmico José Sarney, iniciou a homenagem ao Acadêmico Miguel Reale passando a palavra ao Acadêmico Eduardo Portella. Falaram a seguir os Acadêmicos Arnaldo Niskier, Lêdo

Ivo, Carlos Nejar, Alberto Venancio Filho, Sábato Magaldi, Antonio Olinto, Pe. Fernando Bastos de Ávila, Murilo Melo Filho, Ivan Junqueira, Alberto da Costa e Silva, Evanildo Cavalcante Bechara, Cícero Sandroni, Marco Maciel, José Murilo de Carvalho e o Presidente Marcos Vinícios Vilaça.

- O Presidente Marcos Vinícios Vilaça comunicou que a família de Miguel Reale esteve representada na Missa de 7.º Dia realizada hoje, ao meio-dia, no Mosteiro de São Bento, mas não pôde ficar para a sessão da Academia. Declarou vaga a Cadeira n.º I4 e abertas as inscrições para a mesma. Disse que esta Cadeira tem como patrono Franklin Távora, teve como fundador Clóvis Beviláqua, como sucessores A. Carneiro Leão, Fernando de Azevedo e Miguel Reale. Comunicou que as inscrições estão abertas até 20 de maio e a eleição marcada para a sexta-feira, 21 de julho de 2006, por ser a quinta-feira, dia 20 de julho, aniversário de fundação da Academia Brasileira de Letras, com sessão solene no Salão Nobre do *Petit Trianon*. (Todos os discursos serão anexados aos *Anais da Academia Brasileira de Letras*.)
- Prosseguindo, o Presidente Marcos Vinícios Vilaça informou que, em virtude do calendário futebolístico da Copa do Mundo, a eleição para a Cadeira n.º 29 será no dia 20 de junho, uma terça-feira. As inscrições para esta Cadeira se encerraram nesta data e estão inscritos os Senhores Mauro Sales, a Sra. Vilma Guimarães Rosa, os Srs. Nelson Valente, Luiz de Miranda, José Mindlin, Per Johns, Luiz Antonio Villas-Boas Corrêa, Marco Aurélio LoMonaco Pereira, Paulo Hirano, Jorge Jaime de Souza Mendes, Júlio Romão da Silva, Áureo Bringel de Mello e Diógenes Magalhães. Ao encerrar a sessão o Presidente convidou os presentes para a mesa-redonda de abertura do Seminário *Brasil, brasis*, sobre o tema “A culinária na literatura”, no Teatro R. Magalhães Jr. Essa mesa-redonda terá a coordenação do Acadêmico Murilo Melo Filho, como expositor o Acadêmico Cícero Sandroni e cinco debatedores, convidados da Academia. Agradeceu a presença das Senhoras e dos Senhores que vieram se juntar aos acadêmicos nesse testemunho de saudade a Miguel Reale.

SESSÃO DE SAUDADE DEDICADA À MEMÓRIA DO
ACADÊMICO MIGUEL REALE

Sessão do dia 20 de abril de 2006

Senhores acadêmicos, minhas senhoras, meus senhores. Vamos dar início à sessão de saudade em homenagem ao Acadêmico Miguel Reale.

Com a palavra o Acadêmico Eduardo Portella.

ACADÊMICO EDUARDO PORTELLA

Senhor Presidente, senhores Acadêmicos. Falar sobre Miguel Reale é falar sobre um exemplo. A Academia tinha por princípio recolher, eger, conviver com figuras exemplares, figuras que marcaram a cultura nacional e o espaço público. Entre elas, Miguel Reale sempre se destacou. Era um exemplo de jurista, um exemplo de professor; foi um exemplo de reitor em um momento difícil da vida nacional. Mostrou-se sempre fiel aos princípios democráticos, sem deixar que a insídia generalizada cobrisse a Universidade de São Paulo.

Era um filósofo com audiência substancial, chegou mesmo a criar a “teoria tridimensional do Direito”, e cultivava também a literatura. Por todas essas razões, e num momento em que o Brasil está carente de exemplaridade, se examinarmos os quadros predominantemente vigentes na cena pública brasileira, vamos perceber um déficit substancial de pessoas referenciais, daquelas pessoas que carregamos conosco e a quem temos até, às vezes, a sensação ilusória de que perguntamos coisas, e elas nos respondem. Ou seja, elas também nos guiam.

Essa figura exemplar de Miguel Reale, que nos deixa agora, nos deixa fisicamente, mas continuará conosco, com o seu exemplo e com a sua lição.

ACADÊMICO ARNALDO NISKIER

REALE E O PALMEIRAS

Com 95 anos de idade e uma biografia riquíssima, Miguel Reale deixou órfãos os seus inúmeros admiradores. Representou uma luz forte na Filosofia do Direito, a que se dedicou com estudos e pesquisas notáveis. Orador de estilo inflamado, professor homenageado dentro e fora do País, Miguel Reale foi autor de uma obra verdadeiramente incomparável, em que se inclui o novo Código Civil Brasileiro, muito elogiado no mundo do Direito.

Seus últimos momentos, na descrição de familiares, entre os quais a querida filha Ebe, com quem estudamos, na Escola Superior de Guerra, incluem as peripécias de uma fraca atuação da Sociedade Esportiva Palmeiras, clube do coração, que se exibiu de forma bastante melancólica, naquela noite. Foi dormir com essa tristeza, para viver logo depois os seus últimos momentos.

Conhecemos Miguel Reale da vida acadêmica, por aulas, conferências, livros e artigos em *O Estado de S. Paulo*. Ao tempo em que se discutiu com mais profundidade o destino da educação brasileira, sobretudo da reforma universitária, foi um crítico exacerbado das primeiras versões oficiais do documento que, afinal, não chegou a qualquer conclusão objetiva.

O grande pensador não concordava com a tentativa de socialização do mundo acadêmico e temia pelo futuro da escola pública, que sempre defendeu como indispensável ao nosso processo de desenvolvimento econômico e social. Foi coerente, durante os anos em que teve a glória de ser reitor da Universidade de São Paulo (USP), à qual dedicou um bom tempo da sua vida.

Outro aspecto de relevo, no jurista Miguel Reale, foi a sua ação comunitária. Criou a *Revista Brasileira de Filosofia* e aceitou a presidência da Fundação Moinho Santista (hoje, Bunge), traçando os contornos e dando credibilidade, com a sua personalidade, aos famosos prêmios que há anos homenageiam os principais vultos da ciência, da agricultura e da educação do Brasil.

Com uma particularidade a se destacar: de uns tempos para cá, entendeu que era preciso homenagear igualmente os jovens cientistas de destaque nacional, apesar da idade ainda inferior aos 35 anos de idade. E assim criou um banco de novos talentos, aos quais o Brasil hoje muito deve.

Era nessas ocasiões que se podia encontrar Miguel Reale descontraído, almoçando com os membros do júri, onde sempre fez questão de incluir um confrade da sua amada Academia Brasileira de Letras. Usufruí o privilégio de ser o nosso decano, título honroso de que ora nos privamos.

Abordei tópicos, bem tímidos, da grandeza de Miguel Reale. Saber que agora não se pode mais contar com os seus notáveis pareceres, sempre a proteger a Casa de Machado de Assis, é uma perda de grande expressão. Mas fica a certeza de que, sob a sua inspiração — e agora novamente ao lado de D. Nuce — na vida eterna contaremos sempre com a orientação, os conselhos e o exemplo do grande acadêmico paulista.

ACADÊMICO LÊDO IVO

Miguel Reale pertencia a uma das gerações mais gloriosas já produzidas pela civilização brasileira: a geração de 30, surgida no instante histórico em que o mundo se cindia em duas direções, a do comunismo e a do fascismo. A cisão se refletia no Brasil, palco de uma revolução, a de Getúlio Vargas, destinada a implantar novas estruturas, num país ainda institucionalmente arcaico. Miguel Reale respirou, como os jovens de seu tempo, o espetáculo e a atração de um programa nacional e nacionalista que se assentava nos preceitos da ordem e do autoritarismo. Não sem razão o seu rumoroso livro de estréia, publicado quando ele tinha apenas 23 anos de idade, intitulava-se *O Estado Moderno*. Era a modernização estrutural do Brasil — a modernização política, social, literária, econômica e até moral — a sua preocupação imperiosa, a sua obsessão de filho de imigrante em cujas veias latejava tão singularmente o amor pela Pátria.

Ao longo de sua vida tão longa, de 95 anos, e notavelmente plena de ações e pensamentos, no campo da ciência política, do Direito, da Filosofia, do memorialismo, da Economia e até da poesia (pois ele foi também um

poeta), a sua reflexão inicial se ampliou, recebeu novas tintas doutrinárias, se enriqueceu e se foi ajustando às razões do tempo, convertendo-o numa das figuras mais nítidas e exemplares da inteligência e do saber nacionais. A vasta bagagem intelectual que ele nos lega testemunha a sua fé e esperança no papel da palavra escrita no empenho de mudar não apenas as consciências individuais, mas a própria vida coletiva. Os seus altos e excepcionais títulos de professor, advogado, jurista e homem de pensamento, e as distinções nacionais e estrangeiras com que foi contemplado, e que ocupam mais de quatro páginas do nosso Anuário, documentam que o seu extenso e intenso labor receberam um reconhecimento maciço, proveniente das paragens mais qualificadas. O Brasil conhecia os seus grandes serviços prestados à coletividade e à nacionalidade, e entre os quais se destaca, como se fora um adeus supremo, o nosso novo Código Civil.

Todos nós nos curvamos à verdade de sua inteligência e da nobreza intelectual e espiritual, e ao seu saber múltiplo, centrado no direito, na justiça e na perspectiva de uma democracia expungida dos crimes, abusos e anomalias que ora a mancham e desfiguram. E sabemos que o seu conhecimento acumulado se condensou numa Teoria Tridimensional do Direito, hoje disseminada por todo o Ocidente.

Com o seu patrimônio magistral e ainda com o seu invejável sorriso de menino, Miguel Reale foi e é uma das glórias e honras desta Casa. E podemos acrescentar que ele foi e é uma das nossas alegrias: a alegria de ter e de ter tido em nosso convívio, e no quadro mais que secular dos sócios afetivos desta Academia, um companheiro de seu porte. Assim, ao lado de nossa dor pelo seu desaparecimento, está presente a nossa alegria incontestável, neste instante em que o guardamos em nossos corações magoados.

ACADÊMICO CARLOS NEJAR

O MESTRE MIGUEL REALE

Miguel Reale foi um varão principal, o maior Jurista do século, filósofo, jamais abandonou a paixão, nem a paixão o abandonou.

Criador da Teoria Tridimensional do Direito esculpiu muitas gerações como Mestre. Pensador debruçou-se sobre os problemas da Estética; crítico invulgar estudou Euclides da Cunha e Machado de Assis, um dos fundadores desta Casa. Foi, no entanto, a Poesia que mais amou, visitando-o como estrangeira na terra da infância. Por ela trocava todos os seus valiosíssimos dons. Por conter a sensata e louca jurisprudência dos sonhos e dos signos. Todavia, esqueceu-se de quanto foi densamente poeta ao tratar das humanas relações, dos princípios que regem a vida coletiva. E cumpriu assim o desígnio de Shelley que prenunciava o Poeta, como o ‘verdadeiro legislador do universo’. E a esse legislador do universo brasileiro, cessou a fantasia, cessou o lume. Não a imortalidade. Nem cessarão nesta homenagem, os excelsos versos de Dante Alighiere, de quem Miguel Reale era leitor devotado:

“Foi a alta fantasia aqui tolhida;
mas ânsias e vontades era o movê-las,
já como roda por igual movida,
o amor que move o sol e as mais estrelas.”

ACADÊMICO ALBERTO VENANCIO FILHO

O primeiro aspecto a assinalar na vida de Miguel Reale é sua condição de descendente de imigrante, que no quadro da mobilidade social do nosso país, ascendeu às mais altas posições. Como ele na Academia, e antes dele Menotti del Picchia.

Através da educação, pode chegar as culminâncias da vida intelectual. Já no curso secundário mostrava precocidade e interesse pela literatura, em primeiro lugar por Dante, como o nosso confrade Oscar Dias Corrêa, e escrevendo sobre Álvares de Azevedo e Cláudio Manuel da Costa. Afastou-se da medicina para ingressar na Faculdade de Direito “a morada espiritual da sua vida”.

Ao iniciar-se a década de 30 o mundo vivia em ebulição, ainda sob os efeitos da I.ª Guerra Mundial, da Revolução Comunista de 18, das reivindicações das classes trabalhadoras e do início da ascensão do Fascismo e do Comunismo. Declarava-se a falência do Estado Liberal e a Revolução de 30

no Brasil pretendia abrir novos caminhos à Nação brasileira com a derrocada das oligarquias.

A um jovem naquele momento, abriam-se as perspectivas do extremismo – fascismo ou comunismo. Para os de formação católica, a adesão a este último era inadmissível, abrindo-se as portas do extremismo de direita. Assim se explica a adesão de tantos talentos moços que abraçaram o integralismo, e dele se afastaram logo depois, com desencanto, como foi o caso de Miguel Reale, sem, entretanto, renegar as antigas posições.

Membro do Conselho Nacional da Ação Integralista Brasileira, braço direito de Plínio Salgado, Secretário da Doutrina, autor de vários livros de apologética, inclusive o ABC do integralismo. Mas na mesma época iniciava uma obra doutrinária, a partir do livro *O Estado Moderno* de 1933, e revelava-se um pensador com sólida cultura geral e filosófica.

O ano de 40 é a virada em sua vida intelectual. Concorre à cátedra de Filosofia do Direito da Faculdade de Direito de São Paulo, com a tese “Fundamentos do Direito”, que seria o início da grande obra doutrinária nesse campo de conhecimento.

A comissão julgadora, composta por três professores de fora, o nosso futuro confrade Hermes Lima, Hahnemann Guimarães, mais tarde Ministro do Supremo Tribunal Federal e Edgard Sanches, professor da Faculdade de Direito da Bahia, o aprovam no concurso, mas os professores da casa Mário Mazagão e Alexandre Corrêa o inabilitam. Era a reação do conservadorismo paulista às novas idéias extremistas.

De acordo com as normas, a Congregação deveria aprovar o parecer da Comissão e apenas dois catedráticos o aprovaram para uma maioria de dezesseis que o rejeitaram. Duas irregularidades se apresentaram. Os dois membros da Comissão votaram na Congregação, o que era vedado pelo regimento, e sem esses votos não se alcançaria o quorum regimental de rejeição. Miguel Reale iniciou uma luta titânica, arrolou pareceres de eminentes juristas, inclusive o Professor San Tiago Dantas e teve seu direito reconhecido com a nomeação para a cátedra.

Durante quarenta anos formou centenas de discípulos, muitos dos quais se dedicaram a temas filosóficos, e dois são seus colegas hoje, os Professores Tércio Sampaio Ferraz e Celso Lafer.

Na cátedra e pelo livro prosseguiu uma brilhante carreira doutrinária, com numerosos livros e trabalhos, entre os quais o livro de fama nacional e internacional *Teoria Tridimensional do Direito: o fato, o valor e a norma*.

O positivismo jurídico encarava o Direito apenas pelo aspecto normativo; o fato e o valor eram considerados de forma secundária, e Miguel Reale deu sistematização à questão com a adoção dessa teoria.

Assim, homem de pensamento e ação, no momento em que a filosofia no Brasil era obra de autodidatas solitários, criou em 1949 o Instituto Brasileiro de Filosofia com a colaboração valiosa de nosso confrade João de Scantimburgo, e em seguida a *Revista Brasileira de Filosofia*, que tem acolhido pensadores de todos os matizes, ao mesmo tempo que promoveu vários Congressos na matéria.

Neste campo Miguel Reale se debruçou também sobre as figuras expressivas do Direito, apontando-lhes as características filosóficas como Avelar Brotavo, primeiro titular em 1828 da Cadeira de Direito Natural do curso jurídico de São Paulo, o nosso confrade Pedro Lessa e João Mendes Júnior. E tratou também de grandes figuras da cultura brasileira, indicando a formação filosófica de Rui Barbosa e Machado de Assis.

É grato mencionar o livro *Face Oculta de Euclides da Cunha*, no qual, de forma completa, mostrou as diferentes influências que o autor de *Os Sertões* recebera, desfazendo as interpretações unilaterais que até então o caracterizavam.

Evaristo de Moraes Filho destacou traços de sua personalidade:

“Desde os primeiros anos da juventude, foi sempre um homem de marca, de luta, afirmativo, corajoso, que sempre se destacou em toda a parte onde se achasse. Jamais o encontramos em cima do muro, à espera do momento seguro de optar, sem riscos, a favor do vitorioso. A sua opinião é sempre da primeira hora.”

E o Presidente Marcos Vilaça em artigo no *O Estado de S. Paulo*, lembrou lição proferida em Recife:

“... de que o jurista não deve despegar-se da realidade concreta, do seu meio social de peculiaridades e circunstâncias, na tensão que o divide entre o abstrato e o concreto; que se seja atento ao contraste do amor do fato contingente e do amor pelos esquemas normativos em que resplende o sentido lógico da ordem”.

A sua grande obra jurídica foi a Coordenação da Comissão Elaboradora do Novo Código Civil iniciada em 1974 e somente sancionado após uma longa tramitação em 2002.

O Código Civil de 1917 baseado no projeto do nosso confrade Clóvis Beviláqua, era uma lei voltada para o século XIX, e no curso desses anos a vida jurídica se transformara. Muito se discutiu se ainda se estava na época dos códigos, dada as mudanças das leis, mas o governo federal se fixou na elaboração do código, que deu a coordenação a Miguel Reale e que contou com a colaboração de Moreira Alves e Erbert Chamoun, ainda vivos, e Torquato de Castro e Couto e Silva, já falecidos.

Apresentado o projeto à Presidência da República, Miguel Reale foi seu grande defensor, discutido no Congresso, nas faculdades, nos tribunais e na imprensa, mostrando a importância da nova lei, de acordo com as necessidades atuais do país e que tinha como uma das características principais a boa fé nas relações privadas.

Miguel Reale teve ainda uma destacada atuação na feitura do Tratado que criou a empresa Itaipu, constituída do Brasil e do Paraguai, e os seus estatutos. Tratava-se de problema novo, de uma empresa comercial tendo como acionista dois Estados soberanos, e de sua redação surgiu a entidade bi-nacional.

Miguel Reale foi, por duas vezes, reitor da Universidade de São Paulo, sempre com atuação destacada, da primeira vez trabalhando pela interiorização da universidade com a criação da Faculdade de Medicina em Ribeirão Preto e da segunda vez em momento difícil, impediu que a universidade fosse atingida pela violência do regime militar.

Antes de meu ingresso na Academia, tive a oportunidade de conviver com ele em 1985 na Comissão Afonso Arinos presidida pelo nosso saudoso confrade, em que sua atuação foi também decisiva. Relator do tema “Poder Judiciário” tomava parte em quase todos os debates, respaldado na sua sólida cultura jurídica e era ouvido com interesse e respeito. Foi relator do tema “Ordem Econômica”, e a sua participação foi importante ao evitar que princípios sectários e ideológicos afetassem o projeto.

Ingressou na Academia Brasileira de Letras numa segunda candidatura em 1975, sendo recebido pelo acadêmico Cândido Motta Filho e recebeu em 1992 o acadêmico João de Scantimburgo. Morando em São Paulo, até há pouco tempo comparecia com certa frequência, mas acompanhava à distância os nossos trabalhos. Teve atuação importante em duas questões polêmicas, o eventual apoio da Academia à preparação das obras de Machado de Assis por escritor estrangeiro e a criação do Instituto do Brasil.

Por ocasião da sanção do projeto do Código Civil que determinava a adaptação dos estatutos das associações ao novo texto legal, o Presidente Alberto da Costa e Silva solicitou-lhe um parecer com relação à nossa instituição. Em parecer primoroso Miguel Reale comprovou que os estatutos redigidos em 1897 por Inglês de Souza não necessitavam de modificação.

Pronunciou várias conferências na Casa, e posso recordar em 2001, no centenário do nosso confrade Paulo Carneiro, uma exposição de uma hora sem leitura, e sem um erro e uma omissão. E também na comemoração dos seus 90 anos aqui falou na mesma forma enérgica e afável.

Desde a promulgação do Código Civil, passou a escrever quinzenalmente no jornal *O Estado de S. Paulo*, primeiramente rebatendo as críticas ao Código e mais recentemente sobre temas gerais. O último artigo publicado postumamente sobre as constituições brasileiras é uma síntese primorosa e seria completada em próximo artigo.

A Cadeira número 14 é uma daquelas que tem um mesmo fio condutor e pode ser chamada a cadeira do pensamento social.

Fundada por Clóvis Beviláqua, então um obscuro professor de província, pois só dois anos depois receberia a incumbência de redigir o projeto do

Código Civil, mas que deixou uma importante obra jurídica e filosófica, a que se seguiu Antônio Carneiro Leão, professor universitário, educador, voltado para as idéias gerais, e depois Fernando de Azevedo, grande humanista, professor de sociologia e renovador da educação brasileira.

Embora esta tendência nem sempre é seguida pela Casa, seria oportuna a homenagem a Miguel Reale dando-lhe um sucessor na sua linha de pensamento.

ACADÊMICO SÁBATO MAGALDI

Ao lamentar a morte de Miguel Reale, hoje, em *O Globo*, a Academia Brasileira de Filosofia e outras entidades o julgam o maior filósofo brasileiro e o símbolo da nossa filosofia.

Esse juízo bastaria para consagrá-lo, porque fundado num currículo impressionante de realizações. Já em 1934, quando conclui o curso de Direito, publica o livro *O Estado Moderno*, o primeiro de um total de mais de 60 obras. Ao defender, em 1941, a tese de doutorado “Fundamentos do Direito”, lançando as bases de sua Teoria Tridimensional do Direito, alcança o reconhecimento internacional.

Afirma-se que “não há um documento jurídico decisivo, na história brasileira dos últimos 60 anos, sem a sua caligrafia”. O Código Civil em vigência, que substitui o de Clóvis Beviláqua, de 1916, tem a sua participação. E se reconhece ainda que “suas lições moldaram também normas do Direito Penal, do Administrativo e do Econômico”.

Reale não se limitou, contudo, ao território de teoria. Homem de ação criou o Instituto Brasileiro de Filosofia e presidiu por duas vezes a Sociedade Interamericana de Filosofia.

O sólido pensamento de Miguel Reale transpôs as fronteiras do Brasil, tornando-o Doutor *Honoris Causa* das Universidades de Gênova, Coimbra e Lisboa, bem como de várias universidades latino-americanas.

A paixão pela literatura o levou a publicar *Poemas do Amor e do Tempo*, em 1965, e suas *Memórias*. Se a valiosa obra jurídica de Reale merece os elo-

gios, tem papel de relevo sua presença no Novo Código Civil, cuja atualização ele coordenou desde 1975.

Era natural, portanto, que Reale fosse eleito para esta Academia, em 1974, na vaga de Fernando Azevedo. Quiseram-no, também, as academias paulistas de Letras e de História, e uma dezena de academias européias e americanas.

As homenagens de que ele foi alvo incluíram ainda a Grã-Cruz da Ordem do Rio Branco e a Ordem do Sol Nascente, do Japão, entre as duas dezenas de títulos que lhe atribuíram.

Talvez, ainda mais significativo do que todos os seus feitos, deva ser evocado o generoso convívio de Miguel Reale, sempre atento à presença do interlocutor.

ACADÊMICO ANTONIO OLINTO

MIGUEL REALE, POETA

Eis um lado que vale a pena lembrar de Miguel Reale, que há pouco nos deixou, o do poeta. Que o foi. Não só em trechos de seus ensaios de filosofia como no livro sobre Kant que publicou em 1936 – mas também num livro bem mais recente, de sonetos, que se chamou precisamente *Sonetos da Verdade*.

O que primeiro me chamou a atenção no volume foi a palavra verdade no título de um livro de poemas. Vivíamos num tempo de manuseio da verdade e da utilização de mentiras capazes de servir a fins geralmente políticos, o que levou muitos de nós à obra de George Orwell como o defensor por excelência da tese de que a verdade não pode ser manuseada, sob pena de provocar sofrimentos, individuais e sociais, que duram gerações.

De minha parte, tenho dois livros em que acentuo a importância da verdade em análises literárias, um de críticas de romances que se chama *A Verdade da Ficção* e outro, de ensaios sobre poesia intitulado *A Invenção da Verdade*. Foi, por isso, com interesse desusado que me aproximei do livro de poesia de Miguel Reale. Ali estava o mestre do Direito e da Filosofia que

procurava o soneto – a mais poética das formas poéticas – para nele se exprimir com palavras e ritmos.

Toda a poesia é a sua verdade, afirma Reale em breve apresentação do livro. Divide-se o volume, depois de dois sonetos introdutórios, em cinco partes, todas subordinadas à palavra verdade. Virtudes da verdade, Verdades cruzadas, Verdades de nosso tempo e Verdades de todo o tempo.

Na Verdade das coisas, começa Miguel Reale com um soneto dedicado à água, “a irmã água, São Francisco de Assis da Natureza”, em cântico líquido “Mil modos inventamos para sujar-te/ com esterco, detritos ferrugem/ mas eis-te pura convertida em nuvem”. Num último verso – “tens a virtude de manter-se pura”, contrastando a força do “t” três vezes com a macia cadência do verso seguinte em que define a água: “Fugindo-me entre os dedos, brincalhona.”

Ao longo do livro, pode-se detectar a existência do tríptico ethos-logos-pathos que Harold Bloom usou no exame da poesia de Wallace Stevens. Ethos não seria apenas a ética normal, embora também ela, como logos não estaria só na forma vocabular, nem pathos seria apenas paixão e emoção. Numa tentativa de explicar às vezes o inexplicável, Bloom sugeria que ethos fosse uma ética além da ética, logos, a palavra além da palavra, pathos, a paixão além da paixão.

O que espanta, na poesia de Miguel Reale, é o chegar ele – sem ter sido um poeta de produção permanente – a uma poesia de excelente nível, que poderia ser tida como inserida na classificação de Bloom. Dominando a palavra, pôde ele unir o poeta ao analista do pensamento. Destaque para o soneto a Rachel de Queiroz e o dos Bandeirantes, entre outros como o soneto n.º 15, o n.º 83, que procuram levantar verdades da história ao mesmo tempo em que se concentram em versos sobre verdades do pensamento.

Sonetos da Verdade vem a ser um complemento e um contraste, se comparado com um dos mais importantes livros de filosofia de Miguel Reale, *Verdade e Conjectura*. O que em ambos prepondera é a preocupação com a verdade.

E o título, já que lhe foi várias vezes atribuído de ser “a mais robusta organização de filósofo que o Brasil conheceu até hoje”, combina em tudo

com o talento igualmente poético que revelou possuir, plantado no mistério da verdade e de sua clara transparência, de um autor cujo pensamento é básico para a formação de uma sociedade aberta que faça do Brasil uma terra de gente realizada.

Nas Breves Palavras que escreveu para este volume de versos, afirma Reale que “a poesia é também uma forma de conhecimento, tão legítima como a filosofia ou a ciência, mais próxima daquela do que desta”, inclusive porque “a verdade não foge ao jogo das perspectivas e das alegorias”.

Sonetos da Verdade é uma edição da Nova Fronteira, capa de Victor Burton. Orelhas de Fidelino de Figueiredo, Cassiano Ricardo, Jorge Amado e Cândido Motta Filho.

ACADÊMICO PE. FERNANDO BASTOS DE ÁVILA

Meus confrades, queridos presentes. Não convivi com Miguel Reale na Academia, mas tive ocasião de trabalhar com ele, Alberto Venancio Filho e outros aqui presentes, quando se tratou da elaboração de um anteprojeto da Constituição de 1988, na qual ele participou com veemência, defendendo direitos fundamentais. Depois de um trabalho de onze meses, por amor à pátria, — ele se hospedava no Hotel Glória, onde tínhamos as nossas reuniões e os nossos debates, — esta obra da Comissão Afonso Arinos, dirigida por este e com a presença marcante de Miguel Reale, infelizmente foi posta de lado. Os deputados proclamaram a nova Constituição, da qual eu mesmo tive a paciência de contar 94 artigos que foram ‘roubados’ do texto que tínhamos preparado, por deputados que os inseriram na Constituição de 1988.

Miguel Reale lutou conosco, aliás, auxiliado pelo seu filho, que não pôde estar presente, aqui, hoje. Miguel Reale Júnior participou da Comissão Afonso Arinos, e vinha ao Rio de Janeiro com seu pai para trazer a sua contribuição decisiva, e com isso fazer este trabalho, que infelizmente foi tão mal recebido pela Nação, deixando uma tristeza enorme naqueles que gastaram onze anos, por amor à pátria, para oferecer-lhe um fundamento em Direito Constitucional da melhor qualidade, com a presença de Miguel Reale.

PRESIDENTE MARCOS VINÍCIOS VILAÇA

Quero esclarecer ao plenário, em particular ao Pe. Ávila, que a Família Miguel Reale esteve representada na Missa de 7.º Dia celebrada no Mosteiro de São Bento, desculpando-se muito categoricamente perante a Academia de não poder ficar para a sessão.

Com a palavra o Acadêmico Murilo Melo Filho.

ACADÊMICO MURILO MELO FILHO

Senhor Presidente Marcos Vilaça, senhoras e senhores Acadêmicos, senhoras Maria do Carmo Vilaça e Ana Maria Maciel.

Além da missa de 7.º Dia celebrada há poucas horas no Mosteiro de São Bento, em sufrágio da alma de Miguel Reale, esta sessão solene é a maior, a mais sentida e a mais sincera homenagem que temos a oportunidade de prestar à sua memória.

Porque ele foi um brilhante filósofo e um ilustre jurista, que começou a advogar desde que se formou em Direito, no ano de 1934, quando lançou o seu primeiro livro, *O Estado Moderno*, aqui referido pelo Acadêmico Lêdo Ivo, conservando-se, desde então, fiel e leal à sua profissão de Advogado, que exerceu, ininterruptamente, durante mais de 70 anos.

Ao longo de todo esse tempo, transformou a sua banca de advocacia numa sentinela indômita, e num *bunker* indormido, na defesa da Lei e da Justiça, que foram as bandeiras desfraldadas nos 95 anos de sua vida.

E foi advogado até os seus últimos momentos, quando ainda comparecia diariamente ao seu escritório, mantendo-se, lúcido e atuante, no exercício dos deveres profissionais, escrevendo petições, pareceres, razões e contra-razões, apelações e recursos.

Sua garganta e seu timbre de voz eram próprios de um jovem; seu raciocínio era perfeito e não lhe faltou um só momento; suas falas, escorreitas, claras e nítidas, tinham começo, meio e fim, próprias de um “scholar”, culto e erudito.

Era um homem sóbrio, elegante, sábio, atencioso e gentil.

Na Cadeira número 14 desta Academia sucedeu a três outros magníficos Acadêmicos: Clóvis Beviláqua, Carneiro Leão e Fernando de Azevedo, como aqui já salientou o Acadêmico Alberto Venancio Filho.

Elegeu-se para ela no dia 16 de janeiro de 1975, nela permanecendo 31 anos e sendo nela seu Decano, até há pouco tempo.

Nessa Cadeira foi um honrado discípulo e um probo continuador da imagem aqui deixada por vários e ilustres juristas que transitaram por esta Academia, na linha, entre outros, dos Acadêmicos Lúcio de Mendonça, Rodrigo Octavio, João Luís Alves, Pedro Lessa, Rui Barbosa, Clóvis Beviláqua, Lafayette Pereira, Aníbal Freire, Levi Carneiro, Pontes de Miranda, Afonso Arinos de Melo Franco, Cândido Motta Filho, Ademar Tavares, Hermes Lima, Evandro Lins e Silva, Raimundo Faoro e Oscar Corrêa.

Como jurisconsulto modelar e como pensador de vanguarda, deixou uma obra perene e imortal, consagrada para sempre, com mais de 60 títulos publicados, entre outros, os livros: *Fundamentos do Direito*, *Introdução à Filosofia*, *Atualidades Brasileiras*, *Memórias*, *Experiência e Cultura*, *Problemas do Nosso Tempo*, *Horizontes do Direito e da História*, *Liberdade e Democracia*, *Questões de Direito Público e de Direito Privado*, *Filosofia do Direito*, *De Olhos no Brasil e no Mundo* e *Teoria Tridimensional do Direito*.

Nesta sessão de saudade, em homenagem à sua memória, concluo dizendo que as concepções e os pensamentos filosóficos de Miguel Reale fincavam raízes não apenas nas doutrinas aristotélicas da Ética, da Retórica, da Poética, da Política, da Física e da Metafísica – com base no Tomismo e na Escolástica – mas também se ancoravam nos ensinamentos platônicos dos Diálogos, da Dialética e das Idéias e se baseavam ainda nas lições socráticas da Verdade, dos Dogmas e da Ironia, até o veneno da cicuta.

No governo paulista, foi Secretário de Justiça, duas vezes; foi fundador do Instituto Brasileiro de Filosofia e da Sociedade Interamericana de Filosofia; Reitor, também duas vezes, em 1949 e em 1969, da Universidade de São Paulo; e membro do Conselho Federal de Cultura.

Mas foi, sobretudo, um dos autores (e um pai) do novo Código Civil Brasileiro, editado em 2002, após 30 anos de tramitação no Congresso, que substituiu o nosso velho e superado Código de 1916.

Ele foi principalmente um inesquecível e saudoso companheiro nosso, coerente, correto e digno – ao qual recorriamos nas nossas dúvidas e problemas de natureza legal ou jurídica – e que muito honrou e dignificou esta sua e nossa Academia, da qual se transformou numa baliza e num marco muito importantes.

Dele, e do seu exemplo de Sabedoria e de Cultura, já sentimos hoje e sentiremos sempre muita falta e saudades imensas.

ACADÊMICO IVAN JUNQUEIRA

Senhor Presidente, senhores Acadêmicos. Miguel Reale se notabilizou, como todos nós sabemos, pelas suas lições no campo do Direito e da Jurisprudência. Mas, sempre me ficou a impressão de que, por trás de todas essas manifestações específicas, estava um fortíssimo pensamento filosófico. Todos nós sabemos que não figura muito nas nossas tradições essa vertente da especulação filosófica. Se deixarmos de lado Farias Brito e talvez, mais tarde, um companheiro de Reale no Instituto Brasileiro de Filosofia, temos a impressão de que toda a nossa filosofia vem de fora, toda a nossa filosofia foi um empréstimo. Primeiro, um empréstimo do darwinismo, depois do evolucionismo, e finalmente do positivismo.

Sempre tive a impressão de que em Miguel Reale havia um pensamento pessoal muito próprio, muito consistente. E até hoje penso que tudo o que ele produziu se deveu um pouco, ou muito, a esse embasamento das idéias. Não foi à toa que ele criou, em 1949, esse já citado Instituto Brasileiro de Filosofia, e com ele a *Revista Brasileira de Filosofia*, que circula até hoje. E penso até que a sua tão louvada hoje teoria tridimensional do Direito se deve um pouco a esse embasamento filosófico.

Se formos examinar o legado bibliográfico de Miguel Reale, vamos ver que dessas quase 70 obras publicadas, são muitas as que estão dedicadas à filosofia e, fundamentalmente, à filosofia do Direito, área em que a sua con-

tribuição é simplesmente exemplar, como no início dessa sessão nos lembrou o Acadêmico Eduardo Portella.

Quero aqui também agradecer ao Acadêmico Arnaldo Niskier a lembrança que trouxe para este plenário da participação de Miguel Reale como Presidente da Fundação Bunge, sobretudo no capítulo que se relaciona com a premiação dos talentos jovens. Tive a oportunidade, recentemente, em Póvoa de Varzim, de conhecer um desses autores, na verdade uma autora, Adriana Lisboa, premiada no ano passado, que em Portugal recebeu o Prêmio José Saramago com um romance realmente extraordinário.

Em verdade, Miguel Reale esteve presente na vida brasileira durante todos esses tempos, seja como Secretário de Justiça do Estado de São Paulo, seja como reitor por duas vezes da Universidade de São Paulo, seja ainda como membro, durante quinze anos, do Conselho Federal de Cultura. Mas, volto a insistir nesse ponto: acho que toda a contribuição de Miguel Reale sempre esteve presa a uma lição filosófica. E creio não ser à toa que o filósofo Norberto Bobbio disse dele o seguinte: “um exemplo de homem de estudo, que jamais deixou de fazer público o uso próprio da razão”, para retomar uma célebre frase de Kant. O grande filósofo que nunca saiu de seu horizonte, como também nunca saiu do meu.

ACADÊMICO ALBERTO DA COSTA E SILVA

Senhor Presidente, a primeira vez que li o nome de Miguel Reale foi por volta de 1947 ou 48, nas páginas de uma revista criada e dirigida por Tasso da Silveira, *Cadernos da Hora Presente*, na qual colaboravam os nostálgicos do integralismo, companheiros de viagem daquele movimento, e também um grupo de jovens desejosos de recuperar alguns valores daquele movimento. Colaboravam nessa revista tanto Luís da Câmara Cascudo quanto Mário Vieira de Melo, Lauro Escorel, nosso falecido confrade, tão saudoso, Sergio Corrêa da Costa, Guerreiro Ramos, Rolland Corbusier, Abdias do Nascimento, Octavio de Faria, Rosário Fusco e Vinicius de Moraes.

Mais tarde cruzei-me com Miguel Reale quando eu era embaixador em Lisboa. Cada visita de Reale a Lisboa era uma festa para a intelectualidade

portuguesa. Mais tarde, muito nele me apoiei, quando tive de renegociar, em 1991, a revisão dos documentos regulatórios do Tratado de Itaipu. Por mais de seis vezes, durante tardes inteiras, recordei no escritório de Miguel Reale, graças à extraordinária memória desse nosso colega, a vida brasileira no decorrer dos últimos 70 anos do século XX. Porque Reale não apenas foi um testemunho da história vivida pelo país naquele espaço de tempo, foi também uma personagem participante, presente nos seus grandes momentos.

Recordo-me das conversas que tivemos, nas quais ele advogava que já era tempo de se fazer uma revisão historiográfica do integralismo, para retirar dele aquela visão puramente fascistóide que teve o movimento e se concentrar nos aspectos nacionalistas de recriação de reinterpretação do Brasil que o movimento significou, e a fecundidade de investigação a qual deu origem, dele nascendo tantas pessoas que se desvinculariam de suas ideologias, mas guardariam a marca de suas paixões juvenis.

E também, muitas vezes, recordamos aqueles dias em Assunção, em que estávamos com a difícil tarefa de negociar de cima para baixo. Porque é muito mais fácil negociar com um país mais forte que o nosso, do que com um país mais débil. As dificuldades de negociar com um país mais débil são incomparavelmente superiores à situação oposta. Mas, eu tinha naquele momento um curinga extraordinário: chamava-se Miguel Reale, que era tão respeitado pelos paraguaios, que a palavra dele era sempre definitiva e jamais contestada. Era um grande sábio, e foi essa imagem de sábio que ele deixou em mim em todas as nossas conversas e em todos os nossos encontros. Um homem que nunca renegou seu passado, mas foi construindo esse passado com camadas diferentes, sempre modernizando seu pensamento, e sempre com o pensamento no Brasil.

ACADÊMICO EVANILDO BECHARA

O peso dos anos não esmoreceu jamais a força juvenil e a constante alegria que impulsionavam o nosso já saudoso confrade Miguel Reale ao bom combate em todas as frentes a que foi chamado pelo vigor de sua inteligência, pelo brilho de sua cultura polimorfa e pelo calor da solidariedade com que se preocupava com o outro, com o diferente.

Todo o percurso da longa existência quase centenária está pontilhado pelas ações de criar, de organizar, de presidir e de promover.

As pedras do tabuleiro do xadrez de sua vida sempre se movimentaram no propósito de não perder de vista o bem-estar da comunidade brasileira, nas diversas estradas sociais.

O Direito e a Filosofia foram os campos da predileção em que sua inteligência e sua cultura deram voz e forma aos projetos que assinalam o rico e longo currículo repartido pela política, pela administração pública, pelo magistério e gestão universitária concretizados em livros, muitos dos quais granjearam reconhecimento dentro e fora do Brasil, como o clássico *Filosofia do Direito*, através do qual perpassam entrelaçadas as duas bases de sua cultura humanística, ou a construção da Teoria Tridimensional do Direito proposta e defendida na tese “Fundamentos do Direito”, de 1940: fato, valor e norma. Não faltou na sua trajetória o permanente namoro com a literatura, refletido em composições em prosa e verso, bem como em ensaios críticos.

O poder de congregar companheiros levou-o a fundar, em 1949, o Instituto Brasileiro de Filosofia, órgão responsável pela fecunda atividade da *Revista Brasileira de Filosofia*, celeiro que reúne uma plêiade de pensadores de que tem motivo de se orgulhar o nosso país.

Administrador atento e sensível ao trabalho penoso de seus colegas de magistério, instituiu gratificação salarial aos professores universitários que tivessem mourejado por mais de onze anos nos cursos noturnos, acréscimo que minora hoje aos beneficiários e seus descendentes os efeitos perversos dos magros proventos de uma classe tão injustamente esquecida do poder público.

Nesse fecundo percurso, muitas vezes enfrentando conjunturas difíceis e delicadas da vida nacional, teve de arrostar penosas e contestadas decisões, mas o saldo positivo das ações lhe garantem um lugar de relevo entre as grandes figuras que dominaram o panorama cultural brasileiro nesses últimos cem anos, e o fazem digno de respeito e admiração não só dos que com ele conviveram, mas também o elegem como exemplo a ser seguido pelos pósteros nesta fase da vida nacional tão pouco pródiga de exemplos que alimentem nossas esperanças.

ACADÊMICO CÍCERO SANDRONI

Em 1947, aos doze anos de idade ouvi pela primeira vez referência ao nome de Miguel Reale. Em almoço de família, meu pai lamentava o fato de o então Secretário de Justiça do Estado de São Paulo, ter sido preterido, por motivos políticos, à condição de candidato ao Governo do Estado pelo partido então no comando da política estadual. O Dr. Reale seria o melhor candidato, dizia meu pai e aquela opinião marcou o menino já interessado em coisas da política e permaneceu na minha memória, enquanto, com o passar do tempo, acompanhava de longe, a carreira daquele que poderia ter sido à época governador de São Paulo, e mais tarde, certamente, Presidente da República.

País carente de políticos sérios, honestos e competentes, a política brasileira perdeu naquela encruzilhada um quadro valioso, mas ganharam o Direito e a Filosofia aos quais Miguel Reale passou a dedicar todo o seu talento e intelecto. Refletida em sua espantosa produção intelectual a dimensão do saber de Miguel Reale fascina aqueles que se aproximam de sua obra e percebem logo no primeiro momento a grandeza de sua construção, fundamentada na razão, em relação harmônica com a realidade dos nossos dias.

Nesta sessão da saudade o tempo é curto para lembrar a vida deste pensador fecundo, desta mente prodigiosa capaz de formular princípios filosóficos e ao mesmo tempo estabelecer regras jurídicas que corporificaram códigos normativos da vida brasileira.

Tempo curtíssimo para sugerir alguns traços de sua biografia exemplar, com vastíssima produção em vários campos do saber. E ao mesmo tempo não podemos esquecer sua dedicação à causa pública quando convocado, com atuação iluminada e esclarecedora. Em ambos os campos, na reflexão e na ação, Reale marcou de forma indelével a história do Brasil na segunda metade do século XX.

Perdemos, o Brasil e a Academia Brasileira de Letras, um titã do pensamento e da razão. Um autor fecundo cuja obra fascina os especialistas que a estudam e analisam e deslumbra os leigos, jejunos nos problemas jurídicos e filosóficos que apenas percebem nas frestas de sua obra uma grandeza ainda incompreensível para muitos.

Comprendemos apenas o inelutável: não temos mais Miguel Reale entre nós; e isto nos empobrece a todos os que tivemos o privilégio, mesmo que raro ou episódico, de conviver com ele.

PRESIDENTE MARCOS VINÍCIOS VILAÇA

Senhores acadêmicos, distintas Senhoras, meus Senhores.

Antes de dar a palavra ao Acadêmico Marco Maciel, desejo notificar o plenário que por um imperativo do calendário futebolístico, que tanto apai-xona o brasileiro, nós faremos a eleição para a Cadeira 29 no dia 20 de junho, uma terça-feira, para afastar das hipóteses de jogos do Brasil. As inscrições para essa Cadeira se encerraram, e estão inscritos: o senhor Mauro Sales, a senhora Wilma Guimarães Rosa, os senhores Nelson Valente, Luís de Miranda, José Mindlin, Per Johns, Luís Antônio Villas-Boas Corrêa, Marco Aurélio Pereira, Paulo Irano, Júlio Romão, Áureo Bringue de Melo e Diógenes Magalhães. É a eleição da Cadeira n.º 29, cujo último ocupante foi Josué Montello, no dia 20 de junho.

Com a palavra o Acadêmico Marco Maciel, que deve estar suspeitando que eu lhe tivesse caçado a palavra.

ACADÊMICO MARCO MACIEL

Tive a graça de conhecer Miguel Reale, aos 22 anos, estudante e Presidente do DCE, na Faculdade de Direito do Largo de São Francisco, escola irmã-siamesa, posto que foi criada pela mesma lei da Faculdade de Direito da Universidade Federal de Pernambuco, na qual tive a honra de diplomar-me.

Nascido em 1910, já era bacharel em Direito em 1934, e, apenas seis anos após, aos 31 anos, tornara-se professor catedrático de Filosofia do Direito, por concurso, naquela Faculdade, com a tese “Os fundamentos do Direito”, obra que se completou no seu livro *Filosofia do Direito*.

Impossível falar em poucos minutos, sobre a fecunda vida de Miguel Reale e analisar a sua vasta obra. Ele dissertou a respeito de tudo, de A a Z.

Destaque-se a contribuição que ofereceu à Filosofia, à Ciência Jurídica, à Literatura em geral, através de palestras e aulas que proferiu e dos mais de setenta livros que produziu ao longo de sua atividade docente e do seu magistério cívico. Cito a teoria tridimensional do Direito, que, por ele, de forma inovadora, foi adequadamente conceituada.

Esta teoria como se sabe, difere da teoria tridimensional de Wilhelm Sauer, filósofo alemão, porque, para Reale fato, valor e norma não são um movimento trifásico e, estão, sim, enlaçados entre si e desenvolvem-se integrados. Daí que a teoria tridimensional do professor brasileiro logo alcançou muito maior reconhecimento do que a do filósofo alemão.

É essencial também assinalar haver escrito uma densa obra, que alcançou repercussão no exterior, inclusive em sua produção no território da ciência jurídica, esta quer no Direito Público ou no Direito Privado, especialmente no Direito Civil, tendo sido um dos inspiradores do novo Código, de 2002, marcado, segundo ele, pela “socialidade”.

Muitas são as inovações do Código Civil sob direta influência de Miguel Reale, como a redução dos prazos de usucapião, permitindo maior acesso à propriedade da terra, além de importantes transformações no Direito de Família, tais como a eliminação da figura tradicional do então chamado “cabeça do casal”, portanto, reconhecendo a igualdade dos direitos e deveres dos cônjuges e idêntica responsabilidade de pai e mãe, quando divorciados, na guarda dos filhos, desaparecendo a outrora básica tutela materna.

Foram – saliente-se – autênticas revoluções jurídicas em nossa época, caracterizada também por grandes transformações sociais.

No campo político, Reale, sobretudo nas últimas décadas, revelou-se um autêntico liberal social. Profundo conhecedor da obra de Norberto Bobbio, saudou o mestre italiano em sua visita ao Brasil, ocorrida em 1983, destacando, na ocasião: “um dos mais relevantes legados do seu fecundo magistério foi o reconhecimento de que liberdade e igualdade são valores necessariamente complementares”. Liberalismo e socialismo, a seu ver, não são ideais ou idéias contrapostas, mas que devem, ao contrário, se conciliar entre si, na medida em que o permitam as variáveis situações históricas de cada povo.

Mais adiante, ressaltou Reale: “No meu entendimento, todavia, se liberalismo e socialismo convergem no sentido de uma solução conciliadora, tanto o ‘socialismo liberal’ como o ‘liberalismo social’, de minha preferência, apontam para o centro superador do conflito das ideologias. É essa a conclusão a que chego – conclui Miguel Reale – em meu livro *O Estado Democrático de Direito e o Conflito das Ideologias*.”

No seu último artigo, em 25 de março passado, no *O Estado de S. Paulo*, cujas páginas Miguel Reale freqüentava com excelentes artigos, quinzenalmente, sugeriu, em virtude dos fatos que tanto conspurcam a vida política brasileira, que a mídia exercitasse sua força docente com vistas ao pleito de outubro próximo.

“O grau de política cultural de um país – observou Reale – se mede pelo valor de jornais que apresentam pontos de vista divergentes, cada um deles podendo revelar ou firmar o caminho mais justo a ser seguido.

O importante é que a mídia mantenha o eleitorado informado, no domínio dos fatos e das opiniões, assinalando vias de ocupação e de ação correspondente à solução democrática mais aconselhável em dado momento histórico.”

Tendo falecido aos 95 anos, plenamente lúcido, Miguel Reale, um dos pensadores mais importantes do País no século que passou, se definiu: “Sou por inteiro filho do século XX.”

“A vida é um sopro”, como disse Jó. Sabe-se, porém, que a uns e a outros Deus concede um sopro mais longo. Reale soube transformar sua extensa vida em expressivo magistério que tanto enriqueceu a Nação brasileira em sua mais autêntica expressão: a da cultura, pois é onde se alojam os valores.

ACADÊMICO JOSÉ MURILO DE CARVALHO

A única vez que vi pessoalmente Miguel Reale foi no ano passado quando fez palestra na Academia. Dele só posso falar como leitor e cidadão. Como leitor de suas obras de política e filosofia, sobretudo de filosofia, quero salientar um ponto. Miguel Reale foi um filósofo que pensava com a própria

cabeça. Ele mesmo criticava os filósofos brasileiros que se limitavam a reproduzir e comentar os clássicos europeus e norte-americanos da filosofia. Sua obra filosófica evolui em função de uma dinâmica interna que reflete o próprio caminho do filósofo. Do culturalismo neo-kantiano para a axiologia, para a valorização da experiência, tudo se encadeia em função dessa dinâmica. No campo do Direito, o pensamento criativo fez dele um dos poucos brasileiros conhecidos internacionalmente por terem desenvolvido uma teoria nova de alcance universal. Refiro-me, naturalmente, à teoria da tridimensionalidade do Direito que reúne fato, valor e norma em relação dialética. Como cidadão, registro seu longo percurso político, da militância integralista, ao apoio ao movimento de 1964, à defesa da abertura e, ao final, à adesão ao que chamava de socioliberalismo. O que a mim me impressiona nessa trajetória é que havia nela de constante: a preocupação com a elaboração teórica, filosófica ou política, de suas posições e a indefectível honradez pessoal. Miguel Reale resume sua axiologia em uma frase “o ser do homem é seu dever ser”. Esta mesma frase pode resumir sua própria vida.

ACADÊMICO EVARISTO DE MORAIS FILHO (*enviou mensagem escrita*)

Toda a verdade profunda é um lugar-comum, nas palavras de Winston Churchill. Constitui um lugar-comum afirmar que a morte de Miguel Reale representou o desaparecimento do maior produtor e formador do pensamento filosófico entre nós. Nascido em 1910, desde cedo se manifestou nele essa vocação filosófica, esse sentido universal de encarar os homens e as coisas. Fundando o Instituto Brasileiro de Filosofia em 1949, mantém até hoje, às vezes com enorme sacrifício, a *Revista Brasileira de Filosofia*, aberta a todas as correntes, sem nenhuma tonalidade ideológica. Desde 1956, Antonio Paim e eu somos os representantes dela no Rio de Janeiro, o que muito me desvanece.

Numerosos foram os congressos e os seminários nacionais e internacionais patrocinados pelo Instituto com publicação dos respectivos *anais*. A obra de Reale é múltipla, exhaustiva. Cuidou de dedicar a todos os maiores escritores brasileiros um profundo e original ensaio filosófico. Assim, como exemplo, são lidos e consultados seus estudos sobre Machado de Assis, Rui

Barbosa, Euclides da Cunha, Tobias Barreto, Silvio Romero, Teixeira de Freitas, Diogo Feijó, entre outros.

Já em 1986, relatava o Projeto do Código Civil, só há pouco votado pelo Congresso Nacional e sancionado pelo Presidente da República. Como Clóvis Beviláqua ficou associado no primeiro projeto do Código Civil na República, sancionado em 1916, agora a vida dos brasileiros – *connubium et commercium* dos romanos – fica por longo tempo associado ao nome de Miguel Reale, espírito universal, jurista de escol, porque o Direito Civil não era a sua especialidade, como acontecia com Clóvis Beviláqua. Filósofo torna-se legislador, fato raro na História do Direito.

O pensamento político, jurídico e social da maturidade de Miguel Reale confirma o da sua longínqua mocidade, de seus tempos de estudante. Desde os primeiros anos da juventude, foi sempre um homem de marca, de luta, afirmativo, corajoso, que sempre se destacou em toda a parte onde se achasse. Jamais o encontramos em cima do muro, à espera do momento seguro de optar sem riscos, a favor do vitorioso. A sua opinião é sempre da primeira hora. Tantos e tais são os seus títulos que me vejo obrigado a repetir as palavras iniciais com as quais o seu grande amigo Cândido Motta Filho o recebeu na Academia, a 21 de maio de 1975, citando a frase de Latino Coelho na *Oração da Coroa*: “Não me enleia o faltar-me o que contar de ti e dos teus; enleia-me o não saber por onde começar.”

Para minha sorte a Universidade de Brasília publicou, em três volumes, a I.^a fase, 1931/1937, das suas *Obras Políticas*. No 3.^o volume encontro logo o seu primeiro escrito. *A Crise da Liberdade*, aparecido na *Tribuna Liberal*, órgão acadêmico da Faculdade de Direito de São Paulo, em junho de 1931, quando o seu autor contava somente 20 anos de idade. Em nota de 1983, esclarece: “Este artigo assinala minha passagem pelo ‘socialismo liberal’, quando estudante de Direito.” Trata-se de defender e pregar a Liberdade, sem adesão a qualquer determinismo ou fatalismo histórico, mas o coração generoso do jovem registra passagens como estas: “Pois o socialismo sempre se dirigiu aos humildes e aos infelizes, continuando a ação dos apóstolos do cristianismo, mesmo quando a Igreja se esquecia de seu passado, tendo mais clientes do que fiéis [...]. Aparecendo então, como sói acontecer nos períodos de crise,

os gênios anunciando a morte da Liberdade. Uma fórmula insinuante foi logo criada para encobrir a realidade de mil motivos religiosos, políticos etc.” O grande morto da guerra foi a Liberdade. Os ditadores europeus e americanos parecem lhe dar razão [...] Observadores superficiais viam apenas a última fase de uma crise longa e davam ‘o grito de alarme’. A reação liberal, porém, já se iniciou e ganha cada vez mais terreno. Quem observar sem preconceitos a vida moderna há de concordar com Rosseli: “O socialismo torna-se liberal e o liberalismo se socializa [...].”

Participou da Revolução de 1932 como soldado, mas logo sentiu que os “problemas a resolver no Brasil eram muito mais profundos do que aqueles que eram postos no plano jurídico pela Revolução Constitucionalista”. E conclui: “Essa experiência marcou muito a minha forma de pensar e de colocar os problemas.”

Em 1932 Plínio Salgado lançara o manifesto integralista. Reale via no seu programa a possibilidade de “realizar a fusão de dois valores que [lhe] pareciam fundamentais: o socialismo em vinculação com a problemática nacional”.

O movimento durou apenas cinco anos, de 1932 a 1937, dissolvido o partido, por ato governamental, a 2 de dezembro de 1937. Filiado ao partido, com destaque, já na *Cartilha do Integralismo*, mais tarde ampliada para *Súmula do Integralismo* (1936), não deixam de estar presentes as notas do humanismo que irá marcar toda a obra posterior de Miguel Reale. Lá está: “O Estado enquanto realiza as aspirações coletivas, é um fim para cada indivíduo, mas é também um meio em relação aos direitos da pessoa humana.”

No que é do interesse desse pequeno discurso e está sendo desenvolvido até aqui – que é a pessoa humana tida como o mais alto valor a ser considerado –, encontra-se em meia página da tese de Reale. “O erro maior do idealismo axiológico foi esquecer que a idéia de valor e de dever-ser nos conduz diretamente ao homem, assim como a simples idéia de homem implica a idéia de valor. Não seria possível compreender a idéia de homem só mediante a categoria de ser. O *ser* e o *dever-ser* no homem se unem, por assim dizer, pois o que distingue o homem é exatamente o fato de poder se determinar, sem se escravizar aos motivos, de poder subordinar o *ser* ao *dever-ser*. O homem só se concebe enquanto é e *deve-ser*. Da análise da natureza racional do homem

e da consideração de que o homem é por necessidade um animal político, resulta a idéia de que cada homem representa um valor e que a pessoa humana constitui o valor-fonte de todos os valores.”

Distinguem Reale três correntes – àquela época, 1934, sobre as especulações filosófico-jurídicas: a técnica-formal, a sociológica e a cultural. Expõe as duas primeiras, critica-as e opta, finalmente pela terceira, com contribuição sua também, nestas palavras que vão se constituindo, cada vez mais, na concepção da maturidade de Reale. “O culturalismo, tal como o entendemos, é uma concepção do Direito, os ‘princípios fundamentais da Axiologia’, ou seja, da teoria dos valores em função dos graus de evolução cultural [...]. Segundo a concepção culturalista, o Direito é síntese ou integração de *ser* e de *dever-ser*, é fato e é norma, pois é o fato integrado na norma exigida pelo valor a realizar.”

Aí já se encontra mais do que em *germen*, a tridimensionalidade do Direito, sua concepção maior e consagradora.

Estas poucas páginas já bastam para nos dar a noção exata do imenso homem de espírito que acabamos de perder.

ACADÊMICO CANDIDO MENDES DE ALMEIDA (*enviou mensagem escrita*)

A morte de Miguel Reale só realça, num marco de amadurecimento da nossa cultura, seu legado canônico da melhor *virtú* da latinidade. A da cabeça, que não foge ao repto radical do filosofar, nem o exila da faina da polis, da norma e da prática da lei e do governo. Nem se demite do drama do seu tempo e da ideologia, em que se aprisionam as verdadediras aventuras de destino. Remata-las-ia, todas, num ofício de Petrarca, pelo lavor percutente do poeta. Foi na descoberta de novas vocações paulistas, e da retomada de seu próprio verso, que o alertíssimo nonagenário nos deu a sua última presença na ABL. No vértice em que as criações se tornam fundadoras, a sua filosofia foi ao campo do Direito, entrevistado no seu maior repto fenomenológico: a Teoria Tridimensional, no trabalho somente possível, após toda a grande reflexão da modernidade, no marco dialético em ter o fato, o valor e a norma.

A visão de Reale, ganhando o tempo baudelairiano na sua reflexão, nos permitiria, frente ao velho vezo do formalismo positivista e, ao mesmo tem-

po, à visão institucionalista pós Hauriou, definir o perfil do Estado contemporâneo, capaz de reptar ao mesmo tempo a complexidade limite da organização contemporânea e a sua axiologia. Avançou o pensador à nova deontologia do bem público, para além do “bem comum” em que poderia ver o seu estuário uma democracia pouco crítica, ainda, ao mundo da diferença e do pluralismo, nascido para além das “vontades gerais”.

Tão importante quanto as contribuições para o Código Civil, são os marcos fundadores que trazem a visão de Reale às nossas leis maiores, e, sobretudo a atual, a que emprestou a sua matriz na Comissão Arinos, de 84. Ali estão, entre pontos seminais do intrínscio aperfeiçoamento da democracia para além das contabilidades fáceis dos rituais eleitorais, o destaque entre a dimensão pública estatal e da sociedade civil, na denegação de qualquer visão de serviços públicos concedíveis, à educação ou à saúde; o controle externo ou intrapoderes; a interdependência do Ministério Público no zelo à prestação governamental; a definição objetiva do Estado Democrático de Direito, frente aos facilitários formalistas, a que poderia se conformar o mero retornismo democrático de após o governo militar.

Tal como no caso de Alceu, o pensamento de Reale envolve amplo exame crítico no que foi o seu sentido de compromisso dentro de *ethos* típico das primeiras grandes maturidades modernas dos anos 30, levadas ao dilema entre o marxismo e as axiologias totalizantes do nacionalismo. Na vertente, difícil e tão exigente como à la Tristão de Athayde, viveu, na contundência do seu tempo histórico, a proposta integralista e a fidelidade ao orgânico contra o simplesmente dialético, em bem do comunitário contra o primariamente corporativo ou classista.

O nonagenário Goethiano rematou uma biografia militante, cioso da sua coerência, aberto ao debate, suscetível sempre do grande questionamento em que o advogado foi à construção das Cartas Magnas, e o professor viveu, repetidamente, a perspectiva da Reitoria da mais importante e crítica das universidades brasileiras, como a USP. A *virtú* de Reale nascia desta matriz única de combinação entre um pluralismo radical e a interdisciplinaridade em que o filósofo assegurava o talhe certo da fertilização do fato e da norma, da ciência e do grande repto do humanismo de nosso tempo. A figura que

podia ir aos esmaltes de Lucca de la Robbio, e dessa nitidez da estampa, com o vigor todo do saber e a diligência da vigília. Deixa-nos, lucidez só, no porte todo da pergunta e na devassa sempre do relevante, e do incontornável para o seu tempo.

ACADÊMICO JOÃO DE SCANTIMBURGO (*enviou mensagem escrita*)

O meu conhecimento de Miguel Reale é antigo, mas, efetivamente, data mais ou menos, de sessenta anos. Lembro-me muito bem de um grande comício em Rio Claro, onde eu residia, promovido pelos integralistas locais. Assisti ao comício e fiquei empolgado com os discursos de Plínio Salgado, e, muito mais, de Miguel Reale, orador com eloqüência que cativou o grande público ali presente.

Quando vim para São Paulo, no fim dos anos trinta, procurei aproximar-me de Miguel Reale, mas isso só foi possível quando ele me telefonou convidando-me para integrar o grupo de fundadores do Instituto Brasileiro de Filosofia, e pouco depois, da *Revista Brasileira de Filosofia*. Mas Reale foi, sobretudo, como me disse no velório sua filha Ebe Reale um grande homem, que teve uma grande vida dedicada em todas as horas de seu tempo disponível aos interesses do Brasil. Sua pregação no período integralista foi apostolar, a substância de seus discursos era o Brasil.

Miguel Reale foi, em sua intensa, longa e complexa vida, um professor nato, um pedagogo admiravelmente bem instrumentado, um ser humano que acreditava no poder decisório da palavra e a usava com raro talento.

Fomos companheiros na Filosofia, eu de uma corrente e ele de outra, mas ambos irmanados no amor a “Sophia”. Foi o IBF sua criação mais acentuada; já no crepúsculo da vida constituiu uma Fundação Nuci e Miguel Reale para defender o patrimônio filosófico acumulado em seis décadas, comprovando que o Brasil tem vocação filosófica tão alta, tão indagadora, quanto os países mais desenvolvidos nessa área do Ocidente.

Miguel Reale foi uma das mais altas expressões da cultura ampla e comunicativa do Brasil. Fomos grandes amigos e é com reverência que eu e Ebe pronunciamos o seu nome, Miguel Reale. Uma grande vida!

ACADÊMICA ZÉLIA GATTAI AMADO (*enviou mensagem escrita*)

Senhor Presidente,

Triste com a morte do nosso confrade Miguel Reale e impossibilitada de estar no Rio de Janeiro por ocasião da sessão da saudade, peço ao querido amigo que transmita à família enlutada o meu pesar por essa perda que é de todos nós.

ACADÊMICO ANTONIO CARLOS SECCHIN (*enviou mensagem escrita*)

Impossibilitado de comparecer à sessão, encaminho aos familiares do Acadêmico Miguel Reale e a todos os confrades a manifestação de minha tristeza pelo falecimento de um dos mais notáveis pensadores do país.

Miguel Reale sabia como poucos, harmonizar as facetas do jurista, do filósofo e do homem público. Sua trajetória correspondeu a um somatório fecundo de erudição, inteligência e um acurado substrato ético. A presença de Reale honrou esta Casa. Sua ausência nos lega a tarefa de honrarmos seu inquebrantável compromisso em prol da dignificação do ser humano.

PRESIDENTE MARCOS VINÍCIOS VILAÇA

“Magna Vis est Memoriae”

Senhores acadêmicos, em 1960, estudante da minha Faculdade de Direito, a do Recife, tocou-me saudar Miguel Reale. Ele nos daria uma aula, a convite do seu colega, o também filósofo do Direito e grande especialista em Teoria Geral do Estado, Lourival Vila Nova. Eu estava honrado, mas muito intimidado. A timidez passou, pois a honra era claramente maior. Resultou que ficamos amigos, e parecia, mais tarde o percebi ser mais fácil para mim que ficássemos confrades na Academia Brasileira de Letras.

Na hora daquela saudação imaginei ver as arcadas do Largo de São Francisco dentro do Salão Nobre da Casa de Tobias, as arcadas representadas pelo mestre junto de quem todos aprendíamos, mas para mim, àquela hora, protagonizava-se o homem. Recordo a cena por inteiro, e penso que nesta

hora escuto a sua voz metálica, recomendando que devemos sempre repensar; que o jurista não deve despegar-se da realidade concreta, — há pouco esta frase foi delicadamente trazida à colação pelo Acadêmico Alberto Venancio Filho, — do seu meio social de peculiaridades e circunstâncias, na tensão que dividi entre o abstrato e o concreto; que devemos ser atentos ao contraste do amor do fato contingente e do amor pelos esquemas normativos em que respalde o sentido lógico da ordem.

Quarenta e seis anos depois a lição tem a limpidez do limpo na minha lembrança. Daquele tempo até hoje, só fiz admirá-lo, no calibre do cada vez mais. Essas virtudes humanas de Miguel Reale são patrimônio de todos nós, seus confrades da Academia, sobretudo tendo na sua ausência a presença desta reflexão que fez. Disse ele, quando enviuvou: “A morte é um comando de amor para os que sobrevivem; uma exigência para que se dê continuidade àquilo que antes se fazia de nada a nossa ocupação, como se uns passassem a trabalhar e um a inspirar.” Lição que todos os dias eu tento não esquecer, e não esqueço.

Ao encerrar esta sessão de saudade do Acadêmico Miguel Reale, declaro vaga a Cadeira n.º 14 e abertas as inscrições para a mesma. Esta Cadeira tem como patrono Franklin Távora, como fundador Clóvis Beviláqua, e sucessores: Carneiro Leão, Fernando de Azevedo e Miguel Reale. As inscrições se encerrarão a 20 de maio e a eleição, em vez de 20 de julho, que é data de aniversário da Academia, a eleição ficará para 21 de julho, sexta-feira.

Convido a todos para a mesa de abertura do Seminário *Brasil, brasis*, que tratará do tema “Culinária e Literatura”, logo a seguir, no Teatro José de Alencar, em sessão que terá coordenação do Acadêmico Murilo Melo Filho, o expositor será o Acadêmico Cícero Sandroni, e cinco convidados da Academia como debatedores.

Agradeço às Senhoras aqui presentes e aos Senhores que vieram se juntar a nós neste testemunho de saudade a Miguel Reale. Encerrada a sessão.

SESSÃO DO DIA 27 DE ABRIL DE 2006

Sob a presidência do Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça, estiveram presentes os Acadêmicos: Cícero Sandroni, Secretário-Geral; Ana Maria Machado, Primeira-Secretária; José Murilo de Carvalho, Segundo-Secretário; Antonio Carlos Secchin, Diretor-Tesoureiro; Murilo Melo Filho, Diretor da Biblioteca; Eduardo Portella, Diretor dos *Anais da Academia Brasileira de Letras*; Affonso Arinos de Mello Franco, Alberto da Costa e Silva, Alberto Venancio Filho, Antonio Olinto, Arnaldo Niskier, Carlos Heitor Cony, Carlos Nejar, Pe. Fernando Bastos de Ávila, Ivan Junqueira, Lêdo Ivo, Moacyr Scliar e Tarcísio Padilha.

- Ao dar início à sessão, o Presidente Marcos Vinícios Vilaça colocou em discussão a ata da sessão do dia 20 de abril de 2006. Não havendo nenhuma manifestação do plenário, a ata foi aprovada.
- O Acadêmico Antonio Olinto fez uma retificação à ata da sessão do dia 12 de abril, que omitiu a homenagem prestada aos Acadêmicos Jorge Amado, Abgar Renault e Rachel de Queiroz, com a inauguração de bibliotecas populares com seus nomes.
- O Presidente iniciou a sessão manifestando a saudade da escritora Zora Seljan, cuja figura humana e expressão literária sempre merecerão o carinho e o respeito de todos desta Casa.

- O Acadêmico Alberto da Costa e Silva manifestou o seu pesar pelo falecimento de Zora Seljan. Foi uma escritora considerável e com uma bagagem intelectual extremamente expressiva, muito ligada às preocupações com o passado africano do Brasil. Disse que Zora escreveu alguns livros fundamentais e fez uma especial referência a dois deles: *A Demanda de Dom Domingos* que é uma crônica muito interessante sobre um príncipe africano educado em Portugal, que volta para o seu país e se torna um elemento de transformação de seu povo, e um pequeno livro vivíssimo, com uma série de entrevistas e depoimentos, sobre a sua estada, por alguns poucos anos, na África Ocidental, intitulado *No Brasil Ainda Há Gente da Minha Cor*. Livro da maior expressão, com grande interesse para os brasileiros e que merece ser reeditado, já que está fora de circulação há alguns anos. Disse que a morte de Zora Seljan não representou apenas a perda de uma amiga, da mulher do confrade Antonio Olinto, mas também de uma grande expressão das letras e da cultura brasileira.
- O Presidente Marcos Vinícios Vilaça disse que a Casa sai do capítulo de saudade para o de aniversários. Pediu uma salva de palmas para o Acadêmico Helio Jaguaribe, que aniversariou no dia 23 de abril, para José Sarney, que aniversariou no dia 24, e para Arnaldo Niskier, que aniversariaria no próximo domingo, dia 30 do corrente. Propôs, a seguir, que fique consignado em Ata um testemunho de agradecimento a uma pessoa que serve a esta Casa com admirável dedicação, com grande dignidade e com uma grande interação com todas as vontades dos acadêmicos. Referiu-se aos 40 anos de vida na ABL dessa querida amiga, D. Carmen. Prosseguindo, deu ciência ao plenário que, representando a Academia, compareceu às festividades, promovidas pelo Congresso Nacional, semana passada, em Brasília, para festejar os oitenta anos do poeta Thiago de Mello. Acrescentou, também, um registro ao centenário de Augusto Frederico Schmidt e de Luiz Delgado, Presidente da Academia Pernambucana de Letras, Professor da Faculdade de Direito e um crítico literário, que podem dar testemunho, os que o conheceram. Disse que de Schmidt não precisa fazer nenhuma anotação. Anunciou os progressos feitos na área de informática da Academia. Progressos operacionais, como por exemplo: na sexta-feira da Semana Santa foi possível, com a colaboração e boa vontade

de servidores da área de informática, por no *site* a notícia do falecimento do Acadêmico Miguel Reale. O *site* da Academia que era muito mais um jornal de anteontem ganhou em atualidade. Três horas após a Academia tomar conhecimento do desaparecimento de Zora Seljan, já estava no *site* uma pequena biografia e uma nota sobre ela. Estão agora dando as notícias com antecipação. Hoje, pela manhã, a notícia da abertura da Sala Afonso Arinos, que se realizou às 15 horas, já se encontrava no *site*. Isso significa que, a partir de junho, a Academia terá essa área operando de modo muito mais dinâmico e interativo. Informou, ainda, que, segunda-feira, em companhia de muitos acadêmicos, esteve na Prefeitura para assinar o termo de Comodato pelo qual a Academia passou a administração e a posse temporária do Galpão do Caju para a Prefeitura, com a finalidade de que esta instale ali um núcleo de ação cultural e educacional, dando destino ao Galpão que, para a Academia, não tinha utilidade e estava dando uma despesa de mais de R\$ 11.000,00 (onze mil reais) por mês, só com a manutenção e segurança contra invasões do edifício. Saiu de uma posição negativa, em termos financeiros e de destino, para algo positivo. Nessa oportunidade, por sugestão do Acadêmico Alberto Venancio Filho, foi proposto ao Prefeito César Maia a colocação de uma placa na Trav. do Ouvidor 31, onde José Veríssimo dirigia a *Revista Brasileira*. Lembrou que ali está uma parte dos instantes seminais da Academia Brasileira de Letras. O Prefeito concordou imediatamente e deu ordens à Secretaria da Cultura para providenciar a placa e oportunamente se fará uma solenidade conjunta da Prefeitura e da ABL, para registro desse momento. Comunicou, com muita alegria, em seu nome e dos companheiros da Diretoria, que está aprovado um projeto de apoio da Petrobras à Academia voltado substancialmente para a operacionalização das Bibliotecas. O aporte de recursos que a Diretoria conseguiu da Petrobras foi da ordem de R\$ 1.781.449,96 (um milhão, setecentos e oitenta e um mil, quatrocentos e quarenta e nove reais e noventa e seis centavos). Acredita que talvez seja o maior apoio na história da Academia, até hoje.

- O Acadêmico Carlos Heitor Cony pediu um aparte para salientar nessa iniciativa da Petrobras o detalhe desses R\$ 0,96 (noventa e seis centavos), que considera substancial para a Academia.

- Prosseguindo, o Presidente disse que esses R\$ 0,96 (noventa e seis centavos) e fração maior são apenas a primeira parte de contribuições outras que esta Casa está para receber da Petrobras, o que vai facilitar projetos que a Academia tem. Anunciou e pediu a concordância do plenário, porque, como sabem, foram concluídos os novos espaços para a Diretoria e as secretárias da Casa. É uma instalação que, quando ambientada, dentro de poucos dias, vai permitir um gerenciamento das atividades burocráticas da ABL por cerca de vinte e cinco ou trinta anos, sem problemas, tudo previsto para o crescimento da Academia e para facilitar o uso de equipamentos novos, modernos computadores e assemelhados, que os escritórios mais tradicionais não têm. Trata-se de uma instalação sóbria, digna e de alta durabilidade, onde se instalarão a Diretoria e as secretárias, com espaço para que os acadêmicos possam trabalhar, receber e se reunir com pessoas que não sejam da Casa ou com os confrades. É uma realização qualificada. O que a Diretoria propõe ao plenário é dar a esse espaço o nome de Espaço Josué Montello, considerando o fato de que ele foi Presidente, esteve aqui cinquenta anos e todo o elenco dá substância à biografia de Josué Montello. Submeteu à aprovação do plenário a proposta, que foi aprovada por unanimidade. A Diretoria agradeceu a solidariedade dos colegas e concedeu a palavra ao Pe. Fernando Bastos de Ávila, que a havia solicitado.
- O Pe. Fernando Bastos de Ávila disse ter perdido a oportunidade, porque não pôde interferir quando o Presidente anunciou os 40 anos de trabalho de D. Carmen na Academia, pois queria apenas dizer que com isso ela deixa de ser acadêmica para ser Encíclica, “Quadragesimo Anno”.
- O Acadêmico Alberto Venancio Filho fez a leitura do parecer do Prêmio ABL de História e Ciências Sociais deste ano, que indica como candidato à premiação o livro *Independência do Brasil na Bahia*, de Luís Henrique Dias Tavares. (O texto lido será incorporado aos *Anais da Academia Brasileira de Letras*.)
- O Presidente submeteu à discussão e votação o parecer do Prêmio ABL de História e Ciências Sociais, que foi aprovado por unanimidade.

- O Presidente Marcos Vinícios Vilaça declarou que o Prêmio ABL de História e Ciências Sociais, deste ano, foi conferido ao livro *Independência do Brasil na Bahia*, de Luís Henrique Dias Tavares.
- O Acadêmico Ivan Junqueira leu o parecer da comissão do Prêmio ABL de Poesia, que indica o livro *Elegia de Agosto e Outros Poemas*, de Rui Espinheira Filho, publicado em 2005 pela Editora Bertrand do Brasil. (O texto lido será incorporado aos *Anais da Academia Brasileira de Letras*.)
- O Presidente submeteu à discussão e votação o parecer do Prêmio ABL de Poesia, que foi aprovado por unanimidade.
- O Presidente Marcos Vinícios Vilaça declarou que o Prêmio ABL de Poesia, deste ano, foi conferido ao livro *Elegia de Agosto e Outros Poemas*, de Rui Espinheira Filho.
- O Acadêmico Ivan Junqueira ofereceu à Biblioteca Rodolfo Garcia uma obra que assinala, a seu ver de uma maneira muito expressiva, o quinquagésimo aniversário da publicação de *Corpo de Baile* e de *Grande Sertão: Veredas*. Disse tratar-se do livro *Desenveredando Rosa – A Obra de J. G. Rosa e Outros Ensaios Rosianos*, da escritora Kathrin Holzermayr Rosenfield, austríaca, radicada no Rio Grande do Sul desde 1984 e, segundo ela própria confessa, resolveu aprender português para poder avaliar e interpretar a obra de Guimarães Rosa. Considera este livro notável sob muitos pontos de vista, porque procede a um amplo rastreamento de todas as referências e influências que cabem evocar no caso da formação intelectual, artística, literária e filosófica de Guimarães Rosa. Leu um trecho do prefácio da própria autora. Acentuou, ainda, as afinidades, mostradas nesse livro, que o autor mantém com os Vedas, com o Upanishads, com Platão, com Plotino, Goethe, Dostoiévski, Flaubert e, muito particularmente, com o ensaísmo reflexivo de Musil. É um livro que revela uma sensibilidade finíssima, uma erudição sem nenhum sintoma de pedanteria e oferece uma compreensão muito funda a respeito das fontes literárias de Guimarães Rosa, entre as quais figuram também Paulo Prado, Euclides da Cunha e Gilberto Freyre, além de Aquilino Ribeiro, autor de *O Malhadinhas*. Concluindo, disse que a obra, como um todo, é

realmente notável e pensa que a Biblioteca Rodolfo Garcia tem tudo a ganhar com a oferta que faz deste livro.

- O Acadêmico Murilo Melo Filho registrou o transcurso, esta semana, do centenário do nascimento do Prof. João Lyra Filho, nascido na cidade de João Pessoa, no dia 24 de abril de 1906. (O texto lido será transcrito nos *Anais da Academia Brasileira de Letras*.)
- O Acadêmico Carlos Nejar congratulou-se com as palavras do Acadêmico Ivan Junqueira em relação a Guimarães Rosa, que é um autor que deve ser sempre lembrado, e, como um adendo, juntava a influência do filósofo Plotino, na sua visão platônica, que muito influenciou Guimarães Rosa.
- O Presidente Marcos Vinícios Vilaça disse que a Diretoria se associa a tudo que durante esta sessão foi dito a respeito de pessoas e livros. Passou ao primeiro item da Ordem do Dia e indagou se o plenário, decorrido o prazo regimental, é favorável a incorporação do retrato do Acadêmico Mauro Mota ao acervo da Casa. O plenário aprovou por unanimidade.
- Sobre o temário da reunião conjunta entre a Academia das Ciências de Lisboa e a Academia Brasileira de Letras, o Presidente Marcos Vinícios Vilaça perguntou se o plenário tinha alguma observação a fazer.
- O Acadêmico Carlos Nejar, sobre o assunto, disse que, dos três temas, o que mais o interessou foi “Raízes clássicas e crítica moderna na literatura e na história de língua portuguesa.”
- O Acadêmico Ivan Junqueira, sobre o tema da reunião conjunta entre a Academia das Ciências de Lisboa e a ABL, perguntou se haverá um único tema a ser escolhido.
- O Acadêmico Antonio Carlos Secchin disse que, na semana em que o assunto esteve em pauta, conversando com a Acadêmica Ana Maria Machado, acharam que o primeiro tema “Literatura e história de língua portuguesa aquém e além Atlântico” era o mais amplo.
- O Acadêmico Eduardo Portella disse que “Raízes clássicas e crítica moderna na literatura e na história de língua portuguesa” é muito amplo. São vários Continentes, uma história interminável com uma pré-história

também longa. São temas de uma generalidade enorme e indica a incapacidade de precisão dos proponentes, porque quem escolhe tudo não tem nada ou não escolhe nada.

- O Acadêmico Alberto da Costa e Silva comentou que, no seu entender, o único item que não é vago e amplo e poderia permitir uma discussão que desse resultado é “O iluminismo em Portugal e no Brasil e o advento da crítica literária e histórica.” É o único tema que acha que pode ser objeto de um colóquio frutífero e que apresente novas idéias.
- O Acadêmico Moacyr Scliar disse que o principal critério para a escolha de um tema de discussão nessa circunstância ou em qualquer outra é: que tema permite conclusões e recomendações, para não ficar uma discussão platônica, gratuita. O que se espera de duas instituições com este peso é alguma coisa que possa ter repercussão no cenário cultural e no cenário educativo dos países.
- Acadêmico Carlos Heitor Cony disse que prefere o segundo tema “O iluminismo em Portugal e no Brasil e o advento da crítica literária e histórica” porque o Iluminismo engloba as duas literaturas.
- O Acadêmico Carlos Nejar disse que acompanha o segundo item porque esse argumento de maior concretude dos temas deve ser seguido.
- O Acadêmico Affonso Arinos de Mello Franco, sobre o assunto, está de pleno acordo com as observações que foram feitas pelos Acadêmicos Alberto da Costa e Silva e Eduardo Portella. Acentuou que o primeiro item é demasiadamente genérico e o terceiro mais ainda. O único que tem um assunto concreto é aquele em que a Academia Brasileira de Letras possui um especialista ilustre, o Acadêmico Sergio Paulo Rouanet, pois, em matéria de Iluminismo, trata-se da pessoa mais adequada para tratar desse assunto.
- Acadêmico Lêdo Ivo, em primeiro lugar, quis saber qual a proveniência da redação dos três itens. Disse que o primeiro e o terceiro tema são demasiadamente amplos e o segundo é muito tópico, beneficiando apenas o estudo da literatura portuguesa porque o Iluminismo no Brasil foi muito escasso. Se a intenção desse colóquio é estudar, ao mesmo tempo, a

literatura brasileira e a literatura portuguesa, acha que deveria ser escolhido um tópico que fosse proveitoso para as duas literaturas.

- O Acadêmico Ivan Junqueira deu apoio ao segundo tema por duas razões. Primeiro, porque, se tratando de um simpósio que se comprometa com resultados práticos, este tema é o único que tem alguma especificidade. Em segundo lugar, o apoiou também porque, além da literatura, há o envolvimento de uma questão filosófica. Por mais que o Brasil não tenha tido um pensamento iluminista próprio, algo dele nos chegou através de uma filosofia portuguesa e, sobretudo, européia.
- O Acadêmico Eduardo Portella, sobre o assunto, associou-se aos Acadêmicos Carlos Heitor Cony, Affonso Arinos de Mello Franco, Carlos Nejar e Ivan Junqueira. Acha que o tema do Iluminismo é um tema divisor de águas na história da cultura brasileira. Até às infiltrações iluministas do neoclassicismo brasileiro e do pré-romantismo brasileiro, na literatura brasileira as referências eram comandadas por dispositivos sobrenaturais, ou seja, o exercício cotidiano da razão ficava de alguma maneira relegado a um segundo plano; e isso num país com uma acentuada religiosidade e um acentuado componente lúdico na sua cultura. Considerando estes dados, disse que, se a produção iluminista no Brasil não teve uma categoria excepcional, em Portugal também não teria tido porque era a época devastadora do Marquês de Pombal, relativizando, sobretudo numa época de colocação dos anseios nacionalistas da literatura brasileira, não ainda consolidadamente nacional. Disse que o Iluminismo em Portugal, em função da ação do Marquês de Pombal, terminou sendo uma referência. No Brasil, acha que não seja uma referência fundamental, mas terminou sendo, porque houve uma infiltração curiosa: o Iluminismo tenderia a ser radicalmente neoclássico, e um poeta como Tomás Antônio Gonzaga seria um neoclássico inevitável. Repentinamente, atravessou na vida dele uma senhora chamada Marília e a partir daí virou um lírico de alta estirpe. Ele, que era um Bacharel destinado a ser catedrático de Direito Natural na Universidade de Coimbra, repentinamente entrou numa conspiração cuja motivação inicial era basicamente lírica. Finalizando, disse que a história não é um bloco compacto: a história tem várias histórias

dentro de cada momento da história e foi isso que aconteceu com o iluminismo embrionário do Brasil.

- O Acadêmico Moacyr Scliar, sobre o assunto, insistiu na questão da repercussão prática deste tipo de discussão. De que maneira isso beneficia as pessoas que trabalham com literatura no Brasil e em Portugal, professores, alunos e acadêmicos? Acha que da maneira como está colocado este ponto não enseja nenhuma discussão sobre esse enfoque. Sugeriu que, mantido esse tema, pelo menos seja adequado sobre a forma de uma outra redação, por exemplo: *As raízes iluministas da crítica literária e histórica à luz da conjuntura cultural atual em Portugal e no Brasil. Que se reexamine o Iluminismo e se veja que conclusões, que lições se podem tirar à luz da situação dos dois países.*
- O Acadêmico José Murilo de Carvalho concorda com as críticas aos itens um e três que são excessivamente generalizantes e não servem para este tipo de debate. Por outro lado, acha que o Acadêmico Ledo Ivo tem certa razão em relação ao problema do Iluminismo. Disse que, se se levar em conta que a partir da reforma da Universidade de Coimbra, pelo Marquês de Pombal, em que se introduziu o Iluminismo português na universidade e que este Iluminismo afetou toda uma geração de brasileiros que presidiram a independência do Brasil, acha que ainda haveria certo sentido em discutir o Iluminismo brasileiro via esta geração. Por este lado, opta pelo item número dois dessa proposta.
- O Acadêmico Lêdo Ivo disse que quem lê Rodrigues Lapa, António Sérgio e Fidelino Figueiredo sabe perfeitamente a profunda penetração do Iluminismo na vida intelectual de Portugal, o que não ocorreu no Brasil. Concordou com o Acadêmico José Murilo de Carvalho porque ele deu a chave para a participação do Brasil e de Portugal neste colóquio. Exatamente esta vertente aflorada por ele da grande influência que o Iluminismo teve no pré-romantismo será o caminho aberto para uma participação frutífera do Brasil neste colóquio. Propôs que o item número dois seja aprovado por esta Casa.
- O Acadêmico Carlos Nejar, complementando a colocação do Acadêmico Eduardo Portella, citou o nome do patrono da Cadeira n.º 4 que é Basílio

da Gama, com o poema “O Uruguai”, sob a sombra, do Marquês de Pombal, que é o representante iluminista.

- O Acadêmico Ivan Junqueira discordou do Acadêmico Lêdo Ivo porque a Escola Mineira, chamada de Arcades brasileira cresceu à sombra do iluminismo, entre eles Thomás Antônio Gonzaga, que é o patrono de sua Cadeira.
- O Presidente Marcos Vinícios Vilaça homenageou o Acadêmico Moacyr Scliar dando-lhe uma explicação especial por ser uma contraparte sua já que é cidadão missionário de São Miguel. Disse que não poderia alterar a redação porque foi ajustado inicialmente que receberíamos tal e qual viesse de Portugal e a Academia escolheria um tema. Acredita que a sugestão do Acadêmico Moacyr Scliar possa ser complementada ou efetivada na medida em que a ABL recomende a delegação brasileira inflectir por este caminho. Disse que o tema escolhido pela Casa foi “O Iluminismo em Portugal e no Brasil e o advento da crítica literária e histórica.” Pediu à Secretaria Geral que prepare expediente à Academia das Ciências de Lisboa dando conta da decisão.
- No capítulo referente às Efemérides, o Acadêmico Evanildo Cavalcante Bechara preparou breve, mas preciso estudo sobre a vida e a obra do Acadêmico Afrânio Coutinho. O texto foi lido pelo Acadêmico Cícero Sandroni pelo fato do Acadêmico Evanildo Cavalcante Bechara, não poder estar presente à esta sessão. (O texto lido será incorporado aos *Anais da Academia Brasileira de Letras*.)
- O Acadêmico Eduardo Portella disse que faria duas colocações, uma de ordem geral e outra de caráter específico. A de ordem geral seria qual o critério usado para se falar nas Efemérides sobre um acadêmico morto. O acadêmico escolhido foi Evanildo Cavalcante Bechara e todos sabem que o considera uma das suas grandes admirações nesta Casa. Uma grande figura, um grande companheiro, um ser humano privilegiado e o maior filólogo brasileiro vivo. A de caráter específico é Afrânio Coutinho. Disse que tinha ligações entranháveis apesar de temperamentos completamente distintos. Sempre teve por ele uma admiração ética e intelectual muito grande. Disse que às vezes é arrolado na nova crítica, embora não seja pela

sua compreensão da crítica. Há uma incorporação do contato impressionista e do contato empático. Não acha que se deve pegar um texto e partir para uma avaliação, esse contato deve ser trabalhado. Afrânio Coutinho ganhou essa batalha sozinho e que foi apenas um beneficiário dessa batalha. Contou que uma vez estava fora, inaugurando um Centro Integrado de Educação, e que, quando chegou ao Rio de Janeiro, tinha vinte telefonemas de Afrânio Coutinho que lhe disse: “Você já é candidato a Academia e tenho dezenove votos na minha mão.” Por isso, deve ao Acadêmico Afrânio Coutinho estar hoje nesta Casa. Era um homem modesto, que não sabia que revolucionara a compreensão do fenômeno literário no Brasil contemporâneo.

- O Presidente Marcos Vinícios Vilaça disse ao Acadêmico Eduardo Portella que vai ficar mais atento às afinidades entre acadêmicos no momento do registro das Efemérides. A Diretoria se penitencia só parcialmente porque o plenário acabou tendo dois depoimentos muito interessantes sobre o Acadêmico Afrânio Coutinho.
- O Acadêmico Affonso Arinos de Mello Franco sobre Afrânio Coutinho, disse que Afrânio era muito amigo do Acadêmico Afonso Arinos. Certo dia seu pai lhe disse: “Eu sinto inveja dele.” Porque no auge das crises políticas em que Afonso Arinos, como parlamentar, tinha de intervir, Afrânio Coutinho, pegava os jornais do dia, jogava todos fora e ficava só com o suplemento literário.
- O Presidente Marcos Vinícios Vilaça disse que hoje foi um dia auspicioso para a Academia pela inauguração da Sala Afonso Arinos. Disse que foi muito gratificante para a Diretoria conduzir este processo porque o Acadêmico Afonso Arinos é o símbolo da Casa de Machado de Assis. O mínimo que se poderia fazer por um homem que teve a dimensão exata do país, a dimensão exata do que era o homem que fez da democracia uma obsessão. Lembrou, a seguir, que no dia 11 de maio, quinta-feira próxima, visitará a Academia Brasileira de Letras o Ministro da Cultura Senhor Gilberto Gil.
- O Acadêmico Affonso Arinos de Mello Franco reiterou os agradecimentos à grande generosidade que representou a iniciativa da Academia

Brasileira de Letras com referência à memória de seu pai. A Sala Afonso Arinos foi criada pelo Acadêmico Austregésilo de Athayde e o Presidente Marcos Vinícios Vilaça a instalou nessa cerimônia tão generosa de hoje. Disse que o Acadêmico Afonso Arinos foi um acadêmico muito dedicado e amava esta Casa. O que inspirou o Acadêmico Afonso Arinos foi a literatura, ele dava um tom literário a tudo aquilo que ele fazia ou o que pretendia fazer.

- Nada mais havendo a declarar, o Presidente Marcos Vinícios Vilaça deu por encerrada a sessão.

PRÊMIO ABL DE HISTÓRIA E CIÊNCIAS SOCIAIS – 2006

Parecer lido pelo Acadêmico Alberto Venancio Filho

A Comissão do Prêmio de História e Ciências Sociais indica como candidato à premiação referente ao ano de 2006 o livro *Independência do Brasil na Bahia*, de Luís Henrique Dias Tavares (Salvador: EDUFBA, 2005). O livro constitui, sem dúvida, o melhor e mais completo relato histórico do processo que levou à independência da Bahia. Experimentado historiador baiano, Luís Henrique Dias Tavares realizou um cuidadoso e exaustivo levantamento de documentos em arquivos brasileiros e portugueses. Autor também de obras literárias, ele extraiu de suas fontes uma narrativa histórica sóbria, precisa e fluente. O cuidado com a documentação não impediu, no entanto, que injetasse paixão em sua história da independência da Bahia. Registrando a complexidade da luta política que por um ano e quatro meses agitou a Bahia e manteve em suspenso a adesão da importante província ao Brasil, o autor não deixa de ressaltar a dimensão brasileira da luta, marcada, sobretudo, pela participação de tropas de várias províncias e pelo desejo de muitos baianos de serem brasileiros. Luís Henrique Dias Tavares de fato não escreve sobre a independência da Bahia. Escreve sobre a independência do Brasil na Bahia. O contraponto entre a especificidade da independência baiana, celebrada no Dois de Julho, e a inequívoca adesão ao Brasil constitui a principal força do livro. *Independência do Brasil na Bahia* é um livro que merece receber o primeiro Prêmio de História e Ciências Sociais da Academia, criado no ano passado para

marcar a participação na Casa de alguns dos melhores historiadores e cientistas sociais do país.

Sala das Sessões, 26 de abril de 2006

Alberto Venancio Filho – *Presidente*

Helio Jaguaribe

José Murilo de Carvalho – *Relator*

PRÊMIO ABL DE POESIA – 2006

Lido pelo Acadêmico Ivan Junqueira

A Comissão Julgadora do Prêmio ABL de Poesia de 2006 decidiu atribuí-lo ao livro *Elegia de Agosto e Outros Poemas*, de Ruy Espinheira Filho, publicado em 2005 pela Editora Bertrand do Brasil. Laureado com o Prêmio Cruz e Sousa em 1981 e o Prêmio Ribeiro Couto, da União Brasileira de Escritores, em 1997, além de finalista por duas vezes do Prêmio Jabuti, o autor é nome dos mais prestigiosos nos quadros da poesia brasileira contemporânea.

Na obra em epígrafe evidenciam-se algumas das mais estimadas vertentes da poesia do autor, como seu lirismo elegíaco, seu extremo zelo pelo verso e as mais caras tradições da língua, seu apego à palavra exata, seu coloquialismo lúdico e seu fundo convívio com o veio memorialístico. Dele disse o crítico Miguel Sanches Neto: “O verso de Ruy Espinheira Filho evita o estrondo, o ruído, o grito, a crispação e o improvisado. Seu ritmo é sereno, de uma serenidade própria das águas profundas, e nos coloca num estado de coabitação com um ontem-agora, ou seja, com uma pantemporalidade” a partir da qual se pode dizer “que tudo o que o que um dia existiu continuará sempre existindo.”

Elegia de Agosto e Outros Poemas em tudo confirma a funda coerência interna que alicerça toda a obra poética de Ruy Espinheira Filho desde a publicação de *Heléboro*, em 1974, atestando assim uma identidade espiritual que, apesar de continuamente transformada, não se corrompeu jamais. Ao longo de mais de trinta anos de exemplar atividade poética, o autor se manteve fiel a si mesmo: fiel no espírito, em sua visão do mundo, em sua austera dicção e, afinal, em seu entranhado apego àquilo que a memória lhe deu e que ele soube transfigurar em alta e duradoura poesia, razão pela qual, de modo

inconteste, faz jus ao prêmio que ora lhe concede a Academia Brasileira de Letras.

Rio de Janeiro, 24 de abril de 2006

Lêdo Ivo – *Presidente*
Ivan Junqueira – *Relator*
Antonio Carlos Secchin

CENTENÁRIO DE NASCIMENTO DE
JOÃO LYRA FILHO

*Palavras do Acadêmico Murilo Melo Filho**

SENHOR PRESIDENTE MARCOS VILAÇA,
SENHORA E SENHORES ACADÊMICOS

Para que fique inscrito em nossos *Anais*, registro o transcurso esta semana do Centenário de Nascimento do Professor João Lyra Filho, nascido em João Pessoa, no dia 24 de abril de 1906.

Ele foi um conferencista, contista, cronista, ensaísta, historiador, memoralista, poeta, mas, sobretudo, um grande professor universitário, ministro do Tribunal de Contas do antigo Estado da Guanabara, membro das Academias carioca e paraibana de Letars, autor, entre outros livros, de *A Lira de Augusto dos Anjos*, *O Barão*, *Castro Alves e o Poder da Esperança*, *Luz Íntima*, *Meu Pai*, *Monólogo de um Transeunte*.

Sua vida e sua obra são relatadas num livro que o jornalista e escritor Roberto da Silva estará lançando em Natal, no próximo mês de maio.

Um homem de bem, digno e honrado, era irmão do advogado Roberto Lyra e do nosso confrade, o Acadêmico Aurélio de Lyra Tavares.

* Proferidas na sessão do dia 27 de abril de 2006.

AFRÂNIO COUTINHO

*Acadêmico Evanildo Bechara**

Na passagem do aniversário de sua posse, em 17 de abril de 1962, cabe-nos lembrar a figura de Afrânio Coutinho e mais uma vez insistir no que devemos a esse espírito empreendedor, cuja cultura e cuja vontade férrea tanto o ajudaram a nos legar grande e variado patrimônio. Sua contribuição maior se faz sentir no domínio da Crítica Literária e da Literatura Brasileira, mas muito lhe devem os destinos da Universidade Federal do Rio de Janeiro e dos cursos de pós-graduações implantados nela e no Brasil, com a ajuda de uma plêiade de professores e colaboradores competentes e fiéis, entre os quais basta citar o companheiro de sempre, nosso confrade Eduardo Portella. De tantas realizações do seu dinâmico percurso cultural, dentro e fora do âmbito universitário, limitar-me-ei nesta recordação ao quanto lhe ficamos a dever no plano da Crítica Literária e do estudo e ensino da Literatura Brasileira, em todos os níveis.

Afrânio pertenceu àquele grupo de investigadores que, trabalhando isoladamente, confluíram nesse movimento renovador que, apesar da diversidade de ações, integraram um modelo de unidade de propostas que corporificaram o que se passou a chamar “a nova crítica”.

Mais de uma vez, através de seus livros e artigos, Afrânio insistiu na afirmação de que laboraria em erro quem entendesse identificar a “nova crítica” com o *new criticism* anglo-americano. E desfazia o engano afirmando que a nova crítica não pertence a esse ou àquele país, e muito menos a um autor.

* Estudo apresentado na sessão do dia 27 de abril de 2006.

Todo seu empenho, na conjugação do pensamento crítico de muitos estudiosos de vários países, caminhava para a constituição de uma crítica literária entendida como disciplina autônoma, cujos postulados e metodologia subvertem a posição do espírito crítico em relação à obra de arte literária. A nova orientação pôs de lado a preocupação extrínseca e impressionista que dominou o fazer crítico do século XIX, indagando as razões por que e como se originou a obra literária, para, esboçando a nova orientação, intrínseca e de modelo estruturalista, procura “estudar a sua natureza, a sua estrutura, segundo a sua ‘unidade’, as leis e constantes de sua existência como tal [...] A primeira era histórica, a atual é estética”. (*Da Crítica e da Nova Crítica*, 2.a ed., 1975, pág. 92.)

O espírito largo desses estudiosos de cujo grupo Afrânio fazia parte, ainda que cada qual no seu posto, tinha plena consciência de que não poderia desprezar o que de bom a metodologia antiga possuía, já que o unilateralismo é quase sempre infrutífero e não costuma chegar a lugar nenhum. Daí terem aproveitado o que de melhor apresentava a contribuição genética do século XIX para o estruturalismo intrínseco da nova crítica.

No seu trabalho de abrir horizontes no panorama da Crítica Literária e dos novos contornos para o estudo e o ensino da Literatura entre nós, Afrânio nos deixou lições dignas de um grande mestre renovador; das muitas páginas onde se patenteia o brilho do seu talento, seleciono esta, que considero magistral:

“Quando se fala em nova crítica habitualmente se entende que é um técnica de exegese e análise, focalizada na intimidade formal da expressão literária. Naturalmente, as técnicas de investigação formal e poética fazem parte do conjunto de métodos que distinguem a nova crítica no seu afã de penetrar o coração da literatura como expressão. Mas esse é apenas um dos aspectos da nova crítica, que não deve ser confundido, aliás, com os miúdos rendilhados em que se apraz o espírito alexandrino de todos os tempos. O experimentalismo na linguagem e na expressão caracteriza grande ala da poesia e da prosa contemporânea, o que não podia deixar de refletir-se na crítica, arrastada também ela, para as investigações lingüísticas, no justo desejo de armar-se para corresponder às exigências de interpretação da literatura moderna. É-nos líci-

to, aliás, afirmar que o advento da nova crítica está condicionado ao estágio correspondente da evolução literária e às exigências de sua interpretação.

Um Joyce, um Proust, um Kafka, um Pound, introduziram novas dimensões na literatura que escapariam aos critérios e ao instrumental pouco precisos da crítica oitocentista, e muito menos ao impressionismo; daí a pesquisa de novos métodos de abordagem e novos recursos de análise. E isso não somente quanto ao estilo, senão quanto à técnica da narrativa e à tipologia. O caso de um Guimarães Rosa, entre nós, violenta completamente os quadros da crítica tradicional, que fica perplexa diante dele, incapaz de penetrar e compreender um mundo e uma fala inadequada à aferição pelos padrões tradicionais. A nova crítica é, portanto, também uma exigência da evolução literária, e seu desenvolvimento é paralelo ao da literatura contemporânea.” (Id., *ibid*, 93).

Passados os anos o magistério de Afrânio Coutinho triunfou e agora é referência obrigatória nos cursos superiores universitários. Esse Copérnico crítico do nosso universo literário, no justo dizer de Alceu Amoroso Lima, foi um acadêmico que honrou as mais ricas tradições da cultura desta Casa de Machado de Assis e a ele hoje reverenciamos neste momento de saudosa lembrança. E como com razão disse Robert Louis Stevenson: “De que um homem pode se orgulhar, se não está orgulhoso de seus amigos?”

SESSÃO DO DIA 04 DE MAIO DE 2006

Sob a presidência do Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça, estiveram presentes os Acadêmicos: Cícero Sandroni, Secretário-Geral; José Murilo de Carvalho, Segundo-Secretário; Antonio Carlos Secchin, Diretor-Tesoureiro; Murilo Melo Filho, Diretor da Biblioteca; Sergio Paulo Rouanet, Diretor do Arquivo; Eduardo Portella, Diretor dos *Anais da Academia Brasileira de Letras*; Affonso Arinos de Mello Franco, Alberto da Costa e Silva, Alberto Venancio Filho, Antonio Olinto, Arnaldo Niskier, Candido Mendes de Almeida, Carlos Heitor Cony, Carlos Nejar, Evanildo Cavalcante Bechara, Pe. Fernando Bastos de Ávila, Ivan Junqueira, Ivo Pitanguy, Lêdo Ivo, Nélida Piñon e Tarcísio Padilha.

- O Presidente Marcos Vinícios Vilaça submeteu ao plenário a ata da sessão do dia 27 de abril. Após reparo feito pelo Acadêmico Lêdo Ivo a Ata foi aprovada.
- O Presidente Marcos Vinícios Vilaça disse que, com a alteração feita pelo Acadêmico Lêdo Ivo, a Ata está aprovada. Pediu uma salva de palmas para a Acadêmica Nélida Piñon, que aniversariou ontem, e para os Acadêmicos Sábato Magaldi e Antonio Olinto, que aniversariam nos próximos dias 9 e 10, respectivamente. Comunicou ao plenário que se dirigiu à família do artista Calazans Neto, falecido no último domingo, manifestando o pesar da Casa. Calazans Neto foi, entre outros autores e ilustradores, uma grande figura, próxima ao nosso confrade Jorge Amado.

Ilustrou muitos livros de Jorge Amado e Vinícius de Moraes, criou cenários dos filmes de Glauber Rocha e, na Bahia, o programa chamado Jogralesco. Comunicou que o Canal Brasil fez entrevistas, esta semana, com os Acadêmicos Carlos Nejar, Alberto da Costa e Silva e Antonio Carlos Secchin. A TV Senado está preparando um filme, para exibição no país, na sua própria emissora e em emissoras do sistema educativo nacional, de um grande documentário sobre Machado de Assis. Alguns acadêmicos já prestaram depoimentos a convite da TV Senado, que filmou várias salas desta Casa. Assinalou, como um ganho operacional para os internautas, a unificação entre as Bibliotecas Rodolfo Garcia e Lúcio de Mendonça. Permanecem os acervos separados, mas um só dispositivo dá acesso às duas Bibliotecas. Assinalou que a informática já está dando, com maior rapidez, notícias da programação de hoje e do futuro. Pediu que os acadêmicos observassem e fizessem os reparos necessários, porque a informática apresenta um aperfeiçoamento diário, e, também, que os acadêmicos dêem sempre notícias, para que a Academia tenha um sistema de veiculação forte, atuante e com substância. Finalizando, disse que o Acadêmico Alberto Venancio Filho não foi seduzido pela Diretoria a permanecer na Presidência da Comissão de Publicações. Ele continua na Comissão, mas a Presidência passa para o Acadêmico Antonio Carlos Secchin. Lembrou que na Cadeira n.º 14, vaga com o falecimento do Acadêmico Miguel Reale estão inscritos três candidatos: Celso Lafer, Dário Castro Alves e, hoje, recebeu a comunicação de que está chegando documento de inscrição de Gilberto Mendonça Teles.

- O Acadêmico Carlos Nejar disse que não se pode perder a sensibilidade diante dos atos de grandeza da Diretoria da Casa. Acha que o registro dos patrocínios, pela relevância, não foi devidamente absorvido na sessão do dia 27 de abril, e que merece mais do que o aplauso: o entusiasmo. Pela primeira vez na história desta Casa, foi obtida pela Presidência uma vitória de tal porte.
- O Acadêmico Murilo Melo Filho, secundando as palavras do Acadêmico Carlos Nejar, em nome da Biblioteca Rodolfo Garcia, na qualidade de seu Diretor, agradeceu o empenho e o esforço da Presidência para conseguir o

patrocínio da Petrobras. (O texto lido será incorporado aos *Anais da Academia Brasileira de Letras*).

- O Acadêmico Alberto Venancio Filho encaminhou pequenas notas que têm saído sobre a Academia Brasileira de Letras. Disse que a Academia não é uma instituição de anjos, e sim de homens, por isso pode ter falhas e defeitos, mas existem alguns autores que exageram na maldade e má-fé contra ela. Há um professor que escreveu um artigo sobre Euclides da Cunha, na Revista *Nossa História*, da Biblioteca Nacional, cheio de bobagens. Infelizmente a *Revista Continente*, que é da maior seriedade, acolheu um artigo desse cavalheiro com um título já tendencioso: “As ideologias brasileiras de letras”, dizendo uma série de inverdades e omissões que não merecem o interesse desta Casa. Lembrou também que cerca de dois anos a Portugal Telecom contratou o escritor Daniel Piza para escrever um livro sobre a ABL. O livro saiu cheio de erros e omissões, que o Acadêmico Alberto da Costa e Silva ainda tentou corrigir. A obra mereceu crítica contundente no plenário, por parte do Acadêmico Cícero Sandroni. Finalizando, leu vários textos contendo as muitas inverdades que o senhor Daniel Piza escreveu num livro que acabou de lançar sobre Machado de Assis. (O texto lido será incorporado aos *Anais da Academia Brasileira de Letras*.)
- O Acadêmico José Murilo de Carvalho fez um pequeno adendo ao que dissera na sessão passada sobre os Iluminismos português e brasileiro. Na ocasião, foi pego de surpresa pelo debate, por isso escaparam-lhe alguns pontos relevantes. Não poderia deixar de acrescentar ao que disse que, na segunda metade do século XVIII, ao lado do brilho do ouro, brilhavam também nas montanhas de Minas Gerais as luzes do século. Alterou sua conclusão da reunião passada e disse que não haverá desequilíbrio a favor de Portugal na escolha do tema do Iluminismo para a sessão conjunta da ABL com a Academia das Ciências de Lisboa. (O texto lido será incorporado aos *Anais da Academia Brasileira de Letras*.)
- O Acadêmico Tarcísio Padilha, em primeiro lugar, referiu-se ao substancial subsídio financeiro da Petrobras à Biblioteca Rodolfo Garcia. Disse que não poderia deixar de se manifestar, porque se trata de um feito da

atual administração, que obteve recursos suficientes não só para a manutenção da Biblioteca, como ainda verbas que permitirão à Casa atualizar a bibliografia, que, em alguns aspectos, está a merecer complementação. Sugeri ao Presidente que seja submetida ao plenário a idéia de os acadêmicos apresentarem sugestões para a atualização bibliográfica dos setores prioritários da Casa. Em segundo lugar, falou sobre os pronunciamentos do Acadêmico Candido Mendes de Almeida, ricos e sugestivos, mostrando a vitalidade da idéia de latinidade que, no mundo de hoje, pode vir a ser um caminho novo para o entendimento entre os povos e as diversas culturas. Disse que o Acadêmico Candido Mendes de Almeida, com a participação dos Acadêmicos Sergio Paulo Rouanet e Helio Jaguaribe, representaram muito bem o País e a Academia Brasileira de Letras. Congratulou-se com os acadêmicos capitaneados pelo dinamismo do Acadêmico Candido Mendes de Almeida, que não poupa sequer a própria saúde para ser um grande Embaixador Cultural do Brasil no mundo atual.

- O Acadêmico Affonso Arinos de Mello Franco agradeceu ao Acadêmico José Murilo de Carvalho a referência feita ao Senhor Francisco de Mello Franco e lembrou que *O Reino da Estupidez* foi um concerto tocado a quatro mãos, porque, junto com ele, escreveu também José Bonifácio de Andrada e Silva. Custou, *O Reino da Estupidez*, alguns anos de prisão, pela Inquisição Portuguesa, a Francisco de Mello Franco, mas não a José Bonifácio de Andrada e Silva.
- O Acadêmico Candido Mendes de Almeida agradeceu as palavras carinhosas do Acadêmico Tarcísio Padilha sobre a Conferência de Baku. Falou com orgulho da conferência do Acadêmico Sergio Paulo Rouanet, nessa reunião, uma das mais precisas e ricas sobre a discussão do problema da pós-modernidade islâmica, e a questão da secularização e da pós-secularização, seguida de uma memorável exposição do ex-ministro Cristóvam Buarque acerca de uma política de educação, que interessou profundamente a todos. Disse que será preciso mudar a data da presença do Presidente da União Européia, Senhor Durão Barroso, na Academia Brasileira de Letras, que está adiando a sua vinda ao Brasil para a última quinta-feira de maio.

- O Presidente Marcos Vinícios Vilaça agradeceu as manifestações dos acadêmicos a respeito das injeções no orçamento da Casa, obtidas com o prestígio da Academia Brasileira de Letras. A Academia tem prestígio e a Diretoria sente facilitado o seu trabalho de explicitar aos apoiadores o que necessitamos. Na verdade, a expressão extra-orçamentária que ingressou nas contas da Academia este ano é da ordem de dois milhões de reais. Disse que a Diretoria se empenhou muito e agradece a sintonia do plenário com o que esta gestão tem feito. A respeito das incorreções do livro sobre Machado de Assis, propõe que se faça um artigo específico sobre o assunto para que se incorpore às publicações da Casa, porque a gravidade dos equívocos e a profundidade das injustiças das avaliações precisam ter a correção adequada.
- O Acadêmico Cícero Sandroni, no capítulo das Efemérides, fez uma apresentação sobre a vida e a obra do Acadêmico Barbosa Lima Sobrinho.
- O Presidente Marcos Vinícios Vilaça, em nome da Diretoria, endossou todo o louvor que fez o Acadêmico Tarcísio Padilha à obra internacional de fortalecimento e vivificação dos valores da cultura brasileira que tem prestado a todos nós o Acadêmico Candido Mendes de Almeida. Assinalou a simpatia com que o Acadêmico Cícero Sandroni deleitou o plenário com um retrato do lado humano do Acadêmico Barbosa Lima Sobrinho. Nada mais havendo a tratar, deu por encerrada a sessão e convidou a todos à sessão extraordinária para receber o Ministro de Estado da Cultura, Senhor Gilberto Gil.

BIBLIOTECA RODOLFO GARCIA
E O PATROCÍNIO PETROBRAS

*Palavras do Acadêmico Murilo Melo Filho**

Senhor Presidente Marcos Vilaça, senhoras e senhores Acadêmicos.

Em nome da Biblioteca Rodolfo Garcia, e na qualidade de seu Diretor, cumpro o grato dever de agradecer o empenho e o esforço de V. Ex.^a na batalha travada, para conseguir o patrocínio da Petrobras ao trabalho da nossa Biblioteca.

Este foi seguramente o maior patrocínio obtido por um setor da nossa Academia, justamente o mais novo deles, no exato momento em que, após sua inauguração, já irá funcionar sem maiores ônus para o Orçamento da ABL.

A elaboração desse Projeto foi um trabalho muito bonito, no qual se destacou a nossa Bibliotecária Miriam Gama, cuja competência técnica recebeu os elogios da C.N.I.C. – a Comissão Nacional de Incentivo à Cultura – que, na sua decisão, fez questão de aprová-lo com um louvor expresso.

Só nos resta provar que merecemos esse patrocínio, e vamos honrar a confiança em nós depositada, através de um cuidadoso emprego de cada um dos centavos aprovados – inclusive aqueles famosos 96 centavos. Estamos comprometidos a fazer minuciosas prestações de contas junto ao PRONAC – Programa Nacional de Apoio à Cultura, da Lei com o nome do nosso querido Rouanet – e prestar contas, eventualmente, até mesmo junto ao TCU de V. Ex.^a.

* Proferidas na sessão do dia 04 de maio de 2006.

O êxito desta iniciativa de agora foi tão grande que nos estimula a apresentar novos projetos de patrocínio: o do custeio das obras de engenharia no imóvel da Rua Luis de Camões, onde vamos instalar a Reserva Técnica das nossas duas Bibliotecas, para milhares de livros, para guarda das nossas esculturas, restauração das obras raras, para uma Biblioteca Francisco Alves e uma área de incentivo à leitura, justamente naquele Corredor Cultural, onde já se encontram o Real Gabinete Português, o Teatro João Caetano e a Biblioteca Estadual.

Estamos elaborando outros projetos de patrocínios para o equipamento e à maquinária da nossa oficina de encadernação, para a digitalização do nosso Acervo e para os catálogos das nossas Coleções.

Todos estes planos vêm recebendo de V. Ex.^a o apoio e estímulo importantes e indispensáveis à sua concretização e por eles lhe somos extremamente gratos.

OBSERVAÇÕES SOBRE O CAPÍTULO “NA ACADEMIA”
DO LIVRO *MACHADO DE ASSIS UM GÊNIO BRASILEIRO*
DE DANIEL PIZA

*Palavras do Acadêmico Alberto Venancio Filho**

Pág. 297

1.º parágrafo – “Muitos escritores eram funcionários públicos.” Na época, os escritores não podiam viver da obra literária, eram funcionários públicos ou jornalistas, ou ambos.

2.º parágrafo – Não houve sessão de fundação e sim sete sessões preparatórias e a sessão inaugural a 20 de julho de 1997.

Não conheço documento afirmando que o “objetivo (da Academia) era ajudar os escritores a ter melhor remuneração por seu trabalho intelectual”.

Também desconheço a existência de agremiações nas áreas médicas e científicas fundadas no fim do século.

Pág. 298

2.º parágrafo – Os jantares do Clube Rabelais não se realizaram no Hotel dos Estrangeiros, e sim em vários outros lugares, como nos restaurantes Stadt Munchen e O Globo, na Companhia da Purificação, na casa de Arthur Azevedo em Santa Teresa, no Hotel Vila Moreau, e em chácara em Jacarepaguá. O autor fez confusão com os jantares da *Revista Brasileira*, estes sim no Hotel dos Estrangeiros.

* Proferidas na sessão do dia 4 de maio de 2006.

Pág. 299

Último Parágrafo – Entre os jovens, conviria ser citado o mais jovem: Magalhães Azeredo com 24 anos.

Pág. 300

1.º parágrafo – A acusação à Academia de não ter convidado Cruz e Souza para fundador é bastante comum, mas não tem a menor procedência. Cruz e Souza viveu sempre em Santa Catarina e só se transferiu para a Capital em 1890, onde ocupava um modesto emprego na Estrada de Ferro Central do Brasil. Segundo os críticos, era rejeitado pelos jornais e pelos círculos literários. Convivia com um pequeno grupo de escritores simbolistas, movimento ainda de pouca expressão, junto com Nestor Victor, Emiliano Pernetta, B. Lopes, Oscar Rosas e nenhum deles foi convidado a ingressar na instituição. Por ocasião da fundação, Cruz e Souza já se encontrava doente, tuberculoso, e foi procurar cura na cidade de Sítio em Minas Gerais, onde morreu em março de 1898. A sua glória foi bem posterior.

Ninguém é vetado pela Academia e sim não é eleito. Também a Academia não pode obrigar ninguém a se candidatar e é um direito de qualquer pessoa não desejar pertencer a ela.

2.º parágrafo – Seria conveniente destacar que a Academia esteve instalada no Silogeu Brasileiro de 1905 a 1923, instalações cedidas pelo governo federal por força de lei de 1900, junto com a Academia Nacional de Medicina e Instituto dos Advogados Brasileiros.

A Academia não funcionou na Academia de Medicina.

3.º parágrafo – Emílio de Menezes não competiu com Mário de Alencar que teve como adversários Domingos Olímpio e José Severiano de Rezende, Rio Branco nunca foi prosador.

Pág. 302

1.º parágrafo – Não foi só a Academia que rendeu homenagens a Getúlio Vargas, mas numerosas instituições durante o Estado Novo. São Paulo lutou

contra ele em 1932, mas posteriormente a Universidade de São Paulo lhe conferiu o título de Doutor *Honoris Causa*.

“Também seria a Academia pouco representativa do momento literário brasileiro em algumas gerações, principalmente nos anos 20/40.”

Serão poucos representativos escritores como Ribeiro Couto, Guilherme de Almeida e Manoel Bandeira?;

Serão poucos representativos os notáveis historiadores Afonso Taunay, Pedro Calmon e Alcântara Machado?;

Será pouco representativo o notável sociólogo Oliveira Vianna?;

Serão poucos representativos os jornalistas e ensaístas Barbosa Lima Sobrinho e Múcio Leão?;

Será pouco representativo o grande antropólogo Roquette-Pinto?;

Será pouco representativo o crítico Tristão de Ataíde?

2.º parágrafo – No trecho da carta não há referência de que o desgaste se deva à Academia.

Pág. 304

Fotografia da pág. 304 – O almoço da fotografia foi em homenagem a Lúcio de Mendonça pela publicação do livro *Horas do Bom Tempo*.

Pág. 362

Não houve discurso de Machado de Assis por ocasião da eleição de Euclides da Cunha. O texto citado é do discurso de Machado de Assis no encerramento do ano em 7 de dezembro de 1897.

Nota final – Os outros capítulos não foram examinados, mas batendo os olhos na fotografia da página 88, há um erro palmar, ao denominar Zacarias de Góes e Vasconcelos como Marquês de Abrantes. Zacarias nunca teve título nobiliárquico. O Marquês de Abrantes chamava-se Miguel Calmon du Pin e Almeida. O erro está repetido na página 89.

O ILUMINISMO NO BRASIL

*Palavras do Acadêmico José Murilo de Carvalho**

Senhor Presidente,

Peço licença para fazer pequeno adendo e uma correção ao que disse na reunião passada sobre os iluminismos português e brasileiro. Naquela ocasião, fui pego de surpresa pelo debate e me escaparam alguns pontos relevantes.

Não poderia deixar de acrescentar ao que disse, Sr. Presidente, que na segunda metade do século XVIII, ao lado do brilho do ouro, brilhavam também nas montanhas de Minas Gerais as luzes do século. A evidência desse brilho está nas listas de livros das bibliotecas dos inconfidentes. A do cônego Vieira tinha mais de 800 volumes. Entre eles, como mostrou Eduardo Frieiro em *O Diabo na Livraria do Cônego*, estava a Enciclopédia e livros de Voltaire, Montesquieu, Mably, e outros. Livros que só clandestinamente podiam circular em Coimbra. À época da independência, havia 34 cientistas em cargos oficiais na capitania, encarregados de levantar seus recursos naturais.

Acrescento também, Sr. Presidente, que o primeiro reitor da universidade de Coimbra, depois de reformada por Pombal em 1772, foi o brasileiro Francisco de Lemos. Na Viradeira, que se verificou após a queda de Pombal, muitos professores e alunos foram expulsos e processados pelo Santo Ofício. Um dos expulsos foi o mineiro Francisco de Mello Franco, antepassado de nosso confrade Afonso Arinos de Mello Franco. Francisco, em represália à expulsão, escreveu a sátira intitulada *O Reino da Estupidez*, na qual descreveu essa senhora sendo recebida triunfalmente na universidade.

* Proferidas na sessão do dia 4 de maio de 2006.

Para ser justo, Sr. Presidente, menciono ainda como um dos focos das luzes no período colonial o Seminário de Olinda, fundado pelo bispo fluminense, Azeredo Coutinho. O seminário foi um viveiro de padres revolucionários de 1817 e 1824.

Levando-se em conta, por outro lado, que o iluminismo português não brilhava com muitas luzes, sendo mais italiano que francês, cristão e reformista antes que irreligioso e revolucionário, altero minha conclusão da reunião passada e digo que não haverá desequilíbrio a favor de Portugal na escolha do tema do iluminismo para a sessão conjunta da ABL com a Academia das Ciências de Lisboa.

SESSÃO EXTRAORDINÁRIA DO DIA 4 DE MAIO DE 2006

Sob a presidência do Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça, estiveram presentes os Acadêmicos: Cícero Sandroni, Secretário-Geral; José Murilo de Carvalho, Segundo-Secretário; Antonio Carlos Secchin, Diretor-Tesoureiro; Murilo Melo Filho, Diretor da Biblioteca; Sergio Paulo Rouanet, Diretor do Arquivo; Eduardo Portella, Diretor dos *Anais da Academia Brasileira de Letras*; Affonso Arinos de Mello Franco, Alberto da Costa e Silva, Alberto Venancio Filho, Antonio Olinto, Arnaldo Niskier, Candido Mendes de Almeida, Carlos Heitor Cony, Carlos Nejar, Evanildo Cavalcante Bechara, Pe. Fernando Bastos de Ávila, Ivan Junqueira, Ivo Pitanguy, Lêdo Ivo, Nélida Piñon e Tarcísio Padilha.

- O Presidente Marcos Vinícios Vilaça iniciou a sessão na qual a Academia recebe a visita do Ministro da Cultura Gilberto Gil e do Senhor Juca Ferreira, Secretário Executivo do Ministério da Cultura. Disse da alegria com que esta Casa os recebe. Passou a palavra ao Acadêmico Arnaldo Niskier para saudar o ministro, em nome da Casa.
- O Acadêmico Arnaldo Niskier disse da honra em saudar o Ministro da Cultura Gilberto Gil em nome da Academia Brasileira de Letras, onde está há vinte e dois anos, sendo um dos mais antigos dos seus membros. (O texto lido será incorporado aos *Anais da Academia Brasileira de Letras*.)

- O Ministro da Cultura Gilberto Gil agradeceu à ABL e aos presentes a oportunidade desta visita e congratulou-se com a Casa pela disposição crescente para abrir-se ainda mais à sociedade de modo a compartilhar seu patrimônio intelectual e fazer-se ativa, com destaque no debate atual sobre a cultura e a população cultural do Brasil. (O texto lido será incorporado aos *Anais da Academia Brasileira de Letras*.)
- Por sugestão do próprio Ministro Gilberto Gil, fizeram indagações sobre a atual política cultural do Ministério os Acadêmicos Afonso Arinos de Mello Franco, Candido Mendes de Almeida, Arnaldo Niskier, Cícero Sandroni, Eduardo Portella e Sergio Paulo Rouanet.
- O Ministro da Cultura Gilberto Gil respondeu a indagação de cada um dos acadêmicos e pediu ao Secretário-executivo do Ministério, Senhor Juca Ferreira, para complementar algumas informações. Propôs que a Secretaria Executiva do Ministério viabilizasse com a Secretária-Geral da Academia Brasileira de Letras um programa de encontros para esclarecimentos do que o Ministério tem feito, do que precisa ser feito e das contribuições que a ABL poderá dar a este processo.
- O Presidente Marcos Vinícios Vilaça, ao encerrar a sessão, disse que se falou muito em “Aquele abraço”, mas a sua preferência é “Dinamarca”, porque diz respeito muito a quem perde alguém. Disse, ainda, que a Academia Brasileira de Letras viveu nesta tarde um momento alto. (Todas as falas serão incorporadas aos *Anais da Academia Brasileira de Letras*.)

VISITA DO MINISTRO DA CULTURA GILBERTO GIL

Sessão do dia 4 de maio de 2006

PRESIDENTE MARCOS VINÍCIOS VILAÇA

Senhor Ministro da Cultura Gilberto Gil, senhor Secretário Executivo do Ministério Juca Ferreira, senhoras e senhores acadêmicos.

Não é preciso dizer que a Academia sente muita honra e sente alegria em ter conosco o Ministro da Cultura do Brasil. Aliás, disse a V. Ex.^a, quando íamos entrando, e àquele grupo de acadêmicos dando uma boa risada, que aqui este era o clima. Uma face da Academia, às vezes desconhecida, é que também temos muito bom humor e sorrimos. Aqui estamos sorrindo no sentido de termos a sua presença, que simboliza também a alegria da música brasileira e a força da poesia do país.

A sua presença aqui, nesta semana, parece que aponta para alguns significados porque é nesta semana também que se reúne, na Europa, a conferência UME dos ministros europeus em busca do que eles chamam de diálogo internacional, na aliança das civilizações, dos ministros da Cultura que defendem o ponto de vista, fácil de defender, de que o diálogo e a compreensão ajudam o progresso e a paz entre os povos. Na linha dessa reunião, pelo que acompanhei, propõe-se até a criação de um patrimônio cultural europeu, com roteiros europeus e aliando cultura, turismo, imigração, num programa sofisticado que vai pelo caminho do enlace entre os povos. O mesmo enlace que V. Ex.^a tem buscado, no apoio e na compreensão para a diversidade cultural do Brasil. Isto é muito importante, e todos anotamos como algo muito significativo. Tem seu significado e tem também sua forma significativa.

Mas, assim não fosse, ministro, é com fé e razão que o recebemos na Academia, até por fidelidade a uma outra reunião internacional que acontece esta semana, “Vozes do Mundo”, do PEN Club, que com esse emblema de fé e razão está reunido na França.

A Academia Brasileira de Letras, para recebê-lo, escolheu muito cuidadosamente o Acadêmico Arnaldo Niskier. Ele vai dizer a V. Ex.^a o que a Casa gostaria de expressar, como admiração a V. Ex.^a, e também aquilo que é o pensamento nosso sobre cultura e, é claro, sobre as nossas ambições de construção da cultura na sociedade mundial, em geral, e brasileira, em particular. Tenho a honra de dar a palavra ao Acadêmico Arnaldo Niskier.

ACADÊMICO ARNALDO NISKIER

Senhor Presidente da Academia, Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça, Exmo. Senhor Ministro Gilberto Gil, da Cultura, demais autoridades que aqui se encontram, honrando a Casa de Machado de Assis. Meus confrades.

É claro que se trata de uma honra muito grande poder falar em nome da Academia Brasileira de Letras, onde estou há vinte e dois anos, sendo hoje um dos mais antigos dos seus membros. Mais antiga do que a minha presença aqui é amizade que me liga ao cantor, compositor, querido amigo Gilberto Gil.

Antes de ler um pequeno trecho do que escrevi de madrugada em sua homenagem, e representando o pensamento da Casa, gostaria de avançar um pouco mais com relação às palavras do Presidente Marcos Vilaça em relação ao caráter universal do interesse pela cultura que cresce no mundo todo e das várias manifestações que têm ocorrido por aí, acho que alimentadas pela universalização, pela globalização, pela mundialização, seja qual nome tenha, sabido que V. Ex.^a tem ido a vários encontros, num dos quais tive o prazer imenso de encontrá-lo, na verdade reencontrá-lo, quando estivemos juntos, em Paris, comemorando aquele ano recente do Brasil na França. Muito da cultura brasileira pôde ali ser mostrado, infelizmente com uma repercussão aqui em nosso país menor do que a grandiosidade do que lá foi feito. Mas senti a sua vibração de brasileiro, também a vibração de seu admirador, de seu velho amigo das lides jornalísticas e culturais, quando várias manifestações ali

foram apresentadas e bastante admiradas pelo povo francês, que tem pela nossa cultura, felizmente para nós, por questões de afinidade e de latinidade, uma admiração muito grande. Naqueles dias pudemos sentir o interesse do governo francês de aprofundar os entendimentos com o povo brasileiro, através do seu governo, para que pudéssemos quase que fazer uma frente única – idéia que eu não gostaria jamais de ver abandonada – para que pudéssemos, com uma cultura afim, de certa forma, enfrentar esse predomínio avassalador da cultura que se rastreia na língua inglesa, agravada naturalmente, no meu modo de ver, pelo que representa hoje no mundo, e de modo geral, a sociedade da informação, a sociedade baseada no computador.

Então, ministro, temos causas comuns, temos sonhos comuns. Sabemos das grandes e graves dificuldades financeiras que isso suscita, mas como sonhar não foi proibido em nenhum momento da nossa existência e, ao mesmo tempo, a força de vontade que caracteriza a sua ação é a força de vontade que anima os membros da Academia Brasileira de Letras em tantos projetos bonitos que temos, e que poderemos ter mais ainda em conjunto, dada a compreensão, o espírito democrático e de abertura de V. Ex.^a, queremos que esta visita se revista não apenas de uma alegria muito grande, por tê-lo conosco, por tê-lo como um dos nossos, mas que isso pudesse reverter, em futuro muito breve, em ações concretas de parceria, porque há muito que fazer nesse terreno fértil que nos une e nessa pouca distância que nos separa.

Então, ministro, me permita fazer uma leitura formal, porque se trata da visita de um Ministro de Estado, exatamente aquele que tem a maior ligação, eu poderia dizer, com os propósitos da Academia Brasileira de Letras, organização mais do que centenária, que espera muito daquilo que acabei de dizer, em nome dos meus confrades: que possamos sair do discurso, uns mais belos do que outros, para a ação concreta que leva a projetos objetivos.

Ainda há pouco, neste plenário, comemorávamos a parceria que se estabeleceu com a Petrobras. Não é uma parceria inédita, porque já tivemos outras, mas jamais uma tão expressiva, devida ao mérito do nosso Presidente e da sua Diretoria. A Petrobras fez um acordo com a Academia de R\$ 1.700.000,96. Este foi o detalhe que mais impressionou o romancista Carlos Heitor Cony: pelos 96 centavos ele promete uma nova crônica, para dizer o que se pode

fazer com tanto dinheiro, um milhão e setecentos para uma causa nobre, nobilíssima. Esse dinheiro, que entra em boa hora numa casa eminentemente de cultura, de que o Brasil se orgulha, e há outros países, como é o caso, sobretudo, de Portugal e Espanha, e da Academia Francesa também, nos quais já estabelecemos uma fraternidade laborativa que trará bons resultados.

Em que quer a Petrobras que se aplique este dinheiro? Na manutenção e na expansão da nossa Biblioteca Rodolfo Garcia, a segunda biblioteca da Academia, a mais moderna do País, dirigida pelo nosso querido irmão Murilo Melo Filho.

Então, não teremos problemas de manutenção da Academia porque, generosamente, compreensiva e competentemente, a Petrobras entendeu que poderia entrar nesse circuito porque estaria prestando um belo serviço à cultura brasileira. Senhor ministro, veja quantas coisas mais poderemos fazer, e faremos certamente, dado seu espírito de homem determinado. Quantas coisas mais se abrem, pela compreensão também do Presidente Vilaça, e poderemos fazer juntos. Temos essa expectativa, essa esperança.

GILBERTO GIL E A IMORTALIDADE

O cantor e compositor Gilberto Gil não está longe da imortalidade, que é característica da Academia Brasileira de Letras. A sua visita à Casa de Machado de Assis tem o sentido de uma aproximação natural, sendo ele, como é, uma das maiores figuras da música popular brasileira. É um dos nomes conhecidos na cena internacional, sobretudo a partir do movimento denominado tropicalismo, de tantos e tão assinalados êxitos.

A amizade que nos une já vai longe no tempo. Conheci o atual ministro da Cultura quando, jovem ainda, era estudante e se formou no curso de administração da Universidade Federal da Bahia. Eis um dos segredos da sua biografia, abafado pelo sucesso como cultor bem-sucedido da nossa música.

Hoje, no Ministério da Cultura, realiza um trabalho de respeito. Não comemora a existência de verbas polpudas, pois sabe que elas são sempre escassas, quando se trata de financiar a arte, o teatro, a música, o cinema, o folclore, o patrimônio histórico. Isso é generalizado, como pude registrar nos dois anos e três meses em que tive o privilégio de dirigir a cultura no Rio de Janeiro.

A ABL tem projetos para viabilizar em parceria com o Ministério da Cultura, como é desejo do presidente Marcos Vinícios Vilaça. Não estarei exagerando na confissão se lembrar os compromissos dos nossos primórdios, o maior dos quais, como está no estatuto, a defesa da língua portuguesa e da cultura nacional. Daí o carinho com que tratamos do Dicionário e do Vocabulário Ortográfico, onde se poderia desejar a inteligente colaboração com o Poder Público, para benefício de professores e alunos do País inteiro, onde hoje estudam mais de 50 milhões de pessoas. Eis uma idéia que deve ficar, com muita força, nas relações futuras entre as duas grandes entidades.

Gilberto Gil é um revolucionário, no bom sentido da palavra. Declarou guerra à elite da cultura, sendo por isso criticado por eternos aproveitadores, contrários a políticas públicas de fomento mais abertas e democráticas. Seus Pontos de Cultura, hoje espalhados por quase todos os estados brasileiros, deixam a marca do realizador, assim como já se pode sentir pelas ações que começam a ganhar corpo na gestão de Muniz Sodré à frente da Biblioteca Nacional. A idéia-força é descentralizar as ações, respeitar a nossa proclamada diversidade cultural, resgatar o folclore empobrecido por projetos modestos em demasia. Gil mexe em todos os setores, com um dinamismo que é próprio da sua personalidade baiano-carioca.

Agora, com o aperfeiçoamento dos mecanismos da Lei Rouanet, certamente o MinC terá condições de ampliar o alcance da política cultural, anseio que é do ministro e, naturalmente, de todos aqueles que amam efetivamente a cultura brasileira.

PRESIDENTE MARCOS VINÍCIOS VILAÇA

Tenho a honra de conceder a palavra ao Ministro da Cultura Gilberto Gil.

MINISTRO GILBERTO GIL

Meu caro Marcos Vilaça, Presidente da Academia Brasileira de Letras. Senhores, todos vós, outros, acadêmicos e acadêmicas. Amigos, amigas do Rio, nossos colaboradores no Ministério, alguns aqui presentes. Uma boa tarde a todos.

Gostaria de agradecer à Academia Brasileira de Letras, na pessoa de seu Presidente e dos demais acadêmicos e acadêmicas aqui presentes, pela oportunidade de estar com vocês nesta sessão que ora se inaugura.

Se me permitem, vou inverter, de certa forma, nesta etapa de fala contínua que me é concedida, por alguns minutos, o convite que recebi. Em vez de abordar o Ministério da Cultura, gostaria de abordar a Academia Brasileira de Letras e algo relevante que de fora tenho observado.

Naturalmente, como o Marco Polo de Calvino, ao falar da ABL estarei falando do MinC. E terei o maior prazer em ouvi-los falar, na etapa posterior da sessão, que acredito poder ao nosso alcance. Aí, então, espero ouvir falar sobre o MinC, ou sobre a ABL, de acordo com a vontade de cada um.

Tenho acompanhado atentamente o trabalho da ABL e as intervenções públicas do seu Presidente, assim como as manifestações recentes de vários acadêmicos, no que diz respeito à valorização da cultura brasileira e ao papel desta instituição. Percebo uma disposição crescente da Academia Brasileira de Letras para abrir-se ainda mais à sociedade, de modo a compartilhar seu patrimônio intelectual, fazer-se ativa, com destaque, no debate atual sobre a cultura e a produção cultural do Brasil e no Brasil. As palavras iniciais do nosso Presidente e as palavras posteriores do nosso querido Arnaldo Niskier dão conta desta constatação que faço.

Percebo ainda um sincero desejo da ABL e de seus membros não apenas de reconhecer, mas de comprometer-se entusiasmamente com uma concepção mais ampla e dinâmica de cultura, de palavra e também de sua própria missão.

Nada mais natural, tendo em vista a história da Academia Brasileira de Letras e a figura de seu principal fundador, Machado de Assis, que ela se envolva na necessária reflexão sobre o processo cultural contemporâneo em meio às transformações sociais e tecnológicas do nosso tempo, que não apenas mudam, mas aceleram mudanças. Nada mais natural, ainda, que ao envolver-se nesta reflexão – uma reflexão que, ao fim e ao cabo, demanda ação – ela absorva a contemporaneidade na forma de uma atualização de agenda, de estrutura, de composição e de conceituação, sem perda de essência, evidentemente, sem abdicar de uma tradição sem a qual não pode haver transformação responsável.

A aceleração dos fluxos culturais, a multiplicidade de expressões e meios de produção e difusão, a simultaneidade, as intersecções de linguagens, gêneros e estilos e outros fenômenos de hoje, impactam profundamente a vida e a arte. O hipertexto – essa denominação nova a procedimentos que antes do computador já eram de certa forma praticados, nas formas possíveis, esse hipertexto hoje já consagrado por esses novos meios de difusão da palavra – abala e renova o texto, não apenas em termos do que se faz ou de como se faz, mas também, e principalmente, em termos de como circula, de como interage, de como se recebe e se apropria, de como se recicla e se ressignifica.

“O meio é a mensagem” – como se dizia nos anos 60, mas a mensagem, agora, se torna e condiciona o meio, em uma biopolítica – para usar uma expressão tão cara às concepções contemporâneas – da arte que intensifica a criação. É impossível manter-se indiferente a tudo isso, assim como é impossível atuar como instituição cultural, ou formular e desenvolver políticas públicas de cultura adequadas, sem que venhamos a nos inserir nesse contexto, e mesmo protagonizá-lo.

Recentemente tive a chance de ler manifestações de um acadêmico, vosso colega, que resume, do ponto de vista da ABL, o que está acontecendo aqui, que me parece extremamente importante para a própria instituição, para vocês e para o país. Disse ele: “Começa a se desfazer a imagem de uma Academia exclusivamente voltada para si mesma e para a imagem de seus veneráveis ancestrais.” Ou seja, substitui-se aquela imagem pela de uma Academia aberta, vigorosa, atual. Mas este mesmo acadêmico faz uma ressalva importante: “Num mundo regido pelo frenesi do descarté e da obsolescência, não é mal que haja uma instituição que seja, ao mesmo tempo, sólida e menos sôfrega a aderir compulsivamente àquilo que se declara estar em moda.” E isso – fique claro – nada tem a ver com imobilismo e elogio do anacronismo.

Para que fique bem claro, trata-se precisamente do que eu observava e elogiava: a capacidade da Academia de renovar-se, como renovam-se o tempo, o espaço, a vida, a cultura, as relações sociais e políticas, os encontros, as trocas, sem deixar de ser o que sempre foi, se abdicar de sua solidez e rigor. E talvez, aqui, tenhamos uma perfeita alegoria da própria língua, da própria

palavra, de seus tantos e variados usos, apropriações e formas de produção e difusão atuais, que são: produção e difusão de significante e de significado.

Esta atualização do papel da Academia Brasileira de Letras, de sua organização, de sua postura, reflete, estimula e, ao mesmo tempo, representa o que acontece no processo cultural de uma sociedade dinâmica, aberta, generosa e miscigenada – como a brasileira. Reflete, estimula e representa o que se dá com a língua e com a palavra, para ficar no campo semântico, a que a maior parte de vocês se vincula, seja no fazer literário, seja no que se refere à reflexão e ao pensamento sobre a literatura e a uma compreensão renovada do que é a literatura no mundo de hoje.

Para trazer a bola ao meu gramado, devo frisar ainda que esta Academia, que se renova sem perder substância, também reflete, estimula e representa o que se faz no Ministério da Cultura, a propósito do conceito de Cultura com o qual passamos a trabalhar, do perfil das políticas culturais dos nossos programas e ações.

Mais do que uma academia de escritores, segundo um conceito histórico, ou seja, de criadores que se valem diretamente da palavra escrita e da palavra a ser publicada para expressar-se, a Academia Brasileira de Letras do século XXI, segundo me parece, credencia-se como uma instituição não-canônica, de criadores que também se valem da palavra eventualmente escrita e também desenhada, cantada, filmada, através dos diversos modos pelos quais se pode usar e difundir palavras, atualmente com um propósito artístico, como uma forma de expressão da subjetividade. Uma Academia Brasileira de Letras de interventores sociais, de expoentes da língua portuguesa em variados matizes, que se caracterizam menos pelo meio e mais pela excelência e pela singularidade.

A Academia Brasileira de Letras credencia-se, portanto, como uma congregação de autores e de cultivadores da palavra e da língua – ou das letras, para usar a expressão que se encontra em seu próprio nome. Está, afinal, em seu Estatuto centenário, a definição de que esta Casa tem por fim “a cultura da língua e da literatura nacional”, o que lá atrás, em sua gênese, já projetava para este novo papel e este novo perfil que a Academia se outorga, apropriadamente, na contemporaneidade.

A cultura se renova. A Academia Brasileira de Letras se renova. É justamente esta Academia renovada, em seus próprios termos, que abriu a faculdade da Imortalidade cultural para um escritor não-canônico e popular como Paulo Coelho, que se permitiu acolher o cineasta Nelson Pereira dos Santos, que praticava e ainda pratica um cinema profundamente literário, em que as palavras me parecem tão ou mesmo mais fundamentais do que as imagens em movimento.

É esta Academia – que reúne, além dos que podemos categorizar canonicamente como escritores, tantos juristas, jornalistas, pensadores, que se disponibiliza a receber um gênio da arquitetura, como Oscar Niemeyer, que pode receber um gênio do *cartoon*, da charge, dos quadrinhos, da ilustração, do jornalismo e também da literatura mais tradicional, como Ziraldo; que entende os novos papéis da palavra, seus modos de expressão popular, a dramaturgia, e outras – é justamente esta Academia Brasileira de Letras que hoje recebe e ouve, com o respeito e a atenção devidos, um Ministro da Cultura que, originalmente, vem da música popular, da poética popular, que se permite a ousadia de falar a vocês, acadêmicos, imortais, não do seu labor como ministro ou como músico e poeta, mas do labor alheio, do labor de vocês, desta instituição, que é anterior ao nosso nascimento, e que os parabeniza publicamente pelo que acha que está acontecendo na Academia Brasileira de Letras. E se digo “acho” é porque estou aqui também para testar esta impressão que tenho de fora, para saber de vocês se é isso mesmo, se a suposição, se a suspeição é correta.

De qualquer modo, são tantos os indícios, tantas as pistas, que o meu achar talvez esteja mesmo próximo da realidade, e que esta ousadia a que me referi seja pertinente e se justifique. Porque, se entre o meu achar e as práticas da ABL e as concepções de vocês houver alguma correspondência, então temos de fato algo vital, algo de uma importância extrema acontecendo nesta Casa.

E por falar em indícios, em pistas, quero destacar um, que me parece significativo: não é esta Academia que tomou a iniciativa de organizar o Seminário *Brasil, brasis*, assumindo a questão da identidade e da diversidade, ou da nossa identidade feita de diversidades – e retomando o lema que usamos no Ano do Brasil na França, que estava aí para ser apropriado mesmo,

para ganhar vida própria – não é esta Academia que promove um seminário com este título e que o inicia com um debate sobre gastronomia e literatura? Aliás, está lá, na apresentação do seminário, que a Academia Brasileira de Letras busca promover amplo debate com expoentes de diversas áreas da cultura brasileira, com vistas a uma profunda análise dos caminhos da cultura brasileira neste início de século.

Esta Casa, aberta e plural, sintonizada com o presente e artífice do futuro, que entende e pratica o contemporâneo, e se renova, sem abrir mão da tradição, da profundidade, da essência, é uma instituição que simboliza o Brasil real, a nossa cultura, o nosso processo cultural, a nossa produção cultural, ao mesmo tempo em que encerra em si as aspirações de todos pelo novo.

Esta Casa simboliza e representa também o nosso Ministério da Cultura, pois é essencialmente a Academia da Cultura Brasileira, a Academia do Brasil e daquilo que, não canso de dizer, constitui a principal riqueza, o grande patrimônio deste povo, que é a nossa cultura e, portanto, a nossa língua. Aliás, devo enfatizar que simboliza, sim, mas não só, simboliza e transforma, enquanto se transforma.

O Brasil e a cultura brasileira de hoje precisam desta Academia, como precisaram da Academia Brasileira de Letras de outros momentos e de outros contextos e concepções.

Aqui está e estará, cada vez mais, conforme se pode depreender do que observei e procurei compartilhar com vocês, uma seleção da pluralidade, da intensidade e da qualidade do gênio brasileiro, e desta língua, através da qual ele se expressa. Uma seleção que, como a Seleção do futebol-arte brasileiro – que cito neste quadrante do tempo em que as seleções vão nos mostrar a quantas anda o nosso futebol pelo mundo. Esta seleção daqui, como essa Seleção do futebol-arte brasileiro, atua e encanta, com uma postura generosa e transformadora. A postura, que é a postura deste país e deste povo.

Parabenizo, portanto, a Academia, a todos vocês, que são os protagonistas desta Academia Brasileira de Letras do século XXI.

Agradeço, com todo o sentimento profundo de afeição e de carinho, essa oportunidade extraordinariamente carinhosa e extraordinariamente valiosa

que todos vocês me dão, de vir aqui compartilhar um pouco as idéias, as preocupações e o sentimento de contribuição que esta Casa, que todas as casas de cultura, das variadas culturas deste país, podem dar ao nosso povo e aos povos do mundo.

Muito obrigado, Presidente. Muito obrigado, acadêmicos e acadêmicas.

PRESIDENTE MARCOS VINÍCIOS VILAÇA

Creio que todos ouvimos muito atentamente, é claro, o Ministro da Cultura, no depoimento admirável que acaba de nos dar, numa exposição espessa, porosa e dionisíaca.

Acredito que nós podemos completar esta tarde, e faço uma provocação aos meus pares no sentido de que estabeleçamos por algum tempo, assim facultou o ministro, algum diálogo com ele. E sugiro que possamos estimulá-lo com perguntas e de que formas podemos decifrar esse enlace que ele demonstrou do Ministério da Cultura com os objetivos da Academia Brasileira de Letras, aqui admiravelmente lembrados pelo Acadêmico Arnaldo Niskier e, em seguida, pelo próprio ministro.

Algum dos meus pares quer fazer essa provocação ao ministro? Com a palavra o Acadêmico Affonso Arinos de Mello Franco.

ACADÊMICO AFFONSO ARINOS DE MELLO FRANCO

Senhor ministro, que as minhas primeiras palavras sejam para saudá-lo e louvar a sua admirável apresentação aqui, tão honrosa para nós.

Eu gostaria, agora, de reverter o que V. Ex.^a fez e voltar à atuação do seu Ministério. Quero falar aqui como ex-deputado federal e queria, através de V. Ex.^a, informar esta Academia e os nossos ouvintes pela extrema dificuldade que se encontra hoje na obtenção de recursos públicos para estimular a cultura em nosso país.

Lembro-me de quando era deputado, já faz muitos anos, eu dava uma parte da minha dotação orçamentária, aquela dotação a que todos os deputa-

dos têm direito, para o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, que depende da sua pasta, porque havia aquilo que foi chamado, como no título de um filme: *A Escolha de Sofia*. Tínhamos que estender o orçamento, como gastar? Gastar em cultura ou gastar na educação das crianças? Ou gastar numa sala de hospital? O cobertor era curto, e sempre o que sobrava – os pés que ficavam sem cobertura – em geral eram as verbas relativas à cultura.

Então, a minha indagação, mais do que uma provocação, Senhor ministro, seria saber como é que está a cultura dentro da visão do orçamento federal da República, e qual tem sido – sei que V. Ex.^a o tem aumentado bastante, proporcionalmente à dotação da Cultura – o apoio federal, o apoio do legislativo, o apoio do orçamento, à cultura em nosso país. Muito obrigado.

MINISTRO GILBERTO GIL

Muito obrigado Acadêmico Affonso Arinos. Uma das questões logo de início postas, quando da minha chegada ao Ministério da Cultura, foi a questão dos recursos disponíveis na área federal, na área do Ministério, para a cobertura das necessidades de atendimento, por parte do governo e por parte da instituição pública, às várias iniciativas, aos vários processos, aos vários programas, aos vários projetos, às várias instituições que necessitam de tais recursos, especialmente aquelas do conjunto mais tradicional das instituições culturais: as instituições de memória, os museus, a Biblioteca Nacional, as áreas de preservação da memória, como o IPHAN, nosso órgão do Patrimônio Histórico, e assim por diante.

Encontramos um orçamento que equivalia, em 2003, quando assumimos, a 0,25 %, em termos de moeda aproximadamente R\$ 220.000.000,00, quando as recomendações insistentes da UNESCO, baseadas numa avaliação do que é o panorama médio da presença cultural no mundo e das responsabilidades das sociedades com essa presença nos vários países, é de que pelo menos 1 % dos orçamentos seja dedicado aos orçamentos culturais.

Uma das primeiras questões que levantamos, uma das primeiras demandas que passamos a fazer, buscando para isso inclusive o apoio da sociedade, o

apoio dos setores culturais, o apoio dos setores políticos, o apoio do próprio Congresso, o apoio do governo, o apoio das instituições culturais brasileiras, estaduais e municipais, as secretarias de Cultura ou órgãos equivalentes existentes nos governos, através de seus fóruns, que hoje têm uma atuação decisiva na questão da avaliação dos processos da vida cultural no Brasil, com o concurso de todo esse mundo, começamos levantamos logo a questão do aumento do nosso orçamento e da possibilidade do atingimento do 1 % recomendado pela UNESCO.

Fizemos disso uma bandeira, fizemos disso uma atividade mesmo, um trabalho intragoverno e fora do governo, em todas essas áreas. Conseguimos, já de 2003 para 2004, no primeiro orçamento que nos cabia determinar como governo, um pequeno deslocamento, que nos levou a 0,4 % do Orçamento, e chegamos agora, este ano, a 0,6 % do Orçamento da União. Estamos a par e passo, se tudo permitir, estamos chegando ao 1 % recomendável pela UNESCO.

Esse trabalho todo de animação, em direção a essa conquista, mobilizou também o próprio Congresso Nacional. Há hoje, no Congresso, um projeto que propõe não 1 %, mas 2 % do Orçamento da União para o Ministério da Cultura. Há mobilizações variadas em vários setores. A UNE, nossa velha União Nacional dos Estudantes, tem uma mobilização muito forte no sentido também de apoiar e reivindicar esse aumento do Orçamento.

Devo dizer, complementarmente, que a lei que leva o nome do nosso ilustre acadêmico, a Lei Rouanet – ainda que necessitada de aperfeiçoamentos permanentes, de atualizações permanentes, devido à dinâmica extraordinária, às mudanças culturais muito fortes, às mudanças no envolvimento entre setores empresariais e cultura, aos interesses crescentes dos setores produtivos na associação das suas unidades, das suas companhias, das suas firmas, enfim, com a atividade cultural – também, de 2003 para 2006, teve um incremento: saiu de R\$ 400 milhões em projetos que foram incentivados pela lei para aproximadamente R\$ 700 milhões. Isto significa um incremento importante, tão importante que justifica mais ainda o aperfeiçoamento dos mecanismos da lei para que ela funcione em termos republicanos, cada vez mais, que funcione em termos de servir às políticas públicas, de

se orientar e de fazer um trabalho pautado pela visão de política pública que é a visão que nós temos hoje do Ministério.

Então, eu diria que somado a isso há também o esforço que vem sendo feito nos estados e nos municípios, com uma dotação cada vez maior – o município de Fortaleza, por exemplo, já dedica mais de 1% do seu Orçamento à área cultural; alguns municípios do Paraná, do Rio Grande do Sul, mesmo do interior, dedicam mais de 1%. Temos municípios brasileiros que chegam a quase 3 % dos seus orçamentos para a área cultural.

Temos um panorama em que podemos identificar um crescente movimento de apoio, cada vez maior, à atividade cultural via cofres públicos, via leis de incentivo fiscal – neste momento mais de 16 municípios brasileiros têm suas próprias leis de incentivo: o primeiro foi o município de São Paulo, antes até do Ministério da Cultura e de muitos estados; depois vieram os estados; hoje temos vários estados brasileiros que têm suas leis de incentivo, o que implica evidentemente maior necessidade ainda de que esse mecanismo seja aperfeiçoado.

O governo acabou de decretar, através de um decreto que foi publicado no Diário Oficial a semana passada, uma modificação substancial nos mecanismos de operação da lei Rouanet, visando exatamente o equilíbrio, a adequação, a distribuição mais equânime pelas regiões, acessos mais democráticos a setores médios do empresariado, ao contribuinte pessoa física; o aperfeiçoamento dos critérios de seleção, a inclusão de critérios de avaliação propriamente cultural aos mecanismos da lei – algo que ainda era inibido pelas formas com que a lei operava. Enfim, há uma série de trabalhos que estão sendo feitos, tanto no sentido de garantir aumento orçamentário, via rubricas orçamentárias.

Afonso Arinos se referiu as emendas parlamentares. Também neste campo a presença do Ministério da Cultura, através de um trabalho bem articulado com a Comissão de Educação e Cultura das duas Casas, da Câmara e do Senado, o orçamento via emendas parlamentares, emendas de bancadas, emendas de comissões, também cresceu significativamente nesses últimos anos.

Então, eu diria que caminhamos de uma forma bem interessante para um equilíbrio entre as necessidades e a capacidade de atendimento através dos

recursos públicos. Diria também que há um crescente interesse no setor empresarial brasileiro – através daquilo que popularmente chamamos de dinheiro bom, seu próprio recurso, direto dos caixas, de seus departamentos de marketing – também nesse sentido é crescente o interesse das empresas pelos apoios a programas culturais, projetos culturais de várias naturezas. Não só aqueles mais diretamente rentáveis, do ponto de vista da promoção das marcas, como a música, o teatro, mas também no Patrimônio Histórico há crescente interesse. As empresas públicas, em especial, como é o caso do BNDES, da Caixa Econômica, têm dado um pontapé e vem sistematicamente, nos últimos anos, incluindo cada vez mais nos seus orçamentos de marketing a área cultural, especialmente os setores menos atendidos, como o de Patrimônio Nacional, por exemplo, que é um setor contemplado hoje, de uma forma bem considerável, pelo BNDES, que é uma empresa mista.

Acho que o panorama é saudável, hoje em dia. Temos uma consciência cada vez mais aprofundada no governo de que a cultura tem um papel de transversalidade importantíssimo, hoje, nas políticas públicas de um modo geral, na articulação com o turismo, na articulação com o meio ambiente, na articulação com os programas de inclusão social, os programas de saneamento de áreas de risco, que estão ligados a muitos Ministérios, entre eles o Ministério da Justiça, o Ministério da Cultura. Há toda uma transversalidade, um papel de parceria que pode ser trabalhada com o Ministério da Cultura por vários outros ministérios. Hoje há uma consciência não só no governo federal, mas também nos estados e nos municípios.

PRESIDENTE MARCOS VINÍCIOS VILAÇA

Tenho o prazer de dar a palavra ao Acadêmico Candido Mendes.

ACADÊMICO CANDIDO MENDES

Quero me congratular com a presença do Ministro Gilberto Gil, não só pelo fato inédito da visita, que Arnaldo Niskier colocou muito bem, mas pelo número de protagonistas da cultura brasileira que estão aqui à sua volta: um

Ministro da Cultura, um presidente canônico da Biblioteca Nacional, dois outros protagonistas como Marcos Vilaça e Arnaldo Niskier.

Ministro, só duas observações: a primeira, quanto à questão da identidade nacional, num depoimento sobre o qual Sergio Paulo Rouanet e eu vimos, há menos de uma semana, voltando do Usbequistão: quem é o brasileiro mais conhecido no mundo. Não preciso dizer quem é, e seu nome, com um diminutivo, está lá nos mictórios de Baku, capital do Azerbaijão: é Ronaldinho, evidentemente. Mas o que quero dizer é que não conheço – e isso é que é o fenômeno – outro país hoje cuja identidade esteja associada tanto a um só modo de ser e tão dependendo, catastrófica ou gloriosamente, do futebol como é o caso do Brasil.

Ministro: o que vai acontecer se perdermos a Copa? Essa é uma preocupação do seu Ministério, em face de uma catástrofe nacional. O único perigo que o Presidente Lula tem é este neste momento. A adesão nacional ao campeonato é um problema de cultura, é um problema de terapia de cultura e é um problema de estado de choque que precisa de superação. Ministro, o senhor está tratando disso? É preciso desanimar o Brasil a ganhar este campeonato. Digo isto do ponto de vista do que será uma catástrofe nacional, e isto é um problema de ministério da sua pasta. É preciso anunciar que nós podemos perder, e ninguém com o seu fascínio, ministro, para poder fazer isso e abrir um outro caminho, porque estamos à beira de uma catástrofe de destino nacional. Acho que isso é pra já.

Também quero dizer ministro, e Sergio Rouanet também pode concordar: vimos também a sua música no Usbequistão e em Baku. E vimos, sobretudo, o que é um outro brasileiro, que não é só o brasileiro da música, é também o brasileiro Ministro da Cultura, e isto começa a funcionar muitíssimo, e é preciso que se identifique isto. Estamos saindo do monopólio do Ronaldinho.

O que me parece importante, por outro lado, e isto eu anotei aqui: ministro, sabe quantas vezes usou a palavra cânon? Usou nove vezes a palavra cânon e correlatas no seu discurso, e isso é muito importante. Gosto muito de análise de conteúdo porque mostra que isto já é uma retranca mental sua, dentro de uma visão de políticas públicas. Digo isto porque aqui vem a minha preocupação, rateando a promiscuidade de um outro pânico, se assim eu

pudesse dizer. O ministro falou da cultura popular, um cânon, falou da cultura universitária, outro cânon. Mas, ministro, o senhor foi muito pretensioso na sua exposição. Gostei muito disso, foi audaz, foi corajoso. Se há alguma coisa que não foi um discurso retórico, foi o seu: denso, preocupante, instigante, por isso mesmo na boa pretensão de Ulysses, na boa ambição.

Acho que o grande problema – e digo isto como reitor de universidade e presidente de um fórum de eleitores – é que entre essa cultura popular e a cultura universitária, hoje a cultura da Internet está criando um outro espaço público, onde se estão criando as maiores significações, os maiores entendimentos, as maiores comunicações, e o Ministério da Cultura não está fazendo nada com o espaço da Internet. Quero dizer o seguinte: este é um espaço vadio, solto, que não pode ficar falta da noção do que seja, ministro, um espaço público. O Brasil tem uma pobreza de *sites* lamentável, o Brasil não está desenvolvendo, nos *sites*, a criatividade necessária que merece esta cultura brasileira. Por quê? Porque o Ministério da Cultura não tem uma política pública para *sites* da Internet.

Isto é alguma coisa que, num certo momento, é preciso empreender. A Nova Zelândia está fazendo isto, a Nova Zelândia hoje está esvaziando a universidade porque a Internet já tem a qualidade da comunicação que lhe permite mudar completamente o conceito de educação à distância.

Acho que criar um sinal na cultura da Internet, pela qual efetivamente se possa definir um padrão de qualidade, ou atravessar o *site* com a presença do Ministério da Cultura, com a sua força e com a sua criatividade, me parece muito importante neste momento. O Brasil, atualmente, é o terceiro país em expansão em Internet dentro da chamada cultura letrada. Só perdemos para a Nova Zelândia e para um país que hoje está sendo o estouro da latinidade, que é essa extraordinária Espanha do Ministro Zapatero.

O que quero salientar, dentro disto, ministro, é que entre na cultura e no espaço da Internet, defina sinais, coloque com efeito de demonstração o seu *site*, que não está fazendo isto, ministro. O *site*, dentro da cultura brasileira, através desse Ministério, é o elemento fundamental para a cultura do desempenho. Acho que isso pode ser feito criativamente, e a sua virtude pode ser exponencial nessa matéria.

Cultura popular, sim. Daqui a mais algum tempo a cultura universitária vai ser mais uma cultura, mas evidentemente a cultura que está aqui nascendo, para aquilo que seja manifestação de um sentido e de uma identidade, esta está nascendo clandestinamente no Brasil. O senhor vai ser culpado por isto, historicamente. Digo isto pelo seguinte: há um momento para se fazer, e há uma completa insensibilidade do Ministério da Cultura do Brasil à intervenção dentro da política do *site* e da conversação. Sei que o Ministro Gilberto Gil vai poder fazer isto, de maneira criativa, e os frutos serão vertiginosos na sua paga. Trago-lhe a preocupação de um admirador compulsivo e contumaz.

ACADÊMICO ARNALDO NISKIER

Com sua permissão, ministro, para uma pequena fala, para dizer o seguinte: existe hoje, no Brasil, o Conselho de Comunicação Social do Congresso Nacional. Ele é eleito, existem treze pessoas que todo mês se reúnem, às vezes duas vezes por mês, para tratar exatamente de problemas como os que foram referidos aqui pelo meu querido Acadêmico Candido Mendes.

A responsabilidade legal de tudo que foi cobrado de V. Ex.^a é muito claramente do Ministério das Comunicações, com quem nós temos nos reunido. Digo nós porque o Presidente deste Conselho de Comunicação Social, eleito, sou eu. Então devo conhecer razoavelmente o que estou falando. É o Ministério das Comunicações quem está cuidando desse problema de conteúdo na televisão, com um adendo, com o qual conluo, já com vistas à televisão digital, que vem vindo aí, por uma decisão muito rápida que será tomada pelo dentro de trinta dias pelo governo federal. Então, só quero atenuar a sua resposta dizendo este esclarecimento, que eu me sentiria muito mal de não fazê-lo, tendo em vista o trabalho que está sendo desenvolvido e a responsabilidade, que é do Ministério das Comunicações. Entendo a aflição do meu confrade Candido Mendes...

ACADÊMICO CANDIDO MENDES

A sua preocupação é mais que louvável, mas este é um problema de cultura...

ACADÊMICO ARNALDO NISKIER

Só estou esclarecendo. Muito obrigado.

PRESIDENTE MARCOS VINÍCIOS VILAÇA

Peço que ouçamos, sobre o mesmo assunto, uma observação brevíssima, segundo me assegurou, do Acadêmico Cícero Sandroni. Em seguida, darei a palavra ao Ministro Gilberto Gil, indagando se prefere responder a cada um dos acadêmicos, ou em conjunto, porque em seguida já se inscreveram para abordar aspectos da sua conferência os Acadêmicos Eduardo Portella e Sergio Paulo Rouanet.

ACADÊMICO CÍCERO SANDRONI

Senhor Presidente, senhor ministro. Não é exatamente sobre este assunto, mas sim sobre a primeira parte da palavra do Acadêmico Candido Mendes, sobre o futebol. Nós, na Academia Brasileira de Letras, estamos empenhados, ao contrário do que quer o Acadêmico Candido Mendes, em incentivar isso. Tanto assim que vamos começar um ciclo de futebol e literatura, vamos realmente criar aí um pouco mais de ânimo na torcida brasileira. Quanto à catástrofe, já passamos pela catástrofe de 1950, e nenhuma outra vai nos abalar.

MINISTRO GILBERTO GIL

Vou falar um pouco agora porque, na questão dos posicionamentos do querido Candido Mendes e do querido Arnaldo Niskier, eu me posicionaria nem tanto ao mar nem tanto à terra, ficaria numa posição intermediária. Tenho a impressão, sim, que o Ministério das Comunicações ou mesmo qualquer colegiado que exista, como o Conselho Federal de Comunicação, a que se referiu Arnaldo Niskier, tem atribuições no sentido de tratar de questões de conteúdo também, mas sem dúvida alguma o Ministério da Cultura tem e vem reivindicando cada vez mais responsabilidades sobre essa questão.

Na discussão sobre televisão digital, a implantação de um novo modelo de exploração de televisão digital, insistentemente reivindicamos, e a nossa insistência acabou prosperando no sentido de convencer o governo a assumir responsabilidades mais amplas com essa relação. O governo acabou criando um grupo Interministerial, que vai tratar não só das questões que já estão pautadas de forma muito ampla, publicamente, como as questões técnicas do sistema que vai ser adotado pelo Brasil, mas as questões seguintes, ou concomitantes ao processo de implantação tecnológica, que são as questões do arranjo regulatório e da política de conteúdos que tem que haver, para que se consubstancie de fato a implantação de um novo modelo de exploração da televisão, com inúmeras novas possibilidades no País.

O Ministério da Cultura tem, sim, Acadêmico Candido Mendes, uma responsabilidade sobre essas questões, não só no que diz respeito à televisão, mas, como bem enfatizou o senhor, também nos outros meios: na televisão, na internet, na telefonia celular, que já começa agora a competir fortemente com a televisão e com os outros meios. Esta é, sim, uma preocupação do Ministério da Cultura, não isolada, mas uma participação que interpreta um conjunto de preocupações que está localizado em vários setores da sociedade brasileira: na área da própria produção cultural, como em outras tantas áreas: na área dos negócios internacionais de comunicação, etc., etc.

Eu queria dizer também que, do ponto de vista do futebol, tivemos uma preocupação de dar, através do Ministério da Cultura, certa complementaridade à dimensão reconhecidamente cultural e importante do futebol, mas não suficiente, digamos assim, criando o que nós chamamos o Programa de Copa da Cultura, que é um programa que visa aproveitar o momento da Copa no Mundo para criar uma programação variada, em vários setores culturais, que vão para além das artes, enfim, todas as artes envolvidas – a literatura, o cinema, a música, o design – e, além disso, as relações propriamente comerciais e científico-tecnológicas entre a Alemanha e o Brasil, criando espaços para uma série de exposições, de exhibições, encontros, seminários, simpósios, etc. do Brasil na Alemanha antes, durante e depois da Copa, e da Alemanha no Brasil também nesse período.

Ainda hoje, pela manhã, junto com o Ministro das Relações Exteriores da Alemanha, inauguramos no espaço do Centro Cultural Banco do Brasil uma belíssima exposição com artistas argentinos, brasileiros, alemães, sobre as relações entre as linguagens das artes plásticas, o futebol e os esportes de um modo geral. Mas esse programa não se atém às relações diretas entre manifestações culturais e futebol. São espaços concedidos ao conjunto das manifestações culturais, tenham elas relação ou não com o futebol. Vamos ter, na Alemanha, eventos de literatura, música de concerto e de música popular, teatro, cinema, eventos que vão reunir experts interessados na discussão do aprofundamento das relações do Brasil com a Alemanha em várias outras áreas, envolvendo dimensões do comércio, da produção industrial, etc. Esta é uma preocupação que o Ministério teve de dar certa complementaridade a essa presença do futebol e, de certa maneira, nos aliviar um pouco da possível, não diria não provável, decepção de sermos derrotados nesta Copa do Mundo.

PRESIDENTE MARCOS VINÍCIOS VILAÇA

Com a palavra o Acadêmico Eduardo Portella.

ACADÊMICO EDUARDO PORTELLA

Senhor Presidente, senhor Ministro Gilberto Gil, seu secretário-executivo Sr. Juca Ferreira, que também é uma pilastra sólida do Ministério da Cultura.

Quanto à questão da diversidade, me parece que o ministro tem uma posição muito clara, muito nítida. Ainda agora, em Paris, por ocasião da Conferência Geral da UNESCO que comemorou os 60 anos daquela instituição, quando fui designado pelo Presidente Lula para ser delegado dessa reunião, pude assistir de perto, testemunhar o esforço admirável que ele fez para votar a Resolução da Diversidade Cultural.

Realmente, se há um país com uma cultura em condições de fazer a defesa da diversidade, é o Brasil. O que caracteriza a identidade do Brasil, e o ministro coloca muito bem, é a diversidade. Não há diversidade e identidade como coisas separadas; pelo contrário, há o intercâmbio íntimo, uma troca

simbólica permanente entre a diversidade e a identidade. Ele representou muito bem o Brasil porque fez a defesa conforme à cultura brasileira.

A outra questão é a cultura do nosso tempo. Pela primeira vez na história recente, a cultura do nosso tempo é uma cultura simultânea, não é uma cultura sucessiva. Então, os diferentes compartimentos dessa cultura, ou segmentos dessa cultura, se entrelaçam. Há uma cultura ilustrada; nós seríamos o último reduto *bunker* da cultura ilustrada, se não fizéssemos esse esforço permanente de recompreensão e de rediscussão permanente do Brasil e da sua cultura. Mas, felizmente, as pessoas que aqui se encontram são pessoas com abertura de espírito tal, que são capazes de votar num cineasta porque sabem que o cineasta é um escritor com a câmera na mão. Outros escreviam com a caneta, outros com a máquina de escrever, Nelson Pereira dos Santos escreve com a câmera. Mas há um discurso literário no cinema dele, tanto que ele se aproveita de grandes obras da literatura brasileira.

Quanto à questão do futebol, eu lhe confesso que, apesar de ser um fanático pelo futebol, recuso a monocultura do futebol, como recusei no passado a monocultura do açúcar e a monocultura do café. Acho que chegou a hora de termos uma cultura um pouco mais aberta para outras dimensões do fazer e da criação nacionais.

Isso me leva a fazer uma única pergunta ao Ministro Gil. Sei dos padecimentos das estruturas públicas do Brasil, sobretudo em áreas como educação, ciência e cultura, essas áreas que dependem do trabalhador do espírito e que dependem da boa aplicação do capital simbólico. Nessas áreas o nível de exigência técnica é maior. Sei, como acabou de dizer o meu amigo Arnaldo Niskier, que foi escolhido para Presidente da Fundação Biblioteca Nacional, uma casa que conheço um pouco, um excelente profissional. Este é um homem simultâneo. Ele fez comigo, há uns vinte anos, na nossa Faculdade de Letras, uma tese pioneira sobre a Teoria da Literatura de Massa. Ali já se antecipam algumas pontes possíveis para evitar o choque entre as diferentes culturas. Se o tempo é simultâneo, o normal é que haja uma integração, e não essa luta sem quartel para estabelecer fronteiras totalmente insuperáveis. Ao contrário: uma das marcas da ação cultural é ultrapassar fronteiras, transformar fronteiras em pontes.

No caso da Biblioteca Nacional, se escolheu um homem com um perfil aberto, que conhece a cultura ilustrada, conhece a cultura eletrônica, que ele ensina na Escola de Comunicação da UFRJ, e conhece a cultura popular. A cultura popular normalmente se divide em duas: ou ela tem autoria, e é a cultura popular que consumimos com grande agrado e grande entusiasmo, ou é a cultura folclórica, a cultura sem autoria. Ele conhece todas essas dimensões. Então eu pergunto: na seleção dos quadros, ministro (sei que a seleção de quadros é um aperfeiçoamento permanente, não é coisa que se faça em vinte e quatro horas, sei também que se cruzam interesses diversos e que nem sempre a gente pode fazer a escolha ideal), está havendo uma preocupação no sentido de escolher pessoas que sejam plurais para dar conta de tarefas plurais? Porque se a pessoa é monoteísta na administração, raramente ela é capaz de cobrir um espectro tão amplo. Quando me refiro a isso, refiro-me ao cinema, onde sei que tem um bom secretário, que é o Orlando Sena, e poderia me referir a outros. Mas esta, suponho, é uma preocupação básica do administrador cultural no Brasil de hoje. No mais, é reiterar a satisfação de poder encontrá-lo aqui, em poder rever aquele mesmo entusiasmo parisiense. Pude assistir a como ele é querido em Paris, como era aplaudido. Retirei-me um pouco mais, fiquei quase na posição de tiete, e me juntei àquele público que o aplaudia, e pensei comigo mesmo: se fôssemos pagar essa publicidade, quanto custaria, para essa projeção da imagem do Brasil? Obrigado, Ministro Gilberto Gil.

MINISTRO GILBERTO GIL

Amigo Portella, deixe-me dizer que o esforço nosso no Ministério é no sentido de que as escolhas, as ocupações das funções se dêem da forma mais criteriosa, no sentido da contemplação dos critérios os mais justos possíveis, com relação à substância, à capacidade, à adequação de forma e conteúdo, de espaço e tempo. Os colaboradores que temos procurado indicar e nomear para o Ministério têm sido na medida do possível, aqueles mais adequados, como o senhor mesma acaba de dar o exemplo do novo presidente da Biblioteca Nacional, onde depois de um período tivemos a substituição do presidente por um intelectual polissêmico, adequado, portanto, ao enfrenta-

mento dos desafios de uma instituição do porte da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, com incumbências e tarefas tão imensas e tão variadas que ela tem, com a necessidade de contemplar os aspectos da contemporaneidade de forma séria e decisiva como é necessário.

Em outras áreas também, como no caso já citado do setor de audiovisual, onde estamos desenvolvendo, a partir da liderança do Orlando Sena, uma política vigorosa no sentido de atualização da agenda pública, com relação à extraordinária dinâmica, ao extraordinário processo de modificações, de variações diárias que surgem nesse campo, tanto no sentido interno quanto no sentido das relações do Brasil com o exterior, nas possibilidades de escoamento da nossa produção do ponto de vista propriamente internacional, das políticas de exportação, das políticas de conteúdo, a contemplação dos vários Brasis com os programas extraordinários que estamos fazendo na política de audiovisuais.

Com relação à política do livro e da leitura, por exemplo, tenho a impressão que esta minha vinda à Academia hoje tenha sido um despertar a todos de certa sonolência que existe neste campo, ainda que algumas coisas importantes tivessem sido conquistadas, mas não bem complementadas por uma ação do Ministério Público, que viesse trabalhar as responsabilidades maiores do setor. Tivemos um processo de desoneração da cadeia produtiva do livro, que deveria e deverá ainda, temos a responsabilidade de fazer com que venha a desembocar no preço do livro lá na livraria, no consumo do livro no Brasil. Tivemos uma articulação importante com o sistema ibero-americano, com as várias entidades que formam o sistema ibero-americano, com a Organização dos Estados Americanos, temos assento no Conselho em Washington, para onde temos levado propostas interessantes na questão da política do livro e da leitura no Brasil.

Neste sentido, o papel desta Casa é um papel extraordinariamente importante, que venha subsidiar a nossa visão, a nossa avaliação de como conceber e implementar políticas públicas de livro e leitura no país, que vão desde a monitoração do nosso trabalho de construção e instalação de novas bibliotecas pelo Brasil afora até os repertórios, os acervos, os conjuntos livrescos com que temos que dotar essas bibliotecas. Todas essas questões passam necessariamente pela monitoração, pelo trabalho compartilhado, pela parceria com esta Casa.

Eu queria tocar também, ainda me referindo às observações feitas pelo Acadêmico Candido Mendes, a questão da internet, essa extraordinária ferramenta que é, ao mesmo tempo, ferramenta e linguagem. Entre outras questões procuramos, no próprio Ministério da Cultura, criar um programa que fosse na linha da complementação de outras iniciativas que já existem, tanto no governo como em outras áreas, de dotar a população brasileira de instrumentos de acesso, de capacidade de acesso à internet. Criamos os pontos de cultura, e já são mais de quatrocentos deles instalados no Brasil, e deveremos chegar a pelo menos seiscentos deles até o final do nosso mandato. Há várias políticas, primeiro de reconhecimento da própria ação cultural de cada um desses pontos, das iniciativas culturais variadas, que vão desde tribos indígenas, passando por quilombos, passando por universidades, passando por escolas, centros artísticos, teatrais, de todo o tipo. Uma das ferramentas que procuramos decisivamente dar a eles foi o acesso à internet, através de antenas que são fornecidas pelo Ministério das Comunicações, quando necessário, ou através de ligações em redes urbanas já existentes, que possibilitam acesso à internet banda larga. Estamos dotando esses centros todos com ferramentas de acesso à internet banda larga, com possibilidade de *download*, de *up load*, de mandar e trazer conteúdos audiovisuais, literários, de todo tipo, de todas as naturezas, que vão dar a essas áreas da sociedade essa capacidade de trânsito rápido, de tráfego, de encontro, de linguagem, de constituição de rede, de trocas que vão desde as trocas simbólicas até as trocas propriamente materiais e comerciais, quando a gente coloca um ponto lá na ilha de Marajó ligado a uma comunidade indígena, que produz artesanato e que tradicionalmente vende esse artesanato por preços aviltados a repassadores dos grandes centros de Rio e São Paulo, que podem aí agregar um valor econômico extraordinário a esses artesanatos e vendê-los para o próprio Brasil e para o exterior. Com essa possibilidade via internet, os próprios artesãos vão se munir de ferramentas de comercialização direta com centros urbanos do Sul ou mesmo com o exterior, vão poder se constituir e formalizar esse comércio.

Ainda outro dia estive num desses pontos na periferia de Brasília, um ponto de cultura instalado numa comunidade de catadores de lixo, que se reuniram há cerca de dez anos como catadores de lixo, inicialmente preocupados com a complementação de renda ou com a obtenção da mínima renda

necessária. Eram desempregados de outras atividades que tiveram que recorrer à cata do lixo para estabelecer um mínimo padrão de renda nas suas vidas. Nesses dez anos eles foram agregando vários programas de políticas públicas, do governo local, do governo federal, foram se articulando com organizações não-governamentais estrangeiras, dos Estados Unidos e de outros países, e foram criando possibilidades de consolidação do seu trabalho, criando alternativas para a sua atividade, qualificando o material catado no lixo, absorvendo tecnologias que possibilitam que reciclem o lixo catado de várias formas, criando linhas de produção de tecidos, de vestimentas, etc., e estão fazendo hoje um comércio extraordinário com os Estados Unidos, estão estendendo sua produção à Europa e estão absorvendo atividades culturais. Abrigam hoje uma série de atividades culturais ligadas àquela população, em geral de origem nordestina, que habita os arredores de Brasília, possibilitando manifestações que vão do mamulengo à música de forró, atividades pedagógicas e de capacitação em vários campos artísticos, teatro, etc. O Ministério da Cultura está apoiando esse ponto de cultura com subsídios, com recursos na área da informática, da interconexão via internet.

Ainda há poucos dias nos reunimos em vários desses pontos em São Paulo, onde há centenas de pontos de cultura já conectados em rede, via internet, trabalhando suas próprias demandas, suas próprias linguagens, sendo capazes de produzir e consumirem, entre eles próprios, e ainda, como excedente, despejarem uma produção simbólica importante no conjunto cultural brasileiro.

Enfim, não há exatamente, como o Senhor disse, uma ignorância total da questão. Estamos, sim, tomando conta e cuidando da internet.

PRESIDENTE MARCOS VINÍCIOS VILAÇA

Com a palavra o Acadêmico Sergio Rouanet.

ACADÊMICO SERGIO PAULO ROUANET

Senhor Presidente, é um prazer enorme ver aqui o Ministro Gilberto Gil, visitando a Academia Brasileira de Letras. Para mim esta visita tem uma significação pessoal muito grande. Num encontro que tivemos há algum tempo,

em Brasília, recordei-lhe algo que talvez ele tivesse esquecido, que a primeira vez em que tivemos oportunidade de conversar um pouco mais de perto foi numa instituição extremamente subversiva, em Genebra, chamada *Foed Onox*, onde ele e o Caetano Veloso estiveram convidados. Lembro-me de que, depois do show oficial, que incluiu evidentemente, Arnaldo Niskier, “Aquele abraço”, para grande entusiasmo, eu diria, quase delírio coletivo dos estudantes e exilados políticos, entre os quais alguns brasileiros. Eu próprio fiquei lá até de madrugada e quando estava começando a alvorecer o dia, naquela manhã fria de Genebra, depois de eu ter me exibido muito diante de você e do Caetano, você se virou para mim e disse: “Rouanet, vou ser muito franco, você sem nenhum favor é a pessoa mais desafinada que eu jamais encontrei na minha vida.”

Lembro-me também de outra ocasião, eu era cônsul-geral do Brasil em Genebra, levei minha filha adolescente para ver um show que você e o Caetano estavam fazendo lá. Devo dizer que a minha filha, como costumam ser os adolescentes hoje em dia, era extremamente irreverente, extremamente desrespeitosa com relação aos méritos e as glórias do seu pai; eu tinha sido embaixador — isto não era considerado uma coisa muito importante; membro da Academia Brasileira de Letras — isto não era uma coisa muito importante; tinha escrito livros — mas quem não escreve livros hoje em dia? Então, só consegui realmente encontrar um respeito absoluto, quase reverencial por parte da minha filha adolescente, quando a levei nesse show em que você e o Caetano estavam. E quando ela notou a intimidade afetuosa com que fui acolhido no momento em que apareci lá no camarim, pela primeira vez notei nos olhos da minha filha certo respeito: “Agora, sim, estou convencida de que meu pai vale alguma coisa!” Então, foi esse reconhecimento extraordinário para o qual você contribuiu, inclusive, para melhor minhas relações familiares.

Provavelmente as pessoas esperariam que nesta intervenção — agora vou me dirigir à parte um pouco menos frívola da minha intervenção — eu me dirigisse à lei que leva o meu nome. Mas você na verdade explicou tão bem, que eu pouco teria a acrescentar ao que foi dito. Você sabe as circunstâncias em que a Lei Rouanet foi feita, num momento em que a cultura brasileira estava sendo desmantelada. Tentei fazer o que fosse possível fazer. A Lei Sarney, que era uma boa lei, tinha sido revogada, e eu tentei fazer algo que

pudesse, de alguma maneira, recolocar em posição vertical aquela cultura brasileira que tinha sido desmantelada. Pareceu-me válido fazer uma lei da cultura que, a meu ver, representa sim um progresso com relação à legislação anterior: a criação da Comissão Nacional de Incentivo à Cultura, que foi mencionada aqui; criou um órgão que permitia ouvir todos os segmentos da cultura brasileira: literatura, cinema, teatro, então isto criou um mecanismo de escuta muito importante para que o governo pudesse escutar as demandas, as reivindicações da sociedade em matéria de política cultural; criou uma coisa que não havia antes – aliás, eu gostaria de perguntar aqui como está se desenvolvendo a outra perna desse tripé que é a Lei de Cultura, o Fundo Nacional de Cultura, inexistente antes, no tempo da Lei Sarney, mas que era um instrumento importante para promover a desconcentração regional do Brasil. Na época, o Fundo Nacional de Cultura foi visto como um dispositivo que permitia gerar dinheiro vivo, que pudesse ser posto à disposição das unidades da Federação, fora do eixo Rio-São Paulo, que pudessem se beneficiar da lei. Então, gostaria de perguntar como anda a aplicação da Lei de Cultura?

Também uma pergunta que eu gostaria de fazer é com relação à idéia de se fazer uma câmara setorial para o livro, outra para a música, outra para as artes plásticas, outra para as artes cênicas, etc. e tentar juntar – e isto só consegui fazer para o livro – na mesma comissão representantes da indústria do papel, representantes da indústria da tinta, e editoras e livrarias, para tentar entender a razão desse fenômeno aparentemente incompreensível que fazia com que o livro brasileiro estivesse entre os mais caros do mundo. Pareceu-me que esse instrumento, que chamei “economia política do livro”, poderia se realizar através de câmaras setoriais nas diferentes áreas da cultura, poderia ser um instrumento apto para se entender os problemas de cada uma dessas áreas, e tentar criar uma política capaz de baratear e tornar mais acessível a cultura.

Você se referiu à desoneração do livro. Isso me parece uma coisa extremamente importante. Lembro-me de que estava conversando com a D. Vana, proprietária da Livraria Leonardo da Vinci, quando ela anunciou essa medida que ia baratear o livro brasileiro. Então ela que – como sabemos nós aqui – trabalha basicamente com a importação de livros estrangeiros, me perguntou se eu não poderia usar da influência que eventualmente pudesse ter junto ao governo federal para tentar obter que essa medida de desoneração fiscal atin-

gisse também o livro importado. Ela considerava isso fundamental. Hoje em dia o problema do livro importado, devido ao barateamento da moeda estrangeira, está menos urgente, mas ainda assim comprar um livro em francês, um livro em inglês, é extremamente caro. Então, a minha pergunta é se estaria em cogitação a idéia de estender ao livro estrangeiro a política e generosidade fiscal que está sendo adotada com relação ao livro brasileiro? Gostaria se possível, que você se referisse a esses pontos específicos, e gostaria ainda de dizer uma coisa, que às vezes me incomoda muito.

Às vezes ouço algumas pessoas dizerem que a política cultural brasileira deveria enfatizar mais a dimensão nacional; outras, a dimensão internacional, e fazem uma dicotomia que me parece simplificadora entre a cultura popular e a cultura de elite. Você disse tão bem isso, transmitiu de maneira tão clara a sua visão, a visão do Ministério que você dirige, quanto à superficialidade dessas dicotomizações. Não existe, na verdade, diferença entre cultura popular e cultura de elite. Em grande parte, às vezes, tudo tem a ver com o preço dos ingressos, por exemplo. Uma ópera difundida de graça no Theatro Municipal é cultura popular; um show no Canecão que custa caríssimo é cultura erudita. Então, em grande parte essa dicotomia tem a ver com o preço do ingresso. Há uma porosidade, uma facilidade de circulação enorme entre a cultura nacional e a cultura universal. Não haveria, por exemplo, Bossa Nova se alguém tivesse tido, nos anos 50 ou 60, a idéia infeliz de impedir a divulgação do jazz americano no Brasil. Não teria havido o Cinema Novo se alguém tivesse tido a idéia de reter na alfândega os *Cahiers de Cinéma*, por exemplo, ou se não tivesse chegado ao Brasil a *Nouvelle Vague*. Portanto, essa dicotomização entre nacional e internacional é uma coisa completamente empobrecedora. O mesmo acontece na dicotomização entre cultura popular e cultura erudita. Villa-Lobos é cultura erudita, sim, mas a sua música foi construída em grande parte graças a melodias populares; inversamente, assisti na Paraíba a uma orquestra chamada Orquestra Sanfônica [*sic*], executando com notável precisão a Quinta Sinfonia de Beethoven. A Quinta Sinfonia passou a ser cultura brasileira, a Quinta Sinfonia passou a ser cultura popular. Fiquei muito feliz, e é importante que isto seja dito, e deixar claro que na sua visão, na visão do MinC, não existe a dicotomização, existe uma porosidade entre a cultura nacional e a cultura mundial – afinal, é preciso não esquecer que

Oswald de Andrade disse que o objetivo da política cultural brasileira é transformar a cultura brasileira em cultura de exportação. Portanto, a dimensão do mundo, tanto do lado da importação quanto do lado da exportação, é indispensável, e é importante que exista uma porosidade também entre cultura popular e cultura erudita para que não caiamos no equívoco de fazer uma nova guetificação da população carente brasileira, que é guetificada no sentido de que ela foi excluída da participação no *main stream* da economia nacional, e seria um erro grave guetificá-la também no sentido de negar-lhe acesso à cultura mundial, de negar-lhe acesso à cultura erudita.

MINISTRO GILBERTO GIL

Meu querido colega, ex-ministro da Cultura. Eu diria que, apesar das dificuldades, no sentido de nos livrarmos desses dogmas, num extremo e no outro deles, no Ministério, com relação a essas dicotomias, temos feito um esforço – as suas observações mostram bem que o senhor vem acompanhando esse esforço que temos feito – no sentido de nos livrarmos dessas amarras e estabelecermos, para as nossas políticas públicas, uma circulação livre entre todos esses territórios, na articulação entre eles e na imbricação entre as várias linguagens, de resto impulsionados que somos, obrigados que somos pela própria dinâmica da vida cultural na sociedade brasileira, nas sociedades do mundo e nas inter-relações entre essas sociedades todas.

Esse esforço vem sendo feito. Temos no Ministério uma série de colaboradores, todos imbuídos dessa visão pluralista, dessa visão mais eclética, mais holística da vida cultural, dos processos e das formas de intervenção adequadas, importantes e recomendáveis, do Poder Público nesse processo. Tenho a impressão que quanto a isso temos um entendimento comum: é assim, é dessa maneira que o Ministério da Cultura de hoje vê e interpreta o fenômeno cultural. Lembro bem a última vez em que nos reunimos para comemorar os vinte anos do Ministério da Cultura, em que nossos colegas todos se reuniram em Brasília. Falávamos da interpretação a ser dada ao fenômeno da multiculturalidade e da interculturalidade, adequações interpretativas que precisam ser feitas desse fenômeno, especialmente num país como o Brasil. Lembro-me das observações importantíssimas que Rouanet nos fazia naquele

momento. Enfim, acho que temos um entendimento comum a respeito de para onde deve ir, como deve atuar, como devem ser vistas as políticas públicas, na sua concepção e na sua execução.

Com relação ao livro e à desoneração da cadeia produtiva do livro, que tivemos a oportunidade de propor e conseguir que fosse concedida pelo Ministério da Fazenda, apesar de considerar uma vitória, sem dúvida, um êxito pelo menos inicialmente, uma primeira intervenção nessa questão, marcante, histórica, importante, reconhecida como tal pela própria comunidade do livro, nos vários elos de sua cadeia, apesar disso não nos munimos naquele momento – e é uma confissão pública que eu faço, e devemos nos penitenciar disso, devemos providenciar a correção dessa questão – de um mecanismo de instrução do Ministério Público, de ajustes de condutas que induzissem de uma forma mais direta a cadeia produtiva, nos seus vários elos, a beneficiarem o barateamento, a diminuição do preço lá na ponta do livro.

Temos tentado acompanhar o desempenho da cadeia produtiva com o novo ajuste, com a desoneração, e temos percebido que o repasse dos benefícios ao preço final ainda não está sendo feito na medida do que deveria ser feito. Portanto, temos que encontrar um mecanismo de ajuste de conduta nos vários elos, no sentido de que eles pactuem de uma forma muito clara, muito nítida e muito objetiva, esse barateamento do livro, que na verdade é o objetivo final dessa desoneração.

Quanto às Câmaras Setoriais, finalmente conseguimos instalar. Há um ano, pelo menos, várias delas estão instaladas e estão funcionando: a Câmara Setorial da Música, que trabalha com os vários segmentos: música clássica, erudita, popular, instrumental, enfim, todas essas categorias, que constituem um universo cambiante, estão todas contempladas, todos os seus representantes têm assento amplo, franqueado em todo o território nacional: temos empresários, difusores, compositores, artistas, produtores. Para o teatro e as artes cênicas também temos uma cadeia: dança, teatro, circo. Para o livro e leitura, temos uma Câmara Setorial. Está sendo criada agora a Câmara Setorial do Cinema, englobando fotografia, cinema, artes visuais. Então, o sonho das Câmaras Setoriais está em andamento, está sendo sonhado vivamente.

Eu gostaria de pedir vossa deferência no sentido de que eu possa passar a palavra a Juca Ferreira, nosso secretário executivo, que se debruçou recentemente, com a equipe toda do Ministério da Cultura, na elaboração do decreto de modificação na lei de incentivo fiscal e no conjunto dos vários instrumentos previstos na Lei Rouanet, sendo um deles o Fundo Nacional de Cultura. Eu gostaria, portanto, que o Juca falasse sobre o Fundo Nacional de Cultura hoje.

SECRETÁRIO JUCA FERREIRA

Boa-noite a todos e a todas. É um prazer estar aqui, e um orgulho também, acompanhando o Ministro Gilberto Gil nesta visita.

O Fundo Nacional de Cultura, como nós o encontramos, padece de um problema grave, que distorce completamente sua função. Desde a adoção do superávit fiscal, o Fundo é uma espécie de cofrinho. Toda vez em que se precisa pagar uma dívida, o Ministério da Fazenda vai lá e retira aleatoriamente, sem nenhuma necessidade de previsão. Então toda a estruturação de um Fundo para financiar as atividades culturais fica à mercê das variações dessas necessidades, que são sempre enormes. A gente acha até que o Ministério da Cultura deveria ser poupado, porque o nosso Fundo é tão pequeno que não contribui decisivamente para as funções que o superávit primário prevê, então poderia ser poupado.

Na verdade, isto é devastador porque nunca temos o que deveríamos ter. Vou dar um exemplo concreto do impacto disso. Temos direito a um percentual de todas as extrações lotéricas do país. Se o tivéssemos recebido, seria bom, mas não o recebemos porque há uma ginástica contábil que faz com que aparentemente esse dinheiro é depositado no Fundo, mas na verdade nunca é depositado ali, porque é canalizado para o cofre central do Ministério da Fazenda, que deve ao Ministério da Cultura um financiamento, a essa altura, de quase 2 bilhões de reais, só do item de 3% da arrecadação que se destinam ao Fundo Nacional da Cultura. Mas não o reconhecem. Conseguimos provar, numa reunião técnica interna com o Ministério da Fazenda, cujos técnicos disseram o seguinte: se no futuro for permitido criar algum mecanismo para vocês receberem esse dinheiro, sem ficar disponível para criar o superávit, vocês terão que renunciar a esse passivo já constituído.

Então, estamos tentando com o Ministério da Fazenda proteger o Fundo Nacional de Cultura dessa permanente disponibilização dos recursos – passou na minha cabeça, mas não quis dizer pilhagem, porque não fica bem esse grau de sinceridade pública... [ACADÊMICO SERGIO PAULO ROUANET: Não é um decreto que está sendo descumprido, é uma lei que está sendo violada.] Sim, é uma lei que está sendo violada. O sentimento nosso é este. Isto faz com que a gente não tenha recursos para garantir a segurança dos museus, para proteger o Patrimônio, para investir nas diversas linguagens. É devastador. O Fundo Nacional de Cultura, entre todos os mecanismos de financiamento, é o mais frágil. Nós estamos querendo agora criar alguns mecanismos que possibilitem que uma parte do Fundo fique não-contingenciável. Está difícil porque o Ministério da Fazenda não aceita diálogo. Eles o chamam “receita vinculada”. Queremos mecanismos que definam: esse dinheiro não é do Fundo, esse dinheiro destina-se à preservação e segurança de museus, esse dinheiro... mas o Ministério da Fazenda não aceita essa divisão de percentuais. Então, estamos buscando uma saída técnica, há uma boa vontade. O Ministro Mantega, depois que passou pelo BNDES, se tornou um grande aliado da Cultura, ele compreende que o que se faz na área da cultura não é despesa, é investimento. De todo modo, de todos os instrumentos o Fundo Nacional de Cultura é o que menos funciona, porque não temos a liberdade de fazer um manejo desse Fundo de maneira saudável, que possibilite que os recursos cheguem à sua finalidade. Aliás, nem temos garantia da permanência dos recursos. Por exemplo, o Orçamento da União acabou de ser provado. Já é hoje manchete nos jornais que se contingenciará 20 bilhões. O corte é linear: vamos pagar um tributo, uma parte do percentual de 0,6% do Ministério da Cultura. Os técnicos do Ministério da Fazenda dizem que a faca deles “é cega”. De brincadeira a gente diz: “a faca é bem amolada; quem é cego é quem maneja a faca”, porque são incapazes de perceber que teriam que fazer certas avaliações qualitativas e seletivas. Na hora do Fundo Nacional de Cultura, não haveria possibilidade de ter um corte no percentual, porque nossos recursos são tão pequenos e as demandas culturais do Brasil são tão grandes.

Estamos fazendo um estudo no Ministério da Cultura, que está incompleto ainda por isso ainda não se divulga, que mostra que se fôssemos fazer a aloca-

ção de recursos orçamentários com a natureza de fundo perdido, satisfatoriamente, para a cultura brasileira, teríamos em torno de R\$ 3.500.000.000,00. Isto é só o que representa de dinheiro a fundo perdido. Evidentemente o País não teria condições de fazer isso. Os recursos hoje, depois dessa luta enorme do Ministro Gil, são de pouco mais de R\$ 600.000.000,00, o que é muito pouco para satisfazer as demandas e necessidades da área cultural. O Fundo Nacional de Cultura é a área menos desenvolvida no Ministério, porque é um tabu da área econômica, e todos sabemos que estamos vivendo num período da ditadura da área econômica, em todos os governos do mundo; houve uma hierarquização, e todos os aspectos de políticas públicas e até aspectos civilizatórios básicos estão condicionados à variação do humor da economia. Menos Educação e Saúde, que conseguiram o percentual fixo, inquestionável. Mesmo assim, há um projeto de lei tentando retirar um pouco desses percentuais. O Ministério da Cultura não tem essa blindagem, então o Fundo, que é um grande instrumento criado para garantir a qualidade da gestão pública, inclusive a capacidade de planejamento, infelizmente não funciona. Se você sabe o que você tem durante o ano, tem possibilidade de atuar de uma forma mais profissionalizada. Mas a gente não sabe. Um percentual grande é liberado depois de 25 de dezembro, e a gente só pode gastar até 31 de dezembro, o que vulnerabiliza excessivamente a qualidade do gasto.

O Ministério da Cultura, sob a gestão do Ministro Gil, hoje é o único Ministério que tem excelência de execução orçamentária, ou seja: não só conseguimos gastar tudo o que nos é repassado, como gastar dentro de todos os padrões que a lei brasileira exige, a qual todo mundo sabe que é bem complexa e exige muito esforço para que seja cumprida na íntegra. Mas mesmo assim, isso não significa muito. Ficamos vaidosos disso. O único Ministério que tem a marca cromática verde no Ministério do Planejamento é o Ministério da Cultura. Conseguimos gastar mais de 99% do que nos é dado, e dentro de todos os padrões legais. Mas é muito pouco, porque o Orçamento é pequeno e parte dele é contingenciado. Além de tudo, ficamos vulneráveis ao tira-bota, tira-bota, assim não conseguimos garantir o planejamento feito. Então, todo o esforço que se faz em planejamento, e dentro dessa perspectiva que já encontramos no Ministério, que vem da época em que Rouanet foi ministro, não conseguimos realizar plenamente.

MINISTRO GILBERTO GIL

O Ministério da Fazenda, de todo modo, é preciso reconhecer, vem tentando abrir possibilidades alternativas, de contorno, a essa rigidez que eles próprios estabeleceram e da qual se tornaram escravos, de certa maneira. Agora, por exemplo, estamos criando, como já havia sido criado para o Ministério da Ciência e Tecnologia, pelo menos um fundo inicial, um sub-fundo dentro do Fundo, através de um mecanismo legitimado pelas práticas atuais do Ministério da Fazenda, que leva a uma blindagem parcial dos recursos para determinadas áreas. Então, talvez seja essa, daqui para frente, uma das técnicas de gestão a serem adotadas, ou seja, a subdivisão do Fundo Nacional de Cultura em minifundos, fundos específicos para determinados setores, que permitem, através das práticas adotadas hoje pelo Ministério da Fazenda, que sejam blindados, que tenham seus recursos propriamente destinados e garantidos para aqueles setores, para aquelas áreas. É um benefício que estou dando ao Ministério da Fazenda.

PRESIDENTE MARCOS VINÍCIOS VILAÇA

Eu acredito, Ministro Gilberto Gil, que a Academia Brasileira viveu hoje um momento alto. Todos estamos aqui, não é tradição, nesta Casa, ficarmos aqui até esta hora. O Candido Mendes já o acusou, em relação à internet, e agora o estou acusando também de reter os acadêmicos e os servidores até essa hora, mas com grande prazer.

Estamos aqui constatando uma sincronia que existe entre o Ministério da Cultura e a nossa Casa no sentido de a especulação artística conviver com o sentimento das coisas práticas. Creio que a sua exposição mostrou claramente um dos requisitos que a Academia deseja que aconteça no gestor da cultura: que ele seja compreensivo, mas não seja complacente. Acredito que a sua gestão dá a todos nós essa exata medida, além de ser também a obra do ministro sintonizada com a obra do artista. O que quero dizer com isso é que é uma obra que não habita a geografia do melancólico.

Mas, duas observações, para concluir. A primeira, é que vou sair e dar notícias a um determinado órgão em Brasília, que o Juca Ferreira reconhece

que o controle das contas públicas não é tão difícil ao administrador; que o Ministério da Cultura aplicou quase 100%, dentro da lei, então não se pode dizer que certo órgão, que V. Ex.^a sabe qual é, seja um impeditivo à boa administração. [MINISTRO GILBERTO GIL: São monitoradores importantes do nosso trabalho, o nosso querido TCU.] E segunda observação: é que falou-se muito em “Aquele abraço”. Tudo bem: merece todos os abraços e todas as palmas. Agora, eu tenho a minha preferência; a minha preferência está em “Dinamarca”, já lhe disse. [MINISTRO GILBERTO GIL: “Dinamarca”, uma canção que fiz com Milton Nascimento, que gravamos juntos no álbum...]. Uma coisa muito forte e que diz respeito muito a quem perde alguém. Aí é que está a sintonia e o sentimento que me falam profundamente.

MINISTRO GILBERTO GIL

Em relação à música “Dinamarca” tem um episódio pitoresco, podemos assim considerar, vivido por nós ambos em Londres, na última vez em que nos encontramos em Londres, na embaixada brasileira, onde estávamos generosamente acolhidos pelo embaixador e compartilhávamos, portanto, o conforto daquela casa. Na noite que antecedeu a minha partida, o Senhor, que ainda ficaria lá, me pediu que cantasse a música “Dinamarca”. Eu não me lembrava exatamente de todas as palavras da canção. Lembro que eu liguei para minha mulher Flora, que estava aqui no Rio, e pedi a ela que me enviasse um fax com a letra da canção, o que ela fez, por volta já da meia-noite, uma hora da manhã. Recebi aquele fax e recordei a canção, botei a canção de novo na memória, de cor, de coração. E de coração, naquela manhã, cedinho, antes de partir, cantei a canção para que Marcos pudesse compartilhar dessa preferência.

PRESIDENTE MARCOS VINÍCIOS VILAÇA

Fiz tudo para que Gilberto Gil cantasse essa música no banheiro, porque o embaixador iria escutar. Então, Gilberto Gil foi para mim ‘cantor de banheiro’. Acho que pouca gente teve essa sorte.

Ministro, nós vamos estrear aqui um tipo de agradecimento da Academia, que é uma salva de prata com as armas da Academia, que pela primeira vez

vamos ofertar a um amigo. É uma salva de prata, mas é também uma salva de palmas para você.

MINISTRO GILBERTO GIL

Muito obrigado. Acho que não cabem mais palavras a não ser de agradecimento e de comoção mesmo, de profunda sensibilidade. E pedir convocação também, porque a lembrança que fiz hoje aqui, da necessidade que estejamos mais juntos e que compartilhemos um pouco mais a confecção das nossas políticas, é uma coisa que precisa se transformar em realidade. Eu proporia que a nossa Secretaria Executiva viabilizasse com a área executiva da Academia um processamento de encontros, de esclarecimentos a serem dados a respeito do que temos feito, do que estamos fazendo, do que precisamos fazer e das contribuições que a Academia Brasileira de Letras poderá dar a esse processo.

Queria agradecer a vocês, muito comovidamente, de todo coração.

PRESIDENTE MARCOS VILAÇA

Para que você tenha a idéia de que o feminismo aqui existe, Nélida já me alertou de lá: precisa encerrar a sessão. Está encerrada a sessão.

SESSÃO DO DIA 11 DE MAIO DE 2006

Sob a presidência do Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça, estiveram presentes os Acadêmicos: Cícero Sandroni, Secretário-Geral; José Murilo de Carvalho, Segundo-Secretário; Antonio Carlos Secchin, Diretor-Tesoureiro; Murilo Melo Filho, Diretor da Biblioteca; Sergio Paulo Rouanet, Diretor do Arquivo; Eduardo Portella, Diretor dos *Anais da Academia Brasileira de Letras*; Affonso Arinos de Mello Franco, Alberto da Costa e Silva, Alberto Venancio Filho, Antonio Olinto, Arnaldo Niskier, Candido Mendes de Almeida, Carlos Heitor Cony, Evanildo Cavalcante Bechara, Pe. Fernando Bastos de Ávila, Ivan Junqueira, Lêdo Ivo, Nélida Piñon e Nelson Pereira dos Santos.

- Ao dar início à sessão, o Presidente Marcos Vinícios Vilaça colocou em discussão as atas das sessões do dia 4 de maio de 2006. Não havendo nenhuma manifestação do plenário, as atas foram aprovadas.
- O Presidente Marcos Vinícios Vilaça pediu uma salva de palmas para o Acadêmico Alberto da Costa e Silva que aniversaria dia 12 de maio. Comunicou que a Academia Brasileira de Letras foi indicada para Observadora Consultiva da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa, com presença garantida nas reuniões de caráter técnico e acesso às conferências dos Chefes de Estado. A próxima conferência, em Guiné-Bissau, vai convalidar a presença da Academia Brasileira de Letras.

- O Acadêmico Arnaldo Niskier quis saber o que aconteceu com o representante do Brasil no Instituto Internacional de Língua Portuguesa, porque a proposta é semelhante a que o Presidente acaba de se referir. Teme que ocorra uma superposição, porque quando foi Presidente da Academia Brasileira de Letras recebeu um ofício do Ministro da Educação pedindo que a Academia indicasse um membro para o Instituto Internacional de Língua Portuguesa. Isso agrava sua preocupação, pelo fato de ter sido o Instituto criado pelo Acadêmico José Sarney. Finalizando, registrou o fato do Centro de Memória da Academia Brasileira de Letras estar fazendo, esta semana, a sua centésima gravação. Esse Banco de Dados nasceu em 1986, quando faleceu o Acadêmico Pedro Calmon. Lembrou que na época o plenário da Casa se ressentiu pelo fato de que apenas um jornal do Rio de Janeiro tivesse registrado no obituário a morte de uma das maiores figuras do País e autor de clássicos da História do Brasil. Nesse momento lhe surgiu a idéia de fazer o Banco de Dados para que os depoimentos fossem registrados e divulgados.
- O Presidente Marcos Vinícios Vilaça agradeceu ao Acadêmico Arnaldo Niskier e, prosseguindo, comunicou ao plenário que a Academia Brasileira de Letras recebeu a doação do Acadêmico Alberto Venancio Filho de um autógrafo de Franklin Dória, fundador da Cadeira n.º 25, recentemente adquirido em leilão. Um documento valioso. Trata-se de um convite para um chá da Princesa Isabel, datado de 1886, por conta de uma indicação que se fizera de Franklin Dória para a Imperial Câmara. Franklin Dória era muito ligado à Família Imperial, tendo o casal acompanhado o Imperador D. Pedro II ao exílio. Deu ciência ao plenário do prosseguimento da melhoria das condições do programa de informática da Casa. Disse que tem detectado problemas que necessitam solução, para tudo fluir de acordo com a instantaneidade que a área de Internet sugere. A riqueza dos detalhes permaneceu, mas se deu um tratamento sintetizado a informação. O Acadêmico Antonio Carlos Secchin está envolvido na revisão dos textos. Lamentou e pediu que fosse registrado em Ata o desaparecimento do Acadêmico Olavo Drumond, membro da Academia Mineira de Letras e pessoa que teve grande afinidade com os meios culturais do Brasil. Comunicou também que, acompanhado das Senhoras

Maria Eduarda Lessa, Yolanda Barbosa e da Senhora Maria do Carmo Vilaça, visitou a Casa de Betânia, um abrigo de idosos que conta com a ajuda das senhoras dos acadêmicos. Em relação à observação feita pelo Acadêmico Arnaldo Niskier, disse que tomou nota e a Academia Brasileira vai analisar no momento em que o Itamarati nos disser que formato tem o cargo de Observador Consultivo da CPLP.

- O Acadêmico Murilo Melo Filho disse algumas palavras sobre o falecimento do poeta Olavo Drummond, membro da Academia Mineira de Letras. (O texto lido será incorporado aos *Anais da Academia Brasileira de Letras*.)
- O Acadêmico Carlos Heitor Cony associou-se às palavras do Acadêmico Murilo Melo Filho sobre o poeta Olavo Drummond. Lembrou ter sido ele a última pessoa a falar com Juscelino Kubitschek, no dia 22 de agosto de 1976. Durante todo esse tempo se portou com dignidade exemplar, jamais revelando a ninguém as conversas que teve com o seu amigo. Lembrou também que dirigiu a teledramaturgia da Manchete e fez um projeto sobre Dona Beija. Tentou levantar a biobibliografia existente para fazer o roteiro e encontrou muitas falhas, inclusive a informação de que ela não existiu, era uma criatura mística inventada por Assis Chateaubriand. Estava nesse caminho quando encontrou Olavo Drummond, que revelou uma cultura espantosa sobre o tempo do Império e sobre Dom João VI. Sentiu em Olavo Drummond o grande intelectual que nunca se aproveitou do fato de ser um dos homens que mais sabia sobre D. Beija. Acrescentou que o poeta era uma pessoa discreta e com muita dignidade.
- O Acadêmico Cândido Mendes de Almeida ofereceu aos acadêmicos a documentação da última reunião da Academia da Latinidade, em Baku, trabalho articulado com a Comissão das Nações Unidas. Disse que o objetivo de ir a Baku para debater os problemas do diálogo das civilizações, com pensadores do porte de Jean Baudrillard e Alain Touraine, era observar uma área crítica como o Arzebaijão, onde o poder soviético parece ter eliminado a re-islamização no país. Disse que o Acadêmico Sergio Paulo Rouanet pode dizer muito melhor da tranquilidade e do espanto de verificar que no mundo islâmico pós-soviético a re-islamiza-

ção não está se realizando. Já está marcada para 28 de maio a próxima reunião em Dakar. Finalizando, ressaltou a importância do trabalho do Acadêmico Sergio Paulo Rouanet.

- O Acadêmico José Murilo de Carvalho, a respeito dos critérios de escolha das Efemérides, acha que, além do acadêmico pertencente à Cadeira, talvez fosse melhor escolher o acadêmico mais próximo do homenageado.
- O Acadêmico Eduardo Portella solidarizou-se com a formulação feita pelo Acadêmico José Murilo de Carvalho. Acha muito precisa e devem-se procurar afinidades. Em alguns casos a própria Cadeira já indica afinidades, de maneira que não há nenhuma inconveniência em chamar o acadêmico pertencente a Cadeira. No seu caso, Afrânio Coutinho sempre esteve tão próximo dele que ficou com vontade de dizer algumas coisas.
- O Acadêmico Antonio Olinto, sobre o Centenário de Morte de Machado de Assis, leu a ata da reunião entre o Secretário das Culturas, Senhor Ricardo Macieira, Acadêmico Antonio Olinto, Diretor do Departamento de Documentação Cultural, Acadêmico Sergio Paulo Rouanet e a Senhora Beth Almeida, Diretora da Divisão de Editoração, para traçar as comemorações do Centenário de morte do grande escritor brasileiro, Machado de Assis. O Secretário Ricardo Macieira convidou o Acadêmico Sergio Paulo Rouanet para coordenar a Comissão de Trabalho das Homenagens. Discutiu-se a possibilidade do Prefeito abrir, na Academia Brasileira de Letras, o Ano Machado de Assis. O Acadêmico Antonio Olinto, Diretor e coordenador da Rede de Bibliotecas populares, propôs que o tema da campanha a Paixão de Ler, já em seu décimo terceiro ano de execução, seja Machado de Assis. (O texto lido será incorporado aos *Anais da Academia Brasileira de Letras*.)
- O Acadêmico Sergio Paulo Rouanet agradeceu a generosidade das palavras do Acadêmico Candido Mendes de Almeida em relação a sua participação na Conferência de Baku. Felicitou o Acadêmico Candido Mendes de Almeida por seu extraordinário brilhantismo como formulador de uma política da latinidade, com relação aos países da África Central, pela perfeição e pela eficácia de sua coordenação como Secretário Executivo da Academia da Latinidade. Com relação à comemoração do centenário do

falecimento de Machado de Assis, o Acadêmico Sergio Paulo Rouanet disse que o Presidente teve a generosidade de lhe indicar para participar, juntamente com o Acadêmico Antonio Olinto, da Comissão do Centenário da Morte de Machado de Assis, em 2008, no âmbito da Prefeitura do Rio de Janeiro. Disse que a ata da primeira reunião, ocorrida ontem, lida pelo Acadêmico Antonio Olinto, reflete de uma maneira exata o que foi dito. Apenas sugeriria que, como 2008 será um Ano Nacional de Machado de Assis, seria preciso que nesse campo, como em tantos outros, a ação municipal, a estadual e federal se coordenassem de alguma maneira.

- O Presidente Marcos Vinícios Vilaça disse que a Diretoria da Casa insistirá, no momento próprio, no completo envolvimento da Comissão interna da Academia, que já indicada cuida das comemorações do Ano Machado de Assis. Como a iniciativa foi do Acadêmico Marco Maciel acredita que, no plano Federal, a ação deste confrade será muito densa no encaminhamento da presença da Academia. Passou, a seguir, a palavra ao Acadêmico Lêdo Ivo para falar sobre Raimundo Correia. O Acadêmico Lêdo Ivo inicialmente propôs que seja acolhido, nos *Anais da Academia Brasileira de Letras*, o artigo “Presença de Zora”, do Acadêmico Antonio Olinto, publicado no dia 9 de maio, na *Tribuna da Imprensa*. Disse que, além de ser uma primorosa página literária, é também uma página de amor.
- O Acadêmico Lêdo Ivo, antes de ler as suas palavras sobre Raimundo Correia, as dedicou ao sábio e judicioso companheiro José Murilo de Carvalho, ocupante da Cadeira fundada por Raimundo Correia. A seguir, apresentou um belo e consistente trabalho sobre Raimundo Correia. (O texto lido será incorporado aos *Anais da Academia Brasileira de Letras*.)
- O Presidente Marcos Vinícios Vilaça, antes de encerrar a sessão, disse aos Acadêmicos José Murilo de Carvalho e Eduardo Portella que a Diretoria, há alguns dias, já adotou a preocupação de ampliar o leque de busca para aqueles acadêmicos que cuidaram de registrar as Efemérides. A Diretoria entendeu que a observação que fizeram foi absolutamente procedente. Está agora na tentativa de seduzir os acadêmicos para que aceitem os convites da Diretoria.

- O Presidente convidou os presentes para a mesa-redonda comemorativa do sesquicentenário do nascimento de Freud. Comunicou que participam da mesa o Acadêmico Sergio Paulo Rouanet, as Sr.^{as} Helena Parente Cunha e Maria Cristina Cavalcante de Albuquerque, os Srs. Joel Birman e Ney Marinho. Nada mais havendo a tratar, declarou encerrada a sessão.

OLAVO DRUMMOND

*Palavras do Acadêmico Murilo Melo Filho**

SENHOR PRESIDENTE.

Secundando o pronunciamento de V. Ex.^a, desejo acrescentar algumas palavras, para que fiquem igualmente inscritas em nossos *Anais*, sobre o falecimento, ontem, em São Paulo, de um grande mineiro, chamado Olavo Drummond, vítima de um AVC e de uma falência múltipla dos órgãos.

Como poeta, Olavo publicou um livro de poemas: *Noite do Tempo*.

Como jornalista, lançou o livro *Ensaio Geral*.

E como cronista, escreveu três livros de crônicas: *Ordens do Cardeal*, *O Amor deu uma Festa* e *O Vendedor de Estrelas*.

Como V. Ex.^a também já informou, ele foi um fraternal amigo do Presidente Juscelino Kubitschek, além de seu Secretário nos últimos anos de sua Presidência e da construção de Brasília, da qual se tornou um candango importante.

Foi deputado estadual e federal por Minas Gerais. Foi Procurador da Fazenda e da República, junto ao Supremo Tribunal Federal.

Era membro da Academia Mineira de Letras, onde sucedeu o Presidente Tancredo Neves e era também, em Brasília, o atual Vice-Presidente do Memorial JK.

* Proferidas na sessão do dia 11 de maio de 2006.

Olavo Drummond voltou à sua Cidade natal de Araxá, da qual se elegeu Prefeito e na qual construiu o Santuário de Nossa Senhora de Fátima, entronizando nele uma réplica da Santa Milagrosa, trazida de Portugal na companhia de vários bispos europeus.

Foi ainda Conselheiro-Corregedor do Tribunal de Contas de São Paulo e Ministro do Tribunal de Contas de V. Ex.^a Senhor Presidente, no qual recebeu o Colar de Honra, em reconhecimento pelo trabalho, pela integridade e pela dedicação aos problemas brasileiros.

ATA DA REUNIÃO ENTRE O SECRETÁRIO DAS CULTURAS:
RICARDO MACIEIRA, OS ACADÊMICOS
SÉRGIO PAULO ROUANET
ANTONIO OLINTO E A Sr.^a BETH ALMEIDA.

*Palavras do Acadêmico Antonio Olinto**

ASSUNTO: Comissão do Centenário de morte de Machado de Assis

Aos dezessete dias de março do ano de 2006, o Secretário Ricardo Macieira, o Acadêmico Sérgio Paulo Rouanet, o Acadêmico Antonio Olinto – Diretor do Departamento de Documentação e Informação Cultural e Beth Almeida, Diretora da Divisão de Editoração, estiveram reunidos para traçar as comemorações do Centenário de morte do grande escritor brasileiro, Machado de Assis.

O secretário Ricardo Macieira convidou o Acadêmico Sergio Paulo Roanet para coordenar a Comissão de trabalho das homenagens, o que foi aceito pelo acadêmico.

O Acadêmico Sergio Paulo Rouanet falou sobre as cartas inéditas de Machado de Assis que se encontram no Centro de Memória da Academia Brasileira de Letras, deu sugestões sobre fórum de debates, *workshops* em unidades da Cultura e na própria Academia, *tour* pelo Rio de Janeiro com contadores e artistas representando trechos dos livros de Machado. Parcerias com jornais no sentido de reproduzir crônicas machadianas em todo o ano da comemoração.

* Proferidas na sessão do dia 11 de maio de 2006.

Discutiu-se a possibilidade de o Prefeito abrir na Academia Brasileira de Letras o Ano Machado de Assis. Seria colocada na rua em que viveu placa comemorativa, já que infelizmente a casa já foi demolida no Cosme Velho. A Rede de teatros encenaria peças de Machado e promoveria esquetes do assunto.

O Acadêmico Antonio Olinto, diretor e coordenador da Rede de Bibliotecas populares, propôs ser a Paixão de Ler, Campanha já em seu 13.º ano de execução, ter como tema “Machado de Assis”, nosso escritor maior. Foi mencionado concursos de jovens poetas para preencher os versos deixados por Bentinho, personagem do livro *Dom Casmurro*. Exposições, publicações, igrejas do universo machadiano, oficinas de quadrinhos, cadernos didáticos, completariam a programação.

PRESENÇA DE ZORA

Antonio Olinto*

Quando fizemos 40 anos de casados, num jantar com amigos, que todos falaram sobre a data, Zora disse apenas uma frase: “Muito obrigada, Antonio Olinto, por me ter feito rir durante 40 anos.” Dois anos depois, tomei posse na Academia Brasileira de Letras e ali terminei meu discurso protocolar com outra frase: “Muito obrigado, Zora, por me ter feito escrever durante 42 anos.”

Agora, que ela partiu, vejo-me cercado por tudo o que deixou ao meu redor: livros, textos, poemas, cartas, recados escritos, comentários – que também escrevia quando eu estava fora e que eu lia ao chegar – num diálogo permanente que durou 51 anos. Celebramos, sim, nossas Bodas de Ouro no ano passado, mas Zora já se achava então de cama. Antes disso, quando sentiu que não podia se locomover com facilidade pediu à Beth, que estava conosco havia 25 anos, que me assessorasse nos encontros profissionais.

Dos quase 30 livros que deixou, espero reeditar em breve as peças de sua série “Teatro dos Orixás”. A primeira delas foi *3 Mulheres de Xangô*, em que dramatiza as figuras da tradição cultural iorubá no Brasil – Obá, Oxun e Iansan – cada uma casada com Xangô em tempos diferentes.

Uma delas, “Oxun Abalo”, foi encenada no Rio de Janeiro, na Bahia e, em inglês, na cidade de Oyó (Nigéria), terra de Xangô.

“História de Oxalá” foi matéria de estudo na Universidade de Essex, Inglaterra, na tradução de Rex Collings, que também editou o livro *History of Oxalá*, com ilustrações de Carybé.

* Artigo publicado na *Tribuna da Imprensa*, 9 de maio de 2006.

Outra peça sua, “Exu, cavaleiro da encruzilhada”, foi encenada em Londres em 1981, no Barons Court Theatre, com o título de “Exu, knight of the crossroads”. Teve boa imprensa. Diretor: Ray Shell, assessorado por Anthony Barclays.

No decorrer de nossa missão na África, fez pesquisas sobre a comunidade de antigos escravos brasileiros que regressaram às terras de seus antepassados, estudou o sistema pedagógico da Nigéria em sua mistura de influência inglesa e tradição iorubá (seu trabalho “A educação na Nigéria” foi editado pelo Instituto Nacional do Livro) e apresentou, em congresso realizado em Ibadan, uma tese sobre a cozinha brasileira em comparação com a da África Ocidental.

Suas análises contidas num livro em que pôs muito de si mesma, *No Brasil Ainda tem Gente da Minha Cor?*, chamaram a atenção para a necessidade de termos, no serviço diplomático brasileiro, e não somente para servirem na África, alguns dos muitos intelectuais negros que temos no Brasil.

De seus livros de ficção científica e de suas histórias para crianças, deverão ser reeditadas *Histórias do Amanhã*, *O Enigma da Pedra da Gávea* e *O Navio do Sol*. Escreveu-os ao longo de viagens muitas, pois, depois de nossa vivência africana, fui professor visitante na Universidade de Columbia em Nova York, onde Zora organizou duas exposições de livros brasileiros.

Morando em Londres, participamos de congressos literários realizados entre 1970 e 1988, em lugares tão diversos como a Austrália, o Japão, a China, a Coréia do Sul, a Holanda, a França, Barcelona, Santiago de Compostela, Zagreb, Hamburgo, Manchester e Toronto. Voltamos à África para conferência em Dacar, Abidjan, Togo, Porto Novo, Angola e Maputo.

Foi uma vida ativa, a dois, voltando sempre ao Brasil. Todo esse périplo de trabalho saiu nos artigos que ela e eu escrevemos para jornais brasileiros. Até as vésperas de sua morte foi a entrevistadora do *Jornal de Letras*. Deixou 93 entrevistas nesse jornal, sendo que a última foi com Domício Proença Filho, o mais novo membro da Academia Brasileira de Letras. Essas entrevistas serão publicadas ainda este ano, pois nelas se acham escritores, de qualquer gênero, em atividade no Brasil ao longo de oito anos (de 1998 a este 2006).

Lembro-me também de sua devoção à memória do pai, Stevo Seljan, croata, que chegou ao Brasil depois de pesquisas arqueológicas na África: ele e seu irmão mais velho, Mirko Seljan, percorreram a região do Amazonas, de barco e a pé, e vieram dar nas Sete Quedas (que ainda existiam) no Sul do Brasil. Foram depois ao Peru, onde sonharam em construir uma estrada de ferro de Iquitos ao Pacífico, mas nativos mataram Mirko no interior da floresta peruana.

Stevo resolveu regressar à Europa quando, em Santos, descobriu que, por causa da guerra 1914/1918, não havia transporte marítimo regular entre o Brasil e o continente europeu. Foi então conhecer Ouro Preto. Queria ver as obras do Aleijadinho, de que ouvira falar muito. Ali conheceu também a mineira Aracy Lessa, com quem se casou. Nunca mais deixou Ouro Preto. Os dois tiveram quatro filhos, pela ordem de nascimento: Zora, Moema, Mirko e Yanko, e o sobrenome Seljan chega hoje a dezenas de descendentes.

Os livros de Zora continuam vivos. Sua alegria de viver e sua ânsia de compreender estão neles. Parece-me que ela visava exatamente a um entendimento maior, nas pessoas e nos acontecimentos, nos livros e nas obras de arte. As 200 esculturas que trouxemos da África são hoje o testemunho de uma vida realmente a dois que tivemos por esse mundo afora.

O livro mostrado acima é o *3 Mulheres de Xangô*, que abriu seu caminho no mundo maravilhoso da teogonia africana. A capa é de Carybé. O editor, sob a sigla GRD, foi Gumercindo Rocha Dórea.

RAIMUNDO CORREIA

*Acadêmico Lêdo Ivo**

Raimundo Correia nasceu a 13 de maio de 1859, num navio brasileiro chamado S. Luís, ancorado nas costas do Maranhão. Nasceu no mar, e morreu em Paris, a 13 de setembro de 1911, tendo sido sepultado no cemitério *Saint-Ouen*. Assim, nem na hora do nascimento nem na hora da morte estava num chão natal. Em 1920, os seus restos mortais foram trasladados para o Brasil, por iniciativa da Academia Brasileira de Letras, juntamente com os de seu companheiro de Academia e de Parnasianismo, o poeta alagoano Guimarães Passos, também falecido em Paris, em 1909, e sepultado no *Père Lachaise*. Suas cinzas foram depositadas no cemitério S. Francisco Xavier, e as de Guimarães Passos no cemitério do Catumbi. Um terceiro poeta pertencente a esta Academia também morreu em Paris: Ribeiro Couto, em 1963; e seu corpo, trasladado para o Brasil, está em nosso Mausoléu.

Entre o nascimento no mar e o falecimento em terra estrangeira, Raimundo Correia viveu, em sua existência recatada, austera e doentia, uma das maiores aventuras poéticas de nossa história literária: a de ter sido um dos introdutores e expoentes do Parnasianismo, de cujo esplendor participou, ao lado de Olavo Bilac, Alberto de Oliveira e do grande poeta obscurecido pela condição de grande prosador que é Machado de Assis.

Seu livro de estréia foi *Primeiros Sonhos* (1879). Publicou-o aos 20 anos, ainda estudante na Faculdade de Direito de São Paulo. O segundo, *Sinfonias* (1883), com uma introdução de Machado de Assis, surgiu quando

* Estudo apresentado na sessão do dia 11 de maio de 2006.

ele tinha 24 anos. Aos 27 anos, lança *Versos e Versões* (1887). Já então galgara alguns degraus na carreira de sua vida, a magistratura, que o levou a ser juiz de Direito em vários municípios fluminenses e no sul de Minas.

Em 1891, aos 32 anos, sai *Aleluia*, seu terceiro livro de poemas. O grande ano de sua vida é 1897. Sócio fundador da Academia Brasileira de Letras vai ocupar aqui a Cadeira n.º 5. À nascente glória acadêmica, acrescenta-se outra benemerência do destino. Abolicionista e republicano histórico é nomeado pelo Presidente Prudente de Moraes segundo secretário da Legação do Brasil em Lisboa, cujo ministro é seu velho amigo Assis Brasil. No ano seguinte, publica na capital portuguesa o livro *Poesias* (1898), uma seleção rigorosa de sua obra, apurada e retocada, com um prefácio de Dom João Câmara. Mas nesse mesmo ano o posto de segundo secretário da legação foi suprimido. Raimundo Correia fez então uma viagem de recreio pela Europa, durante um ano, e voltou ao Brasil, retomando a carreira de magistrado. Em 1911, retorna à Europa, para tratar da saúde, ele que a vida inteira fora um enfermiço. A morte o encontra em Paris. Sobre os seus dias finais, vem a pêlo lembrar um episódio emocionante da nossa história literária. Naqueles dias em que se finava, Afrânio de Melo Franco, seu amigo desde 1892, visita-o com freqüência. Na última visita, poucos dias antes de seu falecimento, faz-se acompanhar de um menino, seu filho. Um dia, tornado um de nossos grandes escritores, esse antigo menino, Afonso Arinos de Melo Franco, recorda aquela visita em seu livro de memórias *A Alma do Tempo*: “Não sei por que meu pai levou-me a ver o amigo, que ia morrer. Creio que nem me dei bem conta de que era ele, o poeta. Talvez narrativas posteriores compusessem o quadro, na minha lembrança. De qualquer forma revejo o quarto comprido e avermelhado, a cama estreita no ângulo esquerdo, e o homem barbado em cima dela, vestido com uma camisola branca. Meu pai fez-me sentar no próprio leito e aproximou, para si, uma cadeira. O doente se queixava de que tinha suores, coceiras pelo corpo (disseram-me mais tarde que era uremia). Meu pai ria, procurava animá-lo, reavivar a alegria naqueles olhos encovados e brilhantes. Eu olhava, perplexo, o homem barbudo; as mãos descamadas gesticulando perto de mim, sobre os lençóis.”

Esta é a vida física de Raimundo Correia. Ao lado desses sucedimentos, splende a sua vida literária e poética. Esse poeta taciturno e pessimista pro-

moveu, na poesia brasileira, uma ruptura mais considerável do que a de muitos corifeus e escritores de sua geração e mesmo do cenário cultural contemporâneo.

O seu livro de estréia, *Primeiros Sonhos* é um dos marcos da agonia do nosso Romantismo. Nele, a tristeza e a melancolia, uma visão pulcra e angelical da mulher, o morrer-de-amor e uma viva nota bucólica exprimem seu cunho suspiroso e patético, ao lado do teor libertário e socialista, e ainda de laivos de tom científico.

José Veríssimo apontou em Raimundo Correia um “raro e particular dom de assimilação”. O predomínio da assimilação sobre a originalidade haverá de manifestar-se, cada vez mais acentuado, ao longo de sua faina poética. Sua curiosidade e pesquisa se vão ampliando. Dilata-se o seu temporamento livresco. O discípulo de Gonçalves Dias, Fagundes Varela, Casimiro de Abreu, Junqueira Freire e Álvares de Azevedo se abre a novas e poderosas influências: a dos parnasianos franceses, hauridas em novidades que o hoje esquecido Artur de Oliveira, “o saco de espantos”, trouxera de Paris, e ainda em Camões e nos clássicos portugueses.

E assim começa a grande aventura, ao mesmo tempo secreta e ostensiva. Raimundo Correia penetra gulosamente no universo poético de Víctor Hugo, Théodore de Banville, Théophile Gautier, Leconte de Lisle e outros expoentes da então vanguarda européia. O romântico silencia, dá lugar a um seguro e peritíssimo poeta parnasiano. Às invejáveis virtudes e licenças do Romantismo ele irá opondo, com uma arte versificatória peregrina e astuciosa, a economia verbal, a exatidão, o policiamento das emoções e da linguagem, o rigor da composição, o aprofundamento da realidade vivida, filtra a sua existência numa meditação que levará muitos de seus comentadores ao juízo de que se encontra diante de uma poesia filosófica, só comparável à de Antero de Quental, senão superior. Com efeito, uma nova modulação existencial aflora em Raimundo Correia, o sentimento da efemeridade da vida e das coisas, a sensação da fluência inexorável do tempo, a morte das ilusões, o pessimismo, a efusão diante da nudez feminina, a celebração da Natureza em imagens de rara objetividade – como é o caso do famoso verso “Raia sanguínea e fresca a

madrugada” – a inquietação metafísica, eis os principais componentes psicológicos e morais abrolhantes na obra de Raimundo Correia.

É coisa de admirar como um jovem poeta de 22 anos exhibe, no seu segundo livro, toda a plenitude de seus dons poéticos. Em *Sinfonias* figuram várias das composições que lhe garantiram a popularidade e o impuseram como um dos nossos maiores manejadores do verso. Constelação antológica, nela fulgem os sonetos “As Pombas”, “A Chegada”, “Mal Secreto”, “O Vinho de Hebe” e “Plena Nudez”, todos de excepcional labor.

Estes poemas, típicos do poder de assimilação assinalado por José Veríssimo, levaram muitos dos comparsas da vida literária, como o pouco saudoso e muito belicoso Luís Murat, a acusá-lo de plagiário. Realmente, Raimundo Correia foi buscar num trecho de *Mademoiselle de Maupin*, romance de Théophile Gautier, e ainda em seu poema “Les colombes”, o tema e a imagística de “As Pombas”. “Vinho de Hebe” é uma trasladação afortunada para a nossa língua de um poema da hoje esquecidíssima Madame Ackerman. E quanto ao superantológico “Mal Secreto” é uma recriação de uma estrofe de Metassasio (Luigi Arnaldo Vassalo):

*Si a ciascun l intimo affano
Se regesse in fronte scritti.etc*

São paráfrases, não há dúvidas, e não as únicas de um autor cuja fortuna muito deve a outros poetas, como Victor Hugo, Lenau, Heine, Heredia, François Coppée, Catulle Mendes, e muito outros, uns mencionados, outros semi-escondidos em indicações dúbias e a maioria decerto cautelosamente omitida.

Reconheçamos que a originalidade não é o forte de Raimundo Correia, parafrasta da melhor água. Mas reconheçamos também que os poetas e escritores mais originais são os que mais imitam e plagiam. “Os grandes poetas roubam, os poetas menores imitam”, adverte T. S. Eliot. Assim, nesta era marcada pela obsessão crítica do intertexto e da intertextualidade, considero de pouca monta o problema da originalidade e da apropriação e imitação poética, inclusive porque a poesia não é apenas vocação. Ela é, fundamentalmente,

um problema de cultura. Os poetas que não são os atores mais cultos da cena literária, e não possuem um conhecimento profundo e pertinaz da imemorial arte poética, descumprem o seu compromisso com a poesia e a sociedade.

Raimundo Correia foi um poeta dessa linhagem vigilante e construtiva, senhor de sua arte, dotado de uma sensibilidade sismográfica diante do maquinismo da linguagem. Foi, em suma, um criador de poemas. Conferiu à linguagem um tônus mágico. Dessa linguagem encantatória e às vezes tautológica, o poema “Plenilúnio” avulta como uma ilha simbolista em sua obra, e indica até que ponto Raimundo Correia podia atingir, com a sua lunaridade, o plano de encantação vocabular que faz da poesia um outro idioma – mas um idioma destinado a comover e emocionar o colisivo mundo dos homens.

SESSÃO DO DIA 18 DE MAIO DE 2006

Sob a presidência do Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça, estiveram presentes os Acadêmicos: Cícero Sandroni, Secretário-Geral; Ana Maria Machado, Primeira-Secretária; Antonio Carlos Secchin, Diretor-Tesoureiro; Murilo Melo Filho, Diretor da Biblioteca; Sergio Paulo Rouanet, Diretor do Arquivo; Eduardo Portella, Diretor dos *Anais da Academia Brasileira de Letras*; Affonso Arinos de Mello Franco, Alberto da Costa e Silva, Alberto Venancio Filho, Antonio Olinto, Arnaldo Niskier, Candido Mendes de Almeida, Carlos Heitor Cony, Domício Proença Filho, Pe. Fernando Bastos de Ávila, Lêdo Ivo, Nélida Piñon, Nelson Pereira dos Santos e Tarcísio Padilha.

- Ao dar início à sessão, o Presidente Marcos Vinícios Vilaça colocou em discussão a ata da sessão do dia 11 de maio de 2006. Não havendo nenhuma manifestação do plenário, a ata foi aprovada.
- O Presidente Marcos Vinícios Vilaça comunicou que a Fundação Getúlio Vargas consultou a Academia sobre a participação desta Casa em seminário para discutir Direitos Autorais, vertente da propriedade intelectual. Trata-se de nova realidade que acontece em vários países do mundo, com uma discussão entre o direito autoral e o respeito às regras de edição. Respondeu à Fundação Getúlio Vargas que em princípio sim, porque a preservação dos direitos do autor é tema de grande interesse para a Academia, mas que gostaria de receber o projeto do programa, para decidir se deve participar desse seminário. Tão logo tenha em mãos esses

dados informará aos acadêmicos para que eles possam se manifestar. Comunicou que enviou aos acadêmicos cópia da carta que recebeu, em caráter pessoal, do Ministro das Relações Exteriores, Celso Amorim, em que ele se declara satisfeito com a anunciada visita que fará à Academia o Presidente de Portugal, Cavaco Silva, tal como ele anunciou, quando o visitou, em Lisboa, logo após a sua eleição à Presidência da República. Comunicou também que a Academia Brasileira de Letras e a Academia da Língua do Chile vão retomar a publicação de livros em co-edição. Pediu aos acadêmicos que tomassem nota dos ajustes ao calendário para o mês de junho: o dia 12, segunda-feira, às 17h 30min, realiza-se a conferência do Acadêmico Cícero Sandroni sobre o tema “Jornais e jornalismo na época do Romantismo.” Devido ao feriado do dia 15 de junho, quinta-feira, dia de Corpus-Christi, a sessão plenária regular será antecipada para quarta-feira, dia 14, às 16 horas seguindo-se, às 17h 30min, a exposição “Guimarães Rosa, 1956”, na Galeria Manuel Bandeira. Disse que essa exposição vai exibir, além de muitas outras peças, originais de *Corpo de Baile* e *Grande Sertão: Veredas*, do acervo de José Mindlin. A sessão do dia 22, quinta-feira, devido ao jogo do Brasil, será antecipada para o dia 20, terça-feira, às 16 horas. Na pauta, a eleição para a Cadeira 29. No dia 21, quarta-feira, às 17h 30min prossegue o Ciclo *Literatura e Jornalismo* com as conferências de Fernando Segismundo sobre “*Diário de Notícias* e a Literatura”, e de Fuad Atala, “A Literatura n’*O Correio da Manhã*.” Prosseguindo, disse que a Universidade de Juiz de Fora convidou os membros da Academia para que preparassem textos sobre o tema “Leitura na educação básica”. São cinco acadêmicos a serem convidados para representar a Academia, designando o Secretário-Geral para coordenar o assunto. Concedeu a palavra ao Acadêmico Antonio Olinto.

- O Acadêmico Antonio Olinto ofereceu à Biblioteca da Academia Brasileira de Letras o livro *The Patriot* de Lima Barreto, em Inglês. Disse que depois de cinco anos em Londres, como adido cultural, passou a ser Professor na Universidade de Essex e sócio do editor do Essex College e com ele publicou romances de Josué Montello, Adonias Filho, Herberto Sales, Dinah Silveira de Queiros e Lima Barreto, que era seu sonho tê-los em Inglês. Por acaso encontrou o tradutor Roberto Scott Buccleuch que

já havia traduzido um livro de Lima Barreto. O difícil foi encontrar um título para *O Triste Fim de Policarpo Quaresma*, que acabou ficando *The Patriot*. Ao entregar este volume à Biblioteca Lúcio de Mendonça acrescentou que não saiu mais nenhum livro dele em inglês. Este é uma raridade.

- O Acadêmico Cícero Sandroni, a propósito da doação deste livro à Biblioteca, informou que *O Triste Fim de Policarpo Quaresma* foi publicado inicialmente em folhetim no *Jornal do Commercio*. Como era um livro basicamente contra Floriano Peixoto, o jornal pagou por ele uma boa soma, porque o jornal era antiflorianista, tanto que o Diretor esteve preso por algum tempo.
- Passando às Efemérides, o Presidente deu a palavra ao Acadêmico Alberto Venancio Filho.
- O Acadêmico Alberto Venancio Filho, no capítulo das Efemérides, lembrou Marques Rebelo num belo e consistente trabalho que será incorporado aos *Anais da Academia Brasileira de Letras*.
- O Presidente disse que a Academia agradece vivamente ao Acadêmico Alberto Venancio Filho por essa recordação de Marques Rebelo e, em particular, por essa bela evocação do que significa a convergência, no episódio aqui relatado de Osvaldo Orico, e do próprio Marques Rebelo.
- O Presidente Marcos Vinícios Vilaça disse que a Academia teve o prazer de receber hoje a visita de Jorge Edwards, Prêmio Cervantes de 1999, grande poeta chileno de expressão internacional, que mereceu a saudação muito precisa, como sempre no conceito e na forma, da parte de Eduardo Portella. Estavam com o poeta Jorge Edwards, o cônsul-geral da Espanha, o Diretor do Instituto Cervantes e a assessora do cônsul-geral do Chile. Convidou, a seguir, os presentes para as palestras do Acadêmico Alberto da Costa e Silva e dos escritores Evaldo Cabral de Mello e Isabel Lustosa, por ocasião do lançamento, pela Editora Companhia das Letras, dentro de sua nova coleção “Perfis Brasileiros”, dos livros *Castro Alves*, do Acadêmico Alberto da Costa e Silva; *Nassau*, de Evaldo Cabral de Mello; *D. Pedro I*, de Isabel Lustosa; e *Getúlio Vargas*, de Boris Fausto, na Sala José de Alencar, às 17h 30min. Nada mais havendo a tratar, declarou encerrada a sessão.

MARQUES REBELO

*Acadêmico Alberto Venancio Filho**

Quando o Presidente Marcos Vinícios Vilaça me convidou na última sexta-feira para falar sobre Marques Rebelo, dei-lhe a resposta que transmitira em outra ocasião ao Presidente Ivan Junqueira, quando solicitara que falasse sobre Anibal Freire: – Falo agora.

Eu não conhecera o grande jurista e ensaísta, embora o tenha visto algumas vezes nas livrarias do Rio, mas sabia bem de sua vida e obra. Hoje, acresce o conhecimento iniciado há mais de cinquenta anos, quando adolescente fui convidado pelo meu fraternal amigo, o hoje Embaixador Roberto Assumpção, para auxiliar do Diário das Sessões da Conferência de Quitandinha, que tinha como redatores os futuros Acadêmicos Álvaro Lins, Marques Rebelo e Francisco de Assis Barbosa.

O trabalho era reduzido, pois o material já vinha pronto das sessões, e assim oferecia oportunidade para grandes conversas mantidas com Marques Rebelo e Francisco de Assis Barbosa. Marques Rebelo logo se afeiçãoou a mim, dando vários conselhos dos quais não esqueço de um: “– Todo escritor deve saber fazer embrulhos.” E ele comprovava a recomendação ao receber do editor as obras de sua autoria e preparava para ofertá-las aos membros da Conferência.

* Estudo apresentado na sessão do dia 18 de maio de 2006.

Ao término, recebi como presente o livro *Stela me Abriu a Porta* com dedicatória, a primeira de muitas, sempre lacônicas: “Ao Venancio, seu amigo Marques Rebelo, em lembrança dos dias da Quitandinha.”

A leitura foi um deslumbramento; impressionaram-me logo dois dos contos “Os caprichosos da Tijuca”, retrato da escola de samba daquele tempo, tão diferente do comercialismo e da publicidade de hoje, e “Labirinto”, cujo trecho final vou reproduzir.

O personagem sofria problemas de saúde, e afinal consultou um oculista. Após usar as lentes, voltou ao consultório:

“ – Estou na mesma, doutor. O senhor disse que eu melhoraria com as lentes novas. Nada!”

O oculista, que estava com o rosto sombrio, não respondeu. Era metódico. Foi consultar primeiro a ficha do cliente. A enfermeira trouxe o papelão azul. Ele leu e releu, balançou a cabeça:

“ – Custa um pouco, meu amigo. O senhor durante quatro anos não mudou de lentes. Vai pouco a pouco. Calma. Duram muito essas perturbações. Às vezes vão a meses. São perturbações do labirinto.”

Seu João riu amargo:

“ – Num labirinto vivo eu, doutor!”

O médico abaixou os olhos pequenos que (João reparou bem) pareciam ter chorado:

“ – Também eu, meu amigo, também eu. Todos nós andamos num labirinto.”

Já nessa ocasião Marques Rebelo era escritor consagrado, desde o início da sua atividade literária em 1931 com “Oscarina”.

Nasceu em 1907 em Vila Isabel, bairro da pequena classe média que seria o cenário de muitos dos livros e dos personagens retratados em sua obra literária.

Era filho de um químico-farmacêutico, Dr. Dias da Cruz, que lhe marcou a infância, e de cuja biblioteca passou a ser leitor de grandes obras.

Ao prestar serviço militar no Forte de Copacabana, um acidente levou-o ao recolhimento de vários meses e que deu origem ao primeiro livro *Oscarina*, presente esta experiência militar, e que mereceu a crítica elogiosa de João Ribeiro, Agripino Grieco e Ribeiro Couto.

Desde logo apontou-se o surgimento de um grande escritor carioca, na linhagem de Manoel Antônio de Almeida, Machado de Assis, Lima Barreto, José Lins do Rego apontando também a influência de João do Rio.

Aurélio Buarque de Holanda no discurso de recepção descreveu a chegada em Maceió de *Oscarina*. Raul Lima repetia deliciado trecho que sabia de cor:

“Conheci Oscarina num mafuá de Botafogo, defronte à barraquinha das argolas.

– Duma morena assim é que eu precisava lá em casa [...]”

Oscarina rebolando, virou de lado como quem não quer, mas dando corda:

“– Sai, pato!”

Graciliano Ramos, na ocasião Diretor da Imprensa preferia o conto “Na Rua Dona Emerenciana” e dizia: “Isto é bom como todos os diabos não é assim?” Mais tarde muitas pessoas o veriam na Livraria José Olympio recitar de cor trechos deste conto.

Desde logo percebeu que o nome Eddy Dias da Cruz não era apropriado para um escritor. Assim como o diretor de companhia de tecidos não deveria

fazer crítica literária e adotou o pseudônimo de Tristão de Ataíde, adotou o pseudônimo Marques Rebelo passou a ser o seu nome para sempre.

Ingressa na Faculdade de Medicina, mas no terceiro ano abandona os estudos e mais tarde se formará em Direito em 1937 na Faculdade Nacional de Direito, na turma chamada “a turma da Alzirinha”, definida pela filha do Presidente, e na qual também se formou um filho de Agripino Grieco. Este no dia da formatura, vendo o Municipal repleto, não escondeu a expressão: “Que ótimo auditório para uma conferência paga!”.

O volume de contos *Três Caminhos*, de 1933, inclui três obras-primas. “Vejo a lua no céu”, “Circo de coelhinhos” e “Namorada”. Diria: “Vejo a lua no céu”, “Circo de coelhinhos” e “Namorada” representam capítulos imperfeitos de três romances tentados, onde cada pequenino herói estava no seu caminho. Se não os prossegui, não foi por negligência ou incapacidade. Falou mais forte a piedade de não lhes dar destino.

Na fase de crítico literário Afonso Arinos diria que “em Marques Rebelo o conto é vivo, e, mais que isto, é um episódio da vida. Visualista, Rebelo é antes de tudo e mais que tudo. O aspecto visual dos ambientes e das pessoas lhe interessa não de maneira superficial, mas de forma imediata e profunda. Tem uma irresistível tendência para mostrar como são seus heróis”.

O romance *Marafa*, em 1935, recebe o grande Prêmio de Romance “Machado de Assis” da Companhia Editora Nacional e descrição do *bas-fonds* da cidade. O júri composto por Gastão Cruels, Gilberto Amado, Herbert Moses, Moacir de Abreu e Monteiro Lobato, premiando em igualdade de condições, *Música ao Longe* de Érico Veríssimo, *Teotônio Pacheco* de João Afonso Guimarães, e *Os Ratos* de Dionísio Machado.

Em 1939 publica outro romance *A Estrela Sobe*, que é o retrato da ascensão social no surgimento das estações de rádio. Leniza, a personagem principal do romance, é um tipo bem marcado e pode ser considerado um grande personagem da nossa literatura urbana.

Aurélio Buarque de Holanda no discurso de posse fez a síntese da obra:

“Sois o grande cronista desta vossa cidade, de que a princípio retratastes a subpequena e pequena burguesia e de que agora estais pintando a classe média – intelectuais pobres, artistas, profissionais. Vossas influências? O Rio de Janeiro será talvez a maior de todas, creio ser ele por excelência o vosso autor de cabeceira.”

Durante doze anos trabalharia no comércio e em várias outras atividades. Em certa ocasião, propagandista de uma companhia produtora de leite, condenava o uso de bebidas alcoólicas, mas ao deixar o emprego, declarou: “Faz bem a essa gente tomar uma cachacinha.”

Em 1938 é nomeado Inspetor Federal do ensino secundário, função pública que lhe daria certa estabilidade financeira. Cabe mencionar como o Estado Novo teve a peculiaridade de empregar figuras literárias em funções burocráticas, também como inspetor de ensino Graciliano Ramos, ambos rigorosos no cumprimento do dever, e como Fiscal de Rendas: Viana Moog e José Lins do Rego.

Exerce o jornalismo, redator-chefe de “Dom Casmurro”, do semanário *Diretrizes*, se dedica à literatura infantil em colaboração com Arnaldo Tabayá. Publica uma peça de teatro “Rua Alegre 12”, escreve crônicas para a revista *Cultura Política*, do Departamento de Imprensa e Propaganda, que sendo instrumento de proselitismo do Estado Novo, dava toda a liberdade para os escritores, mesmo aqueles que não eram adeptos ao regime.

O Ministro Gustavo Capanema organizou no Ministério de Educação uma série de conferências sobre “Os Nossos Grandes Mortos”, e Marques Rebelo é convidado para falar sobre Manoel Antônio de Almeida. “Da paixão literária pelas *Memórias de Um Sargento de Milícias*, achado deslumbrante dos meus dezessete anos, no deserto nacional dos livros, deslumbramento que cresce dia a dia.” Trabalho feito em dois meses, o seu grande amor pelo morto levou-o a idéia de ampliá-lo em trabalho maior, enriquecido de minúcias para ele importantíssimas, acrescido de uma série de páginas inéditas do escritor, relatando a vida que parece ter sido infeliz de Manoel Antônio de Almeida. Posteriormente, publicaria também a bibliografia de Manoel Antônio de Almeida.

Em novas atividades se consagra Marques Rebelo realizando conferências e promovendo exposições de arte em várias cidades da Argentina, do Uruguai e do Chile, sob os auspícios do Itamaraty, o mesmo ocorrendo no Estado do Rio, quando funda o Museu de Arte Moderna em Resende, e o Museu de Arte Moderna em Florianópolis. Em Florianópolis é também mentor de um grupo de jovens escritores, entre os quais Salim Miguel, Eglé Malheiros e Hamilton Ferreira, que seguem a carreira literária com seu incentivo.

Cronista exímio, as crônicas foram reunidas em vários livros, *Cenas da Vida Brasileira* (crônicas de viagem), *Correio Europeu*, *Cortina de Ferro*, e organiza *Antologia Escolar Brasileira* e a *Antologia Escolar Portuguesa*, e *Antologias do Brasil, Terra e Alma – Guanabara*.

A sua obra literária, porém, não se encerrara. Trabalhava vagarosamente na série *O Espelho Partido*, publicando em 1959 *O Trapicheiro*, I.º Tomo, a que seguiriam o segundo volume *A Mudança* e o terceiro volume *A Guerra Não Está Entre Nós*.

Muitas vezes a caracterização de uma obra literária é extremamente difícil. São *Os Sertões* um livro científico, um ensaio, uma reportagem jornalística ou uma obra de ficção como apontou Afrânio Coutinho? O que é *O Espelho Partido* um romance, um diário, um ensaio biográfico? Quero crer que as classificações são de pouca valia, quando se tem uma grande obra como é *O Espelho Partido*, retrato da vida brasileira entre os anos de 1937 e 1945.

Trata-se de uma “obra à clé”, e Martins Procópio era o retrato de Alceu Amoroso Lima, que na sessão da saudade, assim se expressou:

“Ninguém ignora, eu penso, que o crítico literário que ali aparece pintado com os traços terrivelmente caricaturais, que eram típicos do nosso grande mestre e amigo, representa uma tradução literária de quem aqui vos fala. E, para mim é uma das grandes honras da minha vida, ter sido e poder aqui nesta sessão de saudade falar como um dos seus personagens. Nem a todos é concedida esta honra. De modo que venho aqui em nome dos personagens de Marques Rebelo, dos meus companheiros, daqueles que nasceram da sua pena, embora caricaturados por ele.”

Não foi permitido a Marques Rebelo concluir a série de *O Espelho Partido*, mas os volumes publicados representam realmente um retrato vivo do Rio de Janeiro entre 1937 e 1945. A *Revista Brasileira* publicou alguns trechos inéditos do quarto volume *A Paz Não é Branca*, relativo ao ano de 1945, onde se nota as mesmas qualidades dos volumes anteriores.

Carlos Drummond de Andrade, em crônica, por ocasião de seu falecimento, assinalaria duas facetas de sua personalidade: sarcasmo e ternura. Mas o ironista terrível se transmutava num coração generoso e afetuoso.

Não será possível esquecer o homem e o amigo. No apartamento da Rua das Laranjeiras, se reuniam nos domingos amigos, futuros acadêmicos, a quem denominei de rebelianos, João Cabral de Melo Neto em 1969, Francisco de Assis Barbosa, Antônio Houaiss e Herberto Sales em 1971, Lêdo Ivo em 1987. E não acadêmicos como Paulo Silveira, Walter Benevides, Haroldo Maranhão, Antônio Bulhões e Hamilton Ferreira, e quando estavam no Rio, Francisco Inácio Peixoto e Paulo Mendes de Almeida.

Já foi mencionado nesta Casa várias vezes por Carlos Heitor Cony quanto Herberto Sales deveu a Marques Rebelo. Lera os originais do livro *Cascalho*, chamou-o imediatamente para o Rio e com ele fez a revisão a quatro mãos. Herberto Sales voltou para o Andaraí, e estava receoso de retornar ao Rio, quando Marques Rebelo telegrafou à sua mãe:

“– Obrigue Herberto a vir pt Tudo farei para salvar o amigo.”

Muito devo de sua amizade e do seu estímulo, e posso dizer que Marques Rebelo foi uma presença atuante na minha candidatura a esta Casa. Eleito, o Presidente Austregésilo de Athayde concordou em abrir uma exceção na cerimônia de posse. Recebi o diploma não de um acadêmico, mas da viúva de Marques Rebelo, a querida amiga Elza Proença.

O seu discurso de posse foi um modelo de alocução acadêmica, com o elogio do fundador que mais tempo sobreviveu, Carlos Magalhães de Azeredo.

A posse converteu-se numa grande comemoração, com danças na residência da Av. Rui Barbosa, com a música e letra de Nássara, seu grande amigo, escrita para o carioca, prevendo como terminaria a festa:

“Salve, Salve a Academia
Que elegeu novo imortal!
Elegeu, mas não sabia
Que a sua posse
Ia acabar em Carnaval.
Marques Rebelo
Dá gosto vê-lo
Vestido assim.
Fardão bem rico,
chapéu bibico,
como é bonito,
teu espadim!
Sensacional!
A bela farda,
Tão galharda,
do Imortal!”

Comentaria sobre a sua presença na Casa, quando se previa que um capeta entrara para a Academia:

“Desagradei a uns poucos acadêmicos que não votaram em mim, mostrei-me um consócio cordato, amável, disposto a trabalhar quando convidado.”

E Austregésilo de Athayde diria na fala de adeus:

“Juntos empreendemos com devotamento e entusiasmo projeto e sonhos e esperanças que a tenacidade está conduzindo à realização, e através dela serás recordado para as gerações futuras desta Casa, na lealdade e no desvelo, com que apoiavas com teu estímulo, com teu conselho, com tua

desinteressada coragem, esta nossa marcha solidária sob a mesma inspiração do engrandecimento da Academia Brasileira de Letras.”

Marques Rebelo colocou Austregésilo de Athayde em contato com meu colega de escritório, o advogado Antônio Fernando de Bulhões Carvalho, responsável pela elaboração do esquema jurídico e econômico, que permitiu a realização do Edifício Austregésilo de Athayde que hoje nos garante a estabilidade financeira.

Na sessão de saudade, Oswaldo Orico, um antigo desafeto, teria palavras tocantes. Após falar que “depois do memorável discurso de posse desta Casa, tornou-se um acadêmico exemplar”, fez referência a uma velha e antiga inimizade:

“Ele partiu sem saber que – sentimental e mentalmente – eu me havia reconciliado com sua personalidade através de rezas e de votos pelo restabelecimento da sua saúde, sem que ninguém interviesse para isso, porque sabia da existência dele um lutador que não falhou a seu destino e a seu dever.”

E concluía:

“Reconciliado espiritualmente com sua ausência, sem que ele o soubesse, deixo aqui este testemunho para juntar-me aos seus colegas que lhe reverenciaram a memória e desmentir o conceito várias vezes repetido de que os inimigos não mandam flores.”

SESSÃO DO DIA 25 DE MAIO DE 2006

Sob a presidência do Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça, estiveram presentes os Acadêmicos: Cícero Sandroni, Secretário-Geral; Ana Maria Machado, Primeira-Secretária; José Murilo de Carvalho, Segundo-Secretário; Antonio Carlos Secchin, Diretor-Tesoureiro; Eduardo Portella, Diretor dos *Anais da Academia Brasileira de Letras*; Affonso Arinos de Mello Franco, Alberto da Costa e Silva, Alberto Venancio Filho, Antonio Olinto, Arnaldo Niskier, Candido Mendes de Almeida, Carlos Heitor Cony, Domício Proença Filho, Pe. Fernando Bastos de Ávila, Helio Jaguaribe, Ivan Junqueira, Ivo Pitanguy, Lêdo Ivo, Marco Maciel, Moacyr Scliar, Nelson Pereira dos Santos e Tarcísio Padilha.

- Ao dar início à sessão, o Presidente Marcos Vinícios Vilaça colocou em discussão a ata da sessão do dia 18 de maio de 2006. Não havendo nenhuma manifestação do plenário, a ata foi aprovada.
- O Presidente Marcos Vinícios Vilaça disse gostar muito de começar as comunicações da Diretoria festejando. Festejou nessa data o Prêmio Konex Mercosul que foi atribuído ao Acadêmico Helio Jaguaribe. Disse tratar-se de um prêmio criado pela Fundação Konex, de grande respeitabilidade na Argentina e com repercussão internacional. A importância do prêmio é medida também pelo fato de ser decenal, crescendo o rigor e a categoria da concessão. Com igual satisfação comunicou ao plenário que

o Acadêmico José Sarney, com o livro *Master of the sea*, dividiu o prêmio da revista literária *Foreword Magazine* com o dissidente cubano Carlos Victoria, com o livro *A bridge in darkness*, e o escritor italiano Giorgio Manganelli, com o livro *Centúria*, escolhidos entre milhares de livros editados anualmente nos Estados Unidos. Para o Acadêmico José Sarney o prêmio foi uma surpresa, pois não tinha conhecimento de que a editora o inscrevera para essa láurea. Deu, também, conhecimento da visita à Academia de membros da família Nascimento Brito. D. Maria Isabel e D. Regina que ofertaram à Casa bens das famílias Dunshee de Abranches, do Conde Pereira Carneiro e Nascimento Brito. Livros, fotografias, medalhas, condecorações e pertences, sobretudo do maranhense, bisavô materno delas, João Dunshee de Abranches, e da avó, a Condessa Maurina Pereira Carneiro. Algumas dessas peças estão marcadamente vinculadas à história da Academia, como livro de Oliveira e Franquim, que tem o título *Ad immortalitatem* e é um endosso à candidatura de Dunshee de Abranches a sucessão de Coelho Neto, candidatura essa que acabou não se consubstanciando. Entre as medalhas de valor atadas à Academia encontra-se a Medalha do Cinquentenário da Morte de Machado de Assis que chega a esta Casa no momento em que a Academia está se organizando para celebrar o centenário. Todas estas peças já estão sob a guarda do Centro de Memória e serão posteriormente exibidas. Comunicou que a Academia também recebeu de D. Yvonne Montello a doação de uma coleção de miniaturas de porcelana, onde todas as figuras têm um livro na mão. Esta coleção ela e Josué organizaram por anos a fio, informou, ainda, que as mesmas eram compradas em suas viagens ao redor do mundo. Agradeceu, em nome de todos, muito enfaticamente, o gesto de D. Yvonne Montello. Informou, ainda, que vai receber o apoio do Banco Itaú para as comemorações dos 70 anos de Raízes do Brasil. Será um evento a ser desenvolvido basicamente em São Paulo sob a coordenação do Acadêmico José Murilo de Carvalho. A seguir, informou que prossegue ainda o trabalho da Fundação Getúlio Vargas de avaliação do ordenamento interno da Academia, com a finalidade de aperfeiçoar e modernizar o ritmo de trabalho da Casa. Falou sobre o apoio das senhoras dos acadêmicos à Casa de Betânia e ao destacar e agradecer a participação da

Sra. Helio Jaguaribe, mencionou todas as outras. Discorreu sobre a doação que foi feita pelas Senhoras para a Casa de Betânia. Disse que sua mulher se envolveu muito nesta obra e pediu um levantamento das necessidades para que as Senhoras diligenciem meios de dotar esta casa de idosos do mínimo de condições de funcionalidade. A Diretoria tem apoiado, na medida do possível. Comunicou, ainda, que logo mais ele e o acadêmico João Ubaldo Ribeiro estarão viajando para os Estados Unidos. A International Press Award realiza em Fort Lauderdale, a 27 de maio, a solenidade anual de homenagem a um escritor brasileiro. Este ano o escolhido foi o Acadêmico João Ubaldo Ribeiro. Informou, ainda, que o Presidente da Academia Brasileira de Letras fará a entrega da premiação. Esta viagem não custará nada à Academia. A entidade patrocinadora destes prêmios convidou também as esposas para que os acompanhassem. Estarão de volta na quarta-feira. Para concluir, pediu que as Comissões dos prêmios de ficção e tradução preparem os pareceres para a apresentação em plenário. Lembrou, também, que a “Exposição Guimarães Rosa 1956” foi adiada para o dia 29 de junho, às 20 horas. Na ocasião a secretaria fez uma comunicação para todos os acadêmicos do programa do mês de junho. Passou, a seguir, a palavra ao Acadêmico Candido Mendes de Almeida.

- O Acadêmico Candido Mendes de Almeida assinalou a morte de Katherine Dunham, aos 96 anos num asilo de velhos na Califórnia. Falou da antropóloga, formada na Universidade de Columbia e professora da mesma universidade, que depois transformou o seu conhecimento, no primeiro levantamento da grande musicologia afro-brasileira. Durante cinquenta anos, o seu famoso balé, foi a marca antropológica e admiravelmente criadora deste conteúdo da cultura brasileira. Lembrou que, há quarenta anos, no Hotel Esplanada, o grupo de Katherine Dunham foi discriminado por uma minoria branca. Naquele momento Afonso Arinos sentiu o que representava aquela discriminação de negros no maior Hotel de São Paulo e, a partir daquele momento, a Lei Afonso Arinos finalmente se transformou numa conquista desta mesma cultura e dos Direitos Humanos no Brasil. É, portanto, uma marca que tem dupla repercussão nesta Casa e que queria deixar como testemunho do nosso reconhecimen-

to e da nossa gratidão. Passou a seguir à apresentação do parecer da Comissão do Prêmio de Ensaio, Crítica e História Literária. (O texto lido será incorporado aos *Anais da Academia Brasileira de Letras*.)

- O Presidente Marcos Vinícios Vilaça submeteu ao plenário o parecer da Comissão do Prêmio de Ensaio, Crítica e História Literária, que foi aprovado por unanimidade.
- O Presidente declarou que o Prêmio de Ensaio, Crítica e História Literária de 2006, vai para o escritor Per Johns, por *Dioniso Crucificado*.
- O Acadêmico Ivan Junqueira comunicou que, a convite da Fundação Biblioteca Nacional e do Ministério da Cultura de Portugal, esteve em Lisboa juntamente com o Acadêmico Evanildo Bechara para participarem dos trabalhos do Júri do XVIII Prêmio Camões. Já havia, mais ou menos, um consenso da Comissão que se reuniu ano passado e da qual também participou, de que o premiado deste ano deveria ser um africano e foi com essa expectativa que viajaram para Lisboa, ele e o Acadêmico Evanildo Bechara. Esse prognóstico se confirmou de modo que houve uma votação praticamente unânime para o escritor angolano José Luandino Vieira. O único voto em contrário foi de Agustina Bessa-Luís que preferiu dar o seu voto ao escritor cabo-verdiano Germano de Almeida. Informou ter sido, na ocasião, eleito presidente do Júri, porque havia necessidade de que um membro brasileiro o fosse. Leu o segundo parágrafo da Ata que se lavrou no dia 19 de maio. Disse que soube hoje que José Luandino Vieira recusou o prêmio por motivos de ordem pessoal e íntima. Vive recolhido num mosteiro adaptado no Norte de Portugal, de propriedade de um amigo. Disse que só resta à comissão de jurados, ao governo brasileiro e português aceitar a decisão do premiado. O Prêmio Camões de 2006 ficou, portanto, atribuído, mas não recebido. Lamentou muito, não só por ter participado do corpo de jurados, mas também porque a África perde uma oportunidade, de mais uma vez se afirmar como um continente produtor da mais alta literatura de língua portuguesa.
- O Acadêmico Helio Jaguaribe agradeceu as palavras muito generosas do Presidente sobre o Prêmio Konex. Observou que recebeu em Buenos

Aires apenas a comunicação oficial da concessão do prêmio. A outorga se dará em novembro. Agradeceu, também, as referências generosas a sua Senhora. Prosseguindo, disse o quanto deplorou não estar no Brasil por ocasião da homenagem póstuma a Miguel Reale. Acredita que Miguel Reale foi o mais importante filósofo jurídico da história brasileira e certamente um dos mais importantes do mundo. Há certo consenso, na especialidade, de reconhecer a eminência nessa disciplina a Noberto Bobbio e a Miguel Reale. A sua *Teoria Tridimensional do Direito* tornou-se hoje um elemento permanente da Filosofia do Direito e da constatação das características específicas da norma jurídica em relação a sociedade e aos valores éticos. Falou sobre a contribuição intelectual de Miguel Reale que foi muito ampla, não somente no campo da Filosofia do Direito como nas humanidades no Brasil, que são da melhor qualidade. Registrou também a trajetória pessoal, pública e universitária de Miguel Reale. Catedrático da Filosofia do Direito em toda a sua vida ativa e ao se aposentar, foi substituído, por concurso, pelo Prof. Celso Lafer. Pelos motivos acima mencionados, disse que só hoje pôde trazer a sua palavra sobre esse homem por quem teve tão grande admiração e tão grande estima. Comunicou, a seguir, o fato de o Ministério das Relações Exteriores estar desejando oferecer aos membros da Academia Brasileira de Letras Passaporte Diplomático na ocasião em que viajarem ao exterior. É um hábito que foi adotado já há algum tempo pela Academia Francesa e algumas outras instituições e o Secretário-Geral do MRE, Embaixador Samuel Pinheiro Guimarães, lhe disse que o Itamaraty considerava mais adequado conferir esta facilidade se a direção da Academia se manifestasse de acordo.

- O Presidente Marcos Vinícios Vilaça, a respeito do último item da comunicação, pediu que o Acadêmico Helio Jaguaribe produzisse um pequeno texto para que possa ser distribuído aos acadêmicos na próxima semana. Adicionalmente a esta manifestação que foi feita ao Acadêmico Helio Jaguaribe, recebeu a mesma sugestão da parte do Embaixador Jerônimo Moscardo. Estava apenas aguardando uma oportunidade para tratar deste assunto.
- O Acadêmico José Murilo de Carvalho disse que o livro *Castro Alves*, da coleção Perfis Brasileiros, do Acadêmico Alberto da Costa e Silva, o fasci-

nou e perturbou ao mesmo tempo. Fascinou-o pela economia e elegância da composição, pela excelência do estilo, pela fineza da abordagem e pela perfeita combinação de biografia com análise literária. Perturbou-se ao lembrar que terá que escrever biografia de outro personagem para a mesma coleção, ficando no dilema de desistir ou resignar-se a uma comparação penosamente desfavorável. A privilegiada convivência, numa mesma pessoa, do historiador e do poeta, fez do Acadêmico Alberto da Costa e Silva um inigualável biógrafo de Castro Alves.

- O Acadêmico Alberto da Costa e Silva agradeceu as muitas bondades do Acadêmico José Murilo de Carvalho e dos demais confrades.
- O Acadêmico Affonso Arinos de Mello Franco fez uma breve observação para agradecer ao Acadêmico Candido Mendes de Almeida a generosa lembrança que teve ao mencionar a Lei Afonso Arinos. Disse que a idéia da lei nasceu, na intenção do seu autor, quando ocorreu o episódio em que Katherine Dunham teve a sua entrada proibida no Hotel Esplanada, em São Paulo. A redação do projeto da Lei Afonso Arinos foi desencadeada, no ano seguinte, por uma situação ocorrida com uma pessoa ligada ao Acadêmico Afonso Arinos. Finalizando, fez uma pequena retificação, para efeito de Ata, de que fazem 56 anos desse episódio ocorrido com Katherine Dunham, em 1950, e a Lei Afonso Arinos é de 1951.
- O Acadêmico Lêdo Ivo lembrou que foi dito a ele pelo próprio Acadêmico Afonso Arinos, autor da Lei que leva seu nome, que o motivo que o levou a ser autor dessa Lei foi de universo pessoal e familiar.
- O Acadêmico Affonso Arinos de Mello Franco agradeceu a informação do Acadêmico Lêdo Ivo e disse que o projeto de lei foi desencadeado num fim de semana por um incidente ocorrido com um empregado. A idéia da Lei começou a se formar na cabeça do Acadêmico Afonso Arinos de Melo Franco após o episódio do impedimento da atriz Katherine Dunham e sua trupe, por razões de raça e de cor, de ingressar no Hotel Esplanada em São Paulo.
- O Acadêmico Cícero Sandroni disse que todos lamentam a perda da antropóloga, bailarina e coreógrafa Katherine Dunham. Lembrou que, no Brasil, temos a nossa Katherine Dunham, que é Mercedes Batista com a

sua Brasileira. Encontra-se hoje numa situação difícil devido a um Acidente Vascular Cerebral. Seu grupo, que percorreu não só os Estados Unidos, mas a Europa continua atuando, porém em precárias condições.

- O Acadêmico Moacyr Scliar falou sobre o anteprojeto que enviou a algumas pessoas, resultado da observação que tem feito, através de muitos contatos com universidades e escolas. Tem notado a necessidade do público que está se iniciando na literatura de uma bibliografia básica brasileira. Nos Estados Unidos tem o nome de cânone, uma palavra considerada atualmente politicamente incorreta porque o cânone americano foi muito criticado por excluir certas culturas. Sugeriu que a Academia Brasileira de Letras assumisse essa tarefa. Assim como a Academia cuida da ortografia brasileira, poderia, na Literatura, fornecer recomendações bibliográficas; dessa maneira se aproximaria mais dos expoentes culturais e da população brasileira como um todo. Finalizando, disse que lança a idéia desse anteprojeto que, desenvolvido gradualmente, pode dar bons resultados e ajudar a população brasileira. Lembrou que na segunda-feira houve uma reunião no Ministério da Educação a respeito daquilo que está se chamando de neoleitor, o enorme contingente populacional que já não é mais analfabeto, mas que não sabe o que lê. Lança a idéia desse anteprojeto na esperança de que se transforme num programa e colabore para consolidar a imagem da Academia Brasileira de Letras junto à população do País.
- A Acadêmica Ana Maria Machado, sobre o assunto levantado pelo Acadêmico Moacyr Scliar, disse que não cabe a Academia Brasileira de Letras fazer lista de livros. Um Vocabulário Ortográfico, como a Academia faz, é uma das suas atribuições porque a regra é clara, mas no caso de quais os melhores livros da nossa literatura a regra não é tão clara. A Academia poderia estar refletindo um gosto pessoal ou momentâneo, ainda que resultado de opinião de várias pessoas. Não acha que caiba a Academia fazer uma lista de cem obras que seriam as mais preferidas.
- O Acadêmico Eduardo Portella concordou com a Acadêmica Ana Maria Machado. Disse que essa idéia de cânone teve um êxito muito grande nos países anglo-saxões, a um livro de Harold Bloom, sobre o cânone da lite-

ratura ocidental. Em sua opinião, entretanto, tem omissões gravíssimas no livro que apresenta estrutura de conhecimento autoritária. O grande escritor é aquele que desfaz o cânone. Acha que essa idéia não acrescentou nada aos estudos literários nas diferentes universidades do mundo. Estão hoje sendo criticadas essas apressadas canonizações, sempre organizadas pelo centro do poder cultural mundial. Acha uma tarefa delicada a Academia se alçar como instituidora de uma lista que não saberá qual o nível de aceitação.

- O Acadêmico Moacyr Scliar, sobre o assunto, disse que não se trata de um cânone. Apenas uma iniciativa da Academia de compatibilizar o que já está sendo feito. Existem mil listas de livros que são usados nas universidades e nas escolas. Retirou a proposta e disse que no futuro encontrará o seu momento mais adequado.
- O Acadêmico Antonio Olinto, no capítulo das Efemérides, fez uma bela apresentação sobre a vida e a obra do Acadêmico Rodolfo Garcia que hoje dá o nome a uma das Bibliotecas da Academia Brasileira de Letras. (O texto lido será incorporado aos *Anais da Academia Brasileira de Letras*.)
- O Presidente Marcos Vinícios Vilaça disse que a alegria de viver do Acadêmico Antonio Olinto se reproduz nos textos que nos oferece.
- O Acadêmico Cícero Sandroni, na ausência do Acadêmico Evanildo Bechara, que se encontra na Alemanha participando de um Congresso de Filologia, deu notícias do Curso de Crítica Textual que vai coordenar na próxima semana, com a participação dos Professores Maurizio Perugi, da Universidade de Genebra, e Bárbara Spaggiari, da Universidade de Perugia. Esse curso envolverá uma série de assuntos ligados a pressupostos teóricos e aplicação de textos literários em Língua Portuguesa, dirigido especialmente a alunos de graduação e pós-graduação e também a editores de textos. As palestras se realizarão nos dias 29, 30 e 31 de maio e 1 e 2 de junho, na Sala José de Alencar.
- O Presidente Marcos Vinícios Vilaça convidou o plenário para o Seminário *Brasil, brasis* sobre o tema “A moda e a sociedade contemporânea”, às 17h 30min, no Teatro Raimundo Magalhães Júnior. A coordenação é da Acadêmica Ana Maria Machado e será expositor o Acadêmico Ivo Pitanguy. Nada mais havendo a tratar, deu por encerrada a sessão.

PRÊMIO ABL DE ENSAIO, CRÍTICA E
HISTÓRIA LITERÁRIA – 2006

*Parecer lido pelo Acadêmico Candido Mendes de Almeida**

A partir de 2005 decidiu a ABL a criação do Prêmio de Ensaio, destacado do de História e Crítica. O intento foi atentar esse imperativo do discurso da pós-modernidade, no conhecimento do real à sua distinta leitura reveladora, como nos lembrou Walter Benjamin deste “universal concreto” que só captura o olhar do pensador.

A Academia, ao lado da defesa da língua, debruça-se, no desdobramento de seus prêmios, na crescente distinção de gêneros em que a literatura volta-se para a produção do sentido na cultura brasileira. O ensaio vai à relevância do que se descobre, objetivamente, no contextual da obra. Captura o aporte da vida do espírito (Buckhardt), por sobre o atletismo ou a *virtu* do autor, no que poderia manifestar, também, de amadurecimento da nossa subjetividade como reflexão coletiva. Henri Michaux ressaltava, ainda, a sua falta no país dos anos 30: “O Brasil sempre em reflexo, jamais em reflexão”. O ensaio é este fruto da decantação de um “ver o mundo”, por sobre a liberdade do imaginário, e que nasce deste inquirir do que a expressão tem de recado sobre o texto ostensivo.

Nesta fidelidade ao curso, via de regra escondido do real, o gênero passa pelo jornalismo, o diário ou o grande fresco de época, ou do seu passado. Atravessa a polêmica, a meditação ou memória coletiva, mas no corte de sua percepção renovadora. O ensaio, neste entendimento, é escasso em culturas

* Na sessão do dia 25 de maio de 2006.

como a nossa e, via de regra não comporta a verdadeira dimensão do livro. Avança por artigos, ainda, onde a criatividade indiscutível se mantém sobre o primeiro lampejo da intuição.

No assento sobre o real, o ensaio, ao mesmo tempo, verte-se sobre as tensões de sua complexidade como do seu próprio discurso, ou mesmo no limiar já da história, aplica-se ao enfoque heterodoxo do evento, como itinerário da sua compreensão. A verdadeira práxis de um escrever-se a história repetirá Michel de Certeau, vai depender das “guerrilhas de ensaio” para assentar o referencial objetivo no dizer do nosso tempo, para o desempenho, sempre inacabado do compreender.

Marcantes no ano findo, nesta senda, foram os trabalhos de Geraldo Holanda Cavalcanti, ou de Domingos Meirelles ou de Per Johns, *O Cântico dos Cânticos*, do primeiro, trabalho inovador de análise textual, que remete à melhor hermenêutica diltheyana de seu enunciado para um contraponto extremo, multissecular, permitindo uma lição de têmpera internacional, para o entendimento de um texto fundador de nossa mundanidade.

Meirelles em obra ostensivamente histórica, *Os Órfãos da Revolução de 50* vai ao ensaio, nesta leitura de um especialíssimo entrecruzar entre o biográfico e o panelístico de onde brota, sobre o fato, a sua condução por narrativas paralelas. O autor nos oferece o protagonismo das vozes, no entendimento de 30, pela oligarquia, pelo sindicalismo, ou pelo anarquismo, inclusive no especialíssimo “fora do lugar”, esperado de seu discurso. É o que permite também como idéia indutora do livro, a leitura *ex post* do golpe de Estado, como uma revolução e ao efetivo corte da mudança após o primeiro Vargas.

Per John fez de *Dioniso Crucificado*, sinal da maturidade da reflexão da cultura brasileira à legítima ambição do ensaio. Espelha, ao mesmo tempo, uma visão da vida do espírito contemporâneo, em que a raridade, entre nós, de um convívio com o pensamento escandinavo e norte europeu não se isola do humanismo tronco da latinidade. Vai à Bachelard e Eliade sem ceder à fatalidade do exotismo de Denisen, ou a distância de Jacobsen.

Nessa especialíssima aculturação em que hoje fertiliza o nosso “ver o mundo” adensa, por exemplo, a revelação de Stephan Zweig, pressentida por

Alberto Dines. Aprofunda o desamparo do escritor em Petrópolis, auto-exilado da Europa, e levando o próprio suicídio e da mulher a um inédito cerimonial de desenlace.

Por outro lado, não cai na armadilha da ilustração, a que o crivo de seu espírito poderia induzir, O texto centra-se no tempo interior da cultura que adota, respondendo à marcação da sua expectativa, dos hiatos e vazios do que sabe, continua a faltar à nossa leitura. É no à vontade, contido, pois, que fala sem risco em Heidegger como em Cioran, e sabe passar pela pátria de Hamlet para trazê-lo ao nervo da sua contemporaneidade, no perfil de Bergman. Seu itinerário de uma “viagem alma adentro” passa pela “viagem à volta de si mesmo”. Em *Dioniso Crucificado* emprestou-nos o sinal do caminho a desenrolar num pensamento brasileiro referido, na aventura sacrificial e prematura de Vicente Ferreira da Silva, em nosso autêntico filosofar.

Dioniso Crucificado se quer como “exercício de admiração”, à la Cioran. Há que reconhecê-lo justamente pelo “mais de sentido” que porta. E assegura este assento das distâncias interiores de que se faz uma cultura como destrave da nossa subjetividade. Devemos-lhe este horizonte, que confronta os juízos adquiridos na investigação do que seja a contemporaneidade. É marco ganho em nosso entender interior, para além das retóricas fáceis de buscá-lo em mistérios do texto a que às vezes sucumbe. Mas apura-se na sagacidade dos álibis ou cautelas em que possa se ocultar um legítimo saber de fundação. É conferido a *Dioniso Crucificado*, por maioria, o Prêmio de Ensaio de 2006, indo ao *Cântico dos Cânticos* o voto de Sergio Paulo Rouanet.

VIDA E OBRA DE
RODOLFO GARCIA

*Acadêmico Antonio Olinto**

Se Bilac tinha um nome alexandrino, o de Rodolfo Garcia era decassílabo: Rodolfo Augusto de Amorim Garcia: um decassílabo perfeito, com acentuações na segunda, na quarta e na oitava linhas. O pai também era decassílabo, com a mesma cadência: Augusto Carlos de Amorim Garcia, e também sua mãe: Maria Augusta de Amorim Garcia. Mas Rodolfo Garcia não foi poeta. Foi um dos melhores historiógrafos que este país já teve, foi um mestre documental, um apaixonado pelo documento. As palavras que descobria nos documentos antigos retiraram do passado trechos não muito conhecidos de nossa história.

Nascido no Rio Grande do Norte em 1873, chegou à idade em que se escolhe uma carreira quando os militares, proclamadores da República, estavam na moda. Resolveu ser militar e, depois de estudar no Colégio Militar do Ceará, ingressou na Escola da Praia Vermelha no Rio de Janeiro. A rebelião dos cadetes dessa Escola em 1895 o afastou da carreira das armas. Voltando ao Nordeste, seguiu o caminho de todo o mundo e formou-se em Direito na tradicional Faculdade do Recife. Isto, em 1908. Já colaborava então na imprensa pernambucana (no jornal *Estado de Pernambuco* e na revista *Cultura Acadêmica*). Depois de um ensaio, “Nomes de aves em língua tupi” editou um “Dicionário de Brasileirismos”. Em ambos revelava seu amor à palavra em si. De novo no Rio de Janeiro intensificou seu trabalho de histo-

* Estudo apresentado na sessão do dia 25 de maio de 2006.

riógrafo e suas atividades na direção de instituições de pesquisa. Na realidade, Rodolfo Garcia acreditava numa verdade do documento, característica de todo apaixonado pela pesquisa. É no documento que está o passado. É dele que surge o passado. E do passado precisamos todos nós que estamos no presente a caminho do futuro. Junto com o passado, nele tendo começado, vindo até nós e continuando além de nós, está a terra com suas plantas e seus bichos. Daí o interesse de Rodolfo Garcia pelas línguas primitivas da terra do Brasil, pelo tupi e pelas palavras tupis, que foi buscar no próprio dicionário da Academia Francesa. Seu texto chamado “Exorcismos franceses originários da língua tupi” estendeu-se a outro, “Nomes de parentesco na língua Tupi.”

Depois de dirigir o Museu Histórico foi nomeado, em 1932, para o cargo de Diretor da Biblioteca Nacional. Já publicara antes sua importante contribuição para a biblioteconomia no Brasil, com um ensaio chamado “Da classificação bibliográfica decimal e suas vantagens.” Membro da Academia Brasileira de Letras, nela ocupou a Cadeira n.º 39, eleito em 2 de agosto de 1934, na sucessão de Rocha Pombo e recebido pelo Acadêmico Afonso d’Escragnolle Taunay em 13 de abril de 1935.

Note-se que essa posição de diretor da Biblioteca Nacional tem sido ocupada por alguns acadêmicos: Ramiz Galvão, Rodolfo Garcia, Josué Montello, Augusto Meyer, Eduardo Portela.

De textos de Josué Montello temos o testemunho de extrema dedicação de Rodolfo Garcia à pesquisa. Costumava ele receber amigos companheiros de trabalho à tarde. Pessoas presentes a esses encontros eram Josué, Max Fleiuss, Pedro Calmon, Ribeiro Couto, Luís Viana, Artur César Ferreira Reis, Caio Prado Junior, Serafim Leite, Rodrigo Octavio. Conta Josué que uma vez Rodolfo Garcia entrou na sala com um ar de muita alegria. “Por que tão alegre?”, quis saber Montello. “Você está rindo à toa.” Resposta: “É que sonhei que estava em Lisboa, na Torre do Tombo, cercado de documentos por todos os lados.” Era o ideal do historiógrafo: a Torre do Tombo, a mesa cheia de documentos. Mas Rodolfo tinha momentos de bom humor também, mesmo quando as circunstâncias não fossem alegres. O mestre estava doente, mal, de cama. Josué chega e percebe – e um sorriso meio zombeteiro. Rodolfo explica: “Apareceu aqui um candidato à minha vaga na Academia.

Olhhou-me por uns minutos com interesse sinistro. Compreendi tudo. E resolvi desapontá-lo: – Moço, meu médico acabou de sair daqui. Achou-me ótimo, Disse-me que eu ainda tenho vida para uns vinte anos. – Senti que ele não gostou. Ficou pálido. Daí a pouco se levantou para ir embora.” E Garcia concluiu, depois de uma pausa: “Acho que ele saiu daqui para visitar o Ataúlfo, que não tem passado muito bem.”

De minha parte, embora sem o ter conhecido pessoalmente, participou ele de uma fase muito curiosa de minha vida. Depois de oito anos em Seminário Católico cheguei ao Rio onde me tornei professor de Latim e Português. Andava cheio das teses da Semana de Arte Moderna de 22. Eram também os tempos da Marcha para o Oeste. Encasquetou-me a idéia de que a língua oficial do Brasil devia ser o tupi. Estudei um pouco então da língua dos nossos índios e quase decorei o livro de Rodolfo Garcia sobre o tupi na Academia Francesa. O curioso é que eu dava então de três a quatro aulas de Latim por dia, em ginásios diferentes. A emenda Capanema colocara o Latim em todas as quatro séries do Ginásio. Outro colega meu fazia a mesma coisa: Roberto Campos, que se preparava para o seu concurso no Itamarati. Cheguei a escrever alguns poemas em tupi, que Roberto se recusava a ler. Nascido em Ubá, com a família de meu pai em Caratinga e numa aldeia chamada Piau a da minha mãe, via que “Ubá” era uma canoa de um tronco só em tupi, Caratinga significava batatas brancas em tupi e “Piau” era um peixe fluvial em tupi. Mesmo passada minha febre indígena, levei anos defendendo a tese de que o ensino do Tupi devia fazer parte de nosso currículo do ensino médio.

Foi curioso que, muitos anos depois, estando com Zora, minha mulher, num hotel de Lisboa, a ela perguntei o que desejava no café da manhã. Resposta: “Um mingau de aveia.” Telefonei para o setor responsável e fiz o pedido. Meia hora depois, reclamei. O cozinheiro veio ao nosso quarto e perguntou a Zora: “Como se faz um mingau?”. Zora explicou com detalhes e o homem sorriu: “Ai, que madame quer papas d’aveia.” No mesmo dia, na embaixada, fui a um dicionário brasileiro. Lá estava: “mingau – palavra tupi”.

Lembrei-me então do período em que eu havia tido Rodolfo Garcia como guru. Tendo ele morrido em 1949, freqüentasse eu então os meios literários da cidade, tê-lo-ia conhecido. Depois de uma infância e parte da moci-

dade vividas numa espécie de clausura, o que eu desejava então era conhecer o mundo, como se dizia na minha fase de seminarista.

Foi por isto, meus caros confrades, uma alegria e uma volta agradável ao passado, o eu ter falado aqui sobre esse nosso confrade de antigamente, Rodolfo Garcia, que hoje dá seu nome à nova biblioteca da Academia e que nos iluminou partes importantes de nosso passado para que possamos construir sobre terreno seguro o nosso presente e o nosso futuro.

SESSÃO DO DIA 1.º DE JUNHO DE 2006

Sob a presidência do Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça, estiveram presentes os Acadêmicos: Cícero Sandroni, Secretário-Geral; Ana Maria Machado, Primeira-Secretária; José Murilo de Carvalho, Segundo-Secretário; Antonio Carlos Secchin, Diretor-Tesoureiro; Murilo Melo Filho, Diretor da Biblioteca; Sergio Paulo Rouanet, Diretor do Arquivo, Eduardo Portella, Diretor dos *Anais da Academia Brasileira de Letras*; Affonso Arinos de Mello Franco, Alberto da Costa e Silva, Alberto Venancio Filho, Antonio Olinto, Arnaldo Niskier, Candido Mendes de Almeida, Carlos Heitor Cony, Domício Proença Filho, Evanildo Cavalcante Bechara, Pe. Fernando Bastos de Ávila, Ivan Junqueira, Moacyr Scliar, Sábato Magaldi e Tarcísio Padilha.

- Ao dar início à sessão, o Presidente Marcos Vinícios Vilaça colocou em discussão a ata da sessão do dia 25 de maio de 2006. Não havendo nenhuma manifestação do plenário, a ata foi aprovada.
- O Presidente Marcos Vinícios Vilaça, iniciando as comunicações ao plenário, pediu uma salva de palmas para o Acadêmico Candido Mendes de Almeida, que fará aniversário no próximo dia 3. Comunicou que a Diretoria participou das homenagens prestadas, nos Estados Unidos, ao Acadêmico João Ubaldo Ribeiro, pela 9.^a Edição Anual do Brazilian International Press Award. Disse que foi muito prazeroso entregar ao Acadêmico João Ubaldo Ribeiro o Prêmio “Lifetime Achievement Award”, reconhecendo a expressão do acadêmico como um grande cria-

dor da literatura das Américas. Mostrou ao plenário a Medalha Machado de Assis, uma pequena homenagem que recebeu do Broward Center for the Performing Art. Estavam presentes representantes de cem veículos de comunicação de onze países que se mostraram atentos e interessados na divulgação dos trabalhos da Academia e dos acadêmicos. Passou a listagem dos e-mails dos jornais para o Centro de Informática da ABL a fim de que as notícias circulem e divulgou o próprio e-mail da Academia e do portal que dentro de trinta dias estará inteiramente renovado. Visitou o Consulado Geral do Brasil, em Miami, dirigido pelo Embaixador João Almino de Souza Filho, e teve o prazer de percorrer as instalações do Consulado e, no Setor Cultural, visitar o “Salão de Atos Machado de Assis”, onde está sendo feita uma intensa programação cultural.

- O Acadêmico Cícero Sandroni propôs ao plenário a concessão da Medalha João Ribeiro à arquiteta e artista Janete Costa. (O texto lido será incorporado aos *Anais da Academia Brasileira de Letras*.)
- O Presidente submeteu ao plenário a proposta de concessão da Medalha João Ribeiro a arquiteta Janete Costa.
- O Acadêmico Alberto da Costa e Silva lembrou ao plenário que após a proposta apresentada se passe duas sessões para aprovação.
- O Presidente Marcos Vinícios Vilaça disse que daqui a quinze dias submeterá à votação para a formalização da indicação. Acha que a proposta do Acadêmico Cícero Sandroni é coberta da melhor razão. Trata-se de uma pessoa que tem prestado à cultura brasileira um serviço inestimável na catalogação, na difusão internacional e na valorização dos artistas populares de todo Brasil. A arquiteta Janete Costa doou à Academia Brasileira de Letras o projeto arquitetônico e de ambientação do Espaço Cultural Josué Montello.
- O Acadêmico Antonio Olinto leu o Decreto n.º 25558, de 25 de maio de 2006, onde cria grupo de trabalho para homenagear o centenário de morte de Machado de Assis, no ano de 2008. (O texto lido será incorporado aos *Anais da Academia Brasileira de Letras*.)

- O Acadêmico José Murilo de Carvalho participou de dois simpósios sobre os problemas atuais da América Latina e as perspectivas para os próximos anos. O primeiro realizou-se em Buenos Aires, com o título: “Os bicentenários latino-americanos: nação e democracia”, de que participou também o Acadêmico Helio Jaguaribe. O segundo passou-se em São Paulo, no Instituto Fernando Henrique Cardoso, com o título “Sociedade Civil e Democracia na América Latina: crise e reinvenção da política.” Salientou a convicção de que vivemos tempos difíceis, desafiando a argúcia e a criatividade dos analistas no sentido de se buscarem caminhos novos para os países do continente. (O texto lido será incorporado aos *Anais da Academia Brasileira de Letras*.)
- O Acadêmico Evanildo Cavalcante Bechara deu notícias de dois eventos que participou. O Congresso na Universidade de Humboldt, em Berlim, onde os alemães comemoraram os 400 anos da publicação de um livro do filólogo Duarte Nunes de Leão, do século XVI. Disse que esta iniciativa do Instituto Ibero-Americano é muito importante tendo em vista a importância cada vez maior do ensino da língua portuguesa nas universidades alemãs pelo fato de que a filologia românica, germânica e clássica nasceu na Alemanha. A língua portuguesa e a literatura medieval portuguesa tiveram nos alemães, nos seus descendentes e discípulos o que de melhor se publicou no mundo no século dezenove e no início do século XX. Observou que das dezenas de universidades alemãs que ensinavam português estão hoje reduzidas a apenas quatro. Acha importante que o Instituto Machado de Assis se desenvolva e se concretize com a maior rapidez possível porque sem os subsídios desses institutos não teremos a língua portuguesa estudada como sempre foi nos séculos dezenove e vinte. Lembrou que a presença portuguesa nos leitorados se intensifica enquanto se enfraquece a presença brasileira nos de língua portuguesa. Em seguida, falou sobre o Curso de Crítica Textual, promovido pela Academia e ministrado por dois professores italianos: a Professora Bárbara Spaggiari, da Universidade de Perugia, e o Professor Maurizio Perugi, da Universidade de Genebra. Disciplina que merece uma consideração especial porque grande parte da literatura brasileira, desde os seus inícios até tempos recentes, sofre a dificuldade da fixação crítica dos tex-

tos. Um grande passo foi dado pela Comissão Machado de Assis que tirou de uma atmosfera pobre os textos machadianos, mas ainda há muito o que fazer. A presença da Academia nesses estudos tem sido muito elogiada pelos frequentadores e também pelo fato de que o Instituto Ibero-Americano o indicou e como Membro da Academia Brasileira de Letras, pelo seu prestígio.

- O Acadêmico Eduardo Portella disse que as duas referências acentuadas pelo Acadêmico Evanildo Bechara são muito importantes. Pediu ao Presidente Marcos Vinícios Vilaça que a Academia Brasileira de Letras tivesse uma participação mais acentuada na institucionalização desse Instituto Machado de Assis. Tem tido conhecimento através de algumas manifestações iniciais dos diferentes ministérios implicados, porém acha que a questão não está sendo tratada com o rigor e o cuidado necessários. Com relação à segunda referência, sobre o curso de Crítica Textual, disse que tanto a edição crítica quanto a fidedigna são fundamentais. Louva o Acadêmico Evanildo Bechara por ter trazido para o plenário da Academia Brasileira de Letras esta questão.
- O Presidente Marcos Vinícios Vilaça agradeceu ao Acadêmico Evanildo Cavalcante Bechara a comunicação que fez. Disse que a Diretoria cumpriu com muito prazer a autorização do curso que está sendo dado com muito êxito.
- O Acadêmico Candido Mendes de Almeida lembrou que no início do ano o Presidente, ao referir-se ao calendário e as Efemérides nacionais e internacionais deste ano, lembrou Leopold Sedar Senghor. Disse que chegou hoje pela manhã de Dakar onde pôde mencionar este fato ao atual Presidente do Senegal, Abdoulaye Wade, terceiro presidente daquele país e o primeiro que não é do partido de Senghor, que imediatamente chamou o coordenador das comemorações do centenário do nascimento de Senghor, o ex-Primeiro Ministro do Senegal, para que ele viesse ao Brasil integrar a homenagem da Academia Brasileira de Letras. Esta é a proposta que traz à presidência da Casa para saber do seu assentimento. Se isso viesse a ocorrer ele estaria aqui na primeira ou segunda quinta-feira do mês de agosto. Disse que esse coordenador lembrou a presença brasileira

no Senegal falando sobre João Cabral de Melo Neto, em Dakar, onde ele escreveu boa parte da sua obra. Disse que dessa ponta extrema da África, onde não se pode deixar de ver a Ilha de Goréia e de onde saíram um terço daqueles cinco milhões de africanos que vieram para o Brasil, na tragédia da escravidão.

- O Embaixador Alberto da Costa e Silva disse não haver dúvidas de que devemos prestar todas as homenagens a Senghor, não só como um dos maiores poetas do século XX mais como membro desta Academia. Da Ilha de Goréia veio muito pouca gente para o Brasil. Não foi ponto de embarque para o nosso país, mas para as Antilhas Francesas, Antilhas Britânicas e mesmo para os Estados Unidos. Metade da população negra brasileira é originária de Angola, dos portos de Benguela, Luanda, Pinda e Cabinda e um quarto veio da chamada Costa dos Escravos, sobretudo de Lagos, Badagry, Aguê, Anexô e até mesmo de São Jorge da Mina e Acra. Da Goréia veio muito pouca gente, tanto que, quando o Presidente Lula esteve na Goréia e pediu desculpas pelas pessoas que tinham saído de lá, quase não tinha a quem pedir desculpas naquele lugar. As grandes desculpas se devem a outros portos e a outras áreas da África.
- O Acadêmico Candido Mendes de Almeida agradeceu muito o esclarecimento feito pelo Acadêmico Alberto da Costa e Silva porque ainda se pode fazer uma correção no elenco das cerimônias de Senghor.
- O Presidente Marcos Vinícios Vilaça disse ao Acadêmico Candido Mendes de Almeida que a Academia terá um grande prazer de poder estabelecer o enlace com estas comemorações em honra ao sócio correspondente da Casa, Leopold Sedar Senghor. Pediu ao Acadêmico Candido Mendes de Almeida para receber a Dra. Marta Klagsbrunn que vai procurá-lo para estabelecer datas, o que está muito difícil. Mas dada a relevância do fato, a Academia poderá pensar como vai agendar esta homenagem a Senghor.
- O Acadêmico Affonso Arinos de Mello Franco lembrou, dentro do contexto a que se referiu o Acadêmico Candido Mendes de Almeida, que esta Casa foi representada na posse do Presidente Senghor ao mesmo tempo em que o governo brasileiro, porque foi o então Chanceler e Acadêmico

Afonso Arinos que fez a primeira visita oficial de um membro do nosso governo a um país africano para representar o Brasil na posse do Presidente Leopold Sedar Senghor, grande poeta africano e grande amigo de João Cabral.

- O Acadêmico Moacyr Scliar comunicou que foi procurado por membros da Academia Brasileira de Medicina que estão interessados em desenvolver atividades conjuntas com a Academia Brasileira de Letras. Como o Presidente disse que estamos com problemas de datas, talvez possa ser uma atividade da Academia Brasileira de Medicina na qual a ABL participe. Comunicou que está viajando amanhã, a convite da Universidade Hebraica de Jerusalém, para participar de um Simpósio Internacional em torno de um tema que considera muito interessante para o Brasil, Imigração e Literatura. E falará sobre Imigração e Literatura no Brasil.
- No capítulo das Efemérides, o Acadêmico Murilo Melo Filho proferiu um discurso sobre o saudoso Acadêmico Luís Viana Filho. (O texto lido será incorporado aos *Anais da Academia Brasileira de Letras*.)
- O Presidente pediu à Acadêmica Ana Maria Machado para apresentar o parecer do Prêmio ABL de Ficção de 2006.
- A Acadêmica Ana Maria Machado leu o parecer que atribui o Prêmio ABL de Ficção de 2006 ao livro *Olho de Rei*, de Edgar Telles Ribeiro.
- O Presidente submeteu o parecer ao plenário que o aprovou. Ficando, assim, atribuído o Prêmio ABL de Ficção deste ano ao livro *Olho de Rei*, de Edgar Telles Ribeiro.
- O Presidente Marcos Vinícios Vilaça convidou o plenário para o Seminário *Brasil, brasis* sobre “A literatura e a cultura popular: influências recíprocas” sob a coordenação do Acadêmico Cícero Sandroni e exposições do Acadêmico Antonio Olinto. Os debatedores são Muniz Sodré, Lélia Coelho Frota, Frederico de Góes e Jomard Muniz de Britto. Nada mais havendo a tratar, deu por encerrada a sessão.

CONCESSÃO DA MEDALHA JOÃO RIBEIRO A JANETE COSTA

*Proposta do Acadêmico Cícero Sandroni**

Venho propor a Academia Brasileira de Letras a Medalha João Ribeiro à arquiteta e artista Janete Costa. Formada pela Faculdade Nacional de Arquitetura da Universidade do Brasil, com viagens de estudo e especialização na Europa e em países orientais, destacando-se a visita à China, a convite do governo chinês em 1977, Janete Costa participou de importantes congressos, ministrou cursos em nosso país e recebeu significativos prêmios nos primeiros anos de sua atividade profissional.

Sua obra se ergue nas capitais nordestinas e embeleza, também, Brasília, Manaus, o Espírito Santo, Minas Gerais, Rio de Janeiro e São Paulo. São bancos, bibliotecas, cinemas e auditórios, clubes, edifícios públicos, escritórios, galerias, hotéis, lojas, museus, salas, restaurantes e teatros, aos quais se acrescentavam projetos de móveis para diversas entidades.

O admirável currículo atinge, hoje, 440 realizações.

No campo das exposições, promove muito especialmente a arte popular brasileira, o *design* e aspectos da História, tanto no Brasil como no exterior, culminando com as exposições “Arte Brasileira no Espaço Brasil” e “Arte popular brasileira” no Carreau du Temple, Paris, que integraram as comemorações do Ano do Brasil na França em 2005.

* Na sessão do dia 1.º de junho de 2006.

O grande arquiteto e paisagista Roberto Burle Marx, num depoimento comovente e entusiasta, sintetizou a personalidade da arquiteta e artista pernambucana.

“Janete procura fugir das fórmulas, porém sentimos que os princípios estéticos aliados às funções estão sempre imanentes no que ela faz. Creio que um dos segredos de Janete é que ela tem curiosidade pela vida e com todos que a cercam, ela sabe ser generosa, procurando ver, sobretudo o lado positivo que as pessoas têm. Desde que a conheci, não houve um momento em que a banalidade a dominou. Janete é renovação, é ternura, é compreensão e enriquecimento nessa vida que vai passando. Quero externar: se Janete não existisse, a gente teria a obrigação de inventar uma nova Janete.”

E, em poema do crítico de arte Marcus Lontra da Costa, pode-se sentir a pertinência da concessão da medalha pela Academia.

“Janete embeleza o dia-a-dia, os cenários da ação social.
Ela nos ensina o Brasil cultural.
O Brasil que deu certo.
Como o Mestre João Cabral, Janete canta a brava gente nordestina.
E sua voz é ouvida – e sentida – por todas as gentes do mundo.”

Por oportuno, destaco que Janete Costa – a grande incentivadora da arte popular brasileira e dos artistas que a erguem ao mais alto patamar da nossa cultura – acaba de presentear a Casa de Machado de Assis com o estupendo projeto arquitetônico e de ambientação das novas instalações da Diretoria no Palácio Austregésilo de Athayde.

DECRETO Nº 25558 DE 25 DE MAIO DE 2006.

*Acadêmico Antonio Olinto**

CRIA GRUPO DE TRABALHO PARA HOMENAGEAR
O CENTENÁRIO DA MORTE DE MACHADO DE
ASSIS, NO ANO DE 2008.

O PREFEITO DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO, no uso de suas atribuições legais, e considerando a importância e o grande valor da obra de Machado de Assis para a literatura, a crônica, o teatro e a crítica brasileira; considerando a importância de sua literatura como obra específica da cidade do Rio de Janeiro; considerando a obra de Machado de Assis como fundamental no registro e na compreensão da sociedade brasileira do século XIX; considerando a importância de Machado de Assis na fundação da Academia Brasileira de Letras, como principal escritor de sua época, tendo sido seu primeiro presidente e permanecido no cargo enquanto viveu; considerando o espírito de brasilidade de toda sua obra; considerando a importância de Machado de Assis para o desenvolvimento da cultura; considerando o centenário da morte de Machado de Assis, no ano de 2008.

DECRETA

Art. 1.º Fica criado, no âmbito da Secretaria Municipal das Culturas, o Grupo de Trabalho para elaborar formas de homenagem ao centenário da

* Leitura realizada na sessão do dia 1.º de junho de 2006.

morte de Machado de Assis, no ano de 2008, sendo coordenado pelo ilustre Embaixador Sérgio Paulo Rouanet.

Parágrafo único: O Grupo de Trabalho será nomeado pelo Secretário Municipal das Culturas e será composto por profissionais de notório saber.

Art. 2.º O Secretário Municipal das Culturas, no prazo máximo de trinta dias, contados a partir da publicação deste Decreto, nomeará e estabelecerá os procedimentos necessários para o início das atividades do Grupo de Trabalho.

Art. 3.º Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação.

Rio de Janeiro, 25 de maio de 2006
442.º ano da fundação da Cidade

CESAR MAIA

AMÉRICA LATINA

*Palavras do Acadêmico José Murilo de Carvalho**

Senhor Presidente,

Nas duas últimas semanas, tive oportunidade de participar de dois simpósios sobre os problemas atuais da América Latina e as perspectivas para os próximos anos. O primeiro realizou-se em Buenos Aires com o título: “Os bicentenários latino-americanos: nação e democracia”, de que participou também Helio Jaguaribe. O segundo passou-se em São Paulo, no Instituto Fernando Henrique Cardoso, com o título “Sociedade civil e democracia na América Latina: crise e reinvenção da política.”

Não é possível condensar aqui os debates havidos. Saliento apenas a convicção quase geral de que vivemos tempos difíceis que desafiam a argúcia e a criatividade dos analistas no sentido de se buscarem caminhos novos para os países do continente. Permita-me, no entanto, Sr. Presidente, sublinhar um aspecto dos debates que me pareceu particularmente interessante. Trata-se da relevância da América Latina ou, pelo menos, da América do Sul, como ato econômico e político. Dito de outro modo, qual a importância do reforço da união econômica e cultural dos países latino-americanos para o futuro da região? As posições dividiram-se em dois grandes blocos. De um lado, sob a liderança enfática de Helio Jaguaribe, afirmou-se, que a união da América do Sul, sob a liderança de Brasil e Argentina, seria condição *sine qua non* para evitar que nossos países se transformem em irrelevantes apêndices do império

* Proferidas na sessão do dia 1.º de junho de 2006.

norte-americano. De outro lado, defendeu-se, sobretudo na reunião de São Paulo, a posição de que cada país deveria ser livre para buscar o caminho que julgasse mais apropriado para seus interesses. A posição integracionista foi mais defendida por representantes do Brasil e da Argentina, a outra, por colegas de países como Chile, Uruguai, México, Bolívia.

A primeira posição parece-me estar informada por uma visão da política que privilegia os condicionamentos externos e, entre esses, a disputa entre estados nacionais e blocos de estados por hegemonia. A segunda parece-me inspirar-se antes em fatores internos e enfatizar, sobretudo, a necessidade de construir sociedades nacionais mais prósperas, colocando em segundo plano as disputas internacionais.

A adoção de uma ou outra das opções levará, e já está levando, como provam conflitos recentes, a políticas muito distintas com profundas repercussões em nossos países.

LUÍS VIANA FILHO

*Acadêmico Murilo Melo Filho**

SENHOR PRESIDENTE MARCOS VILAÇA,
SENHORA e SENHORES ACADÊMICOS.

Filho de Luís Viana – um ex-Conselheiro do Império e ex-Governador da Bahia – Luís Viana Filho nasceu francês, em Paris, no dia 28 de março de 1908, precisamente há 98 anos e dois meses, mas logo depois se nacionalizou brasileiro, com registro num Cartório do Distrito da Sé, em Salvador. E morreu em São Paulo, no dia 5 de junho de 1990, numa efeméride que completará 16 anos, justamente na próxima segunda-feira.

Muito moço ainda, começou o seu jornalismo, trabalhando no *Diário da Bahia* e, posteriormente, em *A Tarde*, de Simões Filho.

Em 1934, foi eleito deputado federal pelo Partido Libertador da Bahia, como o mais jovem parlamentar do Congresso, – o “benjamim” do Parlamento – com apenas 25 anos de idade, exercendo o mandato até o golpe do Estado Novo de 1937, quando o Congresso foi fechado e ele voltou a trabalhar em *A Tarde*, de Salvador, militando então na oposição à ditadura de Getúlio Vargas.

Alternou, aí, a sua presença na imprensa e no magistério baianos, como Professor de História da Faculdade de Filosofia e como Professor Cate-drático de Direito Internacional Privado na Faculdade de Direito da Bahia.

* Estudo apresentado na sessão do dia 1.º de junho de 2006.

Elegeu-se depois para a Assembléia Nacional Constituinte de 1946, quando então nos encontramos pela primeira vez, das muitas outras vezes em que nos encontraríamos pelos anos afora.

Aí foi eleito e reeleito deputado federal pela Bahia sucessivamente em 1950, 1954, 1958 e 1962, ao longo de 16 anos ininterruptos.

Durante todos esses anos, fomos nós duas testemunhas da década de ouro da Democracia Brasileira, entre 1950 e 1960, antes da transferência da Capital para Brasília, quando extasiados, assistíamos aos históricos debates aqui no Palácio Tiradentes, com suas galerias repletas de entusiasmados participantes, que presenciavam um permanente e diário exercício de talentos oratórios, travados por eruditos parlamentares.

Em 1964, foi chefe do Gabinete Civil do Marechal-Presidente Castelo Branco até 1966 e em seguida, seu Ministro da Justiça.

No ano seguinte, 1967, Luís Viana elegeram-se Governador da Bahia até 1971, tendo sido eleito depois Senador baiano e presidente do Senado, no biênio 1978/1980.

Morreu dez anos depois, no Incor, em São Paulo no ano de 1990, aos 82 anos de idade, atingido por um infarto do miocárdio, que pegou de surpresa todos os seus médicos.

Dois fatos acontecidos na vida de Luís Viana Filho merecem aqui um registro todo especial: O primeiro foi o da sua acirrada polêmica que, com apoio do Acadêmico Osvaldo Orico, travou nesta Academia, com o Acadêmico Raymundo Magalhães Júnior sobre a vida e a obra de Rui Barbosa.

O segundo fato foi a sua declaração, como chefe de gabinete do governo revolucionário, segundo a qual o ex-Presidente Juscelino Kubitschek não fora cassado por corrupção, mas sim por motivos meramente políticos, o que serviu para amenizar um pouco os sofrimentos e as provações de JK.

Certa vez, numa campanha eleitoral, Luís Viana Filho dirigiu-se aos seus conterrâneos, saudando “os pescadores de xaréu, os banhistas de Amaralina, os tripulantes dos saveiros, os jangadeiros de Itapoã, os usuários do Elevador

Lacerda, os freqüentadores da Baixa do Sapateiro e da Ladeira do Pelourinho, os religiosos dos Mosteiros, da Ordem do Carmo e do Senhor do Bonfim, as baianas do Acarajé e da Menininha de Gantois”.

E, no final do discurso, fazendo uma brincadeira com a platéia de eleitores das classes C e D, apresentou-se:

– Meu nome é Luís Viana, que rima bastante com bacana e com banana.

Durante esses mesmos anos, ao lado de uma intensa atividade político-partidária, ele foi pouco a pouco construindo uma admirável obra literária, que começou com o livro *O Negro na Bahia*, prefaciado com entusiasmo por Gilberto Freyre, escrevendo depois, sobre escritores e homens públicos importantes na vida brasileira, as biografias de: Joaquim Nabuco, Rui Barbosa, José de Alencar, Machado de Assis, Rio Branco, Afrânio Peixoto, Anísio Teixeira, o Marechal Castelo Branco, além do português Eça de Queirós, do romance *O Culto da Boa Conversa* e dos ensaios *A Língua do Brasil*, *A Sabinada* e *A Verdade da Biografia*.

Neles, descreveu a existência de todos esses vultos com uma técnica excepcional, fundamentada em documentação precisa, oficial e autorizada, num estilo que juntava concisão e simplicidade.

Alceu Amoroso Lima, certa vez, chamou Luís Viana, de “O Príncipe dos Biógrafos Brasileiros”, na linha do alemão Emil Ludwig, autor das biografias de Stalin, Goethe, Napoleão, Lincoln, Bolívar e dos ensaios sobre Rembrandt, Beethoven, Balzac, Freud e Lassale.

Longe dos panegíricos, o biógrafo Luís Viana Filho sabia dosar a realidade, com prudência e equilíbrio, ao reconstituir a época em que viveram os seus biografados.

Procurava fazer o retrato de suas vidas interiores, de seus dramas, choques e sonhos. Cada novo livro seu, escrito não raro sobre personalidade já biografada, acrescentava informações novas, com documentos inéditos, usando-os sempre com critério e objetividade.

Evitava ao máximo repetir datas e transcrições.

Como verdadeiro mestre, era um arguto e competente pesquisador.

Explica-se aí o êxito dos seus livros, até hoje atuais e muito procurados.

Do Barão do Rio Branco, por exemplo, citava uma lenda segundo a qual o nosso Chanceler era um espírito guerreiro, belicoso e valente, que chegou ao ponto de, por causa da Província Cisplatina, quase provocar uma guerra com a Argentina. O biógrafo não escondeu sua alegria ao descobrir a certidão do casamento sigiloso que Juca Paranhos havia celebrado em Londres com Marie Filomène Stevens, uma bonita belga pela qual se apaixonara.

De Machado, o biógrafo conta que, ao aproximar-se a sua morte, familiares e amigos mais chegados quiseram chamar um padre para dar-lhe a extrema unção. Machado ainda encontrou forças para ponderar: “Não posso aceitar esta sugestão, porque, para um agnóstico como eu, ela poderia ser no mínimo uma hipocrisia.”

Luís Viana Filho revela ainda que Machado, já viúvo e solitário, escreveu certa vez a Salvador de Mendonça, irmão de Lúcio e seu grande amigo e cor-religionário, uma carta que talvez tenha sido a sua última carta, dizendo:

“A morte levou-nos muitos daqueles que, outrora, estiveram conosco. Mas, a esta altura da vida, quando o meu fim já está chegando, é doce verificar que uma voz como a sua, que nos alenta, seja a mesma voz antiga e amiga, que nem a vida nem a morte fazem calar.”

Senhora e senhores Acadêmicos.

Luís Viana Filho elegeu-se, no dia 8 de abril de 1954, para a Cadeira n.º 22 desta Academia, tendo José Bonifácio, o Moço, como patrono; Medeiros e Albuquerque como fundador e Miguel Osório como antecessor.

Só se empossou um ano e dez dias depois, a 18 de abril de 1955, e, no discurso de posse, declarou:

“– Falarei com simplicidade. Com aquela simplicidade preconizada por Platão ao discípulo que, recebido no Jardim de Acadêmico, lhe perguntava como agradecer e respondeu-lhe: ‘Amigo, agradeça com simplicidade’.
– Também assim, simples e livre de qualquer artifício, desejo dirigir-me a vós neste momento em que, graças à vossa generosa acolhida, me é dado

colocar o meu modesto escudo ao lado de todos vós, que tanto se têm distinguido nos serviços prestados aos ideais da cultura e da sabedoria.”

Coube saudá-lo ao Acadêmico Menotti Del Picchia, que disse:

“– No fundo, todo escritor é, de certa forma, um político, mesmo no caso de Dante, o supremo vate florentino, que, por suas lutas políticas em Florença, acabou preso e exilado. Também vós sois um escritor e um político lutadores, que agora realizam o seu sonho de beleza. A bela herança espiritual do seu antecessor Miguel Osório de Almeida transfere-se agora para as vossas mãos. Essa continuidade é imortal e esse anseio de beleza é o objetivo desta Academia.”

SENHOR PRESIDENTE.

Certo dia, em 1965, o Acadêmico e Ministro Luís Viana Filho, então chefe do Gabinete Civil, convidou o jornalista Carlos Castello Branco e a mim para almoçarmos com ele na Granja do Ipê, em Brasília, onde, então, nós três morávamos.

Conversamos durante quatro horas. Castellinho não tomou uma só anotação. E qual não foi a minha surpresa quando, no dia seguinte, ao ler o *Jornal do Brasil*, ali estava a entrevista do Ministro Luís Viana Filho, literalmente reproduzida, como se tivesse sido gravada, o que levou o ministro, no dia seguinte, a perguntar-me:.

“– Murilo, para aquela nossa conversa de ontem, o Castello, por acaso, não trouxe algum gravador escondido?”

Eu nada respondi, porque realmente não sabia se sim ou se não.

Para homenageá-lo, depois de sua morte, o Senado adquiriu sua Biblioteca, de 10 mil livros, constante de muitas obras raras e de primeiras edições, por ele caçadas durante anos em diligentes garimpagens nos sebos e livrarias de todo o País.

Na inauguração dessa Biblioteca, o seu filho e suplente Luís Viana Neto, que ocupou sua vaga no Senado, declarou:

“– Vou sucedê-lo, mas não substituí-lo. Ele estava tão acima de mim, que por mais que me esforce, nunca o conseguirei.”

Antônio Carlos Magalhães afirmou:

“– Assim como ele foi um bom biógrafo, acredito que surgirá outro biógrafo, igualmente bom, para descrever sua vida.”

Roberto Campos opinou:

“– Ele era uma rara combinação de realismo político, intuição econômica e sentido ético.”

Disse o Senador Afonso Arinos:

“– Ele tinha o condão de transformar a vida dos biografados em elaborações quase poéticas.”

O Acadêmico José Guilherme Merquior comentou:

“– Tive o privilégio de conhecer essa ‘delícia do gênero humano’, que foi Luís Viana Filho.”

Senhora e senhores Acadêmicos.

Devo concluir esta Efeméride dos 16 anos de sua morte, dizendo que, durante mais de duas décadas, convivi pessoalmente com o Acadêmico Luís Viana Filho, firmando entre nós dois uma afetuosa amizade, extensiva à sua mulher Dona Juju, ao filho Luís Viana Neto e aos irmãos Frederico, Mário Lúcio, Lia, Maria Julieta, Celina e Marilu.

Foi este o tempo de uma sadia convivência, eu, como jornalista e ele como líder parlamentar do Partido Libertador, correligionário dos deputados

Raul Pilla e Coelho de Souza, e contemporâneo de uma inesquecível geração de grandes políticos baianos, como Otávio e João Mangabeira, Aliomar Baleeiro, Nelson Carneiro, Juracy Magalhães, João Mendes, Nestor Duarte, Jorge Amado, Aloísio de Carvalho Filho, Hermes Lima, Clemente Mariani, Vieira de Melo, Rui Santos e Antônio Balbino.

Durante esse longo convívio – Senhor Presidente – pude admirar mais de perto a sua postura elegante, sempre bem-vestido, o cabelo precocemente embranquecido, aquela gravatinha borboleta, seu caráter firme, mas doce, seu trato afável e carinhoso, sempre atento, respeitoso e gentil com o interlocutor, mas, sobretudo a sua probidade pessoal, sua honradez, sua coerência, sua lealdade partidária e sua correção política – ingredientes e instrumentos que hoje andam cada vez mais raros e mais escassos na atual e pobre paisagem brasileira.

De Luís Viana Filho – do seu exemplo de biógrafo honesto e competente, de intelectual culto e de alto nível, de político atuante e pragmático, de liberal inimigo dos radicais, de parlamentarista fiel, de deputado, de senador, de ministro e de governador – sentimos hoje e sentiremos sempre muita falta e saudades imensas.

PRÊMIO ABL DE FICÇÃO – 2006

Parecer lido pela Acadêmica Ana Maria Machado

A Comissão Julgadora do Prêmio ABL de Ficção, Romance, Teatro e Conto de 2006 decidiu atribuí-lo ao livro *Olho de Rei*, de Edgard Telles Ribeiro, publicado em 2005, pela editora Record. Segundo lugar no Jabuti 2005 e terceiro lugar no Prêmio Portugal Telecom 2005 pelos contos de *Histórias mirabolantes de amores clandestinos*

Olho de Rei confirma, mais uma vez, Edgar Telles Ribeiro como um dos ficcionistas mais prestigiosos de sua geração.

Rio de Janeiro, 1.º de junho de 2006

Nélida Piñon
Ana Maria Machado
Moacyr Scliar

SESSÃO DO DIA 8 DE JUNHO DE 2006

Sob a presidência do Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça, estiveram presentes os Acadêmicos: Cícero Sandroni, Secretário-Geral; Ana Maria Machado, Primeira-Secretária; José Murilo de Carvalho, Segundo-Secretário; Antonio Carlos Secchin, Diretor-Tesoureiro; Murilo Melo Filho, Diretor da Biblioteca; Sergio Paulo Rouanet, Diretor do Arquivo; Eduardo Portella, Diretor dos *Anais da Academia Brasileira de Letras*; Affonso Arinos de Mello Franco, Alberto da Costa e Silva, Antonio Olinto, Arnaldo Niskier, Candido Mendes de Almeida, Carlos Heitor Cony, Domicio Proença Filho, Pe. Fernando Bastos de Ávila, Helio Jaguaribe, Ivan Junqueira, Lêdo Ivo, Marco Maciel e Tarcísio Padilha.

- Ao dar início à sessão, o Presidente Marcos Vinícios Vilaça colocou em discussão a ata da sessão do dia 1.º de junho de 2006. Não havendo nenhuma manifestação do plenário, a ata foi aprovada.
- O Presidente Marcos Vinícios Vilaça festejou, com uma salva de palmas, o aniversário do Acadêmico Antonio Carlos Secchin, que transcorrerá no próximo sábado, dia 10 de junho. Disse que representou a Academia Brasileira de Letras, no Palácio do Itamaraty, em Brasília, na entrega da Medalha de Ouro do Serviço Público aos Embaixadores Paulo Tarso Flexa de Lima e Sérgio Duarte, e à memória do Acadêmico Sergio Corrêa da Costa pelos cinquenta anos dedicados ao serviço público. Deu ciência aos acadêmicos que o *site* da Academia Brasileira de Letras estará congela-

do por duas ou três semanas para a sua modernização e ampliação. Disse que o século XXI é o século da comunicação e tudo aquilo que significar ampliar as formas de comunicação da Casa, a Diretoria está empenhada em fazê-lo. Acredita que a Academia possa estreitar um serviço novo que é o de transmitir, via Internet, a posse do Acadêmico Nelson Pereira dos Santos. Comunicou ao plenário que todo o formalismo necessário para o convênio com a Petrobras foi concluído. Finalizando, disse que retiraram suas candidaturas à disputa da vaga à Cadeira n.º 29 os escritores Per Johns e Villas Boas Corrêa.

- O Acadêmico Sergio Paulo Rouanet comunicou que recebeu um telefonema do Professor Renato Janine Ribeiro, diretor de avaliação da Fundação CAPES, dizendo que esta instituição acaba de comprar o equipamento necessário para um portal contendo um texto completo de setecentos periódicos acadêmicos em todas as áreas. Disse que a idéia da CAPES era permitir o acesso a este portal apenas às universidades federais. No curso dessa conversa achou que seria muito interessante que a Academia Brasileira de Letras, sobretudo as Bibliotecas, pudesse acessar este portal, o que efetivamente ocorrerá.
- O Presidente Marcos Vinícios Vilaça agradeceu ao Acadêmico Sergio Paulo Rouanet o interesse e determinou que a área de conteúdo de informática da Academia fique à disposição para os entendimentos necessários.
- O Acadêmico Arnaldo Niskier esteve em visita ao Presidente da Radiobrás, jornalista Eugênio Bucci, e recebeu uma série de oferecimentos destinados à Academia Brasileira de Letras em relação a todos os mecanismos que a Radiobrás hoje coordena para o governo federal. Estão também, do ponto de vista da informática, se preparando para a era digital com o apoio total da Presidência da República, de tal maneira que sentiu, da mesma forma que o Acadêmico Sergio Paulo Rouanet, a necessidade de lembrar que a Academia tem muito interesse na matéria, e certamente, em tempo oportuno, irá se manifestar diante de uma provocação que a Radiobrás ficou de fazer. Finalizando, entregou à Biblioteca da Academia, com muita alegria, o livro *Missã do Galo*, de Machado de Assis, em chinês,

presente do Deputado José Francisco Paes Landim, que voltou da visita à China na comitiva do Vice-Presidente da República, Dr. José Alencar.

- O Presidente Marcos Vinícios Vilaça agradeceu ao Acadêmico Arnaldo Niskier e fará um agradecimento pessoal ao Deputado José Francisco Paes Landim.
- O Acadêmico Antonio Carlos Secchin fez a leitura do parecer do Prêmio de Tradução, que foi aprovado por aclamação. (O texto lido será encaminhado aos *Anais da Academia Brasileira de Letras*.)
- O Acadêmico Lêdo Ivo disse que está se realizando no México o Festival Internacional Junio Musical. Uma iniciativa da Universidade Veracruzana e do Governo Veracruz, um dos estados mais importantes do México. Este Festival Internacional está sendo dedicado ao Brasil, que foi representado em toda sua globalidade: na ciência, tecnologia, folclore, música, carnaval, cinema e agricultura. É um festival em que o Brasil apresenta uma visão completa. Na literatura, o Brasil esteve representado por dois acadêmicos, a Acadêmica Nélide Piñon e o Acadêmico Lêdo Ivo, que lançou uma antologia poética bilíngüe, intitulada *Mia Pátria Úmida*. Salientou que a Acadêmica Nélide Piñon é hoje uma figura de grande projeção no México e pronunciou uma conferência sobre a memória na criação literária. Ficou muito alegre em ver que uma das nossas grandes escritoras tem uma grande projeção intelectual e é muito reverenciada e respeitada pela alta intelectualidade do México.
- O Acadêmico Murilo Melo Filho disse que, na semana passada, representou a Casa na sessão solene promovida pela Assembléia Legislativa do Estado do Mato Grosso para o lançamento do livro *Machado de Assis em Mato Grosso*, com textos inéditos de seis escritores mato-grossenses, escrito há mais de cem anos. (O texto lido será incorporado aos *Anais da Academia Brasileira de Letras*.)
- O Acadêmico Arnaldo Niskier disse que teve o privilégio, representando a Governadora do Estado do Rio de Janeiro, de comparecer a Universidade Candido Mendes para assistir a outorga do título de Doutor *Honoris Causa* ao Presidente da Comunidade Européia, Dr. José Manuel Durão Barroso. Ficou perplexo com a qualidade do conteúdo da oração feita

pelo ex-Primeiro Ministro de Portugal, na qual falou de sua origem brasileira. Sugeriu que o Acadêmico Candido Mendes de Almeida providenciasse uma cópia do discurso para que a Academia pudesse usufruir de suas palavras. Finalizando, pediu que fosse feito um registro solidário ao Acadêmico Carlos Heitor Cony pelo falecimento de seu irmão, o Dr. Luiz Heitor Cony.

- O Presidente Marcos Vinícios Vilaça agradeceu as palavras do Acadêmico Arnaldo Niskier e disse que não há nada a acrescentar à justeza de suas palavras, seja em homenagem ao Acadêmico Carlos Heitor Cony, seja na saudade de todos em relação ao seu irmão, Dr. Luiz Heitor Cony. Está lendo o livro *O Adiantado da Hora*, do Acadêmico Carlos Heitor Cony, onde o cenário é Cabo Frio. Tudo o que leu é de alegria, é graça, é o fantástico. Vai continuar a ler com a mesma alegria por imaginar que o irmão do Acadêmico Carlos Heitor Cony esteja agora em um lugar alegre, tranqüilo e repousante.
- O Acadêmico Candido Mendes de Almeida agradeceu a presença da Acadêmica Ana Maria Machado e dos Acadêmicos Alberto da Costa e Silva, José Murilo de Carvalho, Affonso Arinos de Mello Franco, Murilo Melo Filho que lhe deram a grande alegria de estar em volta do Presidente Durão Barroso. Distribuiu um panfleto dentro desse propósito da conversação que é o de colocar a Casa permanentemente a par do projeto do grupo de alto nível das Nações Unidas, vinculados à Aliança para as Civilizações. Esse relatório deve se completar no fim do ano, mas antes disso teremos o diálogo com o Islão, onde entraremos em outros problemas das desigualdades culturais contemporâneas e das dificuldades com que o multiculturalismo vem sendo travado pela civilização hegemônica e pelo Salão Oval. Nessa linha, foi aprovada na Conferência de Dacar, depois das conferências de Doha e de Mallorca, das quais dá conta no opúsculo distribuído, uma conferência para trabalhar outro problema muito importante da perda do multiculturalismo com a própria ruína do estado-nação focalizada no problema da América Latina. Essa reunião deve ser em Quito, no fim do mês de setembro, e gostaria de manter a ABL informada. Comunicou também que um grupo de alto nível decidiu fazer uma interpelação ao Senado Americano, em Washington, em função de outra

cláusula que foi hoje aprovada pelos senadores. Quando um chicano aceita a nacionalidade americana, ele deve renunciar à idéia de que o espanhol possa se transformar numa língua nacional daquele país. Disse que atualmente o chicano e o latino, mais interessado na vinculação com os Estados Unidos, tem que se aceitar como um cidadão de segunda classe. Não pode mais aceitar a idéia de que a sua língua seja uma língua nacional reconhecida como outra língua dentro dos Estados Unidos. Acentuou que são problemas que vão ao coração da latinidade, diante de outras missões que, lhe parecem, estão começando a surgir. Falou também sobre outro problema no Oriente Médio e espera que na próxima semana, já possa ter uma resposta sobre esse assunto. Agradeceu, ainda uma vez, a presença da Academia junto ao Presidente Durão Barroso.

- O Acadêmico Cícero Sandroni registrou o falecimento de um grande escritor mineiro, Wander Pirolí, ocorrido na semana passada. Falou das suas relações de amizade com Wander Pirolí e disse que a Acadêmica Ana Maria Machado também o conhecia. Lembrou o jornalista mineiro que jamais saiu de Minas. Trabalhou mais de trinta anos no jornal *O Estado de Minas*, na seção de esportes. Falou sobre a sua obra como escritor, lembrando que está muito preocupado com os problemas ecológicos que abordou no seu primeiro livro, intitulado *Os Rios Morrem de Sede*. Esse livro recebeu muitos prêmios e marcou um momento importante da literatura infantil. Continuou escrevendo, foi um contista também premiado, mas a sua preocupação era mais a infância, e publicou um livro sob o título *O Menino e o Pinto do Menino* que, na época, provocou muita polêmica entre pessoas mais conservadoras. Foi um grande sucesso. Também publicou *Minha Bela Putana*, um outro romance de grande repercussão. Disse que não poderia deixar de lembrar a perda para a literatura brasileira que foi a morte de Wander Pirolí.
- O Presidente Marcos Vinícios Vilaça disse que nesta sessão não haverá o capítulo das Efemérides. A Diretoria tentou e não conseguiu que algum acadêmico pudesse fazer uma comunicação nas Efemérides. Infelizmente, não foi possível obter a concordância de seis acadêmicos que foram indagados. Anunciou que na sessão da próxima semana esta Casa festejará, nas

Efemérides, a data do nascimento de Machado de Assis e falará, em nome da Casa, o Acadêmico Sergio Paulo Rouanet.

- O Presidente Marcos Vinícios Vilaça convidou os presentes para o lançamento do livro *Rondônia*, do Acadêmico Roquette-Pinto, às 17h 30min, na sala José de Alencar. Disse que, como sabem, a 7.^a edição da obra, em *fac-simile*, foi editada pela Fundação Oswaldo Cruz, em co-edição com a Academia Brasileira de Letras. Convidou ainda para o lançamento do livro *Acadêmicos no Jornal do Brasil*, às 18 horas, na Sala dos Fundadores, no *Petit Trianon*. Este livro é bastante significativo por mostrar a interação que houve do jornal brasileiro com a vocação da crônica, do artigo, da reportagem, enfim, de diversas formas do jornalismo dentro da expressão literária.
- O Acadêmico Cícero Sandroni lembrou que, na próxima semana, a sessão plenária será na quarta-feira, porque quinta-feira é dia de Corpus Christi e a primeira conferência do Ciclo “*Literatura e Jornalismo*” será na segunda-feira, dia 12. Na ocasião, falará sobre jornais e jornalistas da época do Romantismo.
- Nada mais havendo a tratar, o presidente deu por encerrada a sessão.

PRÊMIO ABL DE TRADUÇÃO

*Parecer lido pelo Acadêmico Antonio Carlos Secchin**

LIVRO INDICADO: *O Cântico dos Cânticos* – um ensaio de interpretação através de suas traduções.

AUTOR: GERALDO HOLANDA CAVALCANTI

Trata-se de um livro monumental que, com extrema erudição e sensibilidade, mapeia o itinerário das traduções do famoso texto bíblico.

O autor, ele próprio poeta e tradutor de nomes como Ungaretti, Quasimodo e Montale, oferece sua própria e criativa tradução do poema – após percorrer inúmeras outras leituras do Cântico, inclusive em outras artes que não a literária.

Sábato Magaldi
Antonio Olinto
João Ubaldo Ribeiro

* Na sessão do dia 8 de junho de 2006.

*MACHADO DE ASSIS EM MATO GROSSO,
HOMENAGEM NA ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA
DE MATO GROSSO*

*Palavras do Acadêmico Murilo Melo Filho**

SENHOR PRESIDENTE MARCOS VILAÇA,
SENHORAS e SENHORES ACADÊMICOS.

Na semana passada, tive a oportunidade de representar esta Casa numa sessão solene realizada na longínqua cidade de Cuiabá e promovida pela Assembléia Legislativa do Estado de Mato Grosso, para o lançamento deste livro *Machado de Assis em Mato Grosso*, com textos inéditos de seis escritores mato-grossenses escritos há mais de cem anos, sobre Machado de Assis.

Tive, então, e também, a oportunidade de ver como o nosso Joaquim Maria, logo após a sua morte e já no começo do século passado, era alvo das atenções e das preocupações de intelectuais e editados graças à dedicação e ao trabalho de uma jovem Acadêmica daquele Estado, chamada Yasmin Jamil Nadaf.

E pelas comoventes homenagens recebidas, Sr. Presidente, tive ainda a oportunidade de verificar pessoalmente, mais uma vez, como a nossa Academia é querida e respeitada nas mais distantes regiões deste País, até onde chega a repercussão da nossa existência, do nosso esforço e do trabalho que estamos executando em favor da cultura e da inteligência brasileiras.

* Proferidas na sessão do dia 8 de junho de 2006.

SESSÃO DO DIA 14 DE JUNHO DE 2006

Sob a presidência do Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça, estiveram presentes os Acadêmicos: Cícero Sandroni, Secretário-Geral; José Murilo de Carvalho, Segundo-Secretário; Antonio Carlos Secchin, Diretor-Tesoureiro; Murilo Melo Filho, Diretor da Biblioteca; Sergio Paulo Rouanet, Diretor do Arquivo; Eduardo Portella, Diretor dos *Anais da Academia Brasileira de Letras*; Affonso Arinos de Mello Franco, Alberto da Costa e Silva, Alberto Venancio Filho, Antonio Olinto, Arnaldo Niskier, Carlos Heitor Cony, Carlos Nejar, Domício Proença Filho, Evanildo Cavalcante Bechara, Pe. Fernando Bastos de Ávila, Helio Jaguaribe, Ivan Junqueira, Lêdo Ivo, Nélida Piñon e Tarcísio Padilha.

- Ao dar início à sessão, o Presidente Marcos Vinícios Vilaça colocou em discussão a ata da sessão do dia 8 de junho de 2006. Após reparo feito pelo Acadêmico Alberto Venancio Filho, a ata foi aprovada.
- O Presidente Marcos Vinícios Vilaça convidou os acadêmicos para uma visita à exposição da Polônia no saguão da Academia Brasileira de Letras. Uma exposição pequena e explicativa que trata das relações da Polônia com a Literatura Brasileira. Deu ciência à Casa de que esteve em São Paulo, junto com o Acadêmico Lêdo Ivo, para os atos da premiação do ano de 2005 da Fundação Conrado Wessel. A Academia foi distinguida, como já é tradição, ao participar do júri do capítulo de literatura. Disse que tratou com o Governador do Estado de São Paulo, Dr. Cláudio

Lembo, que estará presente à posse do Acadêmico Nelson Pereira dos Santos, sobre a possibilidade da Imprensa Oficial de São Paulo editar alguns livros, ainda neste semestre, com escolha da Academia. Anunciou que o Presidente da República tem, em mãos, um projeto de lei do Congresso Nacional para consagrar o dia cinco de novembro como Dia da Língua Portuguesa. Agradeceu o gesto e, em nome da Casa, disse que a Academia só poderia apoiar e aplaudir tudo o que concorreu para o prestígio da Língua Portuguesa.

- O Acadêmico Evanildo Cavalcante Bechara, sobre o assunto, disse que, apesar da superposição de datas, pois cinco de novembro é a data do aniversário de Rui Barbosa e por isso consagrado com o Dia da Cultura, Rui Barbosa representou, na polêmica com Ernesto Carneiro Ribeiro, o primeiro grande passo para uma discussão da Língua Portuguesa. A discussão, num nível muito alto, marca bem a importância do dia cinco de novembro: por ser o Dia da Cultura, pode ser também o Dia da Língua Portuguesa.
- O Presidente disse que existe na Casa de Rui Barbosa um núcleo que sempre cuidou das questões da Língua Portuguesa. Lembrou que a sessão da próxima semana se realizará na próxima terça-feira, dia 20 de junho e no dia seis de julho, em sessão ordinária, será entregue o prêmio do Centro de Integração Empresa Escola. Pediu uma salva de palmas ao Acadêmico Ariano Suassuna que aniversaria no próximo dia 16 de junho. Colocou em votação, conforme pauta regimental, a proposta que foi apresentada pelo Acadêmico Cícero Sandroni da concessão da Medalha João Ribeiro para a arquiteta e produtora cultural Janete Costa, que foi aprovada.
- O Acadêmico Alberto Venancio Filho propôs um voto de pesar pelo falecimento do cientista e professor José Leite Lopes. Lembrou que José Leite Lopes, na ocasião em que não havia Faculdade de Ciências em Recife, formou-se em engenharia, mas encontrou nesta Faculdade o Professor Luiz Freire que o encaminhou para a Faculdade Nacional de Filosofia, onde se formou em Física. Conseguiu uma bolsa, com a ajuda do professor Santiago Dantas, na Faculdade de Princeton, onde se doutorou. Voltando ao Brasil, fez concurso para Professor catedrático e, não

encontrando na Faculdade o ambiente para as pesquisas científicas, criou o Centro Brasileiro de Pesquisas Físicas, reconhecida entidade científica no Brasil e no Exterior pela excelência dos seus trabalhos.

- O Acadêmico Alberto da Costa e Silva disse que teve o privilégio de conhecer o Professor Leite Lopes quando ele exerceu a Cátedra na Universidade da Venezuela. Era um grande cientista e uma extraordinária pessoa, um homem de excelente coração voltado para todos os problemas da cultura, com grande interesse pela poesia, música, pintura e Filosofia. Era um homem aberto a todos os ventos do mundo.
- O Acadêmico Eduardo Portella associou-se às palavras dos Acadêmicos Alberto Venancio Filho e Alberto da Costa e Silva sobre o cientista José Leite Lopes. Disse que participou do convívio com José Leite Lopes. As Edições Tempo Brasileiro publicou um livro fundamental, *Ciência e Desenvolvimento*, uma política científica, inclusive com a previsão de um Ministério da Ciência e Tecnologia inscrito no processo de desenvolvimento nacional. Alguns anos depois teve a honra de ter promovido e assinado a anistia de Leite Lopes, cassado pelo Regime Militar.
- O Acadêmico Arnaldo Niskier associou-se às palavras dos acadêmicos que o precederam sobre José Leite Lopes. Teve a honra de conviver com José Leite Lopes quando foi criada, no Brasil, a primeira Secretaria de Ciências e Tecnologia, no Governo Negrão de Lima. Era um grande amigo de César Lattes e foi o pai do Centro Brasileiro de Pesquisas Físicas, um órgão de muita importância, vinculado à Universidade Federal do Rio de Janeiro. Um grande humanista, um dos maiores físicos brasileiros e uma pessoa extremamente agradável no trato. Um pernambucano ilustre, de alma carioca.
- O Acadêmico Sérgio Paulo Rouanet, no capítulo das Efemérides, fez uma bela apresentação sobre o Acadêmico Machado de Assis. (O texto lido será incorporado aos *Anais da Academia Brasileira de Letras*.)
- O Presidente Marcos Vinícios Vilaça disse que como Presidente tem como norma não comentar as manifestações dos seus confrades, em particular e quando tratam das Efemérides, mas não pode evitar, de forma alguma, a grande alegria que sente pelo que acaba de ouvir.

- O Acadêmico Eduardo Portella disse que não pode deixar de louvar a admirável exposição de Sergio Paulo Rouanet que vem renovando os estudos machadianos como há quarenta anos provavelmente não acontece. Não só renovando, mas trazendo algumas perspectivas novas para a compreensão de Machado. Isso o leva a supor que sua palestra se trata de um *trailer* de um livro exemplar referencial que deve aparecer dentro de pouco tempo publicado pela Companhia das Letras, livro do Acadêmico Sergio Paulo Rouanet sobre as influências de Machado. Nesse livro ele renova a própria compreensão da questão das influências, ao retirá-las do comparatismo ocioso. Em vez de pensar no que as influências fizeram com o autor ele pensa no que o autor fez com as influências. Disse que por isso Machado confere um toque criativo a essas convivências intelectuais. Acentuou que, por outro lado, não sendo Rouanet um professor subordinado às grades curriculares, tem uma liberdade reflexiva que não é freqüente nos nossos estudos acadêmicos. Ele salta a aula, a pesquisa encomendada, o tema preestabelecido e por isso é capaz de fazer a crítica precisa da interpretação sociológica que tende a um escorrego ideológico inevitável como se a obra, a criação literária, fosse subordinada ao movimento da infra-estrutura ou da superestrutura. Disse que Rouanet faz também a crítica, com a competência que é própria de um grande conhecedor da evolução moderna da psicologia, e faz a crítica dos clichês psicológicos, clichês estes que puseram Capitu no banco dos réus. Capitu não é, porque é mais. Disse que há aí uma valorização estilística da ambigüidade que é também uma novidade em Rouanet. A ambigüidade é um recurso estilístico de que se servem os grandes autores para ocupar um espaço de contradições do que é dado por uma visão linear. Abriu um parêntese para fazer um registro da melhor interpretação sociológica que existe de Machado que é a de Roberto Schwartz, que considera um grande crítico. Disse que em Capitu esse psicologismo de fundo moralista insiste nessa condenação, que não é um problema literário. Este é o da mobilização criativa da ambigüidade. Finalmente, disse que Sergio Paulo Rouanet estuda e confere a grandeza conhecida à palavra de Machado de Assis.
- O Acadêmico Carlos Nejar falou da emoção com que ouviu o lúcido estudo do Acadêmico Sérgio Paulo Rouanet e as observações do

Acadêmico Eduardo Portella. Acredita ser um momento alto desta Casa, porque aqui sentimos a presença viva de Machado. Acentuou que Machado de Assis foi um precursor de Jorge Luis Borges ao avesso, porque este é que se tornou um precursor de Machado quando disse que cada autor cria os seus precursores. Esta é uma nova visão do estudo de Sergio Paulo Rouanet que merece todo o aplauso porque, na medida em que é crítica, começa a sair de um enfoque de mera influência para uma visão de criação sobre a influência.

- O Presidente Marcos Vinícios Vilaça comunicou ter recebido, a pouco, a carta em que o escritor Mauro Sales solicita cancelamento de sua inscrição como candidato à Cadeira número 29. Ele pede que esta carta seja lida na sessão e vai atendê-lo. A seguir, o Presidente convocou a sessão para a próxima terça-feira, dia 20 de junho, quando se realizará a eleição para a Cadeira n.º 29. Nada mais havendo a tratar, o Presidente deu por encerrada a sessão.

MACHADO DE ASSIS: REFLEXÕES AVULSAS

*Acadêmico Sergio Paulo Rouanet**

Fazer hoje o elogio de Machado de Assis tem qualquer de estranho e até de vagamente humorístico. Afinal, não podemos deixar de sorrir quando alguém se refere ao “sublime poeta da Divina Comédia” ou ao “inesquecível autor do Quixote”. Não é que os adjetivos sejam banais: é que a própria idéia de adjetivar a imortalidade de Dante, de Cervantes – ou de Machado de Assis – parece deslocada, para não dizer provinciana. A impressão de estranheza se reforça quando é a Academia Brasileira de Letras, a Casa de Machado de Assis, que homenageia seu gênio tutelar, tratando sua data de nascimento como se fosse uma efeméride idêntica a todas as outras que são comemoradas cada semana em nossas sessões ordinárias. Mas como estou certo de que apesar do seu supremo aristocratismo nosso homenageado concordaria com esse tratamento democrático, aceitei de bom grado o convite de Vossa Excelência de dizer algumas palavras sobre Machado de Assis.

De bom grado, mas não sem certa inquietação. Afinal, muitos outros acadêmicos poderiam desempenhar melhor essa missão. Penso, entre outros, em Lygia Fagundes Telles, que se referiu ao lado “embuçado e caviloso” de Machado de Assis, à sua capacidade de armar “triângulos, com o diabo todo satisfeito sentado lá no meio”. Penso em Eduardo Portella, cuja longa intimidade com Machado e cujo amor por sua terra de adoção, o Rio de Janeiro, levaram-no a escrever um luminoso artigo sobre Machado de Assis como cronista da cidade. Penso em Antonio Carlos Secchin, mais caviloso que o pró-

* Estudo apresentado na sessão do dia 14 de junho de 2006.

prio Bruxo do Cosme Velho, pois descobriu no Centro de Memória de nossa Academia uma carta dirigida por Bentinho a Seixas, personagem de *Senhora*, no qual o pobre Dom Casmurro diz que durante anos odiara o homem errado: de fato Capitu era culpada, mas seu amante não fora Escobar, e sim um tipógrafo galante e pernóstico conhecido como Machadinho, verdadeiro pai de Ezequiel. E penso em Domício Proença Filho, que tendo tido acesso privilegiado às memórias póstumas de Capitu talvez seja a única pessoa autorizada a dizer a última palavra sobre a vida íntima da mais enigmática de nossas figuras femininas.

Como desincumbir-me desta tarefa? Poderia adotar o estilo que Machado chama *ab ovo*, começando com o nascimento do meu personagem. Seria uma paródia de Brás Cubas, quando depois de narrar sua morte resolve-se finalmente a contar a história do seu nascimento: “Vamos ao dia 21 de junho de 1839. Naquele dia, na chácara do morro do Livramento, a árvore dos Assis brotou uma graciosa flor.” Mas tudo isso é tão conhecido, e tomaria tanto tempo, que escolho outro caminho, o das reflexões avulsas, que me permitirá, sem qualquer preocupação sistemática, fazer anotações ao mesmo tempo mais breves e mais pessoais.

A primeira reflexão avulsa tem a ver com uma questão de método. Qual a grade interpretativa mais adequada para a leitura crítica de Machado de Assis: a sociológica ou a psicológica?

Ultimamente tem prevalecido a ótica sociológica. Os autores se esforçam por demonstrar as raízes sociais e políticas da obra de Machado de Assis. Assim, para Astrojildo Pereira, Machado exprime toda a vida social do Segundo Reinado. Para John Gledson, sua obra acompanha, etapa por etapa, toda a história do Brasil no século 19. Para Edmundo Faoro, ele documenta meticulosamente toda a passagem de uma sociedade estamental para uma sociedade de classes. Para Roberto Schwarcz, Machado capta melhor que qualquer dos seus contemporâneos o mecanismo social do deslocamento, das “idéias fora do lugar, no qual reside a especificidade do Brasil enquanto país na periferia do capitalismo”. Para Sidney Chaloub, num livro recente, Machado mostra que no sistema patriarcal-escravista-clientelístico a subordi-

nação dos dependentes nunca foi total, e que eles podem, como Helena e Dona Plácida, abrir brechas na ordem senhorial.

Mas pergunto-me se em nossa época pós-marxista não teria chegado o momento de revisitar a chave psicológica.

Tradicionalmente, a psicologia aparece de duas formas nos estudos machadianos. Por um lado, o crítico estuda a psicologia dos personagens, seu caráter, suas motivações. Por outro, faz a análise psicológica do autor, e tenta demonstrar a presença em sua obra de fatores biográficos. Ou seja, examina a psicologia *em* Machado e a psicologia *de* Machado.

Como psicólogo, Machado de Assis está mais próximo dos grandes moralistas franceses do século 17 que de Freud. Como observou Lúcia Miguel Pereira, seu objeto era o homem em geral, com suas paixões, ambigüidades e contradições. Essa linha de análise não pode ser abandonada sem que se percam elementos essenciais da obra de Machado. Bentinho não é Othelo, mas se ele for visto apenas como uma alegoria da classe dominante brasileira, afastando de todo a antiga psicologia das paixões, que não via diferenças essenciais entre o ciúme inglês e o ciúme da Rua da Glória, receio que os personagens de Machado de Assis não saiam engrandecidos da investigação crítica.

Se na primeira ótica se buscava estudar a psicologia de Quincas Borba ou de Sofia, na segunda o objeto é a psicologia de Machado de Assis. A tendência a explicar a obra de Machado por sua vida levou a tantos abusos que acabou por desacreditar esse tipo de análise. Mas ele não pode ser abandonado de todo, porque sem a dimensão psicológica, certas afirmações feitas na perspectiva sociológica soam dogmáticas e incompletas. Tomemos a questão do “corte” de 1880, a diferença entre a primeira fase da obra de Machado e a inaugurada com *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. A explicação psicológica ingênua limitava-se a dizer que a mutação ocorreu devido a fatores como a epilepsia, a ameaça de cegueira, a crise dos quarenta anos, etc. A explicação sociológica intervém para dizer que não foi nada disso: a ruptura ocorreu porque Machado assumiu, por volta de 1880, o ponto de vista dos proprietários, ainda que fosse para criticá-los, enquanto na primeira fase sua perspectiva era a dos agregados. Mas por que se deu essa mudança de ponto de vista? Não teria sido porque romances como *A Mão e a Luva*, *Helena*, *Iaiá Garcia* e *Casa*

Velha, cujo tema é o do indivíduo que quer se elevar e o da sociedade patriarcal onde a elevação não se dá pelo critério do mérito, foram escritos quando Machado ainda estava às voltas com problemas semelhantes, enquanto que em 1880 ele já tinha completado sua ascensão social? Nesse caso o velho chavão psicologista do desejo individual de ascensão pode ser retirado do museu da crítica para preencher o espaço em branco deixado pela crítica sociológica. A verdade é que a passagem da primeira para a segunda fase foi sobredeterminada por uma variedade de fatores, entre os quais não há por que descartar a crise dos quarenta anos e o encontro com a morte.

A complementariedade dos dois enfoques pode ser ilustrada pela categoria do “capricho”, princípio construtivo básico de *Memórias Póstumas*. Para um dos melhores representantes da crítica sociológica, Roberto Schwarz, o capricho do narrador, que assume sucessivamente vários papéis – o do erudito, o do liberal, o do cínico, o do charlatão, o do filantropo – exprime o arbítrio da classe dominante brasileira, que podia se permitir uma extrema mobilidade de posições, pois as idéias que ele defendia, sempre importadas, eram todas ornamentais, incapazes de afetar a base material do sistema, o trabalho escravo. Já para Augusto Meyer, brilhante representante da crítica psicológica, Machado “era uma colônia de almas contraditórias, como toda personalidade complexa: o nihilista feroz foi um funcionário exemplar, o cético fundou a Academia Brasileira de Letras, o cínico deliciava-se mentalmente na companhia da pérfida Capitu, porém amou a meiga Carolina, e o humorista... era a consciência de todos esses contrastes, o humorista sente com viva ironia os caprichos volúveis do eu que se forma e se deforma”. É porque Machado soube observar como ninguém esse rodízio de máscaras que havia em si mesmo que “fez do capricho uma regra de composição”.

As duas interpretações partem da noção de capricho, com a diferença de que para Meyer o contínuo revezamento de poses era a expressão das “almas contraditórias” que Machado sentia em si mesmo, enquanto para Schwarz era a expressão da volubilidade de uma classe dominante que podia se dar ao luxo de mudar de posição a cada instante. Na interpretação de Schwarz, Machado não tinha existência psíquica; na interpretação de Meyer, ele não tinha existência social. De novo, sentimos que as duas perspectivas são complementares, mais que excludentes. O que nos impede de compreender as ambivalên-

cias de Brás Cubas (o charlatão e o filantropo) como a expressão, *também*, das ambivalências de Machado (o niilista e o acadêmico)? Correlativamente, o que nos obriga a ver na volubilidade de Brás *apenas* a expressão da volubilidade da classe dominante?

Tudo isso sugere que Machado de Assis mereceria um esforço análogo ao que Sartre dedicou a Flaubert no *Idiot de la famille*, no qual a vida subjetiva do autor de *Madame Bovary* interage continuamente com a sociedade francesa do Segundo Império. No caso de Machado de Assis, a chave psicológica teria que ser atualizada com as categorias da psicanálise, que poderia, por exemplo, explicar como e por que o Machado da segunda fase teria interiorizado a perspectiva dos proprietários, ou contribuir para a compreensão de temas recorrentes na obra machadiana como o da loucura, do sadismo ou do duplo. Em parte esse tipo de análise já está sendo feito, ainda que segundo uma orientação talvez excessivamente lacaniana. A chave sociológica se basearia num marxismo aberto, que a própria coexistência com a chave psicológica impediria de ossificar-se num dogmatismo de escola. Essencial para esse gênero de análise seria evitar tanto o psicologismo quanto o sociologismo, deixando claro que numa obra de arte a primeira e última palavras cabem sempre à esfera estética.

A segunda reflexão avulsa tem a ver com a *vexata quaestio* da brasilidade – ou não – de Machado de Assis. Como se sabe, Machado de Assis foi criticado por não ter sido suficientemente nacional, dando pouca atenção à paisagem e à sociedade brasileiras. Seus admiradores saíram em campo para demonstrar que isso não era verdade. E com isso a questão parecia encerrada. Por que volto a mencioná-la agora? É que o tema da “brasilidade” parece ter-se tornado novamente atual com o clima neonacionalista hoje vigente no país.

Suponhamos que tivessem razão os críticos de Machado, que lamentavam seu desinteresse por temas brasileiros – isso faria dele um escritor medíocre? Suponhamos, ao contrário, que sua obra estivesse impregnada de brasileirismo, como provam as seges, mucamas e conselheiros do Império que aparecem em seus livros, ou o fato de que eles têm como panos de fundo a lei do Ventre Livre, a Abolição, a República e o encilhamento – isso melhoraria a qualidade estética dos seus romances?

Sim, para os defensores da brasilidade de Machado de Assis. Diante do fato consternador de que Machado não foi exatamente um entusiasta da Natureza tropical ou do linguajar caipira, os piedosos vingadores da honra de Machado sentiram-se coagidos a recuar para uma segunda linha de defesa, afirmando que mesmo que isso fosse verdade, Machado via temas universais segundo uma ótica brasileira. O que conta, dizem eles, é uma maneira brasileira de ver e de sentir, e esta, Machado possuía como ninguém. Como se sabe essa idéia de uma brasilidade afetiva, que se manifesta mais na sensibilidade que na escolha dos temas, é uma posição defendida pelo próprio Machado, “O que se deve exigir do escritor, antes de tudo”, escreveu ele em *Instinto de Nacionalidade*, “é certo sentimento íntimo, que o torne homem do seu tempo e do seu país, ainda quando trate de assuntos remotos no tempo e no espaço [...] um poeta não é nacional só quando insere nos seus versos nomes de flores ou aves do país”. Em outro texto “A estátua de José de Alencar” Machado repete que “há um modo de ver e de sentir, que dá a nota íntima da nacionalidade, independente da face externa das coisas”. Idéias semelhantes aparecem em *A Chave de Salomão*, de Gilberto Amado.

Mas com isso nos limitamos a um recuo tático. Não se exige mais que um escritor brasileiro celebre exclusivamente o esplendor da baía da Guanabara, mas continua-se a exigir que ele sinta a baía de Nápoles segundo uma sensibilidade brasileira. Imaginem o que teria acontecido se a idéia do “nacionalismo afetivo” tivesse prevalecido em outros países. Na França, os admiradores de Flaubert teriam se julgado na obrigação de defendê-lo, alegando que ao escrever *Salammô* ele tinha sentido Cartago de um modo francês. E nos Estados Unidos, os admiradores de Henry James teriam o dever cívico de explicar que ao situar alguns dos seus romances na Europa, ele estava sentindo Paris com a mesma sensibilidade americana com que Fenimore Cooper tinha sentido as florestas habitadas pelo último dos Moicanos.

Caricatura à parte, a verdade é que a presença ou ausência da nota nacional são fatos, não critérios de julgamento estético. Sua presença não é uma virtude; sua ausência não é um defeito. Nas palavras de Antonio Candido, a passagem do factual ao normativo geraria “calamitosos erros de visão.” A presença das relações sociais do Brasil é um fato indiscutível na obra de Machado de Assis, e tal fato deve ser devidamente destacado e interpretado

pela crítica, em sua vertente sociológica. Mas não é esse “brasileirismo” que faz de Machado o supremo escritor que foi, e sim a superioridade de sua arte, que o ajudou a captar o Brasil de modo muito mais certo que vários escritores menores, em que o impacto de temas, tipos e paisagens brasileiras era infinitamente maior.

Minha última reflexão avulsa tem a ver com questão das influências sofridas por Machado de Assis. Essas influências já foram rastreadas exaustivamente por inúmeros críticos, e resultaram numa lista variadíssima, que inclui clássicos antigos e renascentistas, como Sêneca, Luciano, Erasmo; a Bíblia; autores portugueses, como Camões, Bernardes, Bernardim Ribeiro, Sá de Miranda, Frei Luís de Souza, Filinto Elísio, Camilo; espanhóis, como Cervantes; franceses, como Rabelais, Montaigne, Pascal, Voltaire, Diderot, Balzac, Stendhal, Hugo, Gauthier, Mérimée, Daudet, Flaubert, Maupassant; anglo-americanos, como Shakespeare, Fielding, Swift, Dickens, Lamb, Thackeray, e Poe; e alemães como Heine. Mas creio que um lugar à parte deve ser reservado a um grupo muito específico de autores, que não podem ser classificados segundo critérios nacionais: são os mencionados nas primeiras páginas de *Memórias Póstumas*.

No prefácio “Ao leitor”, diz Brás Cubas: “Trata-se, na verdade, de uma obra difusa, na qual eu, Brás Cubas, se adotei a forma livre de um Sterne ou de um Xavier de Maistre, não sei se lhe meti algumas rabugens de pessimismo. Pode ser. Escrevi-a com a pena da galhofa e a tinta da melancolia, e não é difícil antever o que poderá sair desse conúbio.” No prólogo da terceira edição o próprio Machado de Assis toma a palavra, agregando um terceiro nome, o de Almeida Garrett, e prossegue: “Toda essa gente viajou: Xavier de Maistre à roda do quarto, Garrett na terra dele, Sterne na terra dos outros. De Brás Cubas se pode dizer talvez que viajou à roda da vida. O que faz do meu Brás Cubas um autor particular é o que ele chama ‘rabugens de pessimismo’. Há na alma deste livro, por mais risonho que pareça, um sentimento amargo e áspero, que está longe de vir dos seus modelos. É taça que pode ter labores de igual escola, mas leva outro vinho.” Finalmente, nas primeiras linhas do capítulo I, Brás Cubas alerta para as liberdades tomadas com a cronologia: em vez de contar em primeiro lugar seu nascimento, começa pela narração de sua morte. Com isso, seu relato fica mais galante e mais novo, superando, nisso, o

Pentateuco, cujo autor, Moisés, embora também tenha narrado sua morte, “não a pôs no intróito, mas no cabo”.

Nessas linhas, Machado faz duas coisas: define uma forma e enumera os que a adotaram. Ele dá todos os elementos para definir a forma do *seu* livro. Ao fazê-lo, contribui de modo decisivo para definir uma forma genérica, a que se filia esse livro, e que ele diz ter “adotado”. É o que chamo “forma shandiana”. Seguindo as indicações de Machado, diríamos que é uma forma caracterizada (1) pela hipertrofia da subjetividade, ilustrada enfaticamente pelo pronome de primeira pessoa (“Eu, Brás Cubas”); (2) pela digressividade e pela fragmentação, (3) pelo tratamento arbitrário dado ao tempo (os paradoxos da cronologia) e ao espaço (as viagens); e (4) pela interpenetração do riso e da melancolia. Só essa última característica não encontraria o endosso expresso de Machado de Assis, porque para ele os outros livros eram “risinhos”, e apenas o dele conteria “rbugens de pessimismo”, o que não é bem verdade, porque a dialética riso-melancolia está presente em todos os cultores da forma shandiana.

Mas, além disso, Machado cita três nomes: Sterne, Xavier de Maistre e Almeida Garrett. As semelhanças temáticas entre Machado e esses autores são evidentes, e já foram assinaladas por inúmeros críticos e historiadores. Assim, Eugenio Gomes, Helen Caldwell e Marta de Senna mostraram a presença de Sterne na obra machadiana, e Mario Mattos e Raimundo Magalhães Jr. indicaram os empréstimos feitos a Xavier de Maistre. Mas ao incluir esses nomes no mesmo contexto em que descreve a forma shandiana, Machado deixa claro que não é nessas semelhanças temáticas que ele está pensando. Ele não se considera ligado a esses autores por afinidades de conteúdo, mas de escola: são os labores que são iguais, não os vinhos. Ora, ao definir as categorias de uma forma, ao indicar os autores que a cultivaram, e ao situar-se dentro dela, Machado fez algo de extremamente interessante. Por um lado, ele abriu espaço para que sua própria obra fosse estudada à luz dessas categorias. Por outro lado, ele acenou para a possibilidade de que num movimento de retorno essas mesmas categorias servissem para iluminar também a obra dos seus modelos. É algo de inédito na história das influências literárias, que em boa lógica se limita a estudar o impacto das obras mais antigas nas mais recentes. Aqui, tudo se passa como se além desse movimento para frente houvesse também

um movimento retroativo, pelo qual o crítico, depois de ter estudado Machado de Assis à luz de uma forma que o autor brasileiro não criou, mas cujos contornos foi o primeiro a fixar conceitualmente, remontasse a correnteza em direção à origem, estudando Sterne, Xavier de Maistre e Almeida Garrett segundo as categorias fixadas por Machado de Assis. É o caso pouco banal de um influenciado que influencia a compreensão crítica de quem o influenciou.

São essas, Senhor Presidente, algumas das reflexões avulsas que me permito fazer, a propósito dos 167 anos do nascimento de Machado de Assis.

CARTA DO SR. MAURO SALES

*Lida pelo Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça**

Presidente Marcos Vinícios Vilaça
ABL – Academia Brasileira de Letras

Meu caro amigo,

Pela presente solicito o cancelamento de minha inscrição para a disputa da Cadeira n.º 29, na vaga do grande brasileiro Josué Montello.

Fui o primeiro a me inscrever para essa disputa. Poucos dias depois surgiu na Casa um movimento para eleger o bibliófilo José Mindlin, de quem sou amigo e admirador há muitos anos.

Esta candidatura aos poucos se traduziu na vontade da própria Academia, marcada inclusive pelos gestos de desistência de outros respeitáveis candidatos.

Há décadas que procuro servir a ABL e apoiar os acadêmicos em suas missões de promotores da nossa cultura e defensores da nossa língua. Continuarei no meu trabalho e espero que as circunstâncias me permitam, mais adiante, pleitear um espaço entre os ilustres membros da Casa de Machado de Assis.

Agradeço a todos os meus eleitores e faço votos para que José Mindlin, na eleição da próxima terça-feira, receba a consagração que merece.

Atenciosamente,

Mauro Salles

* Na sessão do dia 14 de junho de 2006.

SESSÃO DO DIA 20 DE JUNHO DE 2006

Sob a presidência do Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça, estiveram presentes os Acadêmicos: Cícero Sandroni, Secretário-Geral; Ana Maria Machado, Primeira-Secretária; José Murilo de Carvalho, Segundo-Secretário; Antonio Carlos Secchin, Diretor-Tesoureiro; Murilo Melo Filho, Diretor da Biblioteca; Sergio Paulo Rouanet, Diretor do Arquivo; João de Scantimburgo, Diretor da *Revista Brasileira*, Eduardo Portella, Diretor dos *Anais da Academia Brasileira de Letras*; Affonso Arinos de Mello Franco, Alberto da Costa e Silva, Alberto Venancio Filho, Alfredo Bosi, Antonio Olinto, Arnaldo Niskier, Carlos Heitor Cony, Carlos Nejar, Domício Proença Filho, Evanildo Cavalcante Bechara, Pe. Fernando Bastos de Ávila, Helio Jaguaribe, Ivan Junqueira, Lêdo Ivo, Marco Maciel, Nélida Piñon, Nelson Pereira dos Santos e Tarcísio Padilha.

- Ao dar início à sessão, o Presidente Marcos Vinícios Vilaça colocou em discussão a ata da sessão do dia 14 de junho de 2006, que foi aprovada.
- O Presidente informou que o Acadêmico Helio Jaguaribe vai liderar a representação da Academia no X Congresso da Academia de História de Portugal, ocasião em que fará uma conferência sobre “Ibero-América como processo histórico-social e como projeto político”. A representação da Academia ainda não está composta, por ausência de manifestação de adesão dos acadêmicos. Em nome da Diretoria, anunciou que a Acadêmica Nélida Piñon será a conferencista do Congresso que se reali-

zará este mês em Sevilha, na Espanha, que tem como tema “O valor econômico do Espanhol”. A Acadêmica Nélide Piñon falará no dia 23 de junho sobre “O esplendor Ibérico”. Disse que o Congresso fez observação específica ao fato de Nélide Piñon ter recebido o Prêmio Príncipe das Astúrias, de 2005. Comunicou que na data de 20 de julho, ocasião em que se comemora o 109.º aniversário de fundação da Academia Brasileira de Letras, teremos uma sessão solene no *Petit Trianon*, às 17 horas, para a entrega dos prêmios deste ano. Comunicou que a Diretoria escolheu para orador oficial desta data o Acadêmico José Sarney.

- O Acadêmico Arnaldo Niskier, com relação ao que disse o Presidente sobre a Acadêmica Nélide Piñon, comunicou que ela recebeu, há pouco menos de 10 dias, em Guanajuato, no México, o maior prêmio cervantino fora da Espanha, o Prêmio Presepe que é dado de dois em dois anos e já foi concedido ao escritor Carlos Fuentes, ao Presidente Belizário Bettancourt e outros mais que se especializaram na obra de Miguel de Cervantes. Considera uma razão de orgulho para a ABL o fato da Acadêmica Nélide Piñon ter mais uma vez brilhado no exterior e conquistado para o Brasil um prêmio raro e difícil. A láurea consta de um diploma e de uma escultura de trinta quilos. Solidarizou-se com a Acadêmica Nélide Piñon e adiantou que certamente está falando em nome de todos os acadêmicos.
- O Presidente Marcos Vinícios Vilaça disse que a mesa, também, se congratula com a Acadêmica Nélide Piñon e com prazer se associa ao aplauso do plenário.
- Passando à Ordem do Dia, o Presidente Marcos Vinícios Vilaça deu início ao processo eleitoral para o preenchimento da Cadeira n.º 29, vaga com o falecimento do Acadêmico Josué Montello. Comunicou que se encontravam inscritos os Senhores Nelson Valente, Luiz de Miranda, José E. Mindlin, Paulo Hirano, Júlio Romão da Silva e Áureo Bringel de Mello. Comunicou que o quorum para a eleição é de 19 votos. Convidou para escrutinadores os Acadêmicos Murilo Melo Filho e Affonso Arinos de Mello Franco. Encontravam-se presentes 27 acadêmicos, dos quais 13 votaram pessoalmente. Por carta votaram 21 acadêmicos. Dos 38 acadê-

micos que compõem o quadro dos Membros Efetivos da Academia, 2 abstiveram-se de votar. Eram, portanto, 34 os votantes. Procedeu-se a votação, que teve como resultado:

I.º escrutínio: José E. Mindlin.....33 votos
 Em branco..... I voto

- O Presidente Marcos Vinícios Vilaça agradeceu aos escrutinadores, Acadêmicos Affonso Arinos de Mello Franco e Murilo Melo Filho, e declarou eleito para a Cadeira n.º 29 do Quadro dos Membros Efetivos o Sr. José E. Mindlin. Comunicou que essa Cadeira tem como patrono Martins Pena, teve como fundador Artur Azevedo, como sucessores Vicente de Carvalho, Cláudio de Sousa e Josué Montello. Nada mais havendo a declarar, deu por encerrada a sessão.

SESSÃO DO DIA 29 DE JUNHO DE 2006

Sob a presidência do Acadêmico Cícero Sandroni Secretário-Geral, estiveram presentes os Acadêmicos: Ana Maria Machado, Primeira-Secretária; José Murilo de Carvalho, Segundo-Secretário; Antonio Carlos Secchin, Diretor-Tesoureiro; Murilo Melo Filho, Diretor da Biblioteca; Sergio Paulo Rouanet, Diretor do Arquivo; Eduardo Portella, Diretor dos *Anais da Academia Brasileira de Letras*; Affonso Arinos de Mello Franco, Alberto da Costa e Silva, Alberto Venancio Filho, Antonio Olinto, Arnaldo Niskier, Candido Mendes de Almeida, Carlos Heitor Cony, Domício Proença Filho, Evanildo Cavalcante Bechara, Pe. Fernando Bastos de Ávila, Helio Jaguaribe, Ivan Junqueira, Lêdo Ivo, Nelson Pereira dos Santos, Sábato Magaldi e Tarcísio Padilha.

- Ao dar início à sessão, o Acadêmico Cícero Sandroni, Secretário-Geral, informou que assumia a presidência devido à viagem do Presidente Marcos Vinícios Vilaça e colocou em discussão a ata da sessão do dia 20 de junho. Não havendo nenhuma manifestação do plenário a ata foi aprovada. A seguir, pediu uma salva de palmas para o Presidente Marcos Vinícios Vilaça, que aniversaria no dia 30 de junho e para a Acadêmica Zélia Gattai Amado, que aniversaria dia 2 de julho.
- O Acadêmico Sergio Paulo Rouanet pediu um voto de pesar pelo falecimento de Dona Guíta, esposa do acadêmico eleito José Mindlin. Considerou que esta foi uma perda para o Brasil. Propôs ao plenário, na qualidade de Diretor do Arquivo da ABL, que o Núcleo de Conservação onde

são conservados os documentos, restaurados e higienizados, tenha o nome de Guita Mindlin. Como mulher do maior bibliófilo do Brasil especializou-se em encadernação e restauração na década de 70. Em parceria com o Instituto de Pesquisas Tecnológicas chegou a desenvolver uma máquina de reconstituir papel. Fundou a Sociedade Brasileira de Encadernação e Restauro apoiada pela Escola Theobaldo Nigris, entidade que formou na arte de restauro de livros, cento e cinquenta alunos em apenas cinco anos. Acha uma homenagem muito justa e tem certeza que o Acadêmico José Mindlin ficaria muito feliz se recebesse a notícia de que, o plenário, por unanimidade, tomou essa decisão.

- O Presidente em exercício, Acadêmico Cícero Sandroni, pediu ao plenário que se pronunciasse. Não havendo nenhuma manifestação, o Presidente perguntou se poderia colocar em votação. Com o assentimento do plenário, a proposta foi colocada em votação e aprovada pela unanimidade dos acadêmicos presentes.
- O Presidente em exercício, Acadêmico Cícero Sandroni, lamentou a perda da Senhora Guita Mindlin. Disse que assim que soube do falecimento de dona Guita o Presidente Marcos Vinícios Vilaça tomou todas as providências no sentido de oferecer ao Acadêmico José Mindlin todo apoio possível. Comunicou que os escritores Gilberto Mendonça Teles e Dário Castro Alves retiraram a candidatura para a Cadeira n.º 14, que pertenceu ao Acadêmico Miguel Reale. Registrou que, a revista do Jornal *O Globo* na edição do último domingo passado, fez uma relação de 100 brasileiros geniais e, entre estes, foram escolhidos seis Acadêmicos: Ariano Suassuna, Evanildo Cavalcante Bechara, Ivo Pitanguy, José Murilo de Carvalho, Nelson Pereira dos Santos e a Acadêmica Lygia Fagundes Telles. Comunicou também que, no próximo dia sete de julho, a Academia assinará, com a Petrobras, o seu convênio de patrocínio da Biblioteca Rodolfo Garcia. Explicou que este convênio com a Petrobras é exclusivamente para a Biblioteca Rodolfo Garcia. Informou que, na tarde de ontem, a CAPES lançou, com a presença de seu presidente Senhor Renato Janine Ribeiro, um portal que vai ser disponibilizado também para a Academia Brasileira de Letras de toda uma livraria do século XVIII nas suas edições da época. Um volume inesgotável de livros de Literatura e de Ciências

Humanas. Finalizando, disse que a partir de segunda-feira, dia 3 de julho, começará a mudança da Diretoria e das secretárias para o novo espaço Josué Montello, no quarto andar do Palácio Austregésilo de Athayde.

- O Acadêmico Alberto Venancio Filho disse que há várias semanas falou sobre um artigo publicado na *Revista Continente*, de Pernambuco, em que a tendenciosidade e má-fé chegou a um ponto tão elevado escusando-se de falar do seu autor para não prestigiá-lo. Falou também, na ocasião do capítulo da Academia do livro de Daniel Piza sobre Machado de Assis, também cheio de erros e omissões. Hoje tem o prazer de falar do livro de Luiz Felipe d'Ávila com o título *Virtuosos – Os Estadistas que Fundaram a República Brasileira*. Um livro muito interessante que analisa as presidências civis, desde Prudente de Moraes até Afonso Pena que procura mostrar o papel de nossas elites na formação brasileira. Nesse livro, tem um capítulo dedicado à Academia Brasileira de Letras onde ele fala com grande precisão, objetividade e com a crítica que merece, por exemplo, quando comenta a eleição de Lauro Muller para a vaga do Barão do Rio Branco. É um registro que deve ser feito sobre um escritor que se debruçou sobre a nossa instituição e que fez um estudo objetivo, imparcial, que merece o aplauso da Academia.
- O Presidente em exercício, Acadêmico Cícero Sandroni, agradeceu ao Acadêmico Alberto Venancio Filho pela informação sobre o livro *Virtuosos – Os Estadistas que Fundaram a República Brasileira* que vem preencher uma lacuna no sentido de informar bem sobre a Academia.
- O Acadêmico Lêdo Ivo propôs que as palavras do Acadêmico Alberto Venancio Filho sejam encaminhadas ao escritor Luiz Felipe d'Ávila, autor do livro *Virtuosos – Os Estadistas que Fundaram a República Brasileira*.
- O Acadêmico Antonio Carlos Secchin registrou que a partir do dia 30 de junho o novo Portal da Academia Brasileira de Letras estará disponível. Esteve no Setor de Informática tendo uma visão preliminar e assegurou que os ganhos serão enormes. Há muito mais visibilidade, muito mais clareza e muito mais acessibilidade para os usuários e consulentes.
- O Presidente em exercício, Acadêmico Cícero Sandroni agradeceu ao Acadêmico Antonio Carlos Secchin e disse que o Portal da Academia,

desde o início da Administração do Presidente Marcos Vinícios Vilaça, tem sido uma preocupação constante da Diretoria no sentido de renová-lo e torná-lo mais acessível aos usuários.

- O Acadêmico Evanildo Cavalcante Bechara, sobre o Portal da CAPES, lembrou que o século XVIII para a Língua Portuguesa é de grande importância. Dois séculos são importantes para a história da Língua Portuguesa: o século XVI, século da transplantação do Português para o Brasil. Transplantação importante porque as línguas transplantadas se mantêm fiéis a tradição. O século XVIII é importante porque nesse período que se formou o Português moderno. Do século XVIII aos nossos dias foram pouquíssimas as alterações no sistema gramatical da Língua Portuguesa. Ressaltou que este portal é realmente importante, principalmente se ele se detiver nas obras do século XVI em Língua Portuguesa. A respeito do Curso de Crítica Textual que a Academia ofereceu à comunidade universitária e aos preparadores de textos, recebeu a proposta de uma professora titular da Universidade Federal Fluminense, que rege a Cadeira de Crítica Textual, da Academia fazer uma parceria com a instituição universitária, que já tem pronta uma edição crítica de papéis avulsos de Machado de Assis.
- O presidente em exercício, Acadêmico Cícero Sandroni agradeceu ao Acadêmico Evanildo Bechara e disse que o curso de crítica textual foi um grande sucesso. Uma iniciativa elaborada na presidência do Acadêmico Ivan Junqueira que só pôde ser realizada na presidência do Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça. Parabenizou o Acadêmico Evanildo Bechara pelo artigo que saiu no *Jornal do Brasil*, dia 28 de junho onde apresenta os caminhos abertos pela crítica textual.
- O Acadêmico Arnaldo Niskier disse que fez conferência no Instituto Teológico Franciscano de Petrópolis e após a palestra recebeu convite do Frei Moraes para visitar a biblioteca. Ficou impressionado, são cento e dez mil volumes sendo que setenta mil são temas alusivos à teologia e quarenta mil de ciências humanas. Disse que Frei Moraes ofereceu a Academia Brasileira de Letras qualquer estudo, pesquisa e parceria que a Academia deseje sobre os assuntos que estão prevalecendo na elaboração

da biblioteca. Estão de portas abertas para fazer o que for necessário. Convidou o plenário para que façam uma visita a essa biblioteca. Finalizando, disse que o Presidente Lula assinou a escolha do padrão de televisão digital que o Brasil vai adotar nos próximos anos. Recaiu a escolha na plataforma japonesa por se aproximar mais do Brasil em relação aos estudos feitos para um consórcio tecnológico entre o Japão, que dará os seus conhecimentos e às universidades brasileiras. Cada canal analógico hoje existente se transformará em quatro canais digitais, com uma vantagem qualitativa incomensurável que é a alta definição. Acha que vai ser extremamente simples a operação de se falar com aquilo que está sendo mostrado naquele momento, em tempo real, na televisão. A Academia não deveria perder a oportunidade, cultores por obrigação estatutária da Língua Portuguesa e Literatura Nacional, de manifestar o seu interesse. O Acadêmico Arnaldo Niskier acredita que como a Academia está empenhada em fazer o portal e abrir o *site*, não deve perder a oportunidade de fazer um ofício ao Ministério das Comunicações ou ao Presidente da República dizendo que a Casa está vendo com entusiasmo essa mudança tecnológica para melhor, no sistema de rádio e televisão do país, e gostaria, como responsável que é pela língua portuguesa e a cultura nacional, de participar desse processo emprestando o talento dos acadêmicos e todo esse passado da Academia que é precioso. Disse que, a seu ver, a Academia não deve estar fora desse processo que foi desencadeado nesta data pelo Presidente da República. Falou sobre o seu livro *Os Desafios da Comunicação Social no Brasil*, que será lançado na terça-feira, dia 4, às 11 horas, em Brasília, no Salão Negro do Senado Federal, com a presença dos Presidentes das duas Casas Legislativas.

- O Presidente em exercício Acadêmico Cícero Sandroni agradeceu ao Acadêmico Arnaldo Niskier os dois assuntos por ele tratados. Disse que, em muito boa hora, vem esse convite do Colégio Teológico Franciscano de Petrópolis e diria que o Acadêmico Murilo Melo Filho, como Diretor das Bibliotecas da Casa poderia tomar providências para fazer um contato, procurando saber também se a Biblioteca de Petrópolis tem uma interação pela internet. Quanto ao segundo assunto, deu a sua opinião e acredita que a Casa deve logo pensar no assunto. Abriu a palavra aos acadêmi-

cos que quisessem se manifestar sobre a palavra do Acadêmico Arnaldo Niskier. Como ninguém quis fazer comentários, disse que desde a gestão do Presidente Marcos Vinícios Vilaça a grande preocupação dele foi com uma maior divulgação da Academia também através da televisão. Pensou-se até em fazer uns programas com a TV Comunitária e Universitária. Isso tudo demanda tempo, trabalho e recurso. Evidentemente essa comunicação será feita ao Presidente, mas pessoalmente é inteiramente a favor. Está certo de que esta Casa não poderá ficar fora desse processo, uma vez que estamos no século XXI.

- O Acadêmico Murilo Melo Filho propôs a inclusão nos *Anais da Academia Brasileira de Letras* do artigo do Acadêmico Evanildo Bechara publicado ontem, dia 28 do corrente, no *Jornal do Brasil* sobre “Caminhos abertos pela crítica textual”.
- O Presidente em exercício submeteu a proposta ao plenário, não havendo objeção o artigo do Acadêmico Evanildo Bechara será incorporado aos *Anais da Academia Brasileira de Letras*. A seguir passou a palavra ao Acadêmico Antonio Carlos Secchin.
- O Acadêmico Antonio Carlos Secchin, no capítulo das Efemérides, apresentou um consistente trabalho sobre o Acadêmico Américo Jacobina Lacombe. (O texto lido será incorporado aos *Anais da Academia Brasileira de Letras*.)
- O Acadêmico Cícero Sandroni, no exercício da presidência, agradeceu as palavras do Acadêmico Antonio Carlos Secchin sobre Américo Jacobina Lacombe. Acrescentou que além de guardião da memória de Rui Barbosa, Lacombe foi também um exemplar acadêmico. Disse que, por coincidência, como todos sabem, está trabalhando na história do *Jornal do Commercio* e entrando exatamente no período de Afonso Pena Júnior e o livro de Américo de Jacobina Lacombe é um dos melhores caminhos para conhecer bem aquele período. Lembrou também que o Acadêmico Américo Jacobina Lacombe, como Presidente da Fundação Casa Rui Barbosa, abriu uma Biblioteca Infantil, quando a Fundação do Livro Infantil o procurou no sentido de aproveitar um espaço da garagem da Fundação Casa Rui Barbosa e ele foi um entusiasta da idéia. Trata-se da Biblioteca

Maria Mazetti e que até hoje é muito bem freqüentada pelas crianças que visitam aquela Casa.

- O Acadêmico Pe. Fernando Bastos de Ávila lembrou que Lacombe morava perto da Congregação Mariana na Rua Bambina. O responsável dessa Congregação foi transferido para outro lugar e ele foi chamado para ficar provisoriamente na direção, até que fosse nomeado o sucessor. Esse provisoriamente durou trinta anos. Recordou a longa convivência com Lacombe, que todo domingo assistia a missa que celebrava. Naquela ocasião Lacombe o incentivou a uma pesquisa sobre a presença do Clero no Parlamento Brasileiro, a qual dedicou o seu maior esforço. Publicou cinco volumes sobre *O Clero no Parlamento Brasileiro, Câmara dos Deputados* e dois volumes sobre *O Clero no Parlamento Brasileiro, Senado do Império*, com o apoio e a orientação de Américo Jacobina Lacombe. Afirmou que respeita as convicções de todos, mas acredita que depois dessa vida há uma plenitude instantânea a qual Américo Jacobina Lacombe, já chegou.
- O Acadêmico Alberto Venancio Filho felicitou o Acadêmico Antonio Carlos Secchin pelo retrato bastante preciso de Américo Jacobina Lacombe e deu dois depoimentos dele nesta Casa. Contou que tinha ficado vaga uma Direção da Fundação Casa de Rui Barbosa e o Acadêmico Américo Lacombe estava procurando um substituto. Certo dia, aqui na Academia, comunicou-lhe que estava muito satisfeito, porque o Acadêmico Lêdo Ivo havia aceitado a indicação para aquele cargo. Lembrou, ainda, que eleito para a Academia o primeiro nome que pensou para recebê-lo foi o do Acadêmico Evaristo de Moraes Filho, que se escusou por razões pessoais, e então pensou no Acadêmico Américo Jacobina Lacombe. Ao consultá-lo ele aceitou e disse-lhe que era acadêmico há dezoito anos e nunca havia recebido ninguém.
- O Acadêmico Cícero Sandroni, no exercício da presidência, agradeceu por essas lembranças de Américo Lacombe e lembrou que esteve nessa posse e ouviu os dois discursos brilhantes.
- O Acadêmico Arnaldo Niskier disse que acompanhou com tristeza o falecimento da Sra. Guita Mindlin. Soube que a Academia tomou todas

as providências cabíveis, mas acredita que cabe um registro da solidariedade da Casa ao acadêmico eleito José Mindlin, pela perda da sua companheira de quase setenta anos.

- O Presidente em exercício, Acadêmico Cícero Sandroni, comunicou ao Acadêmico Arnaldo Niskier que esse registro foi feito pelo Acadêmico Sergio Paulo Rouanet, logo no início da sessão, que também apresentou a sugestão de que se desse o nome de Guíta Mindlin ao Núcleo de Conservação e Restauração do Arquivo da Academia. Mas fica também o seu registro. Agradeceu ao Pe. Fernando Bastos de Ávila pela sua comovida lembrança do Acadêmico Américo Jacobina Lacombe e falou sobre o seu trabalho, realmente excepcional, nos cinco volumes, prefaciado pelo Acadêmico Francisco de Assis Barbosa, e que lhe tem ajudado muito nas suas pesquisas sobre o Congresso Brasileiro e a atuação do Clero na Câmara e no Senado.
- O Presidente em exercício, convidou os presentes para a mesa-redonda que se realizará às 17h 30min, na Sala José de Alencar, em homenagem à Acadêmica Zélia Gattai Amado pelo transcurso dos seus 90 anos, ocasião em que falarão os Acadêmicos Eduardo Portella, Antonio Olinto e Murilo Melo Filho. Nada mais havendo a tratar deu por encerrada a sessão.

CAMINHOS ABERTOS PELA CRÍTICA TEXTUAL

Evanildo Bechara*

Quando alguém se dispõe a ler um texto – literário ou não – está longe de imaginar o quanto de armadilhas ele encerra no processo que vai da fase de elaboração do autor, passando pelo editor, pelo preparador de texto, pelo revisor e compositor até chegar às mãos de quem vai lê-lo, na convicta esperança de que o que tem na mão reflete a vontade real e final do autor.

Da Antigüidade aos Tempos Modernos a experiência editorial nos tem mostrado que esse texto real e final passou por peripécias tais, de tal sorte, que se teve de constituir uma disciplina científica, cujo objetivo é rastrear o percurso longo e oblíquo do autor ou do(s) copista(s), até o(s) texto(s) que chega(m) à mão do leitor. Esta disciplina se chama hoje Crítica Textual, e também Ecdótica, embora muitos autores nem sempre aceitem os termos como sinônimos atribuindo a elas tarefas diferentes que não cabe aqui deslindar. Assim, compete à Crítica Textual a reconstituição de um original perdido, ou de um texto considerado fidedigno, com base na tradição manuscrita e impressão direta ou indireta da obra, conforme as exigências de uma metodologia científica e rigorosa.

Os primeiros passos da disciplina ainda incipiente foram dados pelos filólogos alexandrinos do século II a.C. que trabalhavam na monumental biblioteca de Alexandria no Egito para reunir e transmitir às gerações futuras o patrimônio cultural da Grécia antiga.

* Artigo publicado no *Jornal do Brasil*, 28 de junho de 2006.

Depois, veio o trabalho dos humanistas e dos renascentistas, que tiveram que lidar com os abundantes manuscritos gregos e latinos, provenientes do Oriente. Por fim, a filologia do século XIX deu à disciplina a feição que hoje reconhecemos, acrescida pela contribuição dos estudiosos modernos que atuam até os nossos dias, aperfeiçoando o método lachmanniano esboçado pelo alemão Karl Lachmann, seguido das propostas do francês Bédier e do italiano Pasquali, da “nova filologia” de Michele Barbi, da “bibliografia textual” de origem anglo-saxônica, da proposta do “neolachmannianismo”, da “crítica das variantes” com a inspiração de Gianfranco Contini e sua escola.

No Brasil esses passos tiveram desde cedo ressonância, empiricamente, por exemplo, com Sousa da Silveira e Alberto Faria, e, depois, de maneira mais sistematizada, com o Pe. Augusto Magne, Celso Cunha, Antônio Houaiss, J. Galante de Sousa, Segismundo Spina, Antônio José Chediak, Emanuel Pereira Filho, Leodegário A. de Azevedo Filho e Maximiano de Carvalho e Silva.

A pouca ou quase nenhuma preocupação de editores, às vezes bem-intencionados, mas sem a devida preparação técnica, tem permitido correr textos da nossa literatura, dos seus inícios à atualidade que, pela infidelidade da lição e pela corrupção do original, prejudicam o trabalho da crítica literária, do historiador da literatura, do filólogo, do lingüista, do historiador.

Foi para dar norte mais confiável que se criou na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, sob a direção desse admirável filólogo Augusto Meyer, a Comissão Machado de Assis, que deu um grande começo na fidelidade textual de poucos romances do nosso escritor maior, cuja ação, da Comissão, precisa ser reativada, mormente quando se aproxima o centenário da morte de Machado, em 2008. E o que se precisa fazer na obra de Gregório de Matos, dos poetas árcades, dos românticos, de quase toda a literatura brasileira?

Por tudo isto, foi muito oportuna a iniciativa da Academia Brasileira de Letras de oferecer à comunidade universitária, aos preparadores de textos, ao público interessado pela cultura e pela literatura e aos jovens que aspiram a um dia ser filólogos, o Curso de Crítica Textual, ministrado pelos professores italianos, discípulos de Contini, Maurizio Perugi e Bárbara Spaggiari, com

larga produção científica no estrangeiro, e autores da obra *Fundamentos da Crítica Textual*, elaborada a convite da Editora Lucerna, do Rio de Janeiro.

Bárbara Spaggiari é professora catedrática de Filologia Românica que, além de vários ensaios sobre latim vulgar e textos proto-românicos, lírica provençal, italiana, catalã e castelhana, se vem dedicando às literaturas de língua portuguesa, editando criticamente, por último, o Martin Codax e *Clepsidra e Outros Poemas*, de Camilo Pessanha.

Maurizio Perugi é professor catedrático de Filologia Românica e ensina na Universidade de Genebra francês antigo e crítica textual; seguindo a seu mestre Gianfranco Contini, avança no âmbito teórico de crítica textual, abrindo novas perspectivas no chamado método neolachmanniano. Entre suas muitas publicações, ressaltam as edições críticas de Arnaud Daniel – trovador do séc. XII e da anônima *Vie de Saint Alexis*, do séc. XI.

Com este importante investimento cultural a Academia Brasileira de Letras tem a certeza de haver contribuído, mais uma vez, para o cultivo da língua e da literatura nacional, intenção pilar de seus fundadores, como reza o art. I.º dos Estatutos.

VIDA E OBRA DE AMÉRICO LACOMBE

*Antonio Carlos Secchin**

Quinto ocupante da Cadeira I9, Américo Jacobina Lacombe tomou posse na Academia Brasileira de Letras em 2 de julho de 1974, a cinco dias de completar seu sexagésimo-quinto aniversário, ocupando a vaga que pertencera ao médico Antônio da Silva Melo.

Nascido no Rio de Janeiro, cresceu no interior de um estabelecimento de ensino – o célebre Jacobina –, mas a saúde frágil o levou a prosseguir os estudos em Belo Horizonte, onde conheceria João Guimarães Rosa. Regressou ao Rio, concluindo, em 1931, a Faculdade de Direito, sem que jamais viesse a exercer a advocacia. Professou por toda a existência a religião católica. Frequentou o Centro Dom Vital, tornando-se amigo de Jackson de Figueiredo e do Pe. Leonel Franca. Com Alceu Amoroso Lima e outros intelectuais, foi um dos mentores do projeto de criação, no Rio de Janeiro, da Pontifícia Universidade Católica.

Eram nítidas, em Lacombe, as vocações para o serviço público e o magistério. Em 1939, foi nomeado diretor da Casa de Rui Barbosa, instituição em que trabalharia até o fim de seus dias, transformando-a num avançado e prestigioso centro de documentação e pesquisa.

Seu talento, porém, não se revelou apenas na inegável competência e operosidade com que administrou a Casa; estampou-se do mesmo modo na qualidade de sua produção ensaística, centrada na História do Brasil, e no desvelo com que se votou a um gigantesco empreendimento na área jurídica: a publi-

* Estudo apresentado na sessão do dia 29 de junho de 2006.

cação das obras completas de Rui Barbosa, ainda em curso, com mais de 150 volumes editados, vários deles enriquecidos com prefácio ou notas do próprio historiador.

Também em prol da memória de Rui, colaborou nos *Escritos e Discursos Seletos* (1960), da editora José Aguilar. Em excelente estudo introdutório, Lacombe defendeu com vigor o estatuto especificamente literário da escrita de Rui, contra os que nela enxergavam apenas traços convencionais e obsoletos da retórica forense.

Américo Jacobina Lacombe foi membro e presidente do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Coordenou a Cadeira de História, no Instituto Rio Branco, do Itamaraty, e dirigiu, a partir de 1957, em substituição a Fernando de Azevedo, a famosa coleção Brasileira, da Companhia Editora Nacional, referência indispensável em qualquer bibliografia que se elabore sobre o nosso país.

Dentre o que legou, sem falarmos nos inúmeros estudos avulsos dedicados a Rui, destacam-se: o livro de estréia, de 1942, *Um Passeio pela História do Brasil*; a *Introdução ao Estudo da História do Brasil*, de 1974, contribuição de peso na área da metodologia historiográfica; e *Afonso Pena e sua Época*, de 1986.

Faleceu no dia 7 de abril de 1993, ainda na presidência da Casa de Rui Barbosa, sendo sucedido na ABL pelo sociólogo Marcos Almir Madeira. A pesquisadora Isabel Lustosa evocou-lhe a figura num delicado artigo intitulado “Um homem admirável”. Após ressaltar, em breves linhas, alguns episódios da vitoriosa trajetória intelectual e administrativa de Lacombe, concluía: “A grande obra de Américo Lacombe é a Fundação Casa de Rui Barbosa. Sua vida dedicou-a inteira a ela. Justo é que seja a Casa de Rui também o seu memorial. Que ali fiquem, para a formação das gerações futuras, seus livros, suas anotações, seus arquivos. Que a memória deste homem admirável não se perca dispersa em bibliotecas estranhas.” O voto aí formulado acabou por materializar-se, e hoje a fundação é a guardiã do arquivo de um homem que tanto trabalhou como guardião da memória de todos nós.

BOLETINS DE INFORMAÇÃO

ANO XLVI – N.º 01

Em 19 de janeiro de 2006

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO MARCOS VINÍCIOS VILAÇA, PRESIDENTE DA ABL – Na sua recente viagem a Nova York o Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça, presidente da Academia Brasileira de Letras, foi homenageado num almoço de confraternização oferecido pela União Brasileira de Escritores de Nova York (UBENY) no Hotel Algonquin. Estiveram presentes o Embaixador Graça Lima, Cônsul-Geral em Nova York, o Prof. Gregory Rabassa, brasilianista e tradutor máximo de nossos clássicos, e Domício Coutinho, presidente da UBENY e da Brazilian Endowment for the Arts (BEA).

O Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça deu também uma entrevista à imprensa brasileira local, no *lobby* do Hotel San Carlos, na sexta-feira, dia seis do corrente.

CADEIRA N.º 7 – Encontram-se inscritos para concorrer à Cadeira n.º 7, vaga com o falecimento do Acadêmico Sergio Corrêa da Costa, os Senhores Nelson Pereira dos Santos, Paulo Hirano, Dário Moreira de Castro Alves, Waldemar Cláudio dos Santos, Jorge Tannuri e Ronaldo Cunha Lima. A eleição está marcada para 9 de março de 2006.

CADEIRA N.º 28 – Encontram-se inscritos para concorrer à Cadeira n.º 28, vaga com o falecimento do Acadêmico Oscar Dias Corrêa, os Srs. Célio Borja, Domício Proença Filho, Oliveiros Litrento e Ildásio Tavares. As inscrições encerraram-se no dia 1.º de janeiro e a eleição está marcada para o dia 16 de março de 2006.

ANIVERSÁRIO NATALÍCIO DO ACADÊMICO CARLOS NEJAR – Comemorou-se no dia 11 do corrente o aniversário natalício do Acadêmico Carlos Nejar, que ocupa a Cadeira n.º 4 do Quadro dos Membros Efetivos.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO MIGUEL REALE – Em virtude de seu nonagésimo quinto aniversário, o Acadêmico Miguel Reale foi objeto de várias homenagens, entre as quais a da Faculdade de Direito da USP e do Centro Acadêmico XI de Agosto, bem como da Associação dos Antigos Alunos e também do Instituto dos Advogados de São Paulo, que lhe conferiu a “Medalha Barão de Ramalho”. A Câmara Municipal de São Bento do Sapucaí outorgou-lhe o título de “Sambentista Emérito”, em solenidade especial, realizada na Capital.

ANIVERSÁRIO NATALÍCIO DO ACADÊMICO ALBERTO VENANCIO FILHO – Comemora-se no próximo dia 23 do corrente o aniversário natalício do Acadêmico Alberto Venancio Filho, que ocupa a Cadeira n.º 25 do Quadro dos Membros Efetivos.

PUBLICAÇÕES DA ABL – Acaba de sair e está sendo encaminhada aos Senhores Acadêmicos o n.º 45 da *Revista Brasileira*, correspondente aos meses de outubro, novembro e dezembro de 2005, e o Vol. 29 dos *Discursos Acadêmicos*.

ANIVERSÁRIO NATALÍCIO DO ACADÊMICO JOÃO UBALDO RIBEIRO – Comemora-se no próximo dia 23 do corrente o aniversário natalício do Acadêmico João Ubaldo Ribeiro, que ocupa a Cadeira n.º 34 do Quadro dos Membros Efetivos.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO CÍCERO SANDRONI – O Acadêmico Cícero Sandroni foi convidado para uma palestra na Academia Catarinense de Letras sobre “A nova ficção brasileira”, na primeira semana de fevereiro.

ANIVERSÁRIO DO NASCIMENTO DO SÓCIO CORRESPONDENTE DAI-SAKU IKEDA – Transcorreu no dia 2 de janeiro o aniversário natalício do sócio correspondente Daisaku Ikeda, que ocupa a Cadeira n.º 14 do Quadro dos Sócios Correspondentes.

ANIVERSÁRIO DO NASCIMENTO DE EUCLIDES DA CUNHA – A 20 de janeiro de 1866 nascia em Cantagalo (RJ), Euclides da Cunha, segundo-ocupante da Cadeira n.º 7 do Quadro dos Membros Efetivos.

ANO XLVI – N.º 02
Em 16 de fevereiro de 2006

DISCURSO DO ACADÊMICO MARCO MACIEL – O Acadêmico Marco Maciel fez importante discurso no Senado Federal, registrando a posse do Acadêmico Marcos Vilaça na presidência da ABL. Citando o discurso de posse, manifestou sua concordância com a tese de que à Academia “compete participar do humanismo compatível com esse século do conhecimento”.

PRÊMIO PARA O ACADÊMICO JOÃO UBALDO RIBEIRO – A International Press Award realiza em Fort Lauderdale, a 27 de maio, a solenidade anual de homenagem a um escritor brasileiro. A Acadêmica Nélide Piñon foi a escolhida em 2005, e este ano será a vez do Acadêmico João Ubaldo Ribeiro. O Presidente da Academia Brasileira de Letras, Acadêmico Marcos Vilaça, fará a entrega da premiação.

CADEIRA N.º 7 – Realiza-se no dia 9 de março próximo a eleição para a Cadeira n.º 7, vaga com o falecimento do Acadêmico Sergio Corrêa da Costa. Encontram-se inscritos para concorrer a esta Cadeira os Senhores Nelson Pereira dos Santos, Paulo Hirano, Dário Moreira de Castro Alves, Waldemar Cláudio dos Santos, Jorge Tannuri e Ronaldo Cunha Lima.

CADEIRA N.º 28 – Encontram-se inscritos para concorrer à Cadeira n.º 28, vaga com o falecimento do Acadêmico Oscar Dias Corrêa, os Srs. Célio Borja, Domicio Proença Filho, Oliveiros Litrento, Ildásio Tavares e Wagner Fonseca Lima. As inscrições encerraram-se no dia 1.º de janeiro e a eleição está marcada para o dia 16 de março de 2006.

ANIVERSÁRIO NATALÍCIO DO ACADÊMICO LÊDO IVO – Comemora-se no dia 18 do corrente o aniversário natalício do Acadêmico Lêdo Ivo, que ocupa a Cadeira n.º 10 do Quadro dos Membros Efetivos.

PRÊMIO CASA DE LAS AMÉRICAS 2006 – O Acadêmico José Murilo de Carvalho esteve em Cuba, entre os dias 15 e 27 de janeiro, participando do júri do Prêmio Casa de las Américas 2006, na categoria Literatura Brasileira (Ensaio). O convite se deveu ao fato de ter sido o premiado de 2004.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO ALBERTO DA COSTA E SILVA – O Acadêmico Alberto da Costa e Silva foi eleito, por unanimidade, no dia 19 de janeiro, sócio correspondente da Academia das Ciências de Lisboa.

ANIVERSÁRIO NATALÍCIO DO ACADÊMICO SERGIO PAULO ROUANET – Transcorre no próximo dia 23 do corrente o aniversário natalício do Acadêmico Sergio Paulo Rouanet, que ocupa a Cadeira n.º 13 do Quadro dos Membros Efetivos.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO CÍCERO SANDRONI – Na primeira semana de fevereiro o Acadêmico Cícero Sandroni fez na Academia Catarinense de Letras uma palestra sobre “A nova ficção brasileira”.

ANIVERSÁRIO NATALÍCIO DO ACADÊMICO EVANILDO CAVALCANTE BECHARA – Comemora-se no próximo dia 26 do corrente o aniversário natalício do Acadêmico Evanildo Cavalcante Bechara, que ocupa a Cadeira n.º 33 do Quadro dos Membros Efetivos.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO ANTONIO CARLOS SECCHIN – O Acadêmico Antonio Carlos Secchin proferiu, no dia 12 de janeiro, palestra sobre Rubem Braga em Cachoeiro de Itapemirim, cidade natal do escritor, num evento preparatório da Bienal da Crônica, que ocorrerá em maio. No dia 25 de janeiro integrou banca de doutorado na Universidade Federal de Pernambuco. A tese, de Diego Carneiro, se intitula “Entre a galhofa e a melancolia: Machado de Assis e a tradição herói-cômica”. No dia 1.º de fevereiro concedeu entrevista à Rede Vida.

ANIVERSÁRIO NATALÍCIO DO ACADÊMICO CÍCERO SANDRONI – Transcorre no dia 26 do corrente o aniversário natalício do Acadêmico Cícero Sandroni, que ocupa a Cadeira n.º 6 do Quadro dos Membros Efetivos.

VOLTA REDONDA – No dia 4, numa reunião de três horas, o Acadêmico Arnaldo Niskier debateu com o corpo docente da Fundação Osvaldo Aranha (FOA), de Volta Redonda, o tema: “O professor brasileiro e os novos conceitos de ensino-aprendizagem”.

ANO XLVI – N.º 03

Em 9 de março de 2006

REINÍCIO DAS ATIVIDADES DA ACADEMIA – A Academia Brasileira de Letras inicia hoje, dia 9 de março, suas atividades para o ano de 2006.

CADEIRA N.º 7 – Realiza-se hoje, dia 9 de março, a eleição para a Cadeira n.º 7, vaga com o falecimento do Acadêmico Sergio Corrêa da Costa. Encontram-se inscritos para concorrer a esta Cadeira os Senhores Nelson Pereira dos Santos, Paulo Hirano,

Waldemar Cláudio dos Santos, Jorge Tannuri e Ronaldo Cunha Lima. O Embaixador Dário Castro Alves, em carta dirigida ao Presidente, retirou sua candidatura.

ACADÊMICO LÊDO IVO NO MÉXICO – O Acadêmico Lêdo Ivo esteve no México, participando do 2.º Encontro Interamericano de Poesia que se realizou em Villahermosa, Estado de Tabasco, entre os dias 12 a 19 de fevereiro último, com a presença de vinte poetas representativos da América Latina e da Espanha. Na feira de livros promovida simultaneamente com os recitais de poesia e as conferências, figurou a apresentação de sua antologia poética bilingüe *La tierra allende*. Um estande, com a recente produção editorial da Academia Brasileira de Letras, constituiu uma das atrações do festival.

ACADEMIA PORTUGUESA DA HISTÓRIA – O Acadêmico Alberto da Costa e Silva foi eleito para a Academia Portuguesa da História.

DIA INTERNACIONAL DA MULHER – Realizou-se ontem, dia 8 de março, Dia Internacional da Mulher, no Teatro R. Magalhães Jr., às 17h 30min, a apresentação do monólogo *A Confissão de Leontina*, da Acadêmica Lygia Fagundes Telles, com a atriz Kelzy Ecard e direção de Antonio Guedes.

ABERTURA DO ANO ACADÊMICO – O Ano Acadêmico de 2006 será aberto, na próxima terça-feira, dia 14, às 17h 30min, no Teatro R. Magalhães Jr., com a conferência do Acadêmico Ariano Suassuna sobre “As raízes populares da cultura brasileira”.

ANIVERSÁRIO NATALÍCIO DO ACADÊMICO CARLOS HEITOR CONY – Comemora-se no próximo dia 14 do corrente o aniversário natalício do Acadêmico Carlos Heitor Cony, que ocupa a Cadeira n.º 3 do Quadro dos Membros Efetivos.

CADEIRA N.º 28 – Encontram-se inscritos para concorrer à Cadeira n.º 28, vaga com o falecimento do Acadêmico Oscar Dias Corrêa, os Srs. Célio Borja, Domício Proença Filho, Ildásio Tavares e Wagner Fonseca Lima. O Sr. Oliveiros Litrento, em carta dirigida ao Presidente, retirou a sua candidatura. A eleição está marcada para a próxima quinta-feira, dia 16 de março de 2006.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO ANTONIO CARLOS SECCHIN – No dia 21 de fevereiro, o Acadêmico Antonio Carlos Secchin integrou, na Faculdade de Letras da UFRJ, a banca que examinou a dissertação “A autoconsciência poética de Álvares de Azevedo”, de Liliâne Machado. No dia 4 de março, no RioCentro, recebeu home-

nagem como paraninfo da turma Português-Literaturas da Faculdade de Letras da UFRJ.

PALMAS ACADÊMICAS – Está marcada para o dia 23 de março a entrega, na Sala de Sessões, das Palmas Acadêmicas ao poeta argentino Rodolfo Alonso, que será saudado pelo Acadêmico Lêdo Ivo.

LANÇAMENTO DO LIVRO *TEMPO DIFERENTE* NO CIEE DE SÃO PAULO – A convite do Professor Nathanael Pereira de Souza, presidente do Centro de Integração Empresa-Escola, o Acadêmico Murilo Melo Filho fez, em fevereiro último, conferência sobre “Uma visão do Brasil de hoje”, lançando, em seguida, o seu livro *Tempo Diferente*, com autógrafos para um grupo de duzentos industriais paulistas.

A MAGIA DA EDUCAÇÃO – No dia 23 do corrente, às 17 horas, realiza-se na Sala dos Fundadores, o lançamento do livro de crônicas do Acadêmico Arnaldo Niskier, *A Magia da Educação*, que acaba de sair pela Editora Mondrian.

ROTEIRO SENTIMENTAL DO RIO DE JANEIRO – No dia 23 de março, às 17h 30min, será lançado, no saguão térreo do Centro Cultural da ABL, o livro *Roteiro Sentimental do Rio de Janeiro*, de Osvaldo Orico, com tradução de Elio Monnerat Sólton de Pontes e prefácio de Edmo Rodrigues Lutterbach. Este livro foi escrito originalmente em castelhano.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO ANTONIO OLINTO – O Acadêmico Antonio Olinto recebe no próximo dia 23 de março, às 18h 30min, no Teatro R. Magalhães Jr., o título de Cidadão Carioca, que lhe foi concedido pela Assembléia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro.

ANO XLVI – N.º 04
Em 21 de março de 2006

FALECIMENTO DO ACADÊMICO JOSUÉ MONTELLO – Faleceu no dia 15 de março de 2006, às 20h 20min, na Casa de Saúde São José, no Rio de Janeiro, o Acadêmico Josué Montello, Decano da Academia Brasileira de Letras, que ocupava a Cadeira n.º 29 do Quadro dos Membros Efetivos.

ABERTURA DO ANO ACADÊMICO – Realizou-se dia 14, terça-feira passada, a abertura do Ano Acadêmico de 2006 com a conferência do Acadêmico Ariano Suassuna sobre “As raízes populares da cultura brasileira” e a abertura da exposição

“Do reino encantado: iluminogravuras do Acadêmico Ariano Suassuna e fotografias de Gustavo Moura”, na Galeria Manuel Bandeira.

CENTRO CULTURAL CARLOS CHAGAS – O Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça foi homenageado na última sexta-feira, em Oliveira, MG, em ato promovido pela Prefeitura Municipal e pelo Centro Cultural Carlos Chagas, que lideraram a digitalização, entregue na ocasião, do mais antigo jornal do Estado, *Gazeta de Minas*. O Acadêmico José Sarney, igualmente homenageado, foi um dos responsáveis, ao lado do Dr. Rubio Fernal, por esse relevante serviço prestado à Cultura e à história do jornalismo brasileiro. De lá, os dois acadêmicos seguiram para Tiradentes onde igualmente foram distinguidos com honrarias pela Prefeitura.

PALMAS ACADÊMICAS – Está marcada para o próximo dia 23 de março, às 15 horas, a entrega, na Sala de Sessões, das Palmas Acadêmicas ao poeta argentino Rodolfo Alonso, que será saudado pelo Acadêmico Lêdo Ivo.

CADEIRA N.º 28 – Realiza-se, no dia 23, às 16 horas, a eleição para a Cadeira n.º 28, vaga com o falecimento do Acadêmico Oscar Dias Corrêa. Encontram-se inscritos para concorrer a esta Cadeira os Srs. Célio Borja, Domicio Proença Filho e Wagner Fonseca Lima. Os Srs. Oliveiros Litrento e Ildásio Tavares, em cartas dirigidas ao Presidente, retiraram suas candidaturas.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO EDUARDO PORTELLA – Regressou de Paris o Acadêmico Eduardo Portella, onde esteve presidindo o comitê do Fundo Mundial para Promoção da Cultura (UNESCO).

MUSEU DA LÍNGUA PORTUGUESA – Por iniciativa do Governo do Estado de São Paulo, em parceria com a Fundação Roberto Marinho, foi inaugurado no dia 20 de março, às 11 horas, na Estação da Luz, o Museu da Língua Portuguesa e a realização da Olimpíada da Língua Portuguesa. Da Academia Brasileira de Letras estiveram presentes o Presidente Marcos Vinícios Vilaça, a Acadêmica Ana Maria Machado, os Acadêmicos Evanildo Bechara e Alfredo Bosi.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO ANTONIO CARLOS SECCHIN – No dia 22 de março, o Acadêmico Antonio Carlos Secchin integrará, na UFF, a banca examinadora da tese “Jerusalém & Atenas – uma leitura comparada da poesia de Adélia Prado e de Sophia de Mello Breyner Andresen”, de Vânia Bernardo. No dia 25 de março, participará do Festival Literário de Porto de Galinhas, Pernambuco, como debatedor da mesa-redonda em que o Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça falará da obra de Mauro Mota.

ROMANCISTAS DA ACADEMIA – Terá início terça-feira, dia 21 de março, às 17h 30min, o I.º ciclo da programação cultural deste ano, que versará sobre os *Romancistas da Academia*, coordenado pelo Acadêmico Evanildo Bechara. A conferência de abertura será proferida pelo Acadêmico Eduardo Portella, sobre Nélida Piñon. As demais conferências se realizarão sempre no mesmo horário, conforme o quadro abaixo:

28/03 – Vera Tietzmann, sobre Lygia Fagundes Telles
04/04 – Domício Proença Filho, sobre João Ubaldo Ribeiro
11/04 – Antonio Olinto, sobre Carlos Heitor Cony.

O TICO-TICO – No dia 15, a partir das 18 horas, na Casa de Cultura Laura Alvim, foi lançado o *Almanaque d' O Tico-Tico*, organizado segundo a coleção do Acadêmico Arnaldo Niskier.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO MIGUEL REALE – Foi conferido ao Acadêmico Miguel Reale, o título *Life Fellow of the International Academy for Philosophy*, conforme correspondência enviada por seu presidente Georg Brutian, em 02 de março do corrente ano.

NOTÍCIA DO ACADÊMICO ANTONIO OLINTO – Nascido em Minas Gerais, o Acadêmico Antonio Olinto reside no Estado do Rio de Janeiro desde 1936. A Assembléia Legislativa do Estado acaba de conceder-lhe a Cidadania Fluminense. A láurea correspondente ser-lhe-á entregue, às 19 horas, do dia 23 de março, no Teatro R. Magalhães Júnior.

ANO XLVI – N.º 05
Em 23 de março de 2006

PALMAS ACADÊMICAS – Realiza-se hoje, às 15 horas, na Sala de Sessões da Academia, a entrega das Palmas Acadêmicas ao poeta argentino Rodolfo Alonso, que será saudado pelo Acadêmico Lêdo Ivo.

CADEIRA N.º 28 – Realiza-se hoje, dia 23 de março, às 16 horas, a eleição para a Cadeira n.º 28, vaga com o falecimento do Acadêmico Oscar Dias Corrêa. Encontram-se inscritos para concorrer a esta Cadeira os Srs. Célio Borja, Domício Proença Filho e Wagner Fonseca Lima. Os Srs. Oliveiros Litrento e Ildásio Tavares, em cartas dirigidas ao Presidente, retiraram suas candidaturas.

A MAGIA DA EDUCAÇÃO – Realiza-se hoje, às 17 horas, na Sala dos Fundadores, o lançamento do livro de crônicas do Acadêmico Arnaldo Niskier *A Magia da Educação*, que acaba de sair pela Editora Mondrian.

ANIVERSÁRIO NATALÍCIO DO ACADÊMICO PE. FERNANDO BASTOS DE ÁVILA – Comemorou-se no dia 17 de março, o aniversário natalício do Acadêmico Pe. Fernando Bastos de Ávila, que ocupa a Cadeira n.º 15 do Quadro dos Membros Efetivos.

FESTIVAL LITERÁRIO DE PORTO DE GALINHAS – No dia 25 de março, realiza-se em Pernambuco o Festival Literário de Porto de Galinhas. O Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça falará sobre a obra de Mauro Mota na mesa-redonda, tendo como debatedores o Acadêmico Antonio Carlos Secchin e a Sra. Marly Mota.

ANIVERSÁRIO NATALÍCIO DO ACADÊMICO MOACYR SCLIAR – Comemora-se hoje, dia 23 de março, o aniversário natalício do Acadêmico Moacyr Scliar, que ocupa a Cadeira n.º 31 do Quadro dos Membros Efetivos.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO JOÃO UBALDO RIBEIRO – Saiu pela Editora Nova Aguilar, em papel-bíblia, a edição de uma seleta da obra do Acadêmico João Ubaldo Ribeiro.

ROMANCISTAS DA ACADEMIA – Teve início terça-feira, dia 21 de março, às 17h 30min, o 1.º ciclo da programação cultural deste ano, que versará sobre os *Romancistas da Academia*, coordenado pelo Acadêmico Evanildo Bechara. A conferência de abertura foi proferida pelo Acadêmico Eduardo Portella sobre Nélida Piñon. As demais conferências se realizarão sempre no mesmo horário, conforme o quadro abaixo:

28/03 – Vera Tietzmann sobre Lygia Fagundes Telles

04/04 – Domício Proença Filho sobre João Ubaldo Ribeiro

11/04 – Antonio Olinto sobre Carlos Heitor Cony

ROTEIRO SENTIMENTAL DO RIO DE JANEIRO – Realiza-se hoje, 23 de março, às 17h30min, no 1.º andar do Centro Cultural da ABL o lançamento da tradução de Elío Monnerat Sólón de Pontes, do livro *Roteiro Sentimental do Rio de Janeiro*, do Acadêmico Osvaldo Orico, escrito originalmente em castelhano.

PRÊMIO FUNDAÇÃO CONRADO WESSEL – O Acadêmico Lêdo Ivo esteve no começo desta semana em São Paulo, representando a Academia Brasileira de Letras

na atribuição do Prêmio Fundação Conrado Wessel. O Prêmio no valor de cem mil reais (R\$ 100.000,00), destinado a uma obra relevante, foi conferido ao ensaísta Fábio Lucas.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO IVAN JUNQUEIRA – O Acadêmico Ivan Junqueira participará, de 24 a 26 de março, do Festival Nacional de Poesia de Goyaz, que conta com o patrocínio da UNESCO e do Ministério do Turismo. Estarão presentes ao encontro 20 poetas, 5 críticos literários e 3 editores. Na ocasião, o Acadêmico Ivan Junqueira lerá vários de seus poemas para o público.

LITERATURA E MÚSICA DE CÂMARA – Realiza-se no próximo dia 31 de março, sexta-feira, às 17h 30min, no Teatro R. Magalhães Júnior, o I.º concerto da série Literatura e Música de Câmara na ABL: Aleida Schweitzer (piano) e Haroutune Bedelian (violino) interpretam obras de W. A. Mozart, J. S. Bach e L. Beethoven.

ANO XLVI – N.º 06
Em 30 de março de 2006

ROMANCISTAS DA ACADEMIA – Teve início dia 21 de março, às 17h 30min, o I.º ciclo da programação cultural deste ano, que versará sobre os *Romancistas da Academia*, coordenado pelo Acadêmico Evanildo Cavalcante Bechara. A conferência de abertura foi proferida pelo Acadêmico Eduardo Portella sobre Nélida Piñon. As próximas conferências se realizarão sempre no mesmo horário, conforme o quadro abaixo:

04/04 – Domício Proença Filho sobre João Ubaldo Ribeiro
11/04 – Antonio Olinto sobre Carlos Heitor Cony

LITERATURA E MÚSICA DE CÂMARA – Realiza-se amanhã, dia 31 de março, sexta-feira, às 17h 30min, no Teatro R. Magalhães Jr., o I.º concerto da série Literatura e Música de Câmara na ABL: Aleida Schweitzer (piano) e Haroutune Bedelian (violino) interpretam obras de W. A. Mozart, J. S. Bach e L. Beethoven.

POESIA DO ACADÊMICO LÊDO IVO NO MÉXICO – A Universidade Veracruzana (Veracruz, México) está anunciando a publicação, em maio próximo, de uma antologia poética do Acadêmico Lêdo Ivo. Intitulada *Mía patria húmeda*. É uma edição bilíngüe, com tradução para o espanhol do poeta Jorge Lobillo. O lançamento vai ocorrer durante o XI Festival Internacional de Poesia promovido por aquela Universidade, e que este ano tem o Brasil como país convidado. *Mía patria húmeda* é o sexto livro de poemas do Acadêmico Lêdo Ivo traduzido e editado no

México, sendo os cinco anteriores *La imaginaria ventana abierta* (1980), *Oda al crepusculo* (1983), *Las islas inacabadas* (1995), *Las pistas* (1986) e *La tierra allende* (2005).

HOMENAGEM AO PRESIDENTE MARCOS VINICIOS VILAÇA – No dia 3 de abril as principais entidades culturais do Recife, Olinda, Maceió, Natal e João Pessoa reúnem-se na sede da Academia Pernambucana de Letras para homenagear o Presidente Marcos Vinícios Vilaça e, através dele, toda a Academia Brasileira de Letras. A reunião nos moldes anunciados é inédita no nordeste.

MUSEU DA IMPRENSA – o Acadêmico Arnaldo Niskier, como Secretário de Cultura, está em negociações com a Petrobras para erguer na Lapa o Museu de Imprensa, com um grande Centro de Memória.

REVISTA *VENTURA* – A prestigiosa revista *Ventura*, publicação trimestral bilíngüe, que trata de literatura, pintura, escultura, história, ciência e atualidades, tem publicado matérias sobre Carlos Nejar, João Cabral de Melo Neto, Murilo Melo Filho, Sérgio Corrêa da Costa, Oscar Dias Corrêa, entre outros. Acaba de publicar matéria sobre o livro *Coronel, Coronéis*, de Marcos Vinícios Vilaça e Roberto Cavalcanti de Albuquerque, considerando-o “verdadeira pedra preciosa no conhecimento dos hábitos e costumes dos velhos ‘coronéis’ do nordeste brasileiro... um primoroso estudo sociológico da região... um valoroso e valioso retrato do nordeste e do Brasil”.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO IVAN JUNQUEIRA – A Prefeitura do Rio de Janeiro, a Secretaria das Culturas e a Riofilme inauguraram, no dia 28 de março, às 19 horas, o evento “Conversas Casadas” com uma entrevista do Acadêmico Ivan Junqueira.

HOMENAGEM AO ACADÊMICO MARCOS VINICIOS VILAÇA – A diretora do Itaú Cultural e do Museu de Arte Moderna de São Paulo, Milú Villela, ofereceu, na última segunda-feira, jantar em honra do Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça. As mais expressivas personalidades do mundo intelectual, econômico e político de São Paulo estiveram presentes, além dos acadêmicos Sábado Magaldí, Lygia Fagundes Telles, Nélida Piñon e Arnaldo Niskier. Ao discursar na ocasião, agradecendo a saudação que lhe fizera a Acadêmica Nélida Piñon, o Presidente fez questão de registrar que a homenagem ele a transferia à Academia Brasileira de Letras.

“PERSONALIDADE – DESTAQUE ESPECIAL 2005” – A Associação Estadual dos Servidores da Justiça Federal do Estado do Rio de Janeiro e o Centro Cultural da Justiça Federal promovem hoje, dia 30 de março, às 19 horas, a comemoração dos

115 anos da Justiça Federal. Serão agraciados com o título de “Personalidade – Destaque especial de 2005” os Acadêmicos Marcos Vinícios Vilaça, Cícero Sandroni, Antonio Olinto e Ivan Junqueira. O Acadêmico Ivan Junqueira representará a Academia Brasileira de Letras.

ANO XLVI – N.º 07

Em 6 de abril de 2006

ANTECIPADA A PRÓXIMA SESSÃO DA ABL – A sessão da próxima semana será antecipada para quarta-feira, dia 12, em virtude dos feriados da Semana Santa.

ROMANCISTAS DA ACADEMIA – Teve início terça-feira, dia 21 de março, às 17h 30min, o I.º ciclo da programação cultural deste ano, sobre os *Romancistas da Academia*, coordenado pelo Acadêmico Evanildo Cavalcante Bechara. A conferência de abertura foi proferida pelo Acadêmico Eduardo Portella sobre Nélida Piñon. A conferência de encerramento será proferida na terça-feira, dia 11, no mesmo horário, pelo Acadêmico Antonio Olinto que falará sobre Carlos Heitor Cony.

POSSE DO ACADÊMICO ARNALDO NISKIER COMO SECRETÁRIO DE EDUCAÇÃO – Realizou-se terça-feira, dia 4 de abril, às 11 horas, na sede do Conselho Estadual de Educação, a posse do Acadêmico Arnaldo Niskier como Secretário de Estado da Educação. Presentes os Acadêmicos Antonio Olinto, Evanildo Cavalcante Bechara, Murilo Melo Filho e Domício Proença Filho.

CADEIRA N.º 29 – Encontram-se inscritos para concorrer à Cadeira n.º 29, vaga com o falecimento do Acadêmico Josué Montello, o Sr. Mauro Salles, a Sra. Vilma Guimarães Rosa, os Senhores Nelson Valente, Luiz de Miranda, José E. Mindlin, Per Johns, Luiz Antonio Villas-Boas Corrêa, Marco Aurélio LoMonaco Pereira e Paulo Hirano. As inscrições encerram-se no dia 20 de abril e a eleição está marcada para o dia 21 de junho de 2006.

CONVITE – O Acadêmico eleito Nelson Pereira dos Santos convida seus confrades da Academia para a sessão fechada do filme *Brasília 18%*, que se realiza amanhã, dia 7 de abril, às 10h 30min, no Conjunto Artplex de Botafogo, Praia de Botafogo, 360.

MEDALHA MACHADO DE ASSIS – O ex-professor da Universidade de Brasília, Edson Nery da Fonseca, recebeu, em solenidade na sede da Academia Pernambucana de Letras, a Medalha Machado de Assis, na última segunda-feira. O Presidente Marcos Vinícios Vilaça, da Academia Brasileira de Letras, em discurso na ocasião, enalteceu a figura do grande amigo do livro e da própria ABL.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO ALFREDO BOSI – O Acadêmico Alfredo Bosi lançou na última semana de março a Edição Espanhola da *Dialética da Colonização*. O lançamento se fará na Universidade de Salamanca (Sala Unamuno) e em Madri.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO IVAN JUNQUEIRA – O Acadêmico Ivan Junqueira, na qualidade de membro do Júri do Prêmio Internacional Machado de Assis, instituído pelo Ministério das Relações Exteriores, estará em Brasília no próximo dia 28 para a reunião que indicará a monografia vencedora do Prêmio, no valor de US\$ 25.000 (vinte e cinco mil dólares).

NOTÍCIAS DA ACADÊMICA NÉLIDA PIÑON – A Acadêmica Nélide Piñon, galardoada com o *Woman Together*, recebeu essa condecoração no dia 3 de abril, na sede da ONU, em Nova Iorque. As outras galardoadas foram a rainha Rania da Jordânia, a senadora Hillary Clinton, a atriz Angelina Jolie, Cristina Macaya, Kerry Kennedy e a desenhista da Tiffany's, Elsa Peretti.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO AFFONSO ARINOS DE MELLO FRANCO – Por indicação do Presidente Marcos Vinícios Vilaça, o Acadêmico Afonso Arinos de Mello Franco representou a Academia Brasileira de Letras na Assembléia Legislativa do Rio de Janeiro, em cerimônia para outorga da Medalha Tiradentes ao ministro das Relações Exteriores, Embaixador Celso Amorim.

PRESIDENTE HONORÁRIO – Além da homenagem ao Presidente Marcos Vinícios Vilaça e à própria Academia Brasileira de Letras, foi conferido àquele o título de Presidente Honorário da Academia Pernambucana, em solenidade no Recife, no último dia 3. Ademais da presença de escritores, autoridades, acadêmicos de vários estados do nordeste e do Governador de Pernambuco, o ato contou com a participação de grupos folclóricos da região que se apresentaram nos jardins daquela instituição.

CENTRO CULTURAL DO LEBLON – Está em ritmo acelerado a construção do Centro Cultural do Leblon, sob a orientação do Acadêmico Arnaldo Niskier. Deverá ser inaugurado dia 15 de novembro, com o Espaço das Crianças, que funcionará ao lado do Teatro Casa Grande.

ANO XLVI – N.º 08
Em 12 de abril de 2006

CADEIRA N.º 29 – Encontram-se inscritos para concorrer à Cadeira n.º 29, vaga com o falecimento do Acadêmico Josué Montello, o Sr. Mauro Salles, a Sra. Vilma Guimarães Rosa, os Senhores Nelson Valente, Luiz de Miranda, José E. Mindlin,

Per Johns, Luiz Antonio Villas-Boas Corrêa, Marco Aurélio LoMonaco Pereira, Paulo Hirano e Áureo Bringel de Mello. As inscrições encerram-se no dia 20 de abril e a eleição está marcada para o dia 21 de junho de 2006.

MISSA DE 30.º DIA DO FALECIMENTO DO ACADÊMICO JOSUÉ MONTELLO – Será celebrada no dia 18 de abril, às 19h 30min, na Igreja da Ressurreição, a Missa de 30.º dia do falecimento do Acadêmico Josué Montello.

FUNDADORES DA ACADEMIA – Terá início na terça-feira, dia 18 de abril, às 17h 30min, o 2.º ciclo da programação cultural deste ano, que versará sobre *Fundadores da Academia*, coordenado pelo Acadêmico Murilo Melo Filho. A conferência de abertura será proferida pelo Acadêmico José Sarney sobre Joaquim Nabuco. As demais conferências se realizarão sempre no mesmo horário, conforme o quadro abaixo:

25/04 – Acadêmico Tarcísio Padilha sobre Coelho Neto

02/05 – Acadêmico Murilo Melo Filho sobre Rui Barbosa

09/05 – Acadêmico Ivan Junqueira sobre José Veríssimo

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO MARCO MACIEL – O ano de 2008 deverá ser o Ano Nacional Machado de Assis, em homenagem ao centenário da morte do escritor brasileiro. Projeto com essa finalidade, de autoria do senador Marco Maciel, foi aprovado na terça-feira, dia 28 de março, passado, pela Comissão de Educação, em decisão terminativa.

ANIVERSÁRIO NATALÍCIO DO ACADÊMICO TARCÍSIO PADILHA – Comemora-se no próximo dia 17 de abril, segunda-feira, o aniversário natalício do Acadêmico Tarcísio Padilha, que ocupa a Cadeira n.º 2 do Quadro dos Membros Efetivos.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO LÊDO IVO – O Acadêmico Lêdo Ivo encaminhou à Biblioteca da Academia um exemplar de *La tierre allende*, sua antologia poética bilíngüe editada recentemente no México.

ANIVERSÁRIO NATALÍCIO DA ACADÊMICA LYGIA FAGUNDES TELLES – Transcorre no dia 19 de abril o aniversário natalício da Acadêmica Lygia Fagundes Telles, que ocupa a Cadeira n.º 16 do Quadro dos Membros Efetivos.

VIAGEM DO ACADÊMICO ANTONIO CARLOS SECCHIN AO MÉXICO – Convidado pela Coordenação do Programa de Pós-graduação em Letras e da

Cátedra Extraordinária João Guimarães Rosa, da Universidade Nacional Autônoma do México, o Acadêmico Antonio Carlos Secchin estará no México de 17 a 21 do corrente para proferir conferências sobre Manuel Bandeira, Cecília Meireles e Carlos Drummond de Andrade, poetas brasileiros do século XX.

AULA MAGNA – No dia 5 de abril, no Rio de Janeiro, o Acadêmico Arnaldo Niskier proferiu a aula magna para 500 alunos da SUESC sobre o tema “A reforma universitária”.

PRÊMIO MACHADO DE ASSIS – Foi conferido o Prêmio Machado de Assis, para conjunto de obra, deste ano ao poeta e crítico César Leal. A entrega desta láurea será no dia 20 de julho, 109.º aniversário de fundação da Academia Brasileira de Letras.

PRÊMIO ABL DE LITERATURA INFANTO-JUVENIL – O Prêmio ABL de Literatura Infanto-Juvenil foi conferido este ano a Rui de Oliveira pelo seu livro *Cartas Lunares*. A entrega do mesmo está marcada para o dia 20 de julho de 2006.

CONVITE – O sócio correspondente da Academia Brasileira de Letras, Prof. Dr. Claude L. Hulet, enviou convite aos seus confrades da ABL para o XXIX Symposium on Portuguese Traditions sobre “CPLP, um Quadro de Cooperação Privilegiada”, a realizar-se na UCLA, nos dias 22 e 23 do corrente.

REVISTA BRASILEIRA – Acaba de sair o n.º 46 da *Revista Brasileira*, 1.º trimestre de 2006. Dentro de alguns dias estará sendo enviada aos acadêmicos.

ANO XLVI – N.º 09
Em 20 de abril de 2006

FALECIMENTO DO ACADÊMICO MIGUEL REALE – O Acadêmico Miguel Reale faleceu na madrugada de sexta-feira, 14 de abril, em sua residência na cidade de São Paulo, e foi sepultado às 16h no Cemitério São Paulo. A missa de sétimo dia, no Rio de Janeiro, foi celebrada hoje, dia 20 de abril, às 12 h, no Mosteiro de São Bento.

SESSÃO DE SAUDADE DO ACADÊMICO MIGUEL REALE – Realiza-se hoje, dia 20 de abril, às 16 horas a sessão de saudade em memória do Acadêmico Miguel Reale.

FUNDADORES DA ACADEMIA – Teve início na terça-feira, dia 18 de abril, às 17h 30min, o 2.º ciclo da programação cultural deste ano, que versará sobre *Fundadores*

da *Academia*, coordenado pelo Acadêmico Murilo Melo Filho. A conferência de abertura foi proferida pelo Acadêmico José Sarney sobre Joaquim Nabuco. As demais conferências se realizarão sempre no mesmo horário, conforme o quadro abaixo:

- 25/04 – Acadêmico Tarcísio Padilha sobre Coelho Neto
- 02/05 – Acadêmico Murilo Melo Filho sobre Rui Barbosa
- 09/05 – Acadêmico Ivan Junqueira sobre José Veríssimo

SEMINÁRIO *BRASIL, BRASIS* – Terá início hoje, 20 de abril, às 17h 30min, na Sala José de Alencar o seminário *Brasil, brasis*. A abertura desse seminário será sobre “A culinária na literatura”, terá a coordenação do Acadêmico Murilo Melo Filho e o Acadêmico Cícero Sandroni como expositor. O seminário *Brasil, brasis* realizar-se-á no decorrer de 2006, no mesmo horário, conforme o quadro abaixo:

- 25/05 – A moda e a sociedade contemporânea. Coordenação: Ana Maria Machado; Expositor: Ivo Pitanguy.
- 01/06 – A literatura e a cultura popular: influências recíprocas.
- 27/07 – Música popular brasileira: do passado às tendências atuais.
- 10/08 – A cultura mediática: persuasão e poder?
- 14/09 – Desenvolvimento regional: impasses, realizações, conseqüências e impactos socioculturais;
- 05/10 – Ciência e literatura: convergências e divergências.
- 09/11 – Arquitetura e urbanismo como expressão artística e bem-estar social;
- 23/11 – A arte contemporânea em debate: os caminhos do conceito e do gosto.

SALA AFONSO ARINOS – Está marcada para o próximo dia 27, quinta-feira, às 15 horas, a abertura ao público da Sala Afonso Arinos.

CADEIRA N.º 29 – Encontram-se inscritos para concorrer à Cadeira n.º 29, vaga com o falecimento do Acadêmico Josué Montello, o Sr. Mauro Salles, a Sra. Vilma Guimarães Rosa, os Senhores Nelson Valente, Luiz de Miranda, José E. Mindlin, Per Johns, Luiz Antonio Villas-Boas Corrêa, Marco Aurélio LoMonaco Pereira, Paulo Hirano, Júlio Romão da Silva, Áureo Bringel de Mello e Diógenes Magalhães. As inscrições encerraram-se no dia 20 de abril e a eleição está marcada para o dia 20 de junho de 2006.

ANIVERSÁRIO NATALÍCIO DO ACADÊMICO HELIO JAGUARIBE – Comemora-se no próximo dia 23 de abril, domingo, o aniversário natalício do Acadêmico Helio Jaguaribe, que ocupa a Cadeira n.º II do Quadro dos Membros Efetivos.

REGRESSO DO FRANCÊS – O Acadêmico Arnaldo Niskier enviou ao Conselho Estadual de Educação do Rio de Janeiro proposta para o retorno da Língua Francesa às escolas de nível médio.

ANIVERSÁRIO NATALÍCIO DO ACADÊMICO JOSÉ SARNEY – Comemora-se no dia 24 de abril o aniversário natalício do Acadêmico José Sarney, que ocupa a Cadeira n.º 38 do Quadro dos Membros Efetivos.

ANO XLVI – N.º 10
Em 27 de abril de 2006

SALA AFONSO ARINOS – Realiza-se hoje, dia 27, às 15 horas, a abertura ao público da Sala Afonso Arinos, no Centro Cultural da ABL.

FUNDADORES DA ACADEMIA – Teve início na terça-feira, dia 18 de abril, às 17h 30min, o 2.º ciclo da programação cultural deste ano, que versará sobre *Fundadores da Academia*, coordenado pelo Acadêmico Murilo Melo Filho. A conferência de abertura foi proferida pelo Acadêmico José Sarney sobre Joaquim Nabuco. As demais conferências se realizarão sempre no mesmo horário, conforme o quadro abaixo:

02/05 – Acadêmico Murilo Melo Filho sobre Rui Barbosa.
 09/05 – Acadêmico Ivan Junqueira sobre José Veríssimo.

CADEIRA N.º 29 – Encontram-se inscritos para concorrer à Cadeira n.º 29, vaga com o falecimento do Acadêmico Josué Montello, o Sr. Mauro Salles, a Sra. Vilma Guimarães Rosa, os Senhores Nelson Valente, Luiz de Miranda, José E. Mindlin, Per Johns, Luiz Antonio Villas-Boas Corrêa, Marco Aurélio LoMonaco Pereira, Paulo Hirano, Jorge Jaime de Souza Mendes, Júlio Romão da Silva, Áureo Bringel de Mello e Diógenes Magalhães. As inscrições encerraram-se no dia 20 de abril e a eleição está marcada para o dia 21 de junho de 2006.

ANIVERSÁRIO NATALÍCIO DO ACADÊMICO ARNALDO NISKIER – Comemora-se no próximo dia 30 de abril, domingo, o aniversário natalício do Acadêmico Arnaldo Niskier, que ocupa a Cadeira n.º 18 do Quadro dos Membros Efetivos.

NOTÍCIAS DA ACADÊMICA ANA MARIA MACHADO – A Acadêmica Ana Maria Machado acaba de voltar da Feira do Livro de Buenos Aires, onde de 19 a 22 de abril participou de diversas atividades de lançamento das traduções argentinas de

dois de seus livros infantis, publicados pela Editora Alfaguara. Segue dia 3 de maio para a Feira de Bogotá, onde estará lançando, pela Editora Norma, as versões em espanhol de suas novelas juvenis *De Olho nas Penas* (Prêmio Casa de las Américas) e *Mistérios do Mar Oceano*. De 8 a 13 de maio Ana Maria Machado estará fazendo seus lançamentos com palestras no Peru.

CADEIRA N.º 14 – Encontram-se inscritos para concorrer à Cadeira n.º 14, vaga com o falecimento do Acadêmico Miguel Reale, os Srs. Celso Lafer e Dário Moreira de Castro Alves. As inscrições encerram-se no dia 20 de maio e a eleição está marcada para o dia 21 de julho de 2006.

MUDANÇA – Seguindo orientação discutida há tempos no plenário da Academia Brasileira de Letras, o Acadêmico Arnaldo Niskier, hoje exercendo o cargo de Secretário de Estado de Educação do Rio de Janeiro, está trabalhando para fazer voltar ao Currículo das escolas médias as aulas de Literatura Brasileira.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO ALBERTO DA COSTA E SILVA – O Acadêmico Alberto da Costa e Silva proferiu conferência sobre “Os africanos que vieram para o Brasil”, no dia 24 de abril, segunda-feira passada, na Reitoria da Universidade Federal da Bahia.

MEDALHA JK – No dia 20 de abril, na sede do Clube Militar, no Rio de Janeiro, o Acadêmico Arnaldo Niskier receberá a Medalha JK.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO EVANILDO CAVALCANTE BECHARA – O Acadêmico Evanildo Cavalcante Bechara, no dia 24, proferiu pela manhã, no Teatro Municipal da Paraíba do Sul, palestra sobre “O moderno estudo e ensino da língua portuguesa”; à tarde, na Escola Estadual Maria Zulmira Torres falou a professores e alunos sobre “A importância da leitura”. À noite, para professores e alunos da UniCarioca, proferiu palestra sobre “A moderna investigação lingüística”. Hoje, dia 27, abriu na PUC de São Paulo o VI Congresso de Língua e Literatura.

NOTÍCIAS DA ACADÊMICA NÉLIDA PIÑON – A Acadêmica Nélide Piñon encontra-se no México participando do Festival da Palavra. Nessa ocasião proferirá a conferência inaugural desse festival e fará várias palestras. Será lançada, também, a versão mexicana do seu livro *Vozes do Deserto*.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO IVO PITANGUY – O Acadêmico Ivo Pitanguy foi convidado para dar no dia 21 de abril, um curso sobre “Practical Adjuncts to Your

Facial Rejuvenation Practice” durante o Encontro da “Aesthetic Meeting 2006” (ASAPS) realizado em Orlando, Flórida, USA.

ANO XLVI – N.º II
Em 4 de maio de 2006

VISITA DO MINISTRO DA CULTURA – A Academia Brasileira de Letras recebe hoje, às 17 horas, a visita do Ministro da Cultura, Senhor Gilberto Gil, que será recebido em sessão extraordinária.

FUNDADORES DA ACADEMIA – Teve início na terça-feira, dia 18 de abril, às 17h 30min, o 2.º ciclo da programação cultural deste ano, que versa sobre *Fundadores da Academia*, coordenado pelo Acadêmico Murilo Melo Filho. A conferência de abertura foi proferida pelo Acadêmico José Sarney sobre Joaquim Nabuco. O encerramento desse ciclo será no dia 9 de maio, às 17h 30min, e estará a cargo do Acadêmico Ivan Junqueira que falará sobre José Veríssimo.

CADEIRA N.º 29 – Encontram-se inscritos para concorrer à Cadeira n.º 29, vaga com o falecimento do Acadêmico Josué Montello, o Sr. Mauro Salles, a Sra. Vilma Guimarães Rosa, os Senhores Nelson Valente, Luiz de Miranda, José E. Mindlin, Per Johns, Luiz Antonio Villas-Boas Corrêa, Marco Aurélio LoMonaco Pereira, Paulo Hirano, Júlio Romão da Silva e Áureo Bringel de Mello. As inscrições encerraram-se no dia 20 de abril e a eleição está marcada para a terça-feira, dia 20 de junho, de 2006.

ANIVERSÁRIO NATALÍCIO DA ACADÊMICA NÉLIDA PIÑON – Comemorou-se ontem, dia 3 de maio, o aniversário natalício da Acadêmica Nélida Piñon, que ocupa a Cadeira n.º 30 do Quadro dos Membros Efetivos.

SESQUICENTENÁRIO DO NASCIMENTO DE SIGMUND FREUD – Realiza-se no próximo dia 11 de maio, às 17h 30min, na Sala José de Alencar, a I.ª mesa-redonda: Sesquicentenário de nascimento de Sigmund Freud (6/5/1856), coordenação do Presidente Marcos Vinícios Vilaça, com a participação do Acadêmico Sérgio Paulo Rouanet, dos Srs. Joel Birman e Ney Marinho e das Sras. Helena Parente Cunha e Maria Cristina Cavalcanti de Albuquerque.

INAUGURAÇÃO DE GALERIAS – Realiza-se no dia 8 de junho do corrente a Inauguração das Galerias no Espaço Sérgio Porto, no Rio, com nome de Galerias Marcantonio Vilaça e também a inauguração, no mesmo espaço, da Exposição de obras da Coleção de Pintura da família Vilaça.

CADEIRA N.º 14 – Encontram-se inscritos para concorrer à Cadeira n.º 14, vaga com o falecimento do Acadêmico Miguel Reale, os Srs. Celso Lafer e Dário Moreira de Castro Alves. As inscrições encerram-se no dia 20 de maio e a eleição está marcada para, sexta-feira, dia 21 de julho de 2006.

ANIVERSÁRIO NATALÍCIO DO ACADÊMICO SÁBATO MAGALDI – Comemora-se no próximo dia 9 de maio, o aniversário natalício do Acadêmico Sábato Magaldi, que ocupa a Cadeira n.º 24 do Quadro dos Membros Efetivos.

ANIVERSÁRIO NATALÍCIO DO ACADÊMICO ANTONIO OLINTO – Transcorre no próximo dia 10 de maio, o aniversário natalício do Acadêmico Antonio Olinto que ocupa a Cadeira n.º 8 do Quadro dos Membros Efetivos.

VISITANTES – A Academia Brasileira de Letras recebeu, na semana passada, as visitas do Presidente Aldo Rebelo, da Câmara dos Deputados, do Secretário de Estado da Cultura do Rio de Janeiro, Noca da Portela, do Vice-Presidente da Companhia Vale do Rio Doce, Guilherme Laager, do Presidente da FIRJAN, Eduardo Gouvêa Vieira, dos jornalistas Maurício Dinnepi, Jorge Bastos Moreno e Ancelmo Góis e do Embaixador Paulo Pires do Rio.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO CARLOS NEJAR – O Acadêmico Carlos Nejar no fim do mês de abril recebeu, da Associação Paulista de Críticos de Arte, no Teatro Municipal de São Paulo, o Prêmio do Melhor Livro de Prosa Poética, nova categoria, com o livro *O Poço dos Milagres*, Editora Bertrand, 2005. O Acadêmico Carlos Nejar foi, também, eleito para a Academia Internacional de Cultura Portuguesa e tomará posse no dia 22 de maio, em Lisboa.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO IVO PITANGUY – No dia 23 de abril de 2006, o Acadêmico Ivo Pitanguy deu outro curso no Encontro da “Aesthetic Meeting 2006”, em Orlando, na Flórida, sobre “Comprehensive Approach to Different Breast Deformities”. No próximo dia 6 de maio o Acadêmico Ivo Pitanguy dará uma palestra durante a VIII Jornada de Dermatologia do Hospital Naval Marcílio Dias, sobre “Integração entre Cirurgia Plástica e Dermatologia”.

ANO XLVI – N.º 12
Em 11 de maio de 2006

SESQUICENTENÁRIO DO NASCIMENTO DE SIGMUND FREUD – Realiza-se hoje, dia 11 de maio, às 17h 30min, na Sala José de Alencar, a 1.ª mesa-redonda: Sesquicentenário de nascimento de Sigmund Freud (6/5/1856), sob coordenação

do Presidente Marcos Vinícios Vilaça, com a participação do Acadêmico Sergio Paulo Rouanet, dos Srs. Joel Birman e Ney Marinho e das Sras. Helena Parente Cunha e Maria Cristina Cavalcanti de Albuquerque.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO ALBERTO DA COSTA E SILVA – O Acadêmico Alberto da Costa e Silva presidirá a comissão encarregada de programar as comemorações, em 2008, da chegada do Príncipe D. João e da família real portuguesa à cidade do Rio de Janeiro.

MEDALHA JK – O Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça foi agraciado com a Grã-Cruz da Ordem do Mérito JK, em reconhecimento ao seu trabalho em favor da qualidade de infra-estrutura de transportes do Brasil, por decisão unânime e singular, da Confederação Nacional do Transporte.

ANIVERSÁRIO NATALÍCIO DO ACADÊMICO ALBERTO DA COSTA E SILVA – Comemora-se amanhã, dia 12 de maio, o aniversário natalício do Acadêmico Alberto da Costa e Silva, que ocupa a Cadeira n.º 9 do Quadro dos Membros Efetivos.

PRÊMIO CAMÕES DE 2006 – A convite da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro estarão em Lisboa de 17 a 20 do corrente, para integrar o Júri do Prêmio Camões de 2006 os Acadêmicos Ivan Junqueira e Evanildo Bechara.

COLEÇÃO PERFIS BRASILEIROS – Realiza-se na Academia Brasileira de Letras no próximo dia 18 do corrente, às 17h 30min, na Sala José de Alencar, as palestras do Acadêmico Alberto da Costa e Silva e dos escritores Evaldo Cabral de Mello e Isabel Lustosa, por ocasião do lançamento pela Editora Companhia das Letras, dentro de sua nova coleção Perfis Brasileiros, dos livros *Castro Alves*, do Acadêmico Alberto da Costa e Silva; *Nassau*, de Evaldo Cabral de Mello; *D. Pedro I*, de Isabel Lustosa e *Getúlio Vargas*, de Boris Fausto.

COLABORAÇÃO – Na Secretaria de Estado de Educação, o Acadêmico Arnaldo Niskier está realizando um concurso de redação sobre “O Brasil na Copa do Mundo”. Ofereceu à Academia Brasileira de Letras o julgamento final dos trabalhos, em conversa com o Presidente Marcos Vilaça.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO EVANILDO BECHARA – Representando a ABL participará o Acadêmico Evanildo Bechara do Simpósio “400 Anos da Publicação da Origem da Língua Portuguesa, de Duarte Nunes de Leão: Língua, História e Cultura em Portugal e no Brasil do Século XVI Aos Nossos Dias”, a realizar-se no

Instituto Ibero-Americano da Universidade de Humboldt, em Berlim, entre 22 e 25 de maio.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO IVO PITANGUY – O Acadêmico Ivo Pitanguy foi convidado pelo Prof. Eugeny Sorotchinsky do Centro Científico Russo de Cirurgia, em Moscou, Rússia, para proferir conferência. O tema da conferência é: Facelifting – experiência de 8.000 casos e cirurgia do contorno corporal e será realizada entre os dias 16 a 18 de maio.

FUTEBOL E LITERATURA BRASILEIRA – Terá início na terça-feira, dia 16 de maio, às 17h 30min, o 3.º ciclo da programação cultural deste ano, que versará sobre *Futebol e literatura brasileira*, coordenado pelo Acadêmico Cícero Sandroni. A conferência de abertura será proferida por José Roberto Torero sobre “Drummond e o futebol”. As demais conferências se realizarão sempre no mesmo horário, conforme o quadro abaixo:

- 23/05 – Arnaldo Niskier: “A nossa torcida é mesmo assim – o América e a literatura”
30/05 – Marcos de Castro: “José Lins do Rego e o Flamengo”; João Máximo: “Nelson Rodrigues e o Fluminense.”
06/06 – Sergio Cabral: “Por que Lima Barreto era vascaíno”; Roberto Porto: “Uma viagem literária em torno do Botafogo.”

VISITA A CAMPOS – Para a abertura do III Seminário Intermunicipal de Educação, o Acadêmico Arnaldo Niskier esteve na cidade de Campos. Falou no Teatro Trianon para 800 pessoas sobre “Acesso, permanência e sucesso escolar”.

ANO XLVI – N.º 13
Em 18 de maio de 2006

COLEÇÃO PERFIS BRASILEIROS – Realiza-se hoje, dia 18 do corrente, às 17h 30min, na Sala José de Alencar as palestras do Acadêmico Alberto da Costa e Silva e dos escritores Evaldo Cabral de Mello e Isabel Lustosa, por ocasião do lançamento, pela Editora Companhia das Letras, dentro de sua nova coleção Perfis Brasileiros, dos livros *Castro Alves*, do Acadêmico Alberto da Costa e Silva; *Nassau*, de Evaldo Cabral de Mello; *D. Pedro I*, de Isabel Lustosa; e *Getúlio Vargas*, de Boris Fausto.

FUTEBOL E LITERATURA BRASILEIRA – Teve início na terça-feira, dia 16 de maio, às 17h 30min, o 3.º ciclo da programação cultural deste ano, que versará sobre *Futebol e Literatura Brasileira*, coordenado pelo Acadêmico Cícero Sandroni.

A conferência de abertura será proferida por José Roberto Torero sobre “Drummond e o futebol”. As demais conferências se realizarão sempre no mesmo horário, conforme o quadro abaixo:

- 23/05 – Arnaldo Niskier: “A nossa torcida é mesmo assim – o América e a literatura”
30/05 – Marcos de Castro: “José Lins do Rego e o Flamengo”; João Máximo: “Nelson Rodrigues e o Fluminense.”
06/06 – Sergio Cabral: “Por que Lima Barreto era vascaíno”; Roberto Porto: “Uma viagem literária em torno do Botafogo.”

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO JOSÉ MURILO DE CARVALHO – Nos dias 17 e 18 de junho o Acadêmico José Murilo de Carvalho fará apresentação de trabalho no “Encuentro de la Red Internacional Marc Bloch de Estudios Comparados em História Europa-América Latina” em Tandil, Argentina. Nos dias 18 e 19 de junho proferirá palestra nas Jornadas Internacionales “Los bicentenario Latinoamericanos: nación y democracia”, organizadas pela Secretaria de Cultura da Presidência, em Buenos Aires, Argentina.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO IVO PITANGUY – De 17 a 20 de maio, o Acadêmico Ivo Pitanguy irá participar, como convidado especial, do “4th Central European Advanced Course – Czech National Symposium” – a convite da Dra. Marketa Daskova, Presidente da “Czech Society of Aesthetic Plastic Surgery”, a ser realizado em Praga. O Acadêmico Ivo Pitanguy proferirá duas conferências, uma sobre “Face lifting” e a outra sobre “Body contour”.

CADEIRA N.º 29 – Encontram-se inscritos para concorrer à Cadeira n.º 29, vaga com o falecimento do Acadêmico Josué Montello, o Sr. Mauro Salles, a Sra. Vilma Guimarães Rosa, os Senhores Nelson Valente, Luiz de Miranda, José E. Mindlin, Per Johns, Luiz Antonio Villas-Boas Corrêa, Paulo Hirano, Júlio Romão da Silva e Áureo Bringel de Mello. As inscrições encerraram-se no dia 20 de abril e a eleição está marcada para a terça-feira, dia 20 de junho de 2006.

MEDALHA UBE/MACHADO DE ASSIS – O Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça, no próximo dia 27 em Fort Lauderdale, recebe a Medalha Machado de Assis, concedida pela União Brasileira de Escritores, seção dos USA.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO HELIO JAGUARIBE – O Acadêmico Helio Jaguaribe, a convite da Secretaria de Cultura da Argentina, pronuncia hoje conferência em Buenos Aires.

CADEIRA N.º 14 – Encontram-se inscritos para concorrer à Cadeira n.º 14, vaga com o falecimento do Acadêmico Miguel Reale, os Srs. Celso Lafer, Dário Moreira de Castro Alves, Gilberto Mendonça Telles, Marco Aurélio LoMonaco Pereira e Jorge Jaime. As inscrições encerram-se no dia 20 de maio e a eleição está marcada para sexta-feira, dia 21 de julho de 2006.

INAUGURAÇÃO DE GALERIA – Realiza-se no dia 8 de junho vindouro a inauguração da Galeria Marcantonio Vilaça, no Espaço Sérgio Porto, no Rio, com a inauguração, no mesmo espaço, da Exposição de obras da coleção de pinturas da Família Vilaça.

VISITA À ACADEMIA – Estará presente hoje, às 17h 30min, ao Chá da Academia o escritor chileno Jorge Edwards, Prêmio Cervantes de 1999, acompanhado do Diretor do Instituto Cervantes, Francisco Corral, que farão também uma visita às instalações da ABL.

ANO XLVI – N.º 14
Em 25 de maio de 2006

SEMINÁRIO *BRASIL, BRASIS* – Realiza-se hoje, dia 25 de maio, às 17h 30min, a segunda mesa-redonda do seminário *Brasil, brasis*, sobre “A moda e a sociedade contemporânea”. A coordenação é da Acadêmica Ana Maria Machado e exposição de abertura do Acadêmico Ivo Pitanguy. Debatedores: Alcino Leite Neto, Costanza Pascolato, Iesa Rodrigues, Julio Rego e Nízia Villaça. Na próxima quinta-feira, dia 1.º de junho, no mesmo horário, realizar-se-á a mesa-redonda “A literatura e a cultura popular: influências recíprocas”. Coordenação: Acadêmico Cícero Sandroni e expositor: Acadêmico Antonio Olinto. Debatedores: Muniz Sodré, Lélia Coelho Frota, Frederico de Góes, e Jomard Muniz de Britto.

FUTEBOL E LITERATURA BRASILEIRA – Teve início na terça-feira, dia 16 de maio, às 17h 30min, o 3.º ciclo da programação cultural deste ano, que versará sobre *Futebol e Literatura Brasileira*, coordenado pelo Acadêmico Cícero Sandroni. A conferência de abertura foi proferida por José Roberto Torero sobre “Drummond e o futebol”. As demais conferências se realizarão sempre no mesmo horário, conforme o quadro abaixo:

- 30/05 – Marcos de Castro: “José Lins do Rego e o Flamengo”; João Máximo: “Nelson Rodrigues e o Fluminense.”
06/06 – Sérgio Cabral: “Por que Lima Barreto era vascaíno”; Roberto Porto: “Uma viagem literária em torno do Botafogo.”

HOMENAGEM AOS ACADÊMICOS JOÃO UBALDO RIBEIRO E MARCOS VILAÇA – Os Acadêmicos João Ubaldo Ribeiro e Marcos Vilaça seguem esta semana para os Estados Unidos. Na Flórida, sábado, recebem prêmios, medalhas e homenagens da Lifetime Achievement Award e União Brasileira de Escritores (seção dos USA). Berenice Ribeiro e Maria do Carmo, convidadas pelos promotores do evento, acompanham seus maridos.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO ANTONIO CARLOS SECCHIN – O Acadêmico Antonio Carlos Secchin vai proferir as conferências “Na sala com Rubem Braga”, na I Bienal Nacional da Crônica, em Cachoeiro de Itapemirim, dia 29 de maio, e “Um outro João Cabral” no IV Salão do Livro do Piauí, em Teresina, dia 4 de junho.

CADEIRA N.º 29 – Encontram-se inscritos para concorrer à Cadeira n.º 29, vaga com o falecimento do Acadêmico Josué Montello, o Sr. Mauro Salles, a Sra. Vilma Guimarães Rosa, os Senhores Nelson Valente, Luiz de Miranda, José E. Mindlin, Per Johns, Luiz Antonio Villas-Boas Corrêa, Paulo Hirano, Júlio Romão da Silva e Áureo Bringel de Mello. As inscrições encerraram-se no dia 20 de abril e a eleição está marcada para a terça-feira, dia 20 de junho de 2006.

CADEIRA N.º 14 – Encontram-se inscritos para concorrer à Cadeira n.º 14, vaga com o falecimento do Acadêmico Miguel Reale, os Srs. Celso Lafer, Dário Moreira de Castro Alves, Gilberto Mendonça Telles, Marco Aurélio LoMonaco Pereira e Jorge Jaime. As inscrições encerraram-se no dia 20 de maio e a eleição está marcada para sexta-feira, dia 21 de julho de 2006.

VISITANTES – Estiveram nas duas últimas semanas em visita à Academia Brasileira de Letras os jornalistas Joaquim Ferreira dos Santos, Rachel Bertol, Lu Lacerda, Aristóteles Drummond, Dr. Wilson Santa Rosa (Diretor da Petrobras), deputada Solange Amaral e Dr. João Maurício Pinho (Vice-Presidente da FGV).

VISCONDE DE MAUÁ – A Associação Comercial do Rio de Janeiro homenageou, no dia 16 de maio, com a entrega da Medalha do Mérito Visconde de Mauá, o Acadêmico Arnaldo Niskier. A sessão foi presidida pelo empresário Olavo Monteiro de Carvalho.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO MURILO MELO FILHO – A convite da Assembléia Legislativa de Mato Grosso, o Acadêmico Murilo Melo Filho pronunciou uma Conferência em Cuiabá sobre Machado de Assis, durante solenidade presidida pelo Deputado Humberto Bosaito, quando foi lançado um livro com textos inéditos de escritores mato-grossenses sobre o Fundador da Academia Brasileira de Letras.

“PRÊMIO KONEX MERCOSUL” – O Acadêmico Helio Jaguaribe acaba de receber em Buenos Aires o “Prêmio Konex Mercosul”, de 2006. Este prêmio foi instituído pela Fundacion Konex, de alta respeitabilidade na Argentina e é conferido decenalmente.

ANO XLVI – N.º 15
Em 1.º de junho de 2006

SEMINÁRIO *BRASIL, BRASIS* – Realiza-se hoje, dia 1.º de junho, às 17h 30min, a terceira mesa-redonda do seminário *Brasil, brasís*, sobre “A literatura e a cultura popular: influências recíprocas”. Coordenação: Acadêmico Cícero Sandroni e expositor: Acadêmico Antonio Olinto. Debatedores: Muniz Sodré, Lélia Coelho Frota, Frederico de Góes e Jomard Muniz de Britto.

FUTEBOL E LITERATURA BRASILEIRA – Teve início na terça-feira, dia 16 de maio, às 17h 30min, o 3.º ciclo da programação cultural deste ano sobre *Futebol e Literatura Brasileira*, coordenado pelo Acadêmico Cícero Sandroni. A conferência de abertura foi proferida por José Roberto Torero sobre “Drummond e o futebol”. As conferências de encerramento, no dia 6 de junho, serão proferidas por Sergio Cabral: “Por que Lima Barreto era vascaíno”; e por Roberto Porto: “Uma viagem literária em torno do Botafogo”.

CADEIRA N.º 29 – Encontram-se inscritos para concorrer à Cadeira n.º 29, vaga com o falecimento do Acadêmico Josué Montello, o Sr. Mauro Salles, a Sra. Vilma Guimarães Rosa, os Srs. Nelson Valente, Luiz de Miranda, José E. Mindlin, Per Johns, Luiz Antonio Villas-Boas Corrêa, Paulo Hirano, Júlio Romão da Silva e Áureo Bringel de Mello. As inscrições encerraram-se no dia 20 de abril e a eleição está marcada para a terça-feira, dia 20 de junho de 2006.

CADEIRA N.º 14 – Encontram-se inscritos para concorrer à Cadeira n.º 14, vaga com o falecimento do Acadêmico Miguel Reale, os Srs. Celso Lafer, Dário Moreira de Castro Alves, Gilberto Mendonça Telles, Marco Aurélio LoMonaco Pereira e Jorge Jaime. As inscrições encerraram-se no dia 20 de maio e a eleição está marcada para sexta-feira, dia 21 de julho de 2006.

INAUGURAÇÃO DE GALERIA – Realiza-se no dia 8 de junho vindouro a inauguração da Galeria Marcantonio Vilaça, no Espaço Sérgio Porto, no Rio, com a inauguração, no mesmo espaço, da Exposição de obras da coleção de pinturas da Família Vilaça.

HOMENAGEM AO ACADÊMICO ANTONIO CARLOS SECCHIN – No dia 7 de junho, às 19 horas, o Fórum de Poesia, do Fórum de Ciência e Cultura da UFRJ, na Praia Vermelha, prestará homenagem ao Acadêmico Antonio Carlos Secchin, com um recital de sua poesia. Na ocasião será lançado o livro *50 Poemas Escolhidos pelo Autor*.

ACADÊMICO LÊDO IVO NO MÉXICO – O Acadêmico Lêdo Ivo viajou domingo último para o México, e está participando do Festival Internacional “Junio Musical” que se realiza em Xalapa, capital do Estado de Veracruz. Promovido pela Universidade Veracruzana, o festival contempla a poesia, a música, o cinema, o teatro e a dança e tem este ano o Brasil como país homenageado. Entre os eventos da programação, figura o lançamento de *Mía patria húmeda*, antologia poética do Acadêmico Lêdo Ivo, editada pela Universidade Veracruzana em tradução de Jorge Lobillo, além dessa publicação, que é seu sexto livro de poemas editado no México, o Acadêmico Lêdo Ivo pronuncia na Universidade de Veracruz, no dia 30, uma conferência sobre a sua criação poética, e dará recitais de sua poesia em várias instituições culturais.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO IVAN JUNQUEIRA – O Acadêmico Ivan Junqueira proferiu dia 31 de maio, em Cachoeiro de Itapemirim, a conferência “Machado de Assis, cronista”, na I Bienal Nacional da Crônica, em homenagem a Rubem Braga.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO JOSÉ MURILO DE CARVALHO – O Acadêmico José Murilo de Carvalho participou nos dias 26 e 27 de maio da Conferência Internacional “Sociedade Civil e Democracia na América Latina: crise e reinvenção política”. A Conferência foi patrocinada pelo Instituto Fernando Henrique Cardoso e pelo Centro Edelstein de Pesquisas Sociais e realizou-se em São Paulo na sede do Instituto Fernando Henrique Cardoso.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO MOACYR SCLIAR – O Acadêmico Moacyr Scliar participou do Salão Internacional do Livro em Turim, Itália. Foi nomeado membro da Comissão Julgadora do Prêmio “Literatura para todos”, do Ministério da Educação e Membro da Comissão sobre “Determinantes Sociais em Saúde”, do Ministério da Saúde. Participará do seminário internacional sobre “Imigração e Literatura” promovido pela Universidade Hebraica de Jerusalém.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO IVO PITANGUY – No dia 31 de maio, o Acadêmico Ivo Pitanguy foi homenageado durante o Cinquentenário do Governo do Exmo. Sr. Presidente Juscelino Kubitschek, com a comenda da Soberana Ordem

JK, grau de Comendador. A solenidade foi realizada no Palácio do Catete – Museu da República, a convite da Dra. Ângela Vicentini, Diretora Cultural.

ANO XLVI – N.º 16
Em 8 de junho de 2006

LANÇAMENTO DE *RONDONIA* – *Rondonia*, livro do Acadêmico Roquete-Pinto, será lançado hoje, dia 8 de junho, às 17h 30min, na sala José de Alencar. É a 7.ª edição da obra em fac-símile, editada pela Fundação Oswaldo Cruz, em co-edição com a Academia.

LANÇAMENTO DO LIVRO *ACADÊMICO NO JORNAL DO BRASIL* – Realiza-se hoje, dia 8 de junho, a partir das 18 h, na Sala dos Fundadores, no *Petit Trianon*, o lançamento do livro *Acadêmicos no Jornal do Brasil*.

INAUGURAÇÃO DE GALERIA – Realiza-se hoje, dia 8 de junho, às 19h 30min, a inauguração da Galeria Marcantonio Vilaça, no Espaço Sérgio Porto, no Rio, com a inauguração, no mesmo espaço, da Exposição de obras da coleção de pinturas da Família Vilaça.

LITERATURA E JORNALISMO – Terá início na segunda-feira, dia 12 de junho, às 17h 30min, o 4.º ciclo da programação cultural deste ano, que versará sobre *Literatura e Jornalismo*, coordenado pelo Acadêmico Cícero Sandroni. A conferência de abertura será proferida pelo Acadêmico Cícero Sandroni sobre “O jornalismo na época do Romantismo”. As demais conferências se realizarão sempre no mesmo horário, conforme o quadro abaixo:

21/06 – Fernando Sigismundo: “O *Diário de Notícias* e a literatura” e Fuad Atala: “A Literatura n’O *Correio da Manhã*”;
27/06 – Isabel Lustosa: “Insultos impressos”;
06/07 – Alexei Bueno: “Os suplementos literários.”

CADEIRA N.º 29 – Encontram-se inscritos para concorrer à Cadeira n.º 29, vaga com o falecimento do Acadêmico Josué Montello, o Sr. Mauro Salles, a Sra. Vilma Guimarães Rosa, os Srs. Nelson Valente, Luiz de Miranda, José E. Mindlin, Per Johns, Paulo Hirano, Júlio Romão da Silva e Áureo Bringel de Mello. O Sr Luiz Antonio Villas-Boas Corrêa retirou sua candidatura. As inscrições encerraram-se no dia 20 de abril e a eleição está marcada para a terça-feira, dia 20 de junho de 2006.

NOTÍCIAS DO PRESIDENTE MARCOS VINÍCIOS VILAÇA – O Rotary Club do Recife outorgou ao Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça o título de “Honra ao Mérito 2006” pelos relevantes serviços prestados ao povo pernambucano, em decisão unânime dos Conselhos Diretor e Consultivo da instituição.

ANIVERSÁRIO NATALÍCIO DO ACADÊMICO ANTONIO CARLOS SECCHIN – Comemora-se no próximo sábado, dia 10 de junho, o aniversário natalício do Acadêmico Antonio Carlos Secchin, que ocupa a Cadeira n.º 19 do Quadro dos Membros Efetivos.

CADEIRA N.º 14 – Encontram-se inscritos para concorrer à Cadeira n.º 14, vaga com o falecimento do Acadêmico Miguel Reale, os Srs. Celso Lafer, Dário Moreira de Castro Alves, Gilberto Mendonça Telles, Marco Aurélio LoMonaco Pereira e Jorge Jaime. As inscrições encerraram-se no dia 20 de maio e a eleição está marcada para sexta-feira, dia 21 de julho de 2006.

RELIGIÃO – No dia 1.º de junho, no tradicional Colégio Sacre Coeur, no Rio de Janeiro, o Acadêmico Arnaldo Niskier falou sobre “A educação religiosa nas escolas”.

HOMENAGEM À ACADÊMICA ZÉLIA GATTAI AMADO – Realiza-se, no dia 29 de junho, às 17h 30min, na Sala José de Alencar, uma mesa-redonda em homenagem aos 90 anos da acadêmica Zélia Gattai Amado. Participam da mesa os Acadêmicos Eduardo Portella, Antonio Olinto e Murilo Mello Filho.

EXPOSIÇÃO GUIMARÃES ROSA 1956 – Está marcada para o dia 29 de junho, às 18h 30min, na Galeria Manuel Bandeira, no Centro Cultural da Academia, a exposição “Guimarães Rosa 1956”.

ANO XLVI – N.º 17

Em 14 de junho de 2006

LITERATURA E JORNALISMO – Teve início na segunda-feira, dia 12 de junho, às 17h 30min, o 4.º ciclo da programação cultural deste ano, que versará sobre *Literatura e Jornalismo*, coordenado pelo Acadêmico Cícero Sandroni. A conferência de abertura foi proferida pelo Acadêmico Cícero Sandroni sobre “O jornalismo na época do Romantismo”. As demais conferências se realizarão sempre no mesmo horário, conforme o quadro abaixo:

- 21/06 – Fernando Sigismundo: “O *Diário de Notícias* e a literatura” e Fuad Atala
“A Literatura n’O *Correio da Manhã*”;
27/06 – Isabel Lustosa: “Insultos impressos”;
06/07 – Alexei Bueno: “Os suplementos literários.”

CADEIRA N.º 29 – Realiza-se no próximo dia 20, terça-feira próxima, a eleição para a Cadeira n.º 29, vaga com o falecimento do Acadêmico Josué Montello. Encontram-se inscritos o Sr. Mauro Salles, a Sra. Vilma Guimarães Rosa, os Srs. Nelson Valente, Luiz de Miranda, José E. Mindlin, Paulo Hirano, Júlio Romão da Silva e Áureo Bringel de Mello. Os Srs. Luiz Antonio Villas-Boas Corrêa e Per Johns retiraram suas candidaturas.

ANIVERSÁRIO NATALÍCIO DO ACADÊMICO ARIANO SUASSUNA – Comemora-se na próxima sexta-feira, dia 16 de junho, o aniversário natalício do Acadêmico Ariano Suassuna, que ocupa a Cadeira n.º 32 do Quadro dos Membros Efetivos.

CADEIRA N.º 14 – Encontram-se inscritos para concorrer à Cadeira n.º 14, vaga com o falecimento do Acadêmico Miguel Reale, os Srs. Celso Lafer, Dário Moreira de Castro Alves, Gilberto Mendonça Telles, Marco Aurélio LoMonaco Pereira e Jorge Jaime. As inscrições encerraram-se no dia 20 de maio e a eleição está marcada para sexta-feira, dia 21 de julho de 2006.

HOMENAGEM À ACADÊMICA ZÉLIA GATTAI AMADO – Realiza-se, no dia 29 de junho, às 17h 30min, na Sala José de Alencar, uma mesa-redonda em homenagem aos 90 anos da acadêmica Zélia Gattai Amado. Participam da mesa os Acadêmicos Eduardo Portella, Antonio Olinto e Murilo Mello Filho.

EXPOSIÇÃO GUIMARÃES ROSA 1956 – Foi adiada a inauguração da exposição “Guimarães Rosa 1956”, na Galeria Manuel Bandeira, no Centro Cultural da Academia. Está prevista para o mês de agosto de 2006.

A UNIVERSIDADE BRASILEIRA – No próximo mês de agosto, por sugestão do seu Comandante, a Escola Superior de Guerra promoverá para os seus estagiários uma conferência do Acadêmico Arnaldo Niskier sobre “A Universidade Brasileira”.

POSSE DO ACADÊMICO NELSON PEREIRA DOS SANTOS – Está marcada para o dia 17 de julho, segunda-feira, às 21 horas, a posse do Acadêmico eleito Nelson Pereira dos Santos, que será recebido pelo Acadêmico Cícero Sandroni.

SEMINÁRIO *BRASIL, BRASIS* – O seminário *Brasil, brasís* que teve início no dia 20 de abril, às 17h 30min, na Sala José de Alencar, realizar-se-á no decorrer de 2006, no mesmo horário, conforme o quadro abaixo:

- 27/07 – Música popular brasileira: do passado às tendências atuais;
- 10/08 – A cultura mediática: persuasão e poder?
- 14/09 – Desenvolvimento regional: impasses, realizações, conseqüências e impactos socioculturais;
- 05/10 – Ciência e literatura: convergências e divergências;
- 09/09 – Arquitetura e urbanismo como expressão artística e bem-estar social;
- 23/11 – A arte contemporânea em debate: os caminhos do conceito e do gosto.

ANO XLVI – N.º 18
Em 20 de junho de 2006

CADEIRA N.º 29 – Realiza-se hoje, dia 20, terça-feira, a eleição para a Cadeira n.º 29, vaga com o falecimento do Acadêmico Josué Montello. Encontram-se inscritos os Srs. Nelson Valente, Luiz de Miranda, José E. Mindlin, Paulo Hirano, Júlio Romão da Silva e Áureo Bringel de Mello. Os Srs. Luiz Antonio Villas-Boas Corrêa, Per Johns, Mauro Sales e a Sra. Vilma Guimarães Rosa retiraram suas candidaturas.

LITERATURA E JORNALISMO – Teve início na segunda-feira, dia 12 de junho, às 17h 30min, o 4.º ciclo da programação cultural deste ano, que versa sobre *Literatura e Jornalismo*, coordenado pelo Acadêmico Cícero Sandroni. A conferência de abertura foi proferida pelo Acadêmico Cícero Sandroni sobre “O jornalismo na época do Romantismo”. As demais conferências se realizarão sempre no mesmo horário, conforme o quadro abaixo:

- 21/06 – Fernando Segismundo: “O *Diário de Notícias* e a literatura” e Fuad Atala “A Literatura n’O *Correio da Manhã*”;
- 27/06 – Isabel Lustosa: “Insultos impressos”;
- 06/07 – Alexei Bueno: “Os suplementos literários”.

CADEIRA N.º 14 – Encontram-se inscritos para concorrer à Cadeira n.º 14, vaga com o falecimento do Acadêmico Miguel Reale, os Srs. Celso Lafer, Dário Moreira de Castro Alves, Gilberto Mendonça Telles, Marco Aurélio LoMonaco Pereira e Jorge Jaime. A eleição está marcada para sexta-feira, dia 21 de julho de 2006.

HOMENAGEM À ACADÊMICA ZÉLIA GATTAI AMADO – Realiza-se, no dia 29 de junho, às 17h 30min, na Sala José de Alencar, uma mesa-redonda em home-

nagem aos 90 anos da Acadêmica Zélia Gattai Amado. Participam da mesa os Acadêmicos Eduardo Portella, Antonio Olinto, Affonso Arinos de Mello Franco e Murilo Melo Filho.

EXPOSIÇÃO GUIMARÃES ROSA 1956 – Está marcada para o dia 13 de julho, quinta-feira, às 17h 30min, a inauguração da exposição “Guimarães Rosa 1956”, na Galeria Manuel Bandeira, no Centro Cultural da Academia.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO LÊDO IVO – O Acadêmico Lêdo Ivo encaminhou à Biblioteca da Academia Brasileira de Letras um exemplar de *Mia pátria húmeda*, sua antologia poética bilíngüe publicada no México pela Universidade Veracruzana, em tradução do poeta Jorge Lobbillo. É o seu sexto livro de poemas editado naquele país.

POSSE DO ACADÊMICO NELSON PEREIRA DOS SANTOS – Está marcada para o dia 17 de julho, segunda-feira, às 21 horas, a posse do Acadêmico eleito Nelson Pereira dos Santos, que será recebido pelo Acadêmico Cícero Sandroni.

INAUGURAÇÃO – No dia 24, o Acadêmico Arnaldo Niskier fez a inauguração da primeira escola no seu atual mandato de Secretário de Estado de Educação. Trata-se do Colégio Estadual Geraldino Silva, na cidade de Porciúncula, no norte fluminense.

LITERATURA E MÚSICA DE CÂMARA – Realiza-se no próximo dia 7 de julho, quarta-feira, às 17h 30min, no Teatro R. Magalhães Júnior, o 2.º concerto da série Literatura e Música de Câmara na ABL: Cláudio Cruz (violino) e Ilan Rechtman (piano) interpretam Ludwig van Beethoven, Franz Schubert e Johannes Brahms. Leitura de textos por Rejane Zilles.

MEDALHA GUIMARÃES ROSA – O Município de Cordisburgo (MG) concedeu ao acadêmico Marcos Vinícios Vilaça a “Medalha Guimarães Rosa”, em “reconhecimento à sua relevante contribuição à Cultura”. A outorga, em ato especial, ocorrerá a 15 de julho, na Câmara Municipal.

NOTÍCIA DO ACADÊMICO IVO PITANGUY – No dia 7 de junho o Acadêmico Ivo Pitanguy foi convidado para participar do “Aesthetic Plastic Congress” em Lindau, Alemanha, pelo Prof. Werner Mang, para proferir palestra sobre “Contouring With Emphasis on Morbid Obesity or Aging Face”.

ANO XLVI – N.º 19
Em 29 de junho de 2006

HOMENAGEM À ACADÊMICA ZÉLIA GATTAI AMADO – Realiza-se hoje, dia 29 de junho, às 17h 30min, na Sala José de Alencar, uma mesa-redonda em homenagem aos 90 anos da Acadêmica Zélia Gattai Amado. Participam da mesa os Acadêmicos Eduardo Portella, Antonio Olinto e Murilo Mello Filho.

ANIVERSÁRIO NATALÍCIO DO ACADÊMICO MARCOS VINÍCIOS VILAÇA – Comemora-se amanhã, dia 30 de junho, o aniversário natalício do Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça, Presidente da Academia Brasileira de Letras, que ocupa a Cadeira n.º 26 do Quadro dos Membros Efetivos.

LITERATURA E JORNALISMO – Teve início na segunda-feira, dia 12 de junho, o 4.º ciclo da programação cultural deste ano, que versa sobre *Literatura e Jornalismo*, coordenado pelo Acadêmico Cícero Sandroni. A conferência de abertura foi proferida pelo Acadêmico Cícero Sandroni sobre “O jornalismo na época do Romantismo”. A conferência de encerramento será proferida no dia 4 de julho, às 17h 30min, por Alexei Bueno sobre “Os suplementos literários”.

CADEIRA N.º 14 – Encontram-se inscritos para concorrer à Cadeira n.º 14, vaga com o falecimento do Acadêmico Miguel Reale, os Srs. Celso Lafer, Gilberto Mendonça Telles, Marco Aurélio LoMonaco Pereira e Jorge Jaime. O Embaixador Dario Castro Alves retirou sua candidatura. A eleição está marcada para sexta-feira, dia 21 de julho de 2006.

EXPOSIÇÃO GUIMARÃES ROSA 1956 – Está marcada para o dia 13 de julho, quinta-feira, às 17h 30min, a inauguração da exposição “Guimarães Rosa 1956”, na Galeria Manuel Bandeira, no Centro Cultural da Academia.

POSSE DO ACADÊMICO NELSON PEREIRA DOS SANTOS – Realiza-se no dia 17 de julho, segunda-feira, às 21 horas, a posse do Acadêmico eleito Nelson Pereira dos Santos, que será recebido pelo Acadêmico Cícero Sandroni.

LITERATURA E MÚSICA DE CÂMARA – Realiza-se no próximo dia 7 de julho, sexta-feira, às 17h 30min, no Teatro R. Magalhães Júnior, o 2.º concerto da série Literatura e Música de Câmara na ABL: Cláudio Cruz (violino) e Ilan Rechtman (piano) interpretam Ludwig van Beethoven, Franz Schubert e Johannes Brahms. Leitura de textos por Rejane Zilles.

ANIVERSÁRIO NATALÍCIO DA ACADÊMICA ZÉLIA GATTAI AMADO –
Comemora-se no dia 2 de julho os 90 anos da Acadêmica Zélia Gattai Amado, que ocupa a Cadeira n.º 23 do Quadro dos Membros Efetivos.

ESCOLA DE SAMBA MANGUEIRA – A Academia recebeu a visita da Diretoria da Escola de Samba Estação Primeira da Mangueira, que no próximo ano terá como enredo “Língua Portuguesa, minha pátria”.

MEDALHA TOBIAS BARRETO – Hoje, dia 29 de junho, o Acadêmico Marcos Vilaça participa, em Aracaju, da inauguração de um parque temático “Fundadores da Pátria”, iniciativa do governo de Sergipe, que o homenageia outorgando-lhe a “Grande Medalha do Mérito Tobias Barreto”.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO JOÃO DE SCANTIMBURGO – Após longa ausência, por motivo de tratamento de saúde já em fase de restabelecimento, o Acadêmico João de Scantimburgo, Diretor da *Revista Brasileira*, participou, no dia 20 de junho, da eleição para o preenchimento para a vaga aberta na Cadeira n.º 29, com o falecimento do saudoso Acadêmico Josué Montello.

PRÊMIO LITERÁRIO CIEE/ABL – Realiza-se no próximo dia 6 de julho, às 16 horas, na Sala de Sessões a entrega do Prêmio Literário CIEE-ABL – Escritor Universitário “Alceu Amoroso Lima” (Tristão de Athayde).

DESAFIOS – Será lançado no próximo dia 4, às 11 horas, em Brasília, no Senado Federal (Salão Negro), o livro *Os Desafios da Comunicação Social do Brasil*, uma síntese dos trabalhos de 18 meses do conselho de Comunicação Social do Congresso Nacional, que é presidido pelo Acadêmico Arnaldo Niskier.